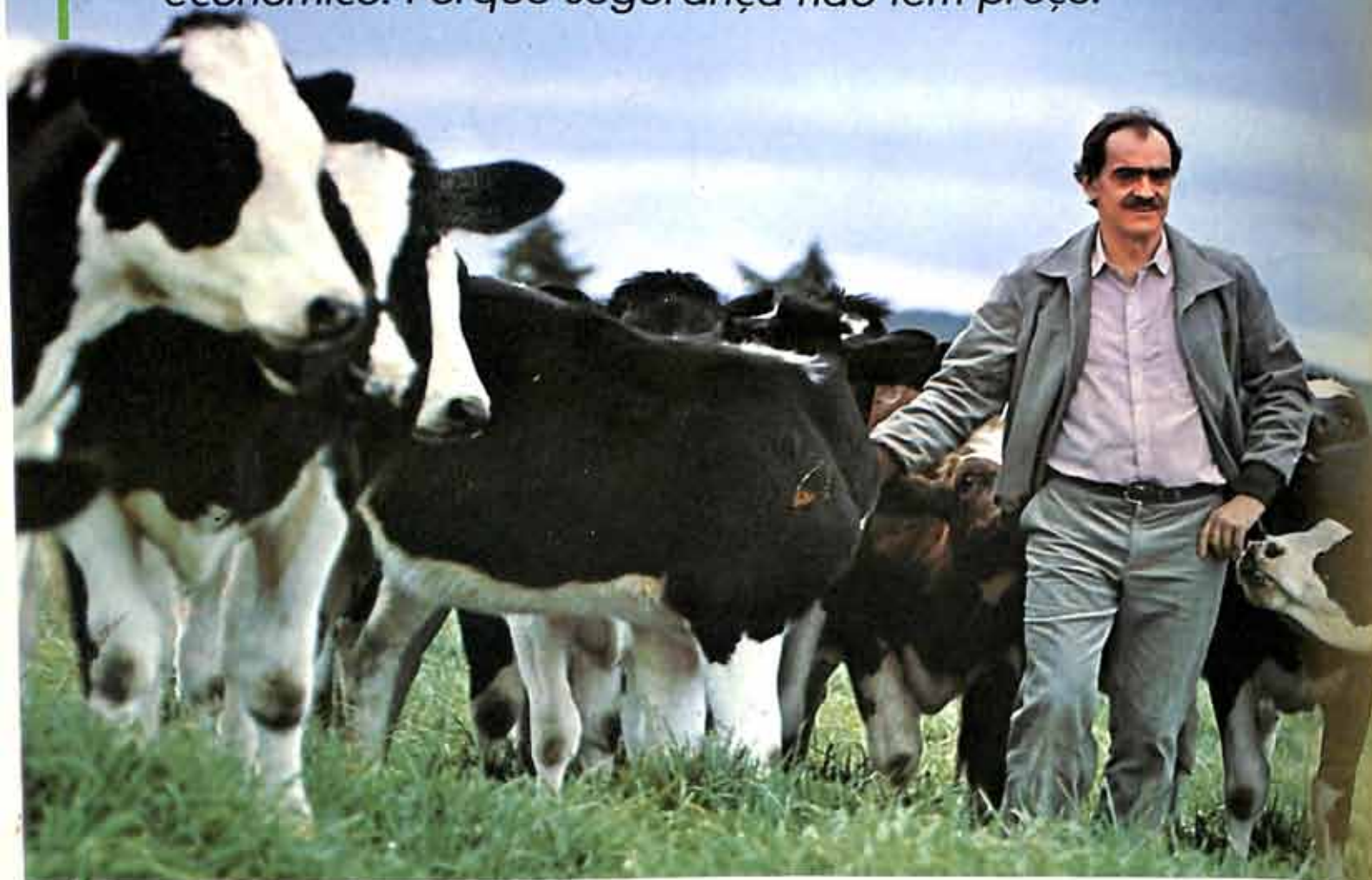


"Eu já perdi muito dinheiro com uns vermífugos que existem por aí. Inclusive algumas crias nasceram com problemas. E isso tudo me saiu muito caro.

Hoje eu não me arrisco. Eu uso Rintal, um vermífugo eficiente e de enorme segurança.

Rintal é um pouco mais caro, mas se torna muito mais econômico. Porque segurança não tem preço."



Vantagens de Rintal:

Largo espectro (vermes gastrintestinais, inclusive Moniezia e pulmonares).

Mata vermes adultos e larvas.

Tem alta biodisponibilidade - elimina larvas hipobióticas.

Enorme segurança (40 vezes a dose terapêutica).

Resíduos rapidamente eliminados.



RINTAL[®]
Mata o verme
sem problemas.

Bayer
Veterinária



**REVISTA
DOS
CRIADORES**

52 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
Abril de 1983 - Ano LII - N.º 639 - Cr\$ 1.700,00
Órgão oficial da ABC

JERSEY

A PEQUENA GRANDE RAÇA



**II EXPOSIÇÃO
NACIONAL DO GADO JERSEY**

Água Funda - São Paulo
de 28 de maio a 5 de junho

Reclamos do produtor

Escrevo-lhe, como produtor e como dirigente de cooperativa, pedindo-lhe que, por uma questão de justiça e também por uma melhora futura do produto, continuem mostrando o porquê do leite ruim, mostrando as agruras do produtor de leite, dos pequenos, que são a grande maioria, já que existe pequeno número de grandes fazendas de banqueiros que existem para dar prejuízos, senão vejamos:

1.º) Não temos energia elétrica em 95% das propriedades rurais e, consequentemente, não temos geladeira para guardar ou resfriar o leite após a ordenha. (e existe até usina nuclear).

2.º) As estradas municipais são precárias (das fazendas às cooperativas), para que este leite chegue cedo e possa ser resfriado logo.

3.º) Não temos escolas suficientes nas zonas rurais e, consequentemente, não podemos assegurar os bons empregados nas mesmas. Estes migram para as cidades, tornando-se bóias-frias e favelando as grandes cidades com o consequente esvaziamento da agricultura.

4.º) Não temos lucro para melhorar em nada as condições do rebanho ou das instalações.

5.º) Enfim, não temos motivação para melhorar a quantidade de leite, apesar de lutarmos pela qualidade, pois sabemos que é alimento para crianças iguais às nossas. Por que?

— Porque somos heróis taxados de bandidos;

— Porque somos pobres taxados de ricos;

— Porque somos magoados de ver tanta injustiça com o caipira da roça que está todo dia, o ano todo, com o sol e chuva, sem carnaval, sem futebol, sem cinema, sem televisão e até sem esperança. Nunca tivemos notícia de uma marcha de protesto, quando sobem os preços da cerveja, do cigarro, da coca-cola, etc., etc., etc., mas com um pequeno aumento do leite, todos gritam, todos fazem média em cima do produtor como se só nós causássemos inflação neste país. Quando todos os produtos foram liberados, só o leite ficou tabelado.

Gostaria também de tranquilizar as donas de casa. Sou dirigente de uma cooperativa como já disse, e aqui, nós fazemos as análises principais, sempre acompanhadas por fiscal do Dipoa e, todo leite em más condições vai

para industrialização ou é jogado fora. O leite bom segue para a Central em São Paulo, onde é meticulosamente analisado, também acompanhado de fiscalização. Daí para frente, foge ao nosso controle. É estranho não se ter feito análise do leite de nenhuma multinacional. Note-se que, o leite em pó é feito do mesmo leite.

O problema é complexo e não se resolve no laboratório. É problema de base. Achemos que a fiscalização deve ser rigorosa e o leite comprovadamente fraudado, deve-se tirar do mercado e não multar a firma infratora, visando ao lucro". **Claumi Pio Vilela, Carmo do Rio Claro, Minas Gerais.**

Nota: Transcrevemos a carta do produtor Claumi Pio Vilela, que se inclui dentre as muitas enviadas ao jornal "O Estado de São Paulo", cujas ponderações são dignas de maior consideração. A *Revista dos Criadores* já tratou do assunto em inúmeras edições e sempre que necessário voltará a evidenciá-lo. Consideramos importante os reclamos do criador Claumi Pio Vilela, dentre as muitas razões, pelo fato de, pelo menos 80% da produção leiteira proceder dos pequenos produtores que, quando muito, alcançam 100 litros de leite diários.

Difusão do girolando

O texto abaixo é a reprodução da carta destinada à Associação Brasileira de Criadores de Gado Holandês, pelo criador do Rio de Janeiro, Eduardo de Abreu Cruz.

"Embora nossa Associação seja fechada só para criadores de gado holandês é indispensável dar atenção a um assunto que nos diz respeito indiretamente.

A difusão do "girolando" no Brasil é uma realidade e temos que definir a nossa responsabilidade na elaboração dessa raça que está sendo disseminada com a nossa participação indireta, mas sem a nossa interferência, o que seria mais do que lógico e importante para um bom resultado genético.

Creio que seja nosso dever imediato dar atenção ao uso do valor genético da raça que criamos para que não se perca e, ao contrário, demonstre claramente a sua interferência nesse processo pelo grau de predominância que incontestavelmente tem.

Se temos o problema da ven-

da de reprodutores machos é porque a disseminação da raça pura que criamos esbarra no fator falta de condições econômicas que obriga à criação de gado mestiço. Ignorar isso não é possível, especialmente agora que o país se vê forçado à economia geral por circunstâncias lógicas.

Temos que participar para não deixar que, à nossa revelia, a nossa matéria prima seja mal usada com o risco de desmoralização a longo prazo.

Ninguém, senão nós mesmos, pode produzir reprodutores mestiços girolando com grau de sangue 5/8 para serem usados sobre vacas girolandas 1/2 sangue ou simples azebuadas.

Nós podemos porque partiríamos de fêmeas P.O. que cobertas por touros 3/4 de sangue gir leiteiro produziram em primeira geração animais 5/8, prontos e aptos para servir no programa de cruzamentos mestiços.

Não se diga que este não deve ser nosso objetivo. Basta atentar para a propaganda que se faz às nossas custas que as "girolandas" são as vacas que produzem leite mais econômico nas atuais condições brasileiras. E isto é feito à nossa revelia, sem a nossa participação e pior, com o estigma que se atribui à nossa raça — só é boa para cruzar — é fraca, etc., etc. . .

Entre os criadores de outras raças há o objetivo de provar o valor genético através de cruzamentos — vide as raças de corte — todas procuram demonstrar isto porque estão atentas à realidade brasileira e, o desenvolvimento da pecuária de corte é incontestável.

Na pecuária leiteira há diferenças enormes, até mesmo porque sabemos que não há possibilidade de fixação racial, há a dissociação genética que na segunda geração já se processa.

Mas nossos técnicos sabem e devem difundir os meios que devemos empregar para poderemos participar dessa evolução que não vai parar.

Não fuçamos do assunto e busquemos dados práticos. Outras raças estão se disseminando (raças européias) para formar o gado que usa o nome da nossa tradicional raça. O Fleckvieh, o Guernsey, o Ayrshire, o Flamingo são usados para produzirem GIR HOLANDO! E nós, como ficamos nisso? Não podemos ficar de braços cruzados, porque em pouco tempo, girolando talvez não seja mais sín-

nimo da nossa qualidade que empregada em qualquer raça zebuína promove efeitos surpreendentes.

Sei que para alguns de nossos associados falar de girolando é sacrilégio. Mas esses alguns, são alguns mesmo, porque a maioria dos criadores de P.O. mantém, com grande orgulho, em seus plantéis, animais P.C., G.H.B. e mestiças fabulosas das quais não se desfazem. Há até os que têm duas fazendas para não "misturar" o gado. . . E quem desconhece isso?

É sobre a realidade que devemos falar, sem subterfúgios. Devemos intervir. Intervir mesmo para mostrar o que é "girolando" e não deixar que as coisas continuem como estão por elitismo. Um criador que agrupa em sua fazenda uma centena de vacas "agradadas", com umas doses de um sêmen anônimo CRIA e VENDE com grande sucesso vacas girHOLANDO!

Onde é que nós ficamos nisto? Na situação de produtores de matéria prima para fábricas de salsicha?

Não, acho que não. Devemos mostrar, difundir e provar o que é girHOLANDO. Provar que só é bom porque é "HOLANDO" e que só nós podemos produzir reprodutores que procriem animais com as qualidades dos nossos.

Creio mesmo que a Associação deveria criar imediatamente uma Comissão para estudar o assunto e ouvir nossos companheiros para saber a opinião de todos e elaborar um programa de gabarito técnico-científico que apresentasse um trabalho que servisse a todos, especialmente à pecuária leiteira nacional.

Como não é muito frequente a publicação na *Revista dos Criadores* de cartas ou artigos de associados, o que neste caso é uma pena, além de enviar este documento à Diretoria da Associação, tomei a liberdade de remeter cópias aos criadores mais consagrados, dos quais disponho dos endereços, e atingir outros através desse veículo de penetração no meio agropecuário.

Presumo que deva despertar uma celeuma, mas é imprescindível que se fale no assunto que não continue a ser tabu tratar de uma coisa que nos diz respeito e que até prejudica o desenvolvimento da nossa atividade, cada vez mais inviável.

EDUARDO DE ABREU CRUZ
Beco do Bragança, 18 — 5.º Andar — 20091 — Rio de Janeiro — RJ.

SYSTEMEX DE BOCA EM BOCA, O VERMÍFUGO QUE VAI DIRETO AO PROBLEMA.

SYSTEMEX FORMULAÇÃO ÚNICA

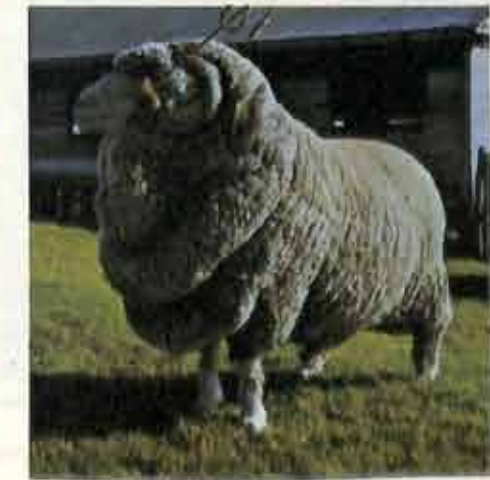
Systemex é indicado no tratamento e controle das formas adultas e larvárias de vermes gastrintestinais, pulmonares e tênias, em bovinos, ovinos e caprinos. Matando também os ovos, evita a reinfestação das pastagens. Systemex é eficaz até mesmo contra os vermes resistentes a outros vermífugos.

E ainda proporciona plena tranquilidade de aplicação, por possuir ampla margem de segurança.

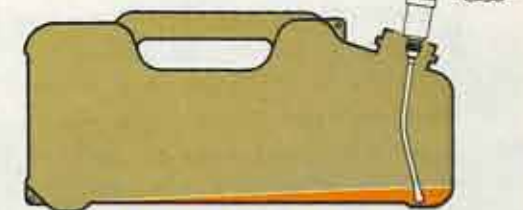


SYSTEMEX COMPLETA ASSISTÊNCIA

Com Systemex de boca em boca, você ganha mais por cabeça. Isto porque, junto com Systemex, a Cooper leva ao campo homens especialmente treinados e equipados, simplificando a dosificação oral, impedindo que os vermes "devorem" grande parte dos seus lucros. É o Sistema Cooper de Dosificação Oral.



**LEMBRE-SE:
VERMÍFUGO DADO
PELA BOCA
AGE DIRETAMENTE,
PROPORCIONANDO
UMA LIMPEZA
RÁPIDA E TOTAL.**



**DOSAGEM CERTINHA
ATÉ A ÚLTIMA GOTA**



Frasco com 200 ml
Frasco com 1 litro
Frasco com 4 litros

COOPER
Pesquisa e Serviço da Vida
LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.



É hora de fortalecer a livre-empresa

A função social da terra em nosso País deve ser a de fornecer os produtos agropecuários necessários ao consumo da população e possibilitar excedentes volumosos para a exportação, indispensáveis para o reerguimento econômico e obtenção cada vez maior e mais urgente de divisas para pagar nossas dívidas e importar tudo aquilo que, essencialmente necessitamos. Esse objetivo, que vem de encontro ao bem-estar de toda população brasileira, só será atingido através da livre-empresa, com a sua permanente busca da lucratividade nas atividades do campo.

A defesa da livre-empresa como forma de elevar o nível dos resultados obtidos com a exploração da agricultura e pecuária, já antes formulada pelo deputado Sérgio Cardoso de Almeida, precisa deixar o campo das divagações e passar a ser encarada como alternativa viável no sentido de fornecer mais subsídios para ajudar o Brasil a atenuar os efeitos maléficos da crise econômica.

O Estado de São Paulo, por exemplo, onde 20% da população vive no campo e sustenta 80% da população das cidades, é um dos

maiores exportadores para o Exterior de produtos agropecuários (cereais, algodão, açúcar, carne bovina, frangos, suco de laranja, etc.).

Com o advento da mecanização, tratores e implementos produzidos pela indústria nacional elevaram a produção de grãos, a níveis satisfatórios.

No setor açucareiro e alcooleiro do Sul do País e em Alagoas nos tabuleiros planos, encontramos empresários, dos mais eficientes, produzindo e ultrapassando a produtividade mundial no setor da cana-de-açúcar.

A pecuária brasileira melhora cada vez mais; no Centro e Norte do País (Amazônia), cresce um rebanho de gado Zebu, especialmente Nelore, possibilitando uma produção de carne que nos levará, rapidamente, à condição de maior exportados do mundo.

Dentro desse contexto, a livre-empresa aparece como solução que vem incentivar ainda mais a iniciativa privada, que desenvolve no campo atividade lucrativa mas, que é, acima de tudo, geradora de empregos e patrocinadora da valorização do trabalho ligado à terra.

Ainda sob esse prisma as culturas permanentes ocupam uma área de 10.500.00 hectares o que significa 105.000 km². Dessas culturas o café representa 30% (somos o maior produtor do mundo) e na área do cacau, estamos ocupando os primeiros lugares mundiais.

Conceituando a agricultura como alta fonte de renda, se encarada de maneira sensata por parte do Governo e do proprietário da terra, a livre-empresa é um projeto que tem tudo para se estruturar por definitivo.

O Estado de São Paulo, que já ultrapassou o PIB da Argentina, criou o seu capital através da ordem das fazendas de café onde os colonos trabalhavam dentro dos sistemas de empreitadas, de parceria e de arrendamentos para outras culturas.

Pela capacidade de crescer e sobreviver dando lucros ao País, o produtor rural nunca pode ser esquecido e nem ameaçado, com medidas econômicas que reflitam de forma negativa sobre a atividade que desenvolvem. O empresariado rural, frente à livre-empresa, tem condições, hoje, de dar respaldo ao problema financeiro que o Brasil enfrenta.



RURAMA VEDAS DO BUTIÁ
Res. Grande Campeã — ESTEIO 77
Grande Campeã EXPOINTER 78 — ESTEIO
Grande Campeã — ESTEIO 79



MEADOW LAWN SLEEPER DEL
Importada do Canadá
Grande Campeã EXPOINTER — ESTEIO 82
Mãe EXCELENTE 93%
2 305 5496 256 4,6% (188-160)



HORKESLEY W. GOLDLEAF
Importada da Inglaterra
Grande Campeã Feira — ESTEIO 82

SEMENTES E CABANA BUTIÁ

BERTAGNOLLI E FILHOS
Cx. Postal 111 - fone: (054) 312-1387 - Passo Fundo - RS
JERSEY — SUFFOLK — CRIOULO — SEMENTES

TIPO
e
PRODUÇÃO

EXPOINTER-ESTEIO
(maior exposição do Brasil)
Grande Campeã de 74
Grande Campeã de 76
Grande Campeã de 78
Grande Campeã e Res. de 80
Grande Campeã e Res. de 82
Média dos Controles da ABC
15,50 kg leite — 5% gordura



ENNESKILLEN RINGER FANTASY
Importada do Canadá
5 gerações EXCELENTE
Mãe SUPREME EXCELLENT 92% "BROOD COW"
4 305 6.032 309 5,12% (181-172)



ROCK ELLA DESIGNER'S GREY
Importada do Canadá
Grande Campeã Feira — ESTEIO 81
Mãe SUPREME-EXCELLENT 94% "BROOD COW"
Sua irmã "JUDY" foi vendida pelo recorde de 24.000 dólares

Técnica correta o os resultados com o milho



No Dia de Campo da Manah
o milho obteve produtividade
de 6.667 kg/ha.



Três palestras
foram ministradas durante
a realização do evento.

Com a finalidade de demonstrar aos 150 agricultores e técnicos presentes que o emprego de técnicas adequadas revertem em excelentes produções, a Manah realizou, no último dia 5 de março, um Dia de Campo, na Fazenda Jambeiro, município de Casa Branca-SP.

Para a realização do Dia de Campo a cultura escolhida foi a do milho que, em 160 hectares cultivados, obteve a produtividade de 6.667 kg/ha ou 111 sacas/ha, o que corresponde a mais de duas vezes e meia a produtividade recorde do Estado de São Paulo.

Além da atividade de campo, foram ministradas três palestras: "Panorama da Cultura do Milho", "Condução e Manejo da Lavoura" e "Adubação na Cultura do Milho".

Para a Manah, empresa tradicional no ramo de fertilizante, a importância do aumento da produtividade é compro-

vada através da fórmula: receita = preço $\times$ produtividade. Uma vez que o agricultor não tem controle sobre os preços dos produtos agrícolas, ou na melhor das hipóteses, tem pouco controle, a saída é trabalhar no momento da produtividade para obter maior receita.

Na adubação, destaca-se como fator de aumento da eficiência o parcelamento do nitrogênio e do potássio aplicados no momento em que a planta mais necessita.

A Fazenda Jambeiro, local onde se realizou o Dia de Campo da Manah, pertence à empresa F. Cardoso & Cia. Ltda. Com 1.210 hectares, a Jambeiro possui atualmente 470 ha de área plantada com diversas culturas: milho, arroz, feijão, soja, sorgo e amendoim.

Combater a erosão é uma das principais preocupações da Fazenda que, encontrou no plantio direto uma das técnicas mais adequadas e eficientes.

Utilizando técnicas modernas, a Fazenda Jambeiro formou ainda, extensas áreas de pastagens, aproximadamente 620 hectares, criando 600 cabeças de gado.

No encontro do Dia de Campo da Manah, a Dekalb Sementes apresentou o milho híbrido XL 560, empregado na lavoura.

Santa Catarina realiza duas expo de suínos

A Associação Catarinense de Criadores de Suínos programou, para o mês de maio, dois eventos que vem promover ainda mais o nome do Estado e, propagar o alto nível genético em que se encontra a suinocultura daquela região do País:

— VI Exposição Regional de Suínos do Extremo Oeste Catarinense — de 4 a 8 de maio, em São Miguel do Oeste

(SC). A mostra será realizada juntamente com a VI FAISMO, a maior exposição da agropecuária do extremo oeste catarinense. A VI Exposição Regional de Suínos contará com a presença dos criadores de todo o Estado catarinense, que apresentarão reprodutores suínos de qualidade — fator que caracteriza o rebanho daquela região.

— X Exposição Estadual de Suínos — de 17 a 22 de maio, em Concórdia (SC). Segundo os organizadores da tradicional mostra, a X Exposição de Suínos será o maior evento realizado no meio criatório de Santa Catarina, em 1983. Para a exposição estão sendo esperados reprodutores suínos, vindos dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, além da significativa participação do próprio Estado de Santa Catarina.

Consumo de fertilizantes sofre queda

O presidente do Instituto Brasileiro de Fósforo, Ruy Martins Altenfelder Silva disse que o consumo nacional de fertilizantes este ano deverá ser igual ao do ano passado, estabilizando-se em 4 milhões de toneladas de NPK. No primeiro trimestre de 1983, as vendas do produto retraíram-se 15% em relação a igual período de 1982.

Altenfelder acredita que, se houver um pequeno crescimento do setor agrícola, "da ordem de 4%", em 1986, as principais empresas produtoras de fósforo, matéria-prima do fertilizante, não terão condições de atender à demanda nacional.

Na conjuntura atual, segundo Altenfelder, a situação é outra "descapitalizados e não podendo tomar recursos no mercado, por terem taxas elevadas, os produtores são obrigados a sacrificar a sua taxa de produtividade, não utilizando insumos modernos, principalmente fertilizantes e sementes", concluiu.

Suplemento Agrícola tem novo visual

O "Suplemento Agrícola" do jornal O Estado de São Paulo está totalmente reformulado. Em tamanho tablóide, para facilitar aos colecionadores, e com uma diagramação mais dinâmica e moderna, o Suplemento vai para as bancas totalmente modificado. Estas mudanças segundo o jornal, são o resultado de uma ampla pesquisa realizada entre o público leitor, que mostrou, nas consultas feitas a fazendeiros e administradores rurais, a necessidade de um trato mais apurado dos assuntos agroeconômicos.

O suplemento contará, semanalmente, com uma análise do comportamento da safra acompanhada de indicações sobre produção e comercialização dos principais produtos de origem animal e vegetal. Uma nova seção, denominada "Ciência", abrirá espaço para a divulgação da pesquisa agro-nômica.

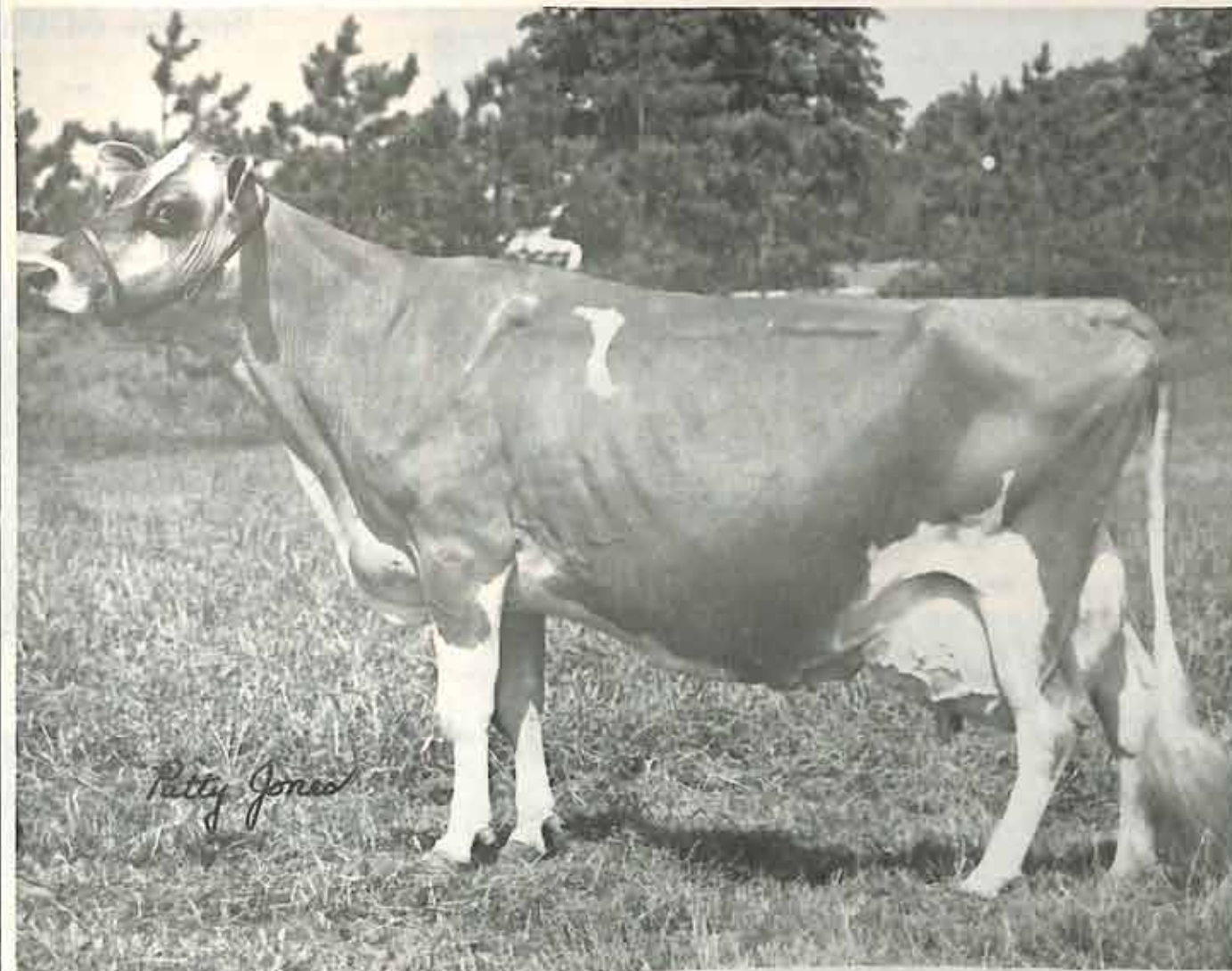
Fernando Homem de Melo e Pedro Moraes — renomados agrônomos — integram-se ao Conselho Editorial da nova equipe do Suplemento Agrícola, reforçando o respaldo técnico e enriquecendo as sugestões dos temas a serem explorados.

Ponta Grossa organiza feira da agropecuária

Serão realizadas durante o período de 11 a 20 de novembro, no Parque de Exposições da cidade de Ponta Grossa (PR), a XII Exposição Feira Agropecuária e Industrial de Ponta Grossa e a III Feira Regional da Novilha dos Campos Gerais. A comissão organizadora deste importante evento é integrada pela Prefeitura Municipal, Sociedade Rural dos Campos Gerais e Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa.



A RAÇA JERSEY



Precocidade, longevidade, rusticidade e preponderância. Essas são algumas das características da Raça Jersey. Seu desempenho e alta produção leiteira cada vez mais entusiasma os criadores que, perseguindo o alvo da produção econômica, procuram um animal que apresente bons resultados de exploração e que possua perfeita capacidade de adaptação. O gado Jersey reúne todas essas qualidades e muito mais.



O PARAÍSO DO JERSEY



Lynn's Gamboge Ruler
Importado da Ilha de Jersey

Fazenda Limoeiro - Itu (SP)
ALDO R. RAIA
Seleção de Gado Jersey - P.O.I. e P.O.



Nirvana da Perpétua
Grande Campeã na EXPANDE 82



Odalisca da Perpétua
Campeã Vaca Adulta na EXPANDE 82
2x/5-8/365d/5.566,3 kg leite/260,5 kg gord./4,68%
Livro de Mérito do Controle Leiteiro



Conjunto de Vezes P.O. e P.O.I.



Lote de Novilhas P.O.
crioulas da Fazenda Limoeiro



A.A.R.R. Safira Persa Ruler
Campeã Novilha Maior
na EXPANDE 82

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES E MATRIZES

Fazenda Limoeiro — Estrada Pinheirinho — Bairro Taquaral
(km 68 da Rodovia do Branco — Itu (SP)
fones: Itu — 22 e SP — 37-3600



ALGUMAS RAZÕES PARA PREFERIR O JERSEY

Freqüentemente surge a pergunta: "POR QUE ESCOLHER O JERSEY?"

Nos parágrafos seguintes procuramos responder a esta questão, listando algumas razões pelas quais a raça Jersey é tão apreciada e bem aceita em países com as mais diferentes condições climáticas e ambientais:

PRODUÇÃO ECONÔMICA — e conseqüente lucratividade — derivam do fato de que a vaca Jersey é uma "máquina" que produz leite no equivalente a muitas vezes o seu próprio peso, em uma única lactação. A Jersey é muito pouco exigente para sua própria manutenção, produzindo mais leite e exigindo menor investimento por área explorada. Nenhuma outra raça leiteira pode competir com a Jersey no que diz respeito ao baixo custo de produção.

EFICIÊNCIA NA CONVERSÃO ALIMENTAR — combinada com a produção econômica, esta constitui uma característica desejável para rebanhos de pequenas propriedades, onde ferragem e pastoreio são limitados. O pequeno tamanho do gado Jersey é mais facilmente adaptável a topografias acidentadas, possibilitando mais eficiente uso das pastagens, não limitando sua produção em proporção a seu peso.

O ALTO VALOR NUTRITIVO DO LEITE JERSEY — com seu excelente sabor, o leite Jersey tem obtido a preferência de mercado, onde quer que seja explorado. Possui uma média elevada de todos os constituintes essenciais à qualidade do leite (lactose, proteína, açúcar e minerais), sendo alto o seu teor de gordura (5,3%), importante o seu valor energético e rico o seu extrato seco desengordurado.

MATURIDADE PRECOCE — o gado Jersey começa a trazer retorno financeiro meses antes de outras raças. Frequentemente, as novilhas iniciam sua 1.ª lactação antes de completar seu 2.º aniversário, não interrompendo seu crescimento e continuando a se desenvolver em tamanho e em produção.

LONGEVIDADE E REGULARIDADE REPRODUTIVA — a característica de longevidade é muito acentuada na raça, existindo vários recordes de vacas Jersey cujas vidas reprodutivas ultrapassaram os vinte anos de idade. É comum atingir-se o máximo rendimento de produtividade dos dez aos doze anos. A procriação regular e constante, contribui para menos dias improdutivos e mais lactações em sua vida útil.

BOA APARÊNCIA E DISPOSIÇÃO — em muitos países a Jersey é tida como a "vaca do lar ou da família". É um animal dócil, fácil de lidar, inclusive por crianças. Possui um tipo atraente e, devido à persistência com que produz ao longo de cada lactação, é considerada uma vaca de excelente disposição produtiva. A Jersey é notável pela facilidade de parição, raramente necessitando de ajuda durante o trabalho de parto.

RUSTICIDADE — a raça Jersey é reconhecida por sua facilidade de adaptação às mais variadas condições de clima, solo e alimentação. Tem uma excepcional tolerância ao calor e extremo frio. Como resultado tem demonstrado excelente desempenho, em climas tropicais ou semi-tropicais, onde as condições ambientais são inaceitáveis para outras raças especializadas na produção de leite. A Jersey é conhecida como a "vaquinha dos cascos de ferro", devido à grande resistência de seus cascos, demonstrada em situações de contínuo pastoreio em solos escarpados e pedregosos, sem que apresentem qualquer tipo de problema.

CRUZAMENTO COM OUTRAS RAÇAS — a Jersey tem sido utilizada com sucesso, como raça melhoradora de produção leiteira, através da mestiçagem com outras raças nativas, em várias partes do mundo. Considerada uma raça preponderante, na transmissão de suas características, a Jersey tem participado, em grande escala, em programas de melhoramento zootécnico em países como a Índia (20,4 milhões de cruzamentos programados até 1986), Austrália (Australian Milking Zebu: Jersey x Red Sindhi), Jamaica (Jamaica Hope: Jersey x Sahiwal) e outros.

No Brasil, a mestiçagem de gado Jersey com outras raças importadas, principalmente zebuínas (Gir, Red Sindhi, etc.), tem sido cientificamente pesquisada, com sucesso, desde 1952.

Do ensaio do Professor Horn: "A raça Jersey provavelmente ocupará uma posição de destaque, nas futuras décadas, no melhoramento das diferentes raças nativas em todo o mundo, tornando-as mais eficientes e produtivas".

PIONEIRISMO EM INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL DE JERSEY É COM A

FAZENDA BARRA DO ITACAI
Pouso Alegre - MG

O maior plantel de Jersey registrado no país!



ITACAI CHUVISCO
Pai e Mãe importados da Inglaterra



CARLOTA — Reg. n.º 9955



MERIVALE PERRY — Reg. n.º 10410
Importada da Inglaterra



CANTINA — Reg. n.º 11410
Filha de importados

Proprietário: ANARDINO COSTA
Rua Com. José Garcia, 240
Pouso Alegre - MG - fones: 421-1164 e 421-2788

Venda permanente de machos e fêmeas filhos de touros ingleses. Obteve o maior preço em fêmeas na Água Funda-81, vendendo sua Grande Campeã: Um Milhão e Cem — para o Presidente da Associação de Jersey Dr. Aldo Raia.



A origem desta tão conhecida e popular raça de gado leiteiro, de tempo em tempo, é objeto de consideráveis especulações, devido às distintas variações de tipo e pelagem características da raça e, também, pelo fato de ter-se fixado como raça definida, em uma pequena ilha não maior do que 17 km de extensão e 11 km de largura: a ilha de Jersey.

Em toda a história da civilização, o homem migrante, sempre que possível, levava seu gado com ele. Assim, os primeiros colonizadores britânicos, de muitas terras além mar, levavam consigo o gado de suas origens, por uma razão maior: poucos fazendeiros emigrantes sabiam da existência de outras raças de gado, em países diferentes dos seus.

As raças britânicas foram levadas para a maior parte das colônias do velho Império Britânico, e como a América não tinha um gado nativo, ou indígena, a menos do bisonte não domesticável, uma grande proporção das raças exportadas era proveniente das Ilhas Britânicas.

Muito se aprende sobre a evolução

UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O GADO JERSEY

dos pássaros e animais, através de sua observação quando jovens. Assim, pôde-se constatar que bezerros recém-nascidos de várias raças de origem francesa, possuem uma extrema semelhança com bezerros Jersey. As raças "Parthenaise" ou "Tarentaise", são bons exemplos disso.

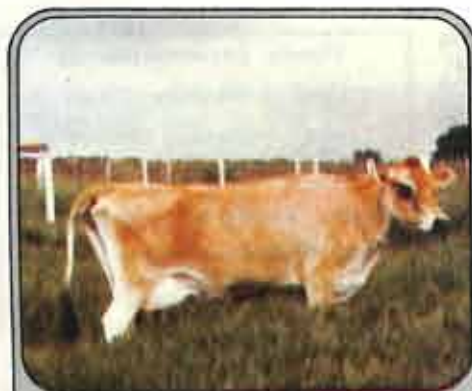
Provavelmente, estas raças constituíram duas linhas de migração, através da França, nos Pirineus, e do Norte da Itália e Suíça, que por suas características, trouxeram evidências suficientes para a formação de uma teoria de origem da raça Jersey, formulada por Mr. E.J. Boston, em 1954.

De fato, no passado era comum encontrar gado de tipo semelhante ao Jersey, ao longo das costas Normanda e Bretã.

Muitas das raças francesas eram de tamanho moderado, com características físicas bastante próximas às do gado Jersey atual. Algumas pinturas de 13.000 anos atrás, encontradas nas cavernas de "Lascaux", mostram esta similaridade racial.

A teoria de migração das raças francesas foi satisfatoriamente confirmada quando, em 1955, o Dr. Bangham, um pesquisador do Instituto de Fisiologia animal em Cambridge, promoveu uma interessante experiência.

Tendo trabalhado, por algum tempo, em pesquisa de análise de hemoglobina de sangue bovino, testando a maior parte das raças britânicas, o Dr. Bangham descobriu um tipo distinto de hemoglobina, em uma amostra de sangue de um rebanho Jersey. Em testes subsequentes, este novo tipo de hemoglobina foi encontrado em pelo menos 2/3 partes dos



Fêmea "Livro de Mérito"

Jersey

Criamos Jersey com profunda fé no futuro dessa raça, que reúne o maior número de atributos favoráveis para tornar economicamente viável a produção de leite de altas propriedades alimentícias, fino paladar e baixo custo no nosso país. Além disso, quem pode não gostar dessas vacinhas meigas e dóceis que são capazes de viver até no nosso jardim...



Lote de animais adultos



CURUMIM TIO PEPE DA N. Q.



LUIS HECTOR SAN JUAN

Cx. Postal 357 — Avaré — SP
Rua Des. Ferreira França, 40 - Apt.º 171 B
05446 - São Paulo - Fone: (011) 813-8552

ESTÂNCIA NOVA QUERÊNCIA SELEÇÃO EM JERSEY DESDE 1935 SELECIONANDO TIPO E PRODUÇÃO



VENHA CONFERIR NOSSO PLANTEL DURANTE A II EXPOSIÇÃO NACIONAL DO JERSEY

Lactações encerradas (2 ordenhas)	81
Lactações Médias	295 dias
Produção Média do Rebanho	3.597 kg
Percentagem Média de Gordura	5,68%
Maior Média de Gordura	8,08%
Maior Produção de Leite	6.999 kg
Maior Produção de Gordura	398 kg

13 Recordistas da NOVA QUERÊNCIA

Raça Jersey divisão I — 305 dias

Class.	Nome do animal	G. do sangue	Produção Kg.	Ass.	CRIDADOR
LEITE					
2 ORDENHAS					
B.J.	PYNES VIKING AMANDA	PO	5.555	1980	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
C.S.	ALBA DENDOSA BASSARICO	PO	4.605	1980	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
GORDURA					
2 ORDENHAS					
A.A.	JANOTTICABA SERDA F. ZIL ET.	PO	240,8	1980	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
B.J.	PYNES VIKING AMANDA	PO	109,9	1980	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
C.S.	ALBA DENDOSA BASSARICO	PO	231,6	1980	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
D.	CONSTANTIA S.A.	PO	293,6	1980	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO

Raça Jersey divisão II — 365 dias

Class.	Nome do animal	G. do sangue	Produção Kg.	Ass.	CRIDADOR
LEITE					
2 ORDENHAS					
A.A.	DELITA DE PEPE DE N. QUER.	PO	3.717	1981	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
B.J.	UNA DE TIO PEPE N. QUER.	PO	4.552	1980	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
C.S.	DAINTY TINA	PO	6.999	1981	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
GORDURA					
2 ORDENHAS					
A.A.	DELITA DE PEPE N. QUER.	PO	327,3	1981	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
B.J.	UNA DE TIO PEPE N. QUER.	PO	275,8	1980	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
C.S.	DAINTY TINA	PO	297,9	1981	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO
D.	CONSTANTIA S.A.	PO	366,8	1981	ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO

ADQUIRA UM FILHO DE RECORDISTA

Venda Permanente de Reprodutores

ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO

Tels.: Res. (047) 22-2786 — Fazenda (0147) — 58-6290 - Avaré — SP.
Contatos em São Paulo (011) 852-3468



animais Jersey testados. Foi denominada Hemoglobina "B", diferente da Hemoglobina "A", comum em todas as demais raças britânicas.

O Dr. Bangham, conhecedor da teoria de relacionamento entre as raças francesas e a raça Jersey, de Mr. E.J. Boston, estava convencido de que, se esta origem comum era verdadeira, alguns animais destas raças francesas deveriam apresentar o fator Hemoglobina "B".

Por ocasião da Exposição Nacional Francesa e do Concurso Geral Agrícola, de 1955, com alguma dificuldade, o Dr. Bangham obteve das raças participantes da Exposição, um grande número de amostras de sangue, cujo resultado de análise deu total suporte à teoria de relacionamento e migração de Mr. Boston, uma vez que, de doze raças testadas, dez apresentaram aquele fator.

Mais ainda, se este tipo de gado migrou na França para Jersey, isto deve ter acontecido antes que a ilha tivesse sido separada do continente da França, aproximadamente, no ano 1.000 A.C.

Existe considerável evidência que o tipo de gado da ilha de Jersey sobreviveu na costa francesa, até tempos recentes. Entretanto, tanto a raça Jersey como as raças Normandas, indubitavelmente, tiveram uma forte influência do gado Viking ou Escandinavo. A ilha de Jersey foi parte do Ducado da Normandia, e, portanto, esteve sob as leis escandinavas por cerca de 300 anos, entre os anos 900 e 1.204. A antiga descrição de seu gado, assemelha-se bastante ao tipo de vaca Jersey que todos conhecem.

Não há dúvida de que esta raça foi trazida à ilha de Jersey pelos noruegueses, e, que influenciou, profundamente, o Jersey moderno.

FORMAÇÃO DA RAÇA

Outras raças tiveram influência na formação do Jersey dos tempos atuais, quais sejam:

— a pequena raça preta ou vermelha escura denominada "Bos Longifrons" um dos primeiros tipos de gado doméstico a aparecer na Europa. Sua influência é bastante obscura, mas este gado ainda sobrevive, misturado em outras raças, provavelmente na Irlanda, nos Alpes e na França;

— A vaca leiteira preta e branca ou vermelha e branca do norte da costa Européia também contribuiu na miscigenação do sangue Jersey. Esta raça continuou a ser trazida para a ilha, em pequeno número através da ilha de Guernsey, apesar da proibição de importação, uma vez que a ilha de Guernsey não estava incluída no embargo;

— Há ainda uma raça caracterizada por sua cor amarela ou castanho amarelada, proveniente do sul, que desempenhou um importante papel no aperfeiçoamento do Jersey moderno, nos últimos 100 anos.

Estes foram os principais ancestrais do gado Jersey. Não há dúvida de que to-

SÍTIO SÃO JOSÉ

Um criatório da raça Jersey começando a apresentar frutos de um trabalho de seleção.

Ultrapassamos mais de 100 cabeças



Novilha crioula FM e F menina



Vaca de grande capacidade leiteira

Proprietário: Francisco Martins e Filhos
Rodovia Com. João Ribeiro de Barros — km 157 — fones: 22-3729 e 22-5592
Caixa Postal: 242 — Jaú — SP.

SÍTIO SÃO LUIZ REY

Proprietário: ESPÓLIO AUGUSTO A. MOTTA PACHECO
Tatuí - São Paulo



MARCELO VELETE PEPE DA NOVA QUERÊNCIA (P.O.) — nasc. 15-09-77
Pai — HERE TAUNGA TIO PEPE (POI)
Mãe — VELETE MILKMAN DA NOVA QUERÊNCIA (P.O.)



PAYADOR CONSTÂNCIA 44 PEPE DA NOVA QUERÊNCIA — nasc. 02-01-80
Pai — HERE TAUNGA TIO PEPE (POI)
Mãe — CONSTÂNCIA 44 (PO)

HAWAIANO ALOHA VIKING DA NOVA QUERÊNCIA nasc. 07-04-80
Pai — PYNES VIKING PRINCE (POI)
Mãe — ALOHA LEEBARN MAYFLOWER DA NOVA QUERÊNCIA (PO)



Lote de novilhas



Lote de bezerras

Endereço para correspondência - Rua Henrique Monteiro, 90 — fones: escritório — 212-9605 e residência — 853-3388 — CEP: 05423 — São Paulo — SP.



das essas influências, exceto a última, tiveram lugar há mais de 1000 anos atrás, produzindo um animal de notável adaptabilidade, que tem se espalhado para as mais diversas partes do mundo. Isto se deve, principalmente, ao fato de que a quase totalidade da população da ilha de Jersey ter sido formada por fazendeiros e homens do mar, como seus ancestrais, os Escandinavos e os Vikings.

O JERSEY no mundo

Africa — O projeto de desenvolvimento de gado leiteiro em Malawi, na África, é um consórcio entre o governo de Malawi, na África, é um consórcio entre o governo de Malawi e a Agência de Desenvolvimento Internacional Canadense, com o objetivo de ajudar aquele país a tornar-se auto-suficiente na produção de leite.

Malawi é um pequeno país da África central, com uma população de 6 milhões de habitantes, que teve sua independên-

cia em 1964, e, desde então, tem como prioridade o desenvolvimento de sua agricultura.

Em setembro de 1981, foram embarcadas para aquele país, 240 matrizes Jersey, filhas de touros provados no Canadá, tais como: "Title", "Bright Spot", "Major Beacon" e outros.

Desde sua chegada os animais se adaptaram bem ao clima quente e seco de Malawi, tendo se submetido, com sucesso, a uma quarentena para um programa de imunização contra doenças provocadas por parasitas não existentes no Canadá.

As novilhas mais velhas, que mais rapidamente se aclimataram, começaram a produzir em outubro de 1982, com uma boa performance leiteira.

Sem exceção, as fêmeas em idade de cobertura, estão sendo inseminadas com sêmen de touros provados, também importados do Canadá; os bezerros machos serão utilizados nas fazendas do governo para cruzamento com o gado nativo. Uma segunda importação de mais 240 matrizes está sendo programada para o início de 1983.

Índia — Boa notícia para a raça Jersey na Dinamarca, foi o contrato de exportação de 428 mil doses de sêmen

Jersey, para a Índia. O sêmen será utilizado no vasto programa de melhoramento zootécnico, que aquele país promove para aumentar a baixa produção leiteira do gado indígena.

Mesmo para a Dinamarca, este volume de exportação é considerável, pois representa aproximadamente, uma vez e meia a quantidade de sêmen Jersey utilizado por ano, naquele país.

Holanda — Seguindo a atual tendência do criatório de gado holandês, a Organização de Sociedades de Inseminação Artificial daquele país, selecionou, recentemente, 4 touros Jersey da Dinamarca, para utilizá-los, na maior parte, em gado Holstein-Friesian (holandês). Como o sistema de leite na Holanda é baseado em teor de gordura e proteína (50% de cada), o uso da raça Jersey está, rapidamente, aumentando para a obtenção de gado que possa produzir grandes quantidades de leite de alta qualidade.

Um dos mais produtivos plantéis da Holanda, hoje em dia, é constituído pelo rebanho da família Boerna em Groningen. Eles possuem 130 vacas, 40 das quais são Jerseys puras e muitas das outras são cruzadas de Jersey com Holstein Friesian, com uma produção média

ANTONIO MARCIO ALVES

Rua Tapajós, 215 — Apt.º 21 — Bloco D-3F — Jundiaí (SP) — fone: 437-5104



SUISSA VARETA GABOLA

Pai: SUISSA GABOLA GRITE

Mãe: SUISSA VASSOURA GABOLA

1.º Prêmio Vaca Jovem, Campeã Vaca Jovem, Reservada Grande Campeã na II EXPANDE 82, nascida aos 8-10-80.



Conjunto de novilhas crioulas

TURISTA PORTELA GABOLA

Pai: SUISSA GABOLA GREETINGS

Mãe: SUISSA BANDORA GOLDEN MILAND

1.º Prêmio Touro Jovem na

II EXPANDE 82,

Reservado Grande

Campeão EXPANDE 82

nascido em

01-07-79 — Reg. 4486-B

CHÁCARA N. S. APARECIDA

Rua da Igreja, 481
Bairro: Curupira
Jundiaí — SP

JERSEY É... LEITE MAIS ECONÔMICO MAIOR TEOR DE GORDURA

A raça mais indicada para pequenas e médias propriedades - a raça mais dócil e fértil



MUCUM LEEBARN de São Francisco



ESALQ PENELOPE PRICELESS



CABOCLA QUICKSILVER de São Francisco

CONTROLE OFICIAL DA ABC

VENDA PERMANENTE DE MATRIZES E REPRODUTORES

CRIADOR: ESPÓLIO MARIO LOPES LEÃO

Fazenda Uirapuru
Rod. Mal Rondon — km 82
End. para correspondência:
Al. Gabriel Monteiro da Silva,
2878 — São Paulo — fone (011)
211-9377

JUNDIAÍ-SP

Sítio São Francisco
Rod. Mal. Rondon — km 75



por lactação, de 6.200 kg. de leite, com 5,7% de teor de gordura e 3,7% de proteína.

União Soviética — A U.R.S.S. tem demonstrado renovado interesse no gado Jersey, não tendo sido a primeira vez que adquiriu animais desta raça. Recentemente, dez touros de 9 a 14 meses de idade foram selecionados e comprados na Dinamarca, para exportação para a União Soviética.

Dinamarca — Em 1981, o serviço de controle estatístico de produção leiteira na Dinamarca, acusou para 112.552 vacas Jersey controladas, as seguintes médias de produção, por lactação de 305 dias: 4043 kg. de leite, 248 kg. de gordura com 6,12% de teor.

10.ª Conferência Internacional de Gado Jersey — A cada 4 anos, o Escritório Mundial de Gado Jersey, promove uma conferência internacional sobre a raça. Em 1982, o país sede escolhido pela segunda vez, (primeira vez em 1954), foi o Canadá, que recebeu cerca de duzentos delegados de todo o mundo, para o evento.

O tema principal da conferência foi "Como Criar, Administrar e Promover o Jersey do Futuro", cobrindo, sob vários

ângulos, o importante papel a ser desempenhado pela raça Jersey no futuro das nações. Conferencistas de todo o mundo, apresentaram suas teses e discutiram assuntos pertinentes ao tema.

De acordo com Mr. W. H. Cairns, presidente do Escritório Mundial, "deveria ser lembrado que a raça Jersey não está limitada ao mundo desenvolvido. Outros grupos populacionais também têm suas necessidades. Como um exemplo, sabemos que o governo da Índia decidiu que a raça Jersey será a principal ferramenta utilizada em seu programa de cruzamentos, e que há cerca de 80 milhões de vacas leiteiras na Índia. O potencial para a raça Jersey, nestas condições, é ilimitado". Em paralelo, foi realizada a Venda Mundial de Gado Jersey, em um grande leilão que reuniu cerca de quinhentas pessoas, as quais disputaram a compra de 31 cabeças selecionadas em vários países, resultando um preço médio de 6.643 dólares por animal.

Neste mesmo leilão, foi batido o recorde mundial de preço para um macho Jersey, que, anteriormente, estava com o bezerro Valentino, arrematado por 72.000 dólares, nos E.U.A. Assim, o touro Bridon Master Monarch, filho da recordista de produção leiteira do Cana-

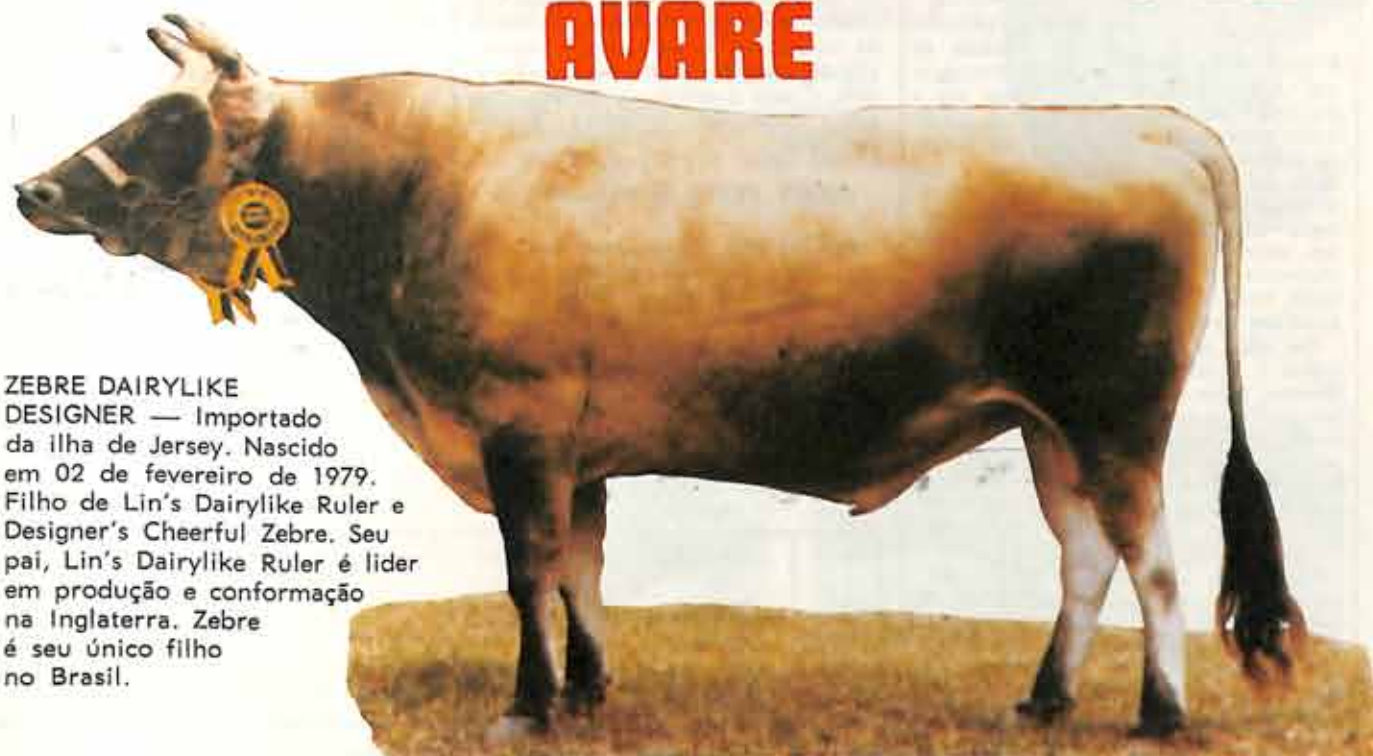
dá, arrebatou aquele recorde, tendo sido vendido pela quantia de 75.000 dólares. O Escritório Mundial de Gado Jersey tem como objetivo maior o de estimular a boa vontade e a cooperação entre indivíduos e organizações para o desenvolvimento da raça Jersey em todas as partes do mundo, assistindo-os na promoção dos interesses e da pureza da Raça Jersey".

Desde 1954 até os dias de hoje, o Escritório Mundial coordenou e promoveu a realização de Conferências Internacionais nos seguintes países: Canadá, África do Sul, Inglaterra, Nova Zelândia, Estados Unidos, Dinamarca, Austrália, Ilha de Jersey e, novamente, Canadá.

África do Sul — Nos últimos seis anos nunca houve, como agora, um número tão alto de vacas Jersey produzindo leite na África do Sul: 5.295 Jerseys registradas e sob controle oficial, produziram, em média, 3.660 kg. de leite, 171 kg. de gordura com teor de 4,67%, por lactação. Em 1981, houve um aumento de 14% de vacas registradas e 50% de vacas controladas na produção leiteira.

Líbia — Um arrojado programa de implantação de pecuária leiteira na Líbia, está sendo viabilizado pelo governo daquele país, objetivando, ao final, a ma-

UM DESTAQUE NA II EXPANDE E NA EMAPA-82 AVARÉ



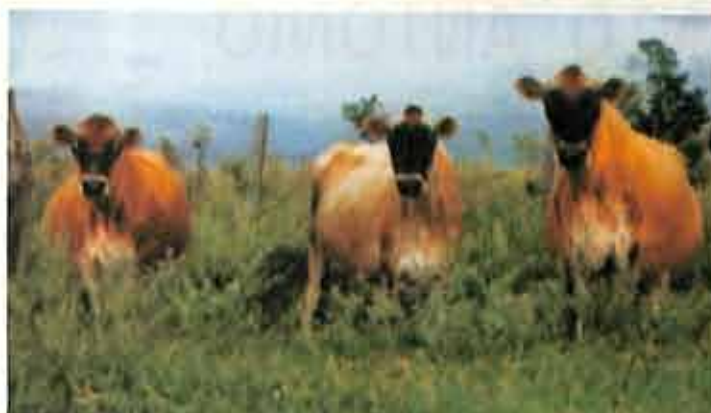
ZEBRE DAIRYLIKE DESIGNER — Importado da ilha de Jersey. Nascido em 02 de fevereiro de 1979. Filho de Lin's Dairylike Ruler e Designer's Cheerful Zebre. Seu pai, Lin's Dairylike Ruler é líder em produção e conformação na Inglaterra. Zebre é seu único filho no Brasil.

FAZENDA SANTA MARIA

Município de São Carlos — SP
CRIADOR: DÉCIO LUIZ MALTA CAMPOS
Rua Major José Inácio, 2.050 — 3.º andar — fone: (0162) 78-1177



JERSEY SIGNIFICA: + LEITE + MANTEIGA



Matrizes
do Sítio
Rio Novo



Novilhas
Crioulas
do Sítio
Rio Novo



Matrizes
do Sítio
Rio Novo

SÍTIO RIO NOVO

PROF. CESAR WASHINGTON ALVES DE PROENÇA
Município de Águas de Santa Bárbara — SP.
Tels. para contato em São Paulo: 280-7022, 268-8343
e 853-2866 (011)



nutenção de um rebanho de 10.000 cabeças de gado leiteiro, em produção.

Entre 1973 e 1975, foram realizadas experiências, buscando a definição da mais apropriada para a região. Finalmente, concluiu-se que a vaca Jersey era a mais indicada, devido à sua adaptabilidade ao ambiente, incluindo sua habilidade em suportar estações secas e sua pronta aceitação ao sistema de alimentação adotado. Foram levadas, também, em consideração, a taxa de conversão alimentar da raça, seu grau de fertilidade, teor de gordura do leite, e a longevidade da vaca.

De 1973 a 1980, cerca de 4.640 matrizes e 5 touros foram importados da Europa, todos da Inglaterra e da Ilha de Jersey. Também, em 1981, 2.000 cabeças foram importadas da Dinamarca, e, outra vez, em 1982, durante os meses de fevereiro e março, outras 450 fêmeas e 2 touros vieram da Ilha e da Inglaterra.

Nove anos depois da 1.ª importação, a maior parte das vacas levadas para a Líbia, estão ainda em produção, provando o sucesso da escolha original da raça.

A região escolhida para implementação do projeto, Jabel El Akhdar — "A Montanha Verde", tem sido gradualmente

transformada de um terreno desértico em uma eficiente área de agricultura, envolvendo a mais avançada tecnologia de recuperação de terra, com a construção de fazendas, casas, estradas, barragens, e com o cultivo de cereais, vegetais e frutas. Uma verdadeira "Revolução Verde".

JERSEY VENCE OUTRAS RAÇAS

Pela primeira vez em doze anos, uma vaca Jersey, em 1982, levantou o cobiçado troféu "Desafio Perpétuo Dalgety-Spillers", na Exposição Nacional de Gado Leiteiro da Inglaterra.

A competição, aberta a todas as raças, é baseada em controle de produção leiteira individual durante três dias consecutivos. A vaca que venceu o torneio foi "Fourgays Lads Harebel" produzindo as seguintes quantidades:

Dia	Leite (kg)	Gordura (%)	Proteína (%)	Sólidos
1.º	29.3	5.90	3.16	5.68
2.º	31.1	5.90	3.16	5.67
3.º	29.4	5.76	3.17	5.46

Estados Unidos — A comercialização de gado Jersey nos E.U.A., através de remates públicos, data de 1919. Daquele ano, até 1981, foram computados os resultados dos leilões realizados em todo o país, dados estes que permitem constatar o aumento significativo dos preços praticados em quinze anos, como se pode verificar no quadro abaixo:

Ano	N.º de animais vendidos	Preço médio por cabeça (US\$)
1965	4468	295,10
1966	3577	377,36
1967	3795	401,60
1968	3543	394,41
1969	3050	457,35
1970	2082	559,17
1971	2123	533,53
1972	2365	553,40
1973	2540	653,86
1974	1795	727,49
1975	2595	609,75
1976	4270	639,63
1977	2572	880,25
1978	2285	1026,51
1979	2587	1461,34
1980	2184	1649,14
1981	3969	1420,38

FAZENDA SANTO ANTONIO

Um rebanho Jersey com produção oficialmente controlada



DRACULA DE SANTO ANTONIO
Reg. n.º 21
— Grau de Sangue
1023/1024

Criador: Capitão Vasco Mil Homens Arantes
Caixa Postal: 296 — fone: 79-1119
Bairro Menjolinho — São Carlos — SP



FAZENDA LUMADRI

Proprietário: Carmine Grisolia Netto (Tico)

Avaré (Arandu) — Bairro Sta. Bárbara

Endereço para correspondência: Rua Benetti, 855

— CEP 05464 — São Paulo (SP) — fone: 260-5663



ROMANA DOMINANTE JATAI DE LUMADRI

NAVEGANTE MARA II — GENERATOR DA NOVA QUERÊNCIA — Registro 4650-B — nascido em 7-10-80. Filho de: Milestones Generator - Rg. 3811-B-1.A e Nara II Fashion da Nova Querência — reg. 11.914-C. Campeão Júnior 1.ª Exposição Nacional de Gado Jersey — Água Funda — São Paulo. Reservado Grande Campeão Nacional — 1.ª Exposição Nacional de gado Jersey — Água Funda — São Paulo. 1.º lugar touro 2 anos — EMAPA 82 — Avaré — S.P. Campeão touro 2 anos — EMAPA 82 — Avaré — S.P.



SANT'ANA GILDA 12.º QUICKSILVER





RECORDISTAS MUNDIAIS DA RAÇA JERSEY

MUNIFORDIA'S OXFORDIA 4th (Ilha de Jersey)

"Munifordia's Oxfordia 4th" é a primeira vaca da ilha de Jersey a produzir acima de 200.000 lbs (90.725 kg.) de leite ao longo de sua vida, continuando a produzir cerca de 30 litros de leite por dia, em sua última lactação, aos 15 anos de idade.

Dentre os títulos colecionados por este maravilhoso animal, podemos citar os seguintes:

- maior produtora individual de leite na ilha de Jersey, nos anos de 1971, 1973, 1974, 1976, 1977, 1978 e 1980.
- Excelente Suprema, Quádrupla Tonelada de Ouro e Medalha de Ouro Vaca da ilha de Jersey.

Dentre os seus produtos, destaca-se o touro "Munifordia's Gamboge", considerado o melhor touro da ilha de Jersey, em 1980, e pai de campeões, inclusive no Brasil.

Uma vaca de soberba conformação leiteira, tendo produzido algo acima de 240 vezes o seu peso vivo em leite, "Munifordia's Oxfordia 4th" é considerada o padrão ideal da vaca de Jersey, que dificilmente, será igualado por outro animal da ilha nos próximos anos.

BRIDON GENERATOR GLADYS (Canadá)

Esta filha de "Milestones Generator", melhor touro da última década dos E.U.A., é a maior produtora do Canadá, de todos os tempos, de leite e gordura.

Sua última lactação, aos 8 anos de idade, foi de 11.016 kg. de leite, 665 kg. de gordura com 5,95%, em 365 dias de produção.

Poduziu, em média, em sete lactações consecutivas, 7075 kg. de leite e 440 kg de gordura com 5,33%, por lactação.

Seu último produto, o bezerro "Bridon Master Monarch", um filho de "Beauty Doris Master", considerado um dos melhores touros do Canadá, foi vendido em 1982, pelo preço recorde internacional de 75.000 dólares, para um sindicato de criadores de onze países do mundo.

GENERATOR VALENCIA OF OGSTON (E.U.A.)

Classificada como excelente/90%, esta outra filha de "Milestones Generator"

tem o mais alto índice de performance dos E.U.A., tendo produzido aos cinco anos de idade, em 305 dias de lactação, 11.691 kg. de leite e 519 kg. de gordura.

Um de seus produtos, o bezerro Valentino, filho do legendário touro americano S.S. Quicksilver of Fallneva, foi vendido aos 8 meses de idade, no "All American Sale" de 1980, por 72 mil dólares para a companhia de inseminação artificial American Breeders Service — ABS, a qual já está comercializando seu sêmen, em vários países, inclusive no Brasil.

BASIL LUCY MINNIE PANSY (E.U.A.)

Classificada excelente/91%, esta vaca, atualmente com dezoito anos de idade, foi a única Jersey nos E.U.A. a completar três recordes de produção acima de 13.500 kg. de leite por lactação. É a atual líder absoluta de produção de leite e gordura nos E.U.A.

SWEET MAY FLOWER (Inglaterra)

Superando o recorde de sua companheira "Munifordia's", da Ilha de Jersey, "May flower" ultrapassou a produção de 200.000 lbs de leite ao longo de sua vida.

Nascida em 1961 e tendo criado 17 vezes, ela produziu um total de 96.052 kg. de leite e 4827 kg. de gordura, com teor médio de 5,3%, em 5.536 dias de lactação, e ainda continua dando leite, aos 21 anos de idade. Isto equivale a uma média de 17,2 kg. de leite por cada dia que ela foi oficialmente controlada. Produziu acima de 12 vezes o seu peso vivo, em gordura de leite.

Uma tremenda façanha para qualquer vaca, de qualquer raça e criação.

A ILHA DE JERSEY

(extraído do texto de Haroldo de Castro, da Revista Geográfica Universal)

Conhecida em todo o mundo por seu gado leiteiro e cobiçada por milionários europeus que desejam tranquilidade e poucos impostos, a pequena (116 quilômetros quadrados) ilha anglo-normanda de Jersey, no Canal da Mancha, é considerada, por todos os que a conhecem, um verdadeiro paraíso.



O leite do gado Jersey possui elevado valor nutritivo. Além disso, as vacas são verdadeiras "máquinas" de produção leiteira.

Há muitos séculos essa ilha deixou de ser francesa, mas nunca chegou a tornar-se realmente inglesa. Em 1066, quando o Duque da Normandia conquistou a Inglaterra e passou a reinar com o nome de Guilherme I, as ilhas da Mancha continuaram sob administração normanda, pagando tributos a Rouen. Um século mais tarde, a Inglaterra desligava-se da Normandia, mas Jersey não voltaria a ser normanda, nem se integraria completamente no sistema inglês.

Atualmente, Jersey é um estado autônomo, com suas próprias leis, não fazendo parte da Grã-Bretanha ou do Reino Unido. Mantém apenas ligação com a Coroa Britânica.

Devido à dupla influência da Inglaterra e da França, grande parte dos moradores da ilha (75 mil habitantes), são belíngues e misturam hábitos e costumes dos dois países.



BALDE DE OURO JERSEY

SANT'ANA NAIR LUZITANO — Jersey PO — 5550-C Nasc. 9-3-63
Pai SANT'ANA LUZITANO KAHOKA'S COUNT e mãe/SANT'ANA NOSTALGIA CORTES — com a produção: 6a7m — 2x — 365 dias — 6.488 — leite — 278,3 gordura — 4,28% — em 1970.

Prop.: FAZENDA SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A

em 1981 aparece: SANT'ANA XELVIA 5.ª PATIENCE — Jersey PO 1769-C — nasc. 13-4-71
Pai/PATIENCE BAS MILKMAN e mãe SANT'ANA CONFIANÇA PAXFORD com a produção: 9 a 1m — 2 x — 365 dias — 7.071 — leite — 296,1 — gordura 4,18%.

Prop.: FAZENDA SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A

CATEGORIA DE LONGEVIDADE

MEDALHA DE OURO

Leite

1 — JACA FACEIRA ESMOND	61.085	Dr. José de Moraes Altenfelder Silva
2 — SANT'ANA LAMPADOSA PAXFORD	51.893	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
3 — SANT'ANA NILZA ZANALUA	44.745	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
4 — ELITE DE SANTA HILDA	42.162	Dr. João Laraya
5 — MIMOSA BASIL DE CANELA	41.341	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
6 — BALADA DE SANTA HILDA	41.291	Dr. João Laraya
7 — SANT'ANA MINEIRA OASIS	40.028	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
8 — SANT'ANA CONFIANÇA PAXFORD	39.914	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
9 — SANT'ANA IDOLATRIA OCEANO	39.788	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
10 — SANT'ANA DIANA KAHOKA'S COUNT	39.267	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
11 — SANT'ANA GILDA II WISEMAN	38.899	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
12 — SANT'ANA NOIVA OCEANO	37.641	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A

PAIXÃO PELO JERSEY CONDUZ ASSOCIAÇÃO

O último 1.º de março assinalou mais uma etapa da vida da Associação dos Criadores de Gado Jersey do Brasil. Isso porque Aldo Antonio Rafael Raia foi eleito pela segunda vez presidente da entidade, para o triênio 1983/1986. Há três anos exercendo as mesmas funções, como não poderia deixar de ser, foi reeleito e, por aclamação, perante um número de associados como jamais ocorreu em eleições da entidade.

"Considero nossa missão cumprida", disse Aldo Raia antes de ser reeleito. "Digo nossa porque o trabalho não foi apenas meu, porém de toda a Diretoria, integrada por companheiros que souberam levar a cabo as tarefas que lhes foram atribuídas com toda a galhardia, nos diversos setores. Todos merecem um voto

de louvor pelo muito que fizeram, sempre com o objetivo primordial de elevar cada vez mais, de disseminar, de fomentar a raça Jersey, tal sua utilidade para o melhoramento do padrão zootécnico do rebanho leiteiro nacional."

Minutos depois, Aldo Raia era reeleito. E suas palavras com que deram sequência às de encerramento do mandato anterior, proclamando o que desejava realizar daquele momento em diante.

"Vamos prosseguir nosso trabalho, com o mesmo entusiasmo demonstrado nos três anos que passaram. Espero continuar recebendo a colaboração de todos, diretores, associados e funcionários, os quais, irmanados, farão com que atinjamos nossos elevados objetivos".

A satisfação é incontida pela recondução de Aldo Raia. Ele e seus companheiros deram uma demonstração da verdadeira arte de como se administra uma entidade do gênero. Os diretores, além de pecuaristas, são homens dedicados a outras atividades profissionais. Porém, na função de diretores da Associação se empenham com o maior denodo, tendo um

sabor diferente, algo de poesia, mesclada com objetividade. Sim, porque todos têm verdadeira paixão pelo Jersey e esse ponto comum os envolve em missão por eles considerada sagrada. Essa paixão pelo Jersey, sobretudo, une a diretoria.

Encerrada a reunião, ambiente de euforia. Na parede que dá a frente para a pista de exposições do Parque Fernando Costa, na Água Branca, o retrato do Dr. Mário Lopes Leão, ex-presidente, que, com muito esforço e luta conseguiu trazer a sede da entidade para São Paulo, onde realizou uma obra extraordinária.

SEDE

Quem conheceu a antiga sede da Associação dos Criadores de Gado Jersey do Brasil, localizada no mesmo Parque Fernando Costa, porém em outro edifício, certamente espantar-se-á com a atual sede, instalada na "Casa do Fazendeiro", onde, aliás, se encontram muitas co-irmãs.

Das acanhadas instalações de então, surgiu uma ampla e confortável sede, do-

SERGIO DE ALMEIDA PRADO



BRIDON MASTER PLAN - P.O.I. (CANADÁ)

nasc. em 02-02-81

Pai — BEAUTY DORIS MASTER

Mãe — SPRUCE AVENUE GENERATOR LOU
(filha de Milestones Generator)

A mãe de MASTER PLAN produziu nas últimas 6 lactações média de 7.250 kg de leite.

"Quando cheguei no Canadá um dos meus objetivos era procurar saber quais eram os touros e linhagem sangüínea que mais estavam influenciando o criatório de gado Jersey. Não foi difícil chegar à conclusão que BEAUTY DORIS MASTER e MILESTONES GENERATOR eram os touros que estavam predominando, o primeiro para melhorar tipo e o segundo para aumentos substanciais de produção de leite. Constatei também, que a combinação de sangue desses dois touros estavam dando ótimos resultados, e seus produtos dando um impacto muito grande na raça e com certeza continuarão em grande demanda".
CANADIAN JERSEY BREEDER — Dez. 1982

**SÊMEN à cargo
da
Pecplan**



APRESENTA O JERSEY DA ATUALIDADE

RAÇA



S. GRAVATA ESTRONDO — PO
12 meses

PRODUTIVIDADE



IVONETTE NICAIO DE MAFAGAFOS PO
20 meses



S. CARAVANA GRAMADO — PO
12 meses

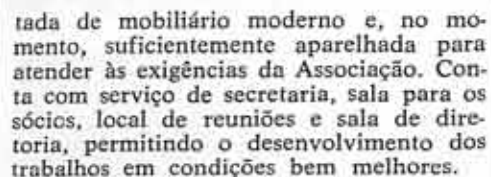
FAZENDA MAFAGAFOS AVARÉ - SP

Endereços para Correspondência:
Rua Veneza, 837 — S. Paulo
CEP 01429
Fones: (011) 852-3533 — resid.
(011) 285-6755 — Escritório
(0147) 58-6215 — Sab. e Dom.

VENDA PERMANENTE DE NOVI-
LHAS, VACAS, BEZERRAS E TOU-
RINHOS P.O.

Lote de novilhas crioulas





Além de figurar em elevado número e com excelente apresentação, em exposições do Interior, como Itapetininga e Avaré, dois acontecimentos assinalaram, de forma marcante, a presença do Gado Jersey no criatório nacional: a I Exposição Nacional de Gado Jersey, realizada simultaneamente com a I Expo-leite, no Parque da Água Funda, e a II Expande, no mesmo local. Saliente-se que a I Exposição Nacional, mesmo sendo a primeira, assinalou recorde de participação do Jersey em exposições: nada menos que 250 animais desfilaram pela "passarela" do Parque da Água Funda. As fêmeas exibindo sua graça, sua delicadeza, seu vasto e generoso úbere e, os machos, seu vigor físico e virilidade. Este ano a coisa vai aumentar, e começou mais cedo. Em março passado tivemos a I Expo-leilão de Gado Jersey, na Água Branca, um verdadeiro sucesso, em quantidade e qualidade. Animais do melhor sangue e da melhor raça foram exibidos e transacionados por valores que deixaram bastante satisfeitos os expositores-vendedores e, principalmente, os compradores.

Em junho, a Jersey estará firme na 11 Exposição Nacional, na Água Funda; em novembro, também na Expande. Pelo entusiasmo revelado por criadores, tudo indica o estabelecimento de novos recordes.

Desde o ano passado, o presidente Aldo Raia, já com o novo Estatuto e o novo Regulamento de Registro Genealógico, que lhe deram outras condições para o trabalho, vem mantendo contatos permanentes com entidades interessadas, públicas e privadas, visando à expansão do Jersey e, com isso, a melhoria da qualidade do leite, tão na mira das autoridades governamentais nos dias que atravessamos.

Do Ministério da Agricultura e da Secretaria da Agricultura vem recebendo o maior apoio, não se podendo esquecer a inestimável colaboração da Fundação Pecplan-Bradesco, prestigiando a ACGJB em todos os sentidos, a começar com a introdução, no País, do "Programa de Acasalamento Genético", já existente no holandês e outras raças. Com ele, sem dúvida, haverá melhoria acentuada no tipo e na produção Jersey.

Não obstante a sede da Associação dos Criadores de Gado Jersey do Brasil se localize em São Paulo, onde se encontram excelentes plantéis, com padrões zootécnicos igualáveis aos melhores do mun-

do, há que se salientar que o Rio Grande do Sul é possuidor do maior rebanho. Introduzida no País por Assis Brasil, em sua granja de Pedras Altas, a raça se alastrou e foi "subindo" até atingir São Paulo e Rio de Janeiro.

A atual diretoria da ACGJB tem dispensado a maior atenção às filiadas, já existentes, desde a do Rio Grande do Sul até a paranaense e catarinense. Não se descuida, todavia, da criação de novos núcleos, como ocorreu recentemente com os de Minas Gerais, com sede em Pouso Alegre e Belo Horizonte, estando em estudos a criação de outros, especialmente na Bahia e no Distrito Federal, que já contam com rebanhos de excelentes qualidades.

O esforço desenvolvido pela diretoria da Associação do Jersey é por seus membros considerado amplamente recompensado. Não bastasse o comparecimento de criadores, com numerosos animais, em exposições, nos mais variados locais, aumenta dia a dia o quadro de associados da ACGIB.

Basta dizer que, quando Aldo Rea assumiu a presidência em 1980 existiam 85 sócios diretamente filiados à entidade brasileira, agora transformados em 197, com um aumento de 232%, portanto. A simples citação desses números é um sinal indicativo do quanto progrediu a Associação.

— 350 fêmeas registradas oriundas dos melhores criadores do país são, apadrinhadas pelos 4 reprodutores abaixo apresentados, resultando numa moderna seleção de grande peso (consulte em nossos ponderais); — alta caracterização (acompanhem nossas premiações em exposições).



FESTIVAL — O super campeão com 12 grandes campeonatos.



ANUJÁ aos 36 meses consegue seguindo o pai seu 5.º grande campeonato na II Expande 82 - SP.

ANUJÁ { FESTIVAL A8313 } K. KASSUDI (Lagoa da Serra)
{ LADY 451 N8813 } PRONUNCIA (CZAR)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
 DE CRIADORES
 SERVIÇO DE CONTROLE LEITINHO

Clas- se	Nome do animal	Q. de sangre	Produção Kg.	Ass.	criador
-------------	----------------	-----------------	-----------------	------	---------

L E T T E R

3. ORÇANAS				
AP	Juca Figueira Ramond Raimundo Emano Hilari	PO	4.885 1965 4.870 1972	João de Matos A. Silva Albino Malzone
AS	Adriana Bandeira Góes	PO	4.230 1975	Albino Malzone
BZ	Raimundo Alcides Nóbrega	PC	5.104 1973	Albino Malzone
BS	R. A. Esperanza Patrício	PO	4.464 1977	Fát. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
CJ	Brigitte ET	PO	5.984 1960	João Laveia
CR	Rosângela Leopoldina Oatis	PO	5.797 1970	Fát. Rosângela do Rio Abaixo S/A
D	Malinda de Santa Rilda	PO	2.884 1963	João Laveia

AT	Sociedade do Rio Negro S/A	982	4.717	1981	Antonio Carlos Pinheiro Machado
BE	Sociedade do Rio Negro S/A	983	4.717	1981	Antonio Carlos Pinheiro Machado
AS	Era 2a. Tio Pepe M. Olan.	984	4.752	1980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
BA	Barragem Encantada Sa. Jo.	985	4.752	1973	Mario Louren Leão
HJ	Bellini Wosman R. Francisco	986	4.876	1975	Mario Louren Leão
CJ	J.R.Haydriodes Sa.Nelson	987	5.611	1981	Faz.Santa Ana do Rio Negro S/A
CE	Baitny Titus	988	6.999	1981	Antonio Carlos Pinheiro Machado
D	R.A.Selvia Sa.Patrimonio	989	7.070	1981	Faz.Santa Ana do Rio Negro S/A

CONCLUSIONS

B. ODEONHAS					
A7	Joaquim Pereira Ramond Sulzans Odeonhas	PO	246,2 1973	1975 1986	Joaquim de Moraes A. Silva Joaquim de Moraes A. Silva
A8	Sulzans Paredos G. Milad	PO	246,2	1975	Albino Malzone
B1	Sulzans Alvorada Iheringo	PO	221,2	1973	Albino Malzone
B6	S.A. Superanga Paricich	PG	232,2	1957	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
C1	Britta 87	PO	332,2	1960	José Larys
C8	S.A. Lamparina Osmis	PO	263,2	1970	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
D1	Salada de Santa Hilda	PG	347,3	1961	José Larys

AF	Helina Wagner S. Frouin	PO	227,4	1981	Antonio Carlos Pinheiro Machado
AE	Ern. de, Tito Pápai M. Goren.	PO	275,6	1980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
BA	E.A.Emperador S. Lóder	PO	215,4	1973	Mário Lages Leão
AB	Helina Wagner S. Frouin	PO	261,9	1975	Mário Lages Leão
CJ	E.A.Harpoldes 7n.Nelso	PO	242,9	1981	Faz-Sant'ana do Rio Nhato 3/4
CG	Dainty Tina	PO	239,9	1981	Antonio Carlos Pinheiro Machado
CE	Guarandá 54	PO	316,8	1981	Antonio Carlos Pinheiro Machado

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
 DE CRIADORES
 SERVIÇO DE CONTROLE LÍTERO

Classe	Nome do jornal	Cl. do sangue	Produção Kg.	Ano	CRIDADOR
--------	----------------	---------------	--------------	-----	----------

LETT 6

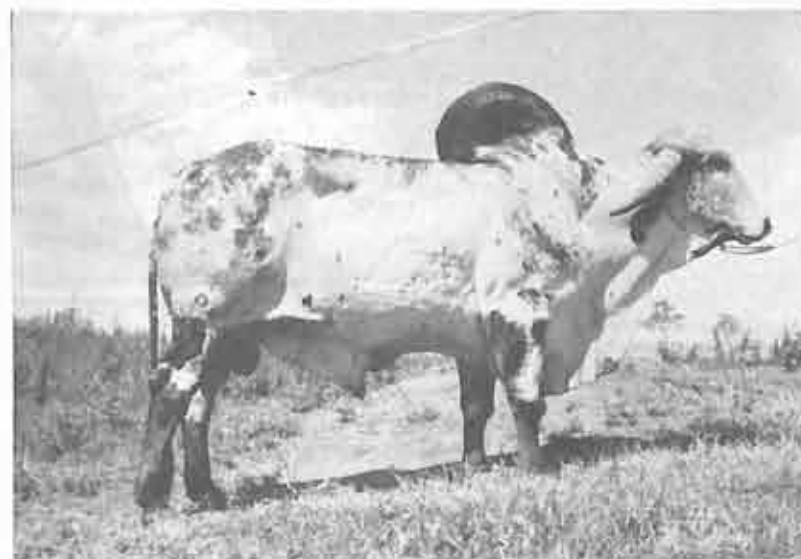
ORDENHAS					
23	Jana Quiteria Ximofonte	PO	1.760	1965	José de Moraes A.Silva
24	Suanna Elena Milat	PO	1.826	1974	Albino Malzone
25	Suanna Teodá Hilgert	PO	2.123	1974	Albino Malzone
26	Suanna Alvorada Ribeiro	PC	4.767	1973	Albino Malzone
27	S.A. Kalena Petrician	PO	3.173	1958	Albino Malzone
28	S.A. Tiapena Petrician	PO	3.850	1958	Faz. Sant'ana do Rio Quara S/A
29	S.A. Fredilata 2a. Gov.	PO	4.714	1973	Albino Malzone
30	S.A. Enquiva Oleim	PO	5.325	1973	Albino Malzone

AS	Sunt'ana 2a, Paterson	PO	3,724	1976	For. Sunt'ana do Rio Neiois S/A
BJ	Pyrene Viking Nevada	PO	5,448	1980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
CS	S.A. Empiral 4th, Trondheim	PO	4,412	1975	Marin Lopes Leão
BJ	S.A. Harpedetra 7a Nelson	PO	5,353	1981	For. Sunt'ana do Rio Neiois S/A
CS	L'ige Delaguna Montarico	PO	4,885	1980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
D	S.A. Paulo III Ravel	PO	5,932	1981	For. Sunt'ana do Rio Neiois S/A

G O R D U R A

3. ORDENAS					
16	Alma Cultivos, Infante	PO	191,8	1976	Jose de Jesus A. Silva
AS	Alma Clara Infante	PC	187,5	1974	Alma Clara Infante
47	Alma Ivelma Milhena	PO	168,6	1974	Alma Milhena
BU	Alma Alvorada Nhonho	PC	201,8	1973	Alma Milhena
BS	S.A. Nalva Patricia	PO	144,7	1978	Faz. Sant'ana do Rio Neio S/A
CJ	S.A. Itapema Patricia	PO	191,4	1958	Faz. Sant'ana do Rio Neio S/A
CS	S.A. Prudencia 29 Sov.	PO	230,7	1973	Alma Milhena
D	Sant'ana Patricia Rolly.	PO	257,7	1958	Faz. Sant'ana do Rio Neio S/A

AS	Paulista Futebol Clube	SP	1962,2	1962	Antônio Carlos Pinheiro Machado
AV	Jaboticaba Guará 1, Julei	PO	248,6	1980	Antônio Carlos Pinheiro Machado
BJ	Pyrus Vikings Juazeiro	PO	259,9	1980	Antônio Carlos Pinheiro Machado
BS	S.A. Espírita 40 Trindade	PO	226,2	1975	Marlo Lopes Tello
CJ	S.A. Maradopol 70 Nelson	PO	228,0	1981	Paul Sérgio de São Mateus S/A
CM	Alga Democrata Juazeiro	PO	221,6	1980	Antônio Carlos Pinheiro Machado
CS	Comarcina 44	PO	293,3	1980	Antônio Carlos Pinheiro Machado



MARAU (Eva)



OURO VERDE — (R)

MARAU (EVA) Reg. A 3256

GENUINO (EVA)

NAGÓIAI (EVA)

WHITE

FAZENDA SÃO JOÃO

DR. ENE SAB E FILHOS

Município de Itatinga — Fone: 40080
Res.: Botucatu — Fone: (0149) 22-1835



Criação e seleção de gado da raça GIR e GIROLANDA, cavalos Campolina e caprinos da raça JAMNAPAR, mantendo venda per- todos estes espécimes.

O FAZENDEIRO DO MÊS



Cocho
coberto
para sal
e o grande
rancho
de sapé,
proporcionam
o bem estar
dos animais
da Limoeiro.

Além das atividades profissionais, o advogado Aldo Raia, presidente da Associação dos Criadores de Gado Jersey do Brasil, ainda encontra tempo para se dedicar à Fazenda Limoeiro, dirigida juntamente com o filho William Labaki e localizada nas vizinhanças da Rodovia Castelo Branco, no Município de Itu.

Nas terras boas, mas acidentadas dos 60 alqueires totais da fazenda, encontra-se um excelente rebanho de gado Jersey, todos Puros de Origem; cerca de 30 mil pés bastante produtivos de café (distribuídos em 10 alqueires) e 5 alqueires cobertos por matas naturais. A sede se encontra entre gramados e

A dedicação pelo Jersey de pai para filho

WALTER C. BATTISTON

jardins bem cuidados, tendo em anexo a piscina e o campo de tenis, cercado por árvores ornamentais, plantadas sob orientação da esposa do proprietário.

Conversando com o Dr. Raia, com o filho Wilian e o gerente Omar Di Dio, ficamos sabendo que a meta principal é a criação dos bezerros, futuras vacas e reprodutores e a manutenção de alto nível do rebanho, sendo o leite e o café considerados como "sobra" da produção. E, para confirmar, o Dr. Raia diz que todos os machos — normalmente o ponto mais crítico nas criações de gado leiteiro — estão sendo vendidos nesses últimos anos e que muitos dos compradores retornam para novas aquisições. Isso vem de encontro à orientação futura da Associação, que pensa em "povoar" o Brasil todo de machinhos Jersey. Inserindo a raça não só entre os tradicionais

O FAZENDEIRO DO MÊS

criadores, mas também nos cruzamentos melhorantes entre as fêmeas nativas das várias regiões do país.

E se assim pensa, melhor executa, podendo-se notar o capricho na criação e nas instalações, transformando a área, considerada difícil de "gado fino" há onze anos, em excelentes pastagens de pangaia, setária, napier e braquiária, além da plantação de milho, sorgo e aveia, tudo para o gado e mais os 30 mil pés de café que é beneficiado na própria fazenda.

Oito piquetes — todos cercados por arame liso — contendo bebedouro, cocho para os minerais e alguns ranchos cobertos de sapé — destinados a 4 lotes de animais: bezerros com menos de 6 meses de idade, bezerros separados por sexo (entre o 7.º e 16.º mês), vacas solteiras e vacas em leite. Para este ano estão previstos mais 8 alqueires de aveia para "reforçar" a alimentação.

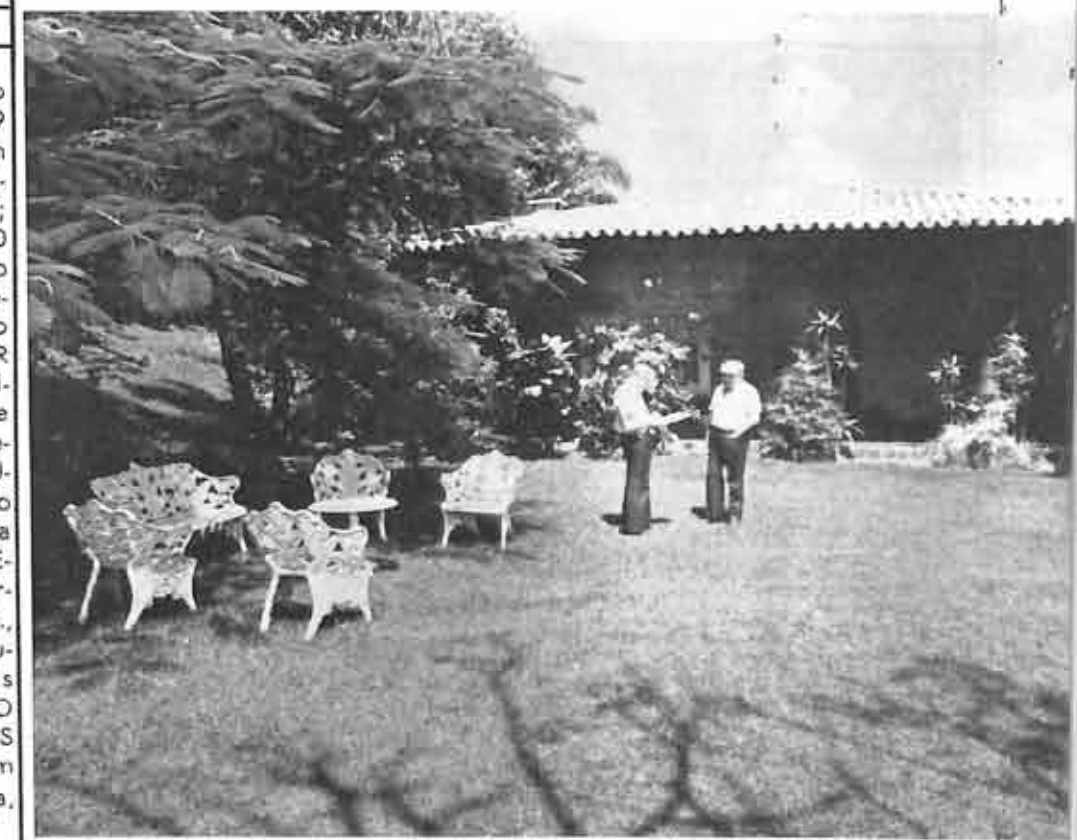
O REBANHO

Formado por 133 exemplares, o rebanho está assim constituído: 29 vacas P.O.I. importadas junto com um touro da Ilha de Jersey; 14 outras P.O.I. importadas do Uruguai; 30 vacas crioulas da fazenda; 10 fêmeas vindas do Rio Grande do Sul, 25 novilhas entre 10 e 18 meses, 24 animais jovens e mais o touro LYNN'S GAMBOGE RULER importado em 1979. Como esse animal é o pai da maioria dos que nasceram na Limoeiro, é conveniente ressaltar que é filho de MUNIFORDIAS CAMBOGE considerado em 1980 o melhor touro da Ilha de Jersey e de LYNN'S JULY CEDAR, Excelente 93.; sua avó paterna MUNIFORDIAS OXFORDIA 4Th., é considerada Recordista de Produção Leiteira e deu em 19 anos mais de 200 mil libras do produto. O touro tem uma irmã própria LINN'S GAMBOGE DAIRY LIKE que foi em 1982 a Campeã Suprema da Raça, na ilha de Jersey.

Até 1981 LYNN'S GAMBOGE RU-



No amplo estábulo,
o gado recebe
tratamento especial.



Aldo Rafael Raia
dedica boa parte do seu tempo
à fazenda.

todas as fêmeas da época e daí para cá está sendo complementado pela inseminação artificial, feita com os seguintes touros: VALENTINO (adquirido pela A.B.S. pelo preço recorde de 72 mil dólares), SLEEPING MILESTONE, STARDUST GEMINI (2.º lugar em tipo nos EUA), todos de origem americana e mais os canadenses BRIGHT SPOT (campeão de leite no Canadá), WOLVER'S GAY LADDIE, BROADFIELD'S VEDAS STAR LAD e LEE BARN CARINTHIA'S CARDINAL.

O acasalamento é feito segundo a origem da vaca e através do plano genético orientado pela A.B.S., e aplicado pela PECPLAN. É muito provável, portanto, que os filhos que estão para nascer, ultrapassem a "performance" de suas mães.

Usa-se como regra geral, "pular" doisaios e cobrir no terceiro, o que vem proporcionando bons resultados e permite descanso de vaca. As novilhas são cobertas ao redor dos 16 meses, dependendo do desenvolvimento e nunca pesando menos de 250 quilos.

BEZERROS

Como contou-nos o proprietário, é primordial a obtenção de bons reprodutores e, assim, a criação bem feita dos bezerros é uma das grandes preocupações dos dirigentes. Depois de algumas experiências, foi idealizada o sistema de "vaca ama de leite", como a melhor maneira de se conseguir bom desenvolvimento dos jovens. Existem sempre de 15 a 20 vacas separadas para amas, entre as que produzem menos de 10 litros de leite diários. O sistema consiste em destinar mais de um bezerro mamando diretamente numa vaca-ama, enquanto a ordenha é feita nas demais. A redução do baixo índice de mortalidade no ano passado e o bom desenvolvimento dos bezerros, indicam que o caminho está certo. Além disso, torna-se mais fácil controlar o aparecimento da mamite.

Na primeira semana o recém-nascido mama o colostro diretamente na mãe, e depois em uma das amas, separados em lotes até a

idade de 6 a 7 meses, quando é desmamado. Não existem baias individuais, mas coletivas" para 8 a 10 bezerros separados pela idade, e nelas estão à vontade feno de capim fino, ração própria da fazenda, água e mistura mineral. Todos os bezerros vão aos piquetes pelo menos algumas horas por dia e podem se abrigar sob grandes ranchos cobertos por sapé.

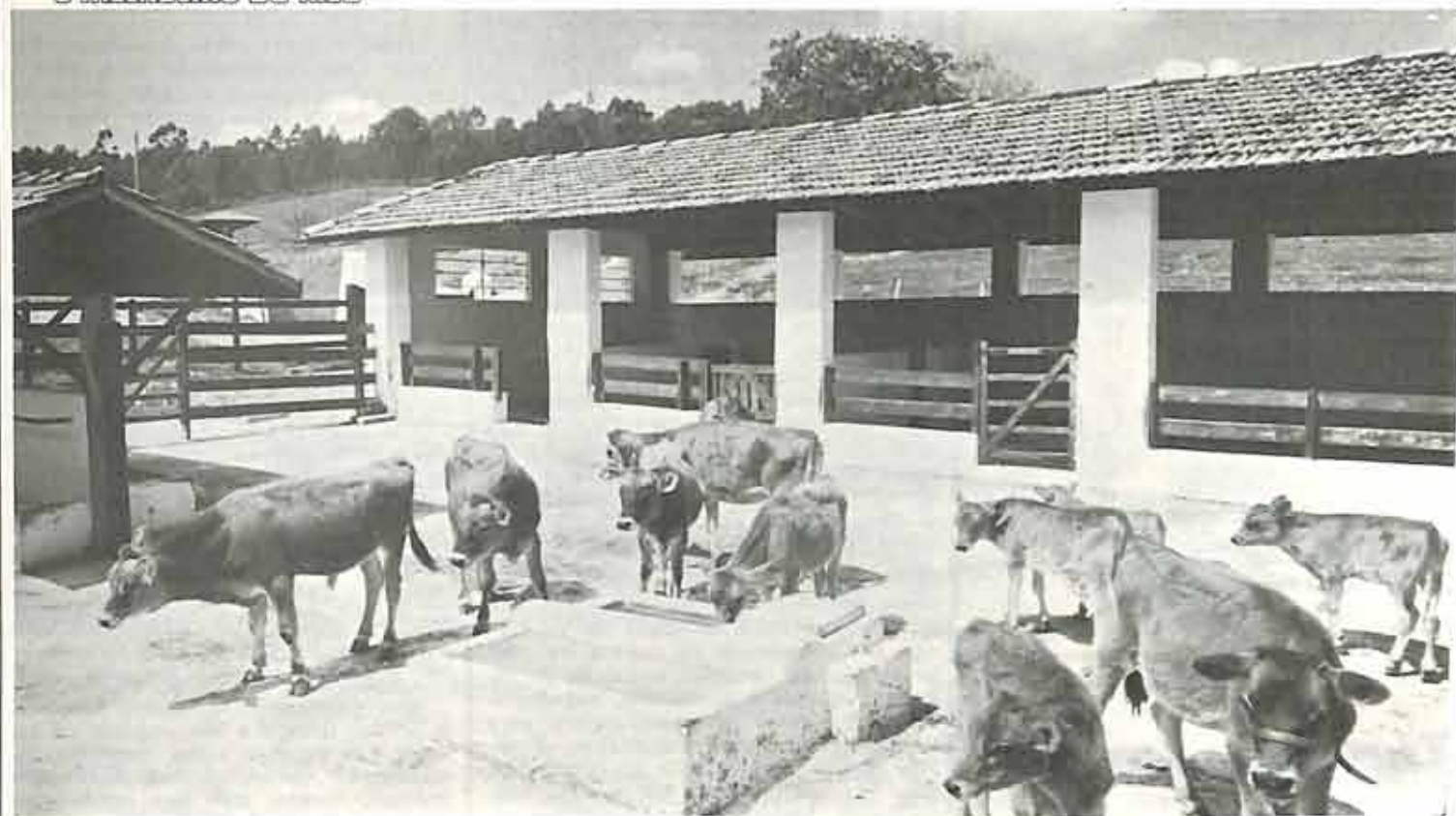
A partir do 8.º mês são separados pelo sexo, para evitar os efeitos do aparecimento deaios precoces e coberturas indesejáveis.

Todos os machinhos são criados e vendidos, estando "espalhados" pelos Estados de Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará, além de S. Paulo.

ALIMENTAÇÃO DO GADO

Além do rodízio dos pastos, constituídos pelos capins pangola, napier, braquiária e também a setária, o gado pode ter à disposição, rolão de milho e silagem, conforme a categoria em que se classifica e a época do ano, além da ração pre-

O FAZENDEIRO DO MÊS



A higiene, notada no beezrreiro, é fator de grande importância.

parada pela fazenda e que consiste numa mistura de farelo de soja, rolão de milho, farelo de trigo e sal mineralizado.

Existem dois grandes silos trincheiras, com capacidade total de 500 toneladas, nos quais somente é empregado o milho. Todos os pastos têm além dos bebedouros, cochos de alvenaria com divisões para o sal comum, farinha de ossos e mistura mineral comercial.

As 25 vacas em lactação recebem cerca de 8 quilos de ração e silagem à vontade e produzem em média 10 litros diários de leite "B" com 5,5% a 6,0% de gordura e entregue à Colaço, em Sorocaba.

AS INSTALAÇÕES

Tudo o que existe na Fazenda Limoeiro é resultado de 11 anos de trabalho visando facilidade de manejo, higiene e durabilidade; desse modo, as construções quando possíveis são de alvenaria, bem funcionais, sobre pisos cimentados e, quando destinadas ao gado constantemente pintadas com cal.

O que se possa desejar de maquinária para a produção de café e de leite, existe e está funcionando; há também bom terreiro tipo modelo para secagem de café, secador mecanizado, tulha e outras instalações para o produto. Foi construído um grande estábulo, separado das salas para ração, escritório e farmácia. A sala de ordenha não é muito grande, devido ao sistema de amas de leite já comentado. Foi construída, também, baia para 2 touros, com os devidos piquetes, cochos etc.

A água, captada em nascente própria, é distribuída em todos os piquetes e instalações para o gado, a maior parte em bebedouros construídos em alvenaria.

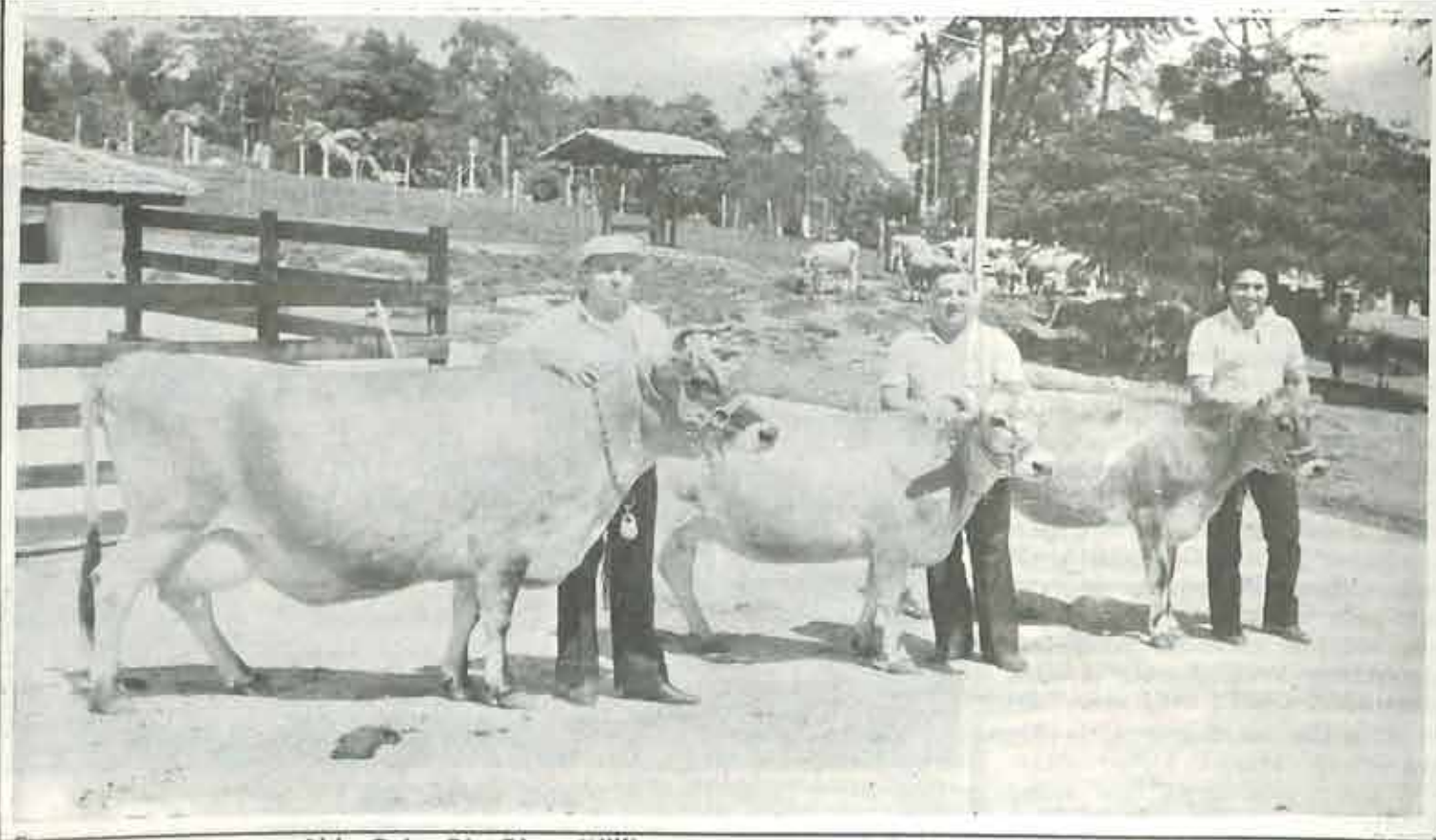
OS PRÊMIOS

O rebanho da Limoeiro é de alta qualificação, proveniente de animais todos puros de origem e com boa conformação, tendo por diversas vezes participado de exposições e alcançado sempre bons resultados.

Na EXPANDE 82, o touro LYNN'S GAMBOGE RULER obteve o 1.º Prêmio e chefiou a Progenie de Pai, também vencedora; isso era de se esperar, uma vez que ainda jovem e na Ilha de Jersey foi classificado como VERY GOOD. A vaca NERVANA DA PERPÉTUA por sua vez, foi a Grande Campeã na mesma EXPANDE-82. Diversas novilhas crioulas já obtiveram bons prêmios em exposição, sendo todas descendentes do touro importado.

Na I Exposição Nacional de Gado Jersey realizada recentemente em S. Paulo, foi adquirida em leilão e pelo preço recorde brasileiro, a vaca ITACAI BENGAL, que irá melhorar ainda mais o plantel.

Como todas as vacas, em lactação e não destinadas à ama, são controladas pelo Serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira dos Criadores (ABC), grandes produções já foram observadas. Diversas fêmeas já se inscreveram em Livro de Escol, como ODALISCA DA PERPÉTUA, MARGARETH'S DESIGN, EL CARDENALITO 15 e SANTA VALLANT 2.º ROYAL.



Aldo Raia, Dão Dio e William exibem a qualidade dos exemplares.



Técnica para secagem de produtos agrícolas

GASTÃO DE MORAES DA SILVEIRA

Por secagem entende-se a retirada da água livre de um produto agrícola, ou seja, o processo de remoção da umidade até um valor para o qual a qualidade do mesmo não seja alterada pela ação dos insetos, fungos ou bactérias. Tal valor, varia de 11 a 14% para a maioria dos grãos, e se calcula que teores de umidade entre 14 e 15%, ou mais, oferecem condições propícias para o desenvolvimento de fungos e bactérias.

Entretanto, se tal índice se situar entre 12 e 14%, os microorganismos presentes na superfície e interior dos grãos, não irão se desenvolver. Nestas condições, a intensidade da secagem deve atingir um ponto em que se garanta o poder germinativo dos grãos preservando, igualmente suas qualidades nutritivas, e que dificulte ou impeça o desenvolvimento de fungos, bactérias e insetos.

A secagem e o armazenamento da produção agrícola, dentro de padrões técnicos, constitui a operação mais importante depois da colheita. Isto se justifica uma vez que, depois de todo o trabalho de preparação do solo, aquisição de sementes, adubos e inseticidas, pagamento de juros e taxas de financiamento para custeio de produção, o agricultor só obterá efetiva compensação se o produto tiver boa qualidade na época da comercialização. Isto só é possível se a secagem for bem feita.

Para conseguir preços compensadores, o agricultor deverá secar e armazenar adequadamente o produto para poder comercializá-lo na época que lhe for mais favorável, evitando entregar a produção por qualquer preço durante a safra, nas mãos de atravessadores oportunistas.

A operação de secagem é simples, mas deve ser conduzida dentro de princípios técnicos — adequados às condições de clima nas diversas regiões do território nacional.

OS GRÃOS E AS SEMENTES

Todo projeto correto de secagem, deve fazer uma diferenciação entre grãos e sementes. Enquanto os grãos podem receber temperaturas elevadas durante a secagem, a semente não deve ser aquecida acima de 40°C, afim de não ser afetado o embrião com grandes prejuízos para a germinação. Temperaturas bastante elevadas durante a secagem das sementes, embora a priori possam não afetar o seu índice de germinação, prejudicam o seu vigor, perdendo rapidamente o poder germinativo na armazenagem.

Como todo ser vivo, a semente é um ente que respira absorvendo o oxigênio do ar e liberando gás carbônico, água e calor. A medida que aumenta a temperatura ambiente, mais intensa será a sua respiração e consequentemente maior será a produção de água, originando maior quantidade de calor na massa de grãos, o que irá facilitar a infestação de pragas. Mais calor, mais respiração, maior umidade e assim sucessivamente, até a deterioração total da semente, se for inadequadamente armazenada.

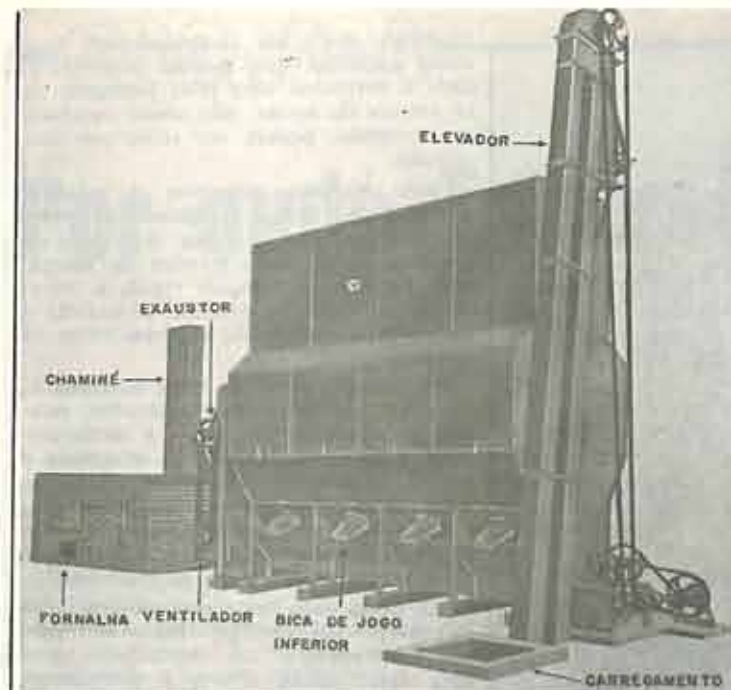
Para armazená-la de forma adequada, é preciso reduzir a sua umidade até um valor que paralise a sua respiração, impedindo a germinação ou deterioração precoce. Quanto mais seca estiver a semente, maior durabilidade teremos no armazenamento.

Nas operações de secagem, a temperatura do ar não deve ser superior a 42°C e a sua umidade relativa maior que 35% e, deve ser repetida várias vezes até atingir o índice desejado, em geral 12% para um período de armazenamento pretendido ao redor de 6 meses.

Entre duas operações de secagem do mesmo lote de sementes, devemos deixar esse lote em descanso, para que a umidade do interior da semente chegue até a superfície da mesma e seja eliminada nas operações seguintes da secagem.



Conjunto de secadores instalados na entrada de um armazém.



Uma instalação de secagem com seus órgãos componentes.

Outros produtos como café, amendoim, arroz, feijão que são consumidos em grãos, também precisam desse período de descanso para evitar rachaduras nos grãos e logicamente a sua desvalorização comercial.

Os produtos que vão ser industrializados como milho, soja, trigo etc. podem ser secos continuamente, sem o período de descanso e com temperaturas maiores do que 42°C e umidade relativa abaixo de 35%.

FORMAS DE SECAGEM

A secagem pode ser feita com a utilização de ar à temperatura ambiente, sendo, nestas condições, lenta. Outra forma é com ar aquecido, permitindo então, uma aceleração no processo. A secagem com ar à temperatura ambiente, com o processo natural, baseia-se na sua movimentação normal, sendo muito usada para diminuir a umidade do milho em espiga. Para o caso dos grãos, devido ao método de armazenagem e à resistência oferecida à passagem do ar, o sistema natural é inadequado. Nestas condições, a movimentação do ar deve ser forçada.

A secagem artificial, eliminando as perdas que poderiam ocorrer entre a época de maturação no campo e armazenamento, permite:

- a) utilização de variedades que tenham um período de crescimento mais prolongado, obtendo-se maiores produções;
- b) grande flexibilidade durante a colheita pois, possibilita que esta operação seja iniciada mais cedo — pela manhã, como também em dias úmidos e chuvosos.

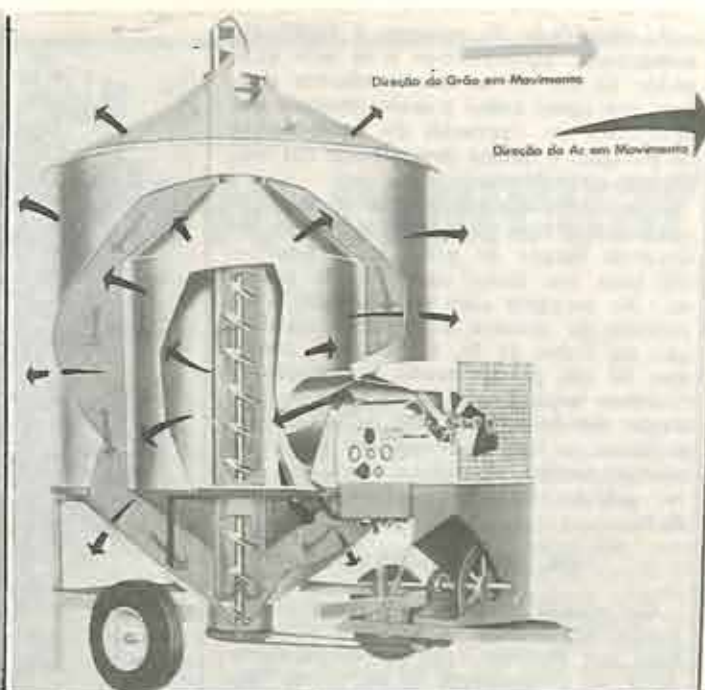
c) preparar-se para as oscilações do mercado, obtendo melhores preços pela colocação do produto antes da safra. Se no momento da colheita os preços não foram compensadores, a secagem em determinado teor de umidade e o adequado armazenamento permitirão guardar o produto até o retorno dos preços a níveis favoráveis, passados alguns meses após a colheita;

d) consegue-se produtos de melhor qualidade, com maior valor na venda e também para a alimentação. O trigo, milho e diversos outros grãos podem alcançar um tipo melhor quanto à classificação se forem armazenados convenientemente;

e) é possível guardar os produtos por longos períodos. Nos últimos anos, a armazenagem de produtos por mais de 1 ano tem sido muito importante e, deve-se destacar que os grãos guardados por mais de uma estação devem possuir 1 a 2% menos de umidade que os armazenados por um ano.

Sendo guardados relativamente secos, a qualidade dos grãos ficará muito bem conservada, porém, se guardados com grandes teores de umidade, poderá ocorrer descoloração, surgimento de odores azedos, perda do poder germinativo e prejuízos nas propriedades nutritivas.

Outro problema que pode aparecer, devido ao armazenamento com elevado teor de umidade, é o aquecimento de toda a massa, isto é, uma consequência não só do processo de respiração do próprio grão, como, também, do desenvolvimento de fungos que irão provocar a deterioração. Poderemos ter também aumento de temperatura devido à elevada atividade de respiração, se os grãos estiverem



Secador móvel de secagem descontinua.

infestados por insetos. Para evitar este problema é imprescindível que se faça uma desinfecção de toda a massa.

A INSTALAÇÃO DE SECAGEM

Uma instalação completa de secagem possui essencialmente um sistema de acondicionamento e movimentação do produto, um ventilador para movimentação do ar, e, quase sempre, um aquecedor.

O ventilador é responsável pela movimentação do ar através do produto armazenado em compartimento próprio, e dispositivos especiais que permitem a distribuição do ar de maneira uniforme entre os grãos. A umidade é retirada, empregando-se o calor do ar atmosférico ou do ar aquecido. Neste último caso, é imprescindível o emprego de um aquecedor. O óleo combustível está proibido na operação de secagem restando o gás, eletricidade, carvão, lenha, subprodutos agrícolas como palha de café e sabugo de milho, entre outros.

O êxito na secagem utilizando-se o ar atmosférico depende da escolha de um equipamento que tenha órgãos ativos adequados, facilidade de manejo e da existência de condições atmosféricas favoráveis. A espessura do produto a ser atravessado pela corrente de ar, está intimamente relacionada com a pressão estática exercida pelo produto armazenado e com o fluxo de ar. Na medida que se aumenta a camada do produto a ser seco, subirá a pressão, exigindo maior fluxo de ar. Estes fatores estão também relacionados com o tamanho dos grãos, pois, quanto menores, maiores serão a pressão e o fluxo necessários.

A velocidade de secagem é facilmente aumentada, aquecendo-se o ar nela utilizado. O uso do ar quente oferece algumas vantagens como o maior controle das condições de operação do equipamento de secagem e menor dependência das condições atmosféricas.

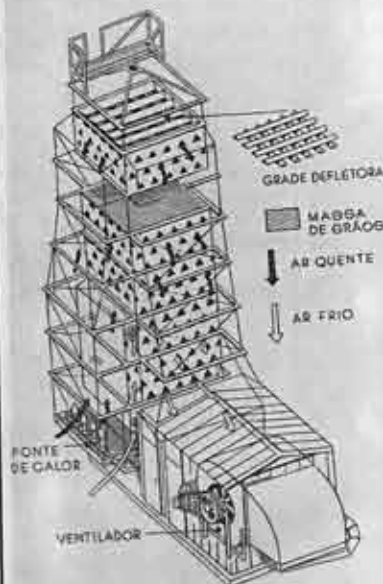
A secagem dos grãos pode ser feita em um sistema com ar quente — através de diversas cargas de grãos no secador — ou com um fluxo contínuo do produto. Na secagem com ar aquecido, a espessura da camada do produto, na direção do fluxo de ar, é, em geral, menor que 60 cm, possibilitando a obtenção de um teor homogêneo de secagem do produto. Sendo as camadas de grãos mais espessas, a massa deverá ser misturada periodicamente visando-se, com isto, evitar grandes diferenças no teor de umidade.

OS EQUIPAMENTOS

De acordo com as características dos produtos agrícolas, a secagem pode ser feita por diversos tipos de equipamentos. Além da temperatura do ar, outros fatores influem na secagem tais como: o teor de umidade — determinados produtos sofrem modificações durante o processo, se for usado ar com determinado valor de umidade; resistência à compressão — frutas e outros materiais que se deformam sob pressão devem ser secos em câmaras frias; facilidade de escoamento — materiais de baixa fluidez não podem ser usados em secadores de fluxo contínuo.

O equipamento mais indicado vai depender destes fatores já enumerados, além, da quantidade e intensidade de secagem, condições atmosféricas e aspectos de ordem econômica.

Quanto ao sistema de carregamento os secadores podem ser: descontínuos ou intermitentes e contínuos. No primeiro caso, o material é colocado no interior de um recipiente ou estrutura de contenção, e o ar quente é forçado através da massa até que ela seque. Possuem uma seção específica para o resfriamento dos grãos. Reduzida a umidade, o operador corta o fornecimento de ar quente e introduz ar ambiente na massa.



Constituição de um secador de torre contínua.

A massa de grãos pode ficar fixa, ou, então, circular pelo secador com o auxílio de um sistema elevador. No caso de ser fixa, o produto deve ter suficiente resistência à compressão para os grãos não amassarem sob o seu próprio peso, e também, manterem o espaço intersticial normal para que um fluxo adequado de ar possa circular através do material.

Os secadores intermitentes, trabalham com temperaturas mais baixas e apesar do menor rendimento, a qualidade do produto secado é superior, principalmente quando se trata de sementes.

Os secadores contínuos são mais indicados para grãos a serem industrializados e normalmente trabalham com temperaturas elevadas 60 a 80°C para fornecer alto rendimento de secagem. Têm a característica de efetuar a secagem e o res-

friamento dos grãos continuamente. Produtos agrícolas que escoam com facilidade e permitem uma fácil passagem de ar através da massa, não sendo sensíveis ao manuseio, podem ser secos por este método.

Neste sistema, coloca-se o material úmido numa moega localizada na parte superior, que fluirá, depois, pela ação da gravidade. Na parte inferior da moega, uma válvula de dosagem regula a intensidade do fluxo do produto e controla o tempo de exposição do material ao ar de secagem.

Na primeira parte da torre de secagem, os grãos, ao entrarem no secador, recebem ar aquecido que eleva a temperatura e remove a umidade. O ar quente é forçado através da coluna, perpendicularmente à direção do fluxo dos grãos. Posteriormente, estes grãos passam à seção de resfriamento, onde a temperatura é baixada até atingir a do ar ambiente.

Por outro lado, os secadores contínuos exigem prédios com pé direito alto para sua instalação, e sua capacidade, para uma determinada altura, é diretamente proporcional à largura da coluna e à velocidade de deslocamento do produto no seu interior. Se o manuseio for feito mecanicamente, os custos operacionais serão baixos.

AS FORNALHAS

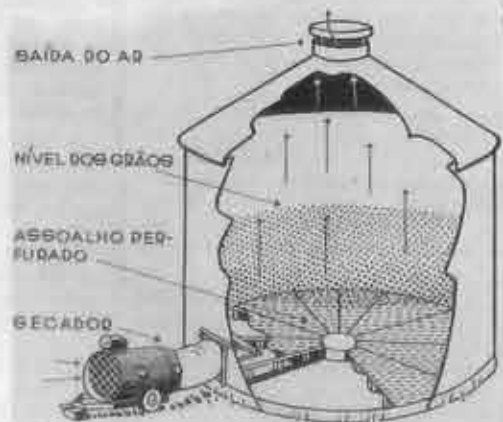
Os dois tipos de secadores são fornecidos com fornalhas para queima de lenha, carvão, energia elétrica e também energia solar. Estas são algumas alternativas de combustível para secagem.

As fornalhas ou aquecedores podem ser de fogo direto ou de fogo indireto. As fornalhas de fogo direto, secam os produtos por meio de gases diretos de combustão do combustível utilizado. As fornalhas de fogo indireto secam os produtos através do ar quente, gerado por um trocador de calor existente no seu interior e aquecido pelos gases de combustão.

Os secadores com fogo direto, quando mal operados, podem transmitir odores desagradáveis do combustível ao produto a ser secado. Por outro lado, os secadores de fogo indireto nunca transmitem odores aos produtos que estão sendo secados porque a secagem é feita somente com ar quente, não havendo contacto dos gases de combustão com o produto.

Produtos cujo valor comercial pode ser prejudicado pela presença de odores estranhos e contaminantes são normalmente secos com o uso de secadores de fogo indireto.

As fornalhas de fogo direto apresentam rendimento superior às fornalhas de fogo indireto, o que significa que gastarão menos combustível. Portanto, a escolha dependerá do valor comercial e da qualidade desejada ao produto a ser secado. A energia solar, não como uma solução definitiva, mas como um fator de economia de combustível disponível nos períodos de insolação, deve ser aproveitada integralmente na zona rural.



Silo secador com assoalho perfurado.

CRÔNICA

Por onde Tancredo deve começar

FRANCISCO TEATINI

O ESTERCO

Euclides era um de meus pequenos mutuários, que tinha umas 15 ou 20 cabeças de gado, — de mamando a caducando.

Todas as tardes, ele prendia o gado no curral e soltava na manhã seguinte. O objetivo dele era juntar esterco para sua lavoura de milho, de feijão e para sua horta de tomate. E do lucro pagar um pesado aval e sair da dívida.

Cedinho, ele mexia e rodava o gado dentro do curral para aumentar a quantidade de esterco, depois soltava. Assim ele fez e saiu das dívidas.

Eu sei que uma vaca sendo presa à tarde e solta na manhã do dia seguinte, produz de 10 a 15 kg de esterco.

Se você é um agricultor e tem 100 reses adultas, pode produzir mais de 1.000 kg de esterco por dia facilmente, que virá a ser 360 toneladas por ano. Ajuntando a isto a palha, os restos culturais, a limpeza do curral, poderá chegar de 400 a 500 toneladas de esterco por ano.

Se você for misturando em cada 100 kg de esterco, uns 4 ou 5 kg de superfosfato, você vai fazer um adubo bom e rico, porque o esterco é pobre em fósforo, no mais é um adubo e tanto, que não pode ser desperdiçado, isto é até um crime.

Com 500 toneladas de esterco, num ano você pode adubar 30 ha de milho e, com qualquer coisinha a mais de tecnologia, você pode conseguir colher em torno de 4.000 kg de milho por ha. Normalmente você está colhendo menos de 2.000 kg/ha e olhe lá!

O milho além de gostar do esterco, gosta do calcário barato, que está sobrando em Minas dos moinhos que estão parados e, gosta também de chuvas, que em Minas é suficiente.

Você vai perguntar: O que o Dr. Tancredo, tem a ver com tudo isso? Eu lhe respondo: "Guarda este negócio do esterco num canto aí da sua cabeça", pois vamos precisar dele depois.

DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO

O Governo do Estado não tem recurso e nem pode atacar todos os setores ao mesmo tempo. A falta de dinheiro nunca foi tão grande, quanto está sendo agora, e vai ser pior em 84/85. Concorde?

Os serviços públicos — de agricultura — que funcionam em Minas, são bons, mas, não estão entrosados. Não existe uma coordenação geral. O SOAPA que é um órgão imperioso para o desenvolvimento de Minas está parado, sem dinheiro. Com o Governo Federal de um lado e o Estadual do outro, as coisas se tornarão mais difíceis. Concorde também?

Veja um exemplo: A EPAMIG que é um órgão Estadual, tem que trabalhar em conjunto com a EMBRAPA, que é um órgão Federal. A EMATER tem que trabalhar entrosada com a EMBRATER. Os bancos Estaduais, são obrigados a seguir as normas do Banco Central. O IEF com o IBDF e assim por diante. Tem um punhado de serviços e convênios assim. São complementares e deveriam participar de um programa básico geral.

Você viu? O pessoal destes órgãos, mesmo jogando juntos erram muito. Já imaginou? Eles jogam em separados, sem conjunto. Guarde mais este problema num canto de sua cabeça.

O MILHO QUERIDO:

O milho é um alimento espetacular. Praticamente pode ser plantado em todo Estado de Minas. É um alimento que se você não conseguir bom preço interno, pode guardar, pode engordar porco, criar galinhas, dar ao cavalo, tratar o gado, vender sob forma de fubá, principalmente exportar para os Estados do Nordeste e para o exterior. Pode fazer angu, mingau, pamonha, farinha, pão. Olha: PÃO!

É a planta da fartura, que traz tranquilidade, para o produtor e para o Brasil. Minas produz 3.000.000 de toneladas de milho por ano. É o terceiro produtor. Rio Grande do Sul 3.200.000 e o Paraná é o maior com 5.000.000 de toneladas. Guarde na sua cabeça este milho, e não se esqueça: "CASA QUE FALTA PÃO, TODO MUNDO GRITA E NINGUÉM TEM RAZÃO". Está certo?

OS PRODUTORES E AS LIDERANÇAS:

Os agricultores mineiros reagem facilmente à qualquer motivação para a produção de alimentos. Eu sei. — Eu vivo no meio deles — O mineiro, além de ser um cara meio orgulhoso de sua terra, gosta do milho e sabe plantar. Com um

pouquinho de tecnologia, ele dobra a produção por hectare. O que lhe falta é um pouco de dinheiro, um pouco de incentivo e um pouco de orientação, para que ele dobre a produção do milho.

Novos líderes ruralistas precisam aparecer, serem convocados, treinados, para se somarem aos mais velhos. Existem líderes com vontade de produzir alimentos. Existem jovens nas cidades que são do meio rural, sem participarem dos trabalhos de liderança, por falta de oportunidade. É importante fazer com que eles sulpirem, evitando utropejar aos velhos e ocupando os espaços vazios. É um dever dos técnicos da Extensão.

O Governador Tancredo, para organizar o seu governo, pelos caminhos normais, vai demorar pelo menos uns dois anos, até que encontre estas novas lideranças rurais e urbanas, a não ser que utilize artifícios inteligentes.

Olha!... O País exige um crescimento violento na produção de alimentos, porque o número de bocas para comer aumenta dia a dia de maneira violenta. Todo mundo sabe disto, e os técnicos em agricultura sabem mais.

UMA CAMPANHA DURA:

Ajunte agora aquele esterco desperdiçado, que eu mandei você guardar na cabeça, com a atual difícil situação do Estado e do Brasil, mais os moinhos calcários parados, os bons climas de Minas, mais a vontade do plantador mineiro e mais os líderes atuantes com os serviços públicos municipais, estaduais e federais funcionando em conjunto.

O Governador Tancredo, retine isto tudo e coordena de cara uma CAMPANHA PARA O AUMENTO DA PRODUÇÃO DE MILHO, para fazer o nosso Estado colher em 1984 cinco milhões de toneladas. É por aí que o Tancredo deve começar. É ou não é? Ninguém pode ser contra. É a campanha mais linda, mais nobre e mais oportuna.

Um time deve começar jogando. Você já pensou? O Estadual chega perto do Federal e diz assim: "Venho conversar com você a respeito da campanha do milho. Temos poucos recursos mas... — é o Federal interrompe: "Companheiro! Já estava te esperando. Vamos juntos conchamar os produtores e ajudá-los. É nossa missão dobrar a produção do milho". Esta é a brecha do Tancredo, é por aí que ele tem que começar.

Como calcular o número de novilhas que vão parir anualmente

Algum dia você já teve a curiosidade de calcular quantas novilhas são esperadas para parir todo ano, com o seu tipo de manejo e com o tamanho do seu rebanho? Se a curiosidade prevaleceu ou as circunstâncias lhe obrigaram, você, provavelmente, já tenha calculado e certamente teve muito trabalho para chegar a uma resposta.

Para facilitar o trabalho de estimar o número de novilhas que deverão parir em dois anos, o gráfico abaixo foi desenvolvido.

Utilizando-se duas áreas do seu manejo (intervalo entre partos e porcentagem de perda de bezerras) encontra-se, no gráfico, um fator apropriado. Este fator multiplicado pelo número de vacas do seu rebanho, mostrará, aproximadamente, o número de novilhas que deverão parir em dois anos. É claro que, se você vender algumas novilhas antes delas parirem, elas devem ser subtraídas do número projetado.

Para mostrar como o gráfico pode ser usado, tomaremos um exemplo. Em um rebanho de 85 vacas, o intervalo entre partos é de 13 meses e a porcentagem de perda de bezerras é ao redor de 6% (incluindo-se nessa porcentagem os bezerras nascidos mortos e todos aqueles que morreram até um ano de idade).

O eixo vertical do gráfico mostra a escala para o intervalo entre partos. O eixo horizontal do gráfico representa a porcentagem de perda de bezerras. Uma linha vermelha está desenhada horizontalmente sobre a linha indicativa de 13 meses de intervalo entre partos. Uma outra linha vermelha está desenhada verticalmente sobre a linha dos 6% de perda de bezerras. Estas duas linhas vermelhas encontram-se em um determinado ponto (é a interseção entre elas). Outra linha vermelha está desenhada, no sentido descendente, a partir do ponto de interseção, formando um ângulo.

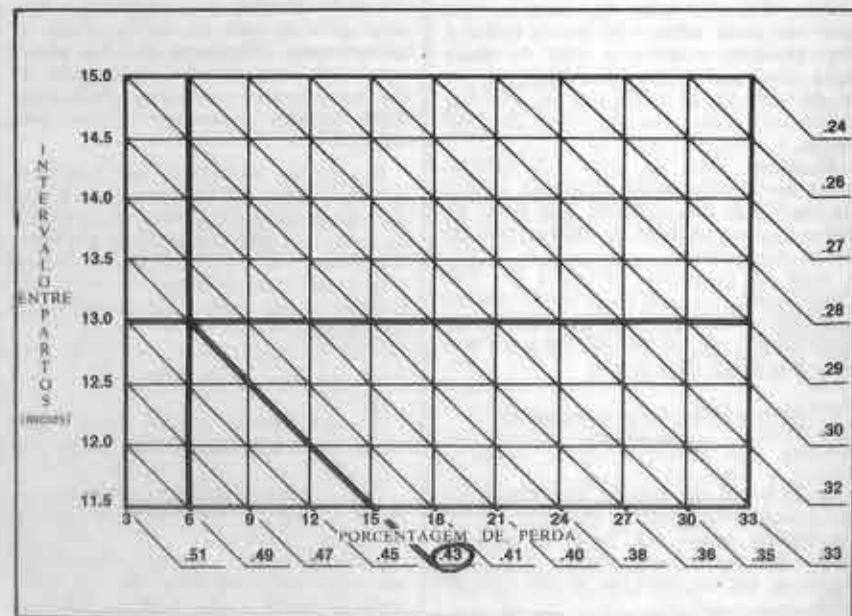
Seguindo-se esta linha, encontra-se o fator 0,43, na base do gráfico. Multiplicando-se o fator 0,43 pelo número de vacas do rebanho (que no exemplo é 85) tem-se como resultado 36,6 ou, por aproximação, 37. Assumindo-se que nenhuma novilha será vendida, cerca de 37 novilhas irão parir daqui a dois anos.

Além das duas variáveis que entram no gráfico (intervalo entre partos e porcentagem de perda de bezerras) existem, ainda, quatro suposições incorporadas à tabela: 1 — Aproximadamente 20% de todas as vacas do rebanho não produzem bezerras devido ao descarte ou à infertilidade. 2 — 49% de todos os bezerras nascidos são fêmeas. 3 — 10% de todas as bezerras serão descartadas devido a problemas genéticos ou de tipo.

4 — O tamanho do rebanho e o manejo quase não mudaram durante os últimos dois anos.

Para mostrar como estes fatores foram estimados, o longo método de computação está simplificado abaixo:

Começo: 85 vacas.
Em média, 20% das vacas deixam de parir = $85 \times 80\% = 68$ vacas.
Intervalo entre partos = 13 meses é igual a 12/13 ou $0,923 \times 68 = 62,8$
49% de todos os bezerras nascidos são fêmeas = $62,8 \times 49\% = 30,8$
6% de perda de bezerras = $30,8 \times 94\% = 28,9$
10% das bezerras são removidas por várias razões = $28,9 \times 90\% = 26$
Novilhas de primeira cria que pariram durante o ano — 26 novilhas



49% tiveram bezerras = $26 \times 49\% = 12,7$
6% de perda de bezerras = $12,7 \times 94\% = 12$
10% dessas bezerras foram removidas = $12 \times 90\% = 10,8$
Soma de todas as novilhas que deverão parir = $26 + 10,8 = 36,8$ ou 37

Devido ao arredondamento dos números e das generalizações, há cerca de 10% de margem de erros. As bezerras nascidas de novilhas, as quais pariram quatro anos atrás não foram incluídas no cálculo. Presupondo-se que o tamanho do rebanho permaneceu constante, o criador que deseja praticar um bom manejo, ele deve descartar alguns animais devido a baixas produções de leite. E, provavelmente, muitos destes animais vendidos deixaram o rebanho antes de parirem.

Se o criador for um daqueles com pouca sorte e que calculou apenas 40% de nascimento de fêmeas, um cálculo adicional da figura determinada pela tabela pode ser mais aplicável a sua situação. Simplesmente dobrando a porcentagem de bezerras esperadas ($40\% \times 2 = 80\%$) e multiplicando-se esta porcentagem pelo número de novilhas que o gráfico indicou. Se a fazenda do exemplo anterior espera o nascimento de 40% de bezerras, multiplica-se $37 \times 80\% = 29,6$ ou 30 novilhas. Por outro lado, se, por alguma razão, espera-se 65% de nascimento de fêmeas, o cálculo é o seguinte: $65\% \times 2 = 130\%$; $130\% \times 37 = 48,1$ ou 48 novilhas.

Existem vários usos para esta tabela. Um deles é o de ilustrar como o manejo influencia no número de bezerras existentes em uma criação. Por exemplo, se um rebanho possui um intervalo entre partos de 14,5 meses e uma porcentagem de perda de bezerras de 24% (um rebanho de 85 vacas), apenas 25 novilhas iriam parir em 2 anos. Olhando-se no gráfico, o fator 0,29 é o encontrado para tal exemplo e multiplicando-se 0,29 por 85 vacas, encontra-se o número 24,6, ou seja, 25 novilhas. Podemos, então, observar que, comparando-se este último exemplo (um manejo que mostra 14,5 meses de intervalo entre partos e 24% de perda de bezerras) com o primeiro exemplo (um tipo de manejo que proporciona 13 meses de intervalo entre partos e 6% de perda de bezerras) existe uma diferença de 12 novilhas em favor do exemplo com melhor manejo. Se o preço de uma novilha for X, isto significa que um rebanho com um manejo deficiente deixa de ganhar 12 x em novilhas. Além disso, uma menor pressão de seleção é imprimida ao rebanho porque haverá uma menor disponibilidade de novilhas para reposição. Consequentemente, uma menor quantidade de vacas poderão ser descartadas em virtude de baixa produção de leite e, como resultado, haverá uma queda na média da produção do rebanho.



Fórmulas dizem que o rebanho pode crescer apesar do criador se achar desencorajado.

COMO CALCULAR E ESTIMAR O CRESCIMENTO DO REBANHO: É claro que, com o atual preço do litro de leite e com a política governamental para este setor, o criador está desestimulado e desencorajado de expandir o seu rebanho. Entretanto, existe um método para se calcular o crescimento de um rebanho. É um cálculo bem complexo e que envolve equações algébricas. Para se fazer a estimativa, primeiro determina-se a porcentagem de crescimento anual do rebanho. Isto é feito pela seguinte fórmula:

$$(C + [C(F)])(100\% - R) = \frac{100}{G}$$

Onde:
C = número de vacas do rebanho.
F = o fator encontrado a partir do gráfico que é usado para calcular o número de novilhas que irão parir.
R = a porcentagem de descarte do rebanho.
G = porcentagem de crescimento do rebanho. (sendo $G = \frac{100}{X} - 100$)
N = o número de anos que o rebanho poderá crescer.

Então, uma segunda fórmula é utilizada:

$$(C [1 + \frac{G}{100}]^N) = \text{o tamanho do rebanho em "N" número de anos.}$$

O exemplo a seguir mostrará como se faz os cálculos: um rebanho de 40 vacas tem um intervalo entre partos de 13 meses e 9% de perda de bezerras. A porcentagem de descarte do rebanho é de

25% e o criador deseja saber quantas vacas ele terá em 5 anos, se ele não vender nenhum animal por motivo de baixa produção. Primeiramente, determina-se o fator 0,41, localizando-se o fator correto através do intervalo entre partos e a porcentagem de perda de bezerras. Em seguida, coloca-se os termos dentro da primeira fórmula: C = 40

$$F = 0,41$$

$$R = 25$$

$$(40 + [40(0,41)])(100\% - 25\%) = \frac{100}{G}$$

$$(40 + 16,4)(75\%) = 105,8\%$$

$$105,8 - 100 = 5,8$$

Trazendo-se G = 5,8 para a próxima fórmula, teremos:

$$(40 [1 + \frac{5,8}{100}]^5) = \text{tamanho do rebanho}$$

O próximo cálculo é o mais difícil: 1.058 deve ser multiplicado por ele mesmo 5 vezes.

$$1,058 \times 1,058 \times 1,058 \times 1,058 \times 1,058 = 1,33$$

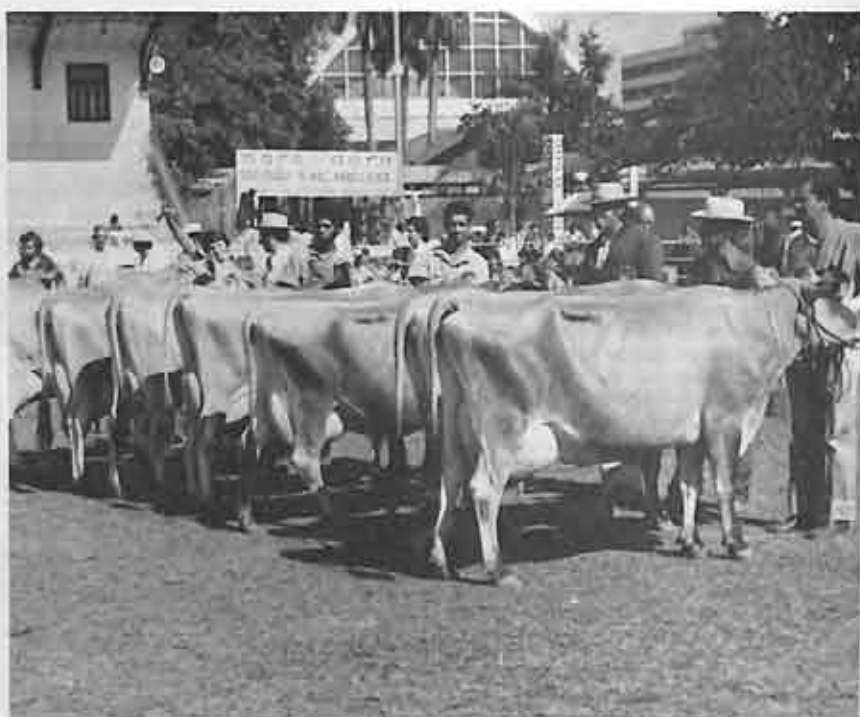
$$1,33 \times 40 \text{ vacas} = 53 \text{ vacas}$$

Novamente, é bom lembrar que este número é uma estimativa, e presuppõe-se que o manejo sofrerá pouca mudança durante os anos de crescimento.

Artigo traduzido da "Hoard's Dairyman" — The National Dairy Farm Magazine, 10 de setembro de 1981, por JOSÉ LUIS DO AMARAL FILHO, Médico Veterinário (CRMV-4 n.º 3283).



A higiene da ordenha faz diminuir o perigo de contaminação do leite



Manter o rebanho em bom estado de higiene é fator importante para a qualidade do leite.

Aqui estão alguns itens que auxiliam a manutenção de uma baixa contagem de bactérias, de acordo com os especialistas da South Dakota State University: 1) Tenha certeza de que todas as superfícies que entrarão em contato com o leite encontram-se limpas antes de cada uso e desinfetadas após a sua utilização. Não enxaguar apenas com água comum ao invés de usar desinfetantes. 2) Manter as teteiras e as outras partes de borracha da ordenhadeira sempre limpas e em bom estado de conservação. Em algumas instalações, este item é muitas vezes negligenciado. 3) Resfriar o leite rapidamente, tão logo ele seja ordenhado. Com esta providência, haverá a inibição do crescimento da população bacteriana do leite. 4) Manter, sempre que possível, as vacas em bom estado de higiene. 5) Empregar uma higiene apropriada no momento da ordenha. Importantes aspectos de um bom programa de higiene da ordenha incluem a lavagem do úbere, a utilização de toalhas de papel descartáveis para cada vaca, com a finalidade de enxugar o úbere e as tetas antes da ordenha, além de utilizar uma efetiva solução para imergir as tetas após a ordenha. 6) Excluir o leite com problemas do leite que será mandado para o consumo.

O colostro da vaca Jersey é o melhor na proteção contra as enfermidades.

As concentrações de imunoglobulinas do colostro foram comparadas entre cin-

co raças leiteiras na Pennsylvania State University.

Amostras de colostro foram obtidas imediatamente após o parto de 19 vacas Ayrshire, 17 vacas Parda Suíça (Schwyz), 12 vacas Guernsey, 19 vacas holandesas e 5 vacas Jersey. A concentração média de imunoglobulinas no colostro para cada raça foi a seguinte: 8.1% para a raça Ayrshire, 6.6% para a raça Parda Suíça, 6.3% para a raça Guernsey, 5.6% para a raça Holandesa e 9.0% para a raça Jersey. O colostro das vacas Jersey teve a mais alta concentração de imunoglobulinas G, A e M de todas as raças. O colostro das vacas holandesas foi o mais baixo em concentração de imunoglobulinas G enquanto que o colostro das vacas Guernsey foi o mais baixo em imunoglobulinas A e M. A alta mortalidade de bezerros e a grande incidência de problemas de saúde, freqüentemente reportados ao gado Guernsey, podem estar relacionados com a baixa concentração de imunoglobulinas A e M no colostro. Além disso, as concentrações de imunoglobulinas colostrais foram mais baixas em novilhas de primeira cria do que em vacas de terceira e quarta lactações. As concentrações de imunoglobulinas A e G tendem a ser mais baixas em animais primíparas.

Artigo traduzido da *Hoard's Dairyman* — the National Dairy Farm Magazine de 10-09 e 1-10 de 1981, por JOSÉ LUIS DO AMARAL FILHO, Médico Veterinário — CRMV-4 — n.º 3283.

Classificação do tipo em gado leiteiro: revisão

Sinópsse. Os métodos pelos quais o tipo é avaliado e as razões da introdução de esquemas de classificação dos bovinos leiteiros pelo tipo são revistos. A maioria dos esquemas de tipo é operada por sociedades de melhoramento de raças, com o propósito de auxiliar seus membros a apoiarem o mais rigorosamente possível o "verdadeiro tipo racial". Os efeitos da idade e dos inspetores (classificadores) sobre a avaliação do tipo foram tidos como significativos, assim como aqueles da fase da lactação, estação do ano, rebanho e touro (pai).

As correlações entre contagem de pontos final e características e entre essa contagem e a aparência geral estão próximas de 1. As herdabilidades dos defeitos

do tipo são tidas como geralmente baixas, mas são citados valores mais elevados, particularmente para características não ligadas à reprodução quando se admite a discontinuidade. As herdabilidades dos grupos de caracteres com a contagem final são suficientemente elevadas para dar uma resposta esperada à seleção. As correlações entre tipo e produção leiteira são pequenas, mas positivas. O benefício da combinação de características de tipo com produção em um índice parece duvidoso. As vacas de bom tipo leiteiro tendem a sobreviver mais no rebanho do que as de tipo pior, mas as razões disto não são claras. Os problemas inerentes à análise de dados de categorias e os métodos de superá-los são discutidos.

I. Introdução

A moderna vaca leiteira é essencialmente uma máquina produtora de leite, em uma indústria crescentemente comercial. Assim sendo, ela deve ser usada com a máxima eficiência, a fim de propiciar os maiores ganhos possíveis, financeiros e de produção. Contudo, uma vaca de bom temperamento requer menos atenção individual do que outra com mau temperamento, sendo assim mais eficiente. O mesmo pode ser dito das vacas de bom tipo, ou seja, aquelas que apresentam a chamada "atração visual". Esta questão tem sido objeto de discussão por muitos anos, argumentando alguns que o tipo de uma vaca leiteira pouca relação tem com seu valor como produtora (Hyatt e cols., 1949).

Exige-se de uma vaca leiteira que ela possa produzir o máximo possível, pelo maior tempo possível. Sendo assim, ela deve receber todos os benefícios que um bom manejo possa proporcionar. A vaca domesticada desenvolveu-se em outro meio que o da pecuária intensiva de hoje. Com o propósito de suportar o "stress"

dessa atividade, certos atributos físicos são desejáveis e os criadores esperam que a seleção mediante eles possa aumentar a vida produtiva da vaca no rebanho. Seja isto verdade ou não, são ainda pagos preços elevados para animais de bom tipo e muitos produtores de leite consideram tanto o tipo como a produção variáveis em graus (White, 1974). Então, a importância dada ao tipo pode ser determinada pelo seu valor econômico para o criador, o que varia de rebanho para rebanho (Tyler & Hyatt, 1948).

Há vários problemas inerentes à classificação do tipo, não sendo menor aquele da subjetividade dos dados. O número de pontos de uma vaca depende do examinador, assim que se os números são comparáveis, os classificadores precisam medir cada vaca com vistas ao mesmo "ideal". Indubitavelmente pode haver uma substancial diferença de ideais entre indivíduos que avaliam. Contudo, mesmo dentro de um grupo, é improvável que dois examinadores quaisquer usem o mesmo padrão ou dêem a mesma ênfase a cada ponto. As diferenças também podem provir da importância que cada avaliador dá

ao estado físico da vaca, ou seja, sua idade ou fase da lactação.

Nas seções a seguir, esses problemas são examinados, juntamente com as adequações fenotípicas e genéticas das características do tipo. A maioria dos trabalhos revistos provém da América do Norte e concerne à raça Holstein-Friesian (H-F).

Poucos trabalhos desta natureza têm sido publicados na Europa, onde é dada maior importância à capacidade produtiva de carne da vaca leiteira do que ao tipo essencialmente leiteiro. Isto se deve às interrelações entre as pecuárias de corte e leiteira na Europa, em contraste com a sua total separação nos E.U.A. e Canadá.

II. Classificação do tipo

A classificação do tipo é usada por muitas organizações na América do Norte e Europa. A Sociedade do Gado Jersey estabeleceu pontos para conformação durante o último século e os Frísios Holandeses vêm sendo classificados pelo tipo desde 1903. Os H-F foram primeiramente

classificados por tipo em 1922 no Canadá e em 1928 nos E.U.A., onde foram seguidos em 1936, 1941 e 1946 pelos Jerseys, Ayrshires e Guernseys, respectivamente (Becker, 1973; Yapp, 1959). No Reino Unido os Frísios foram admitidos nos primeiros "herdbooks" por inspeção do tipo de 1909 a 1914 e desde aquela época os ingressos têm sido somente pelo pedigree (Stanford, 1956). O mesmo esquema para tipo dos Frísios Britânicos teve vigência em 1963.

Conquanto uma tabela de pontos para tipo tenha sido usada antes no R.U., parece que o desenvolvimento dela, em sua forma corrente, pela Associação do Gado Leiteiro Puro da América, em 1943, marcou o primeiro passo para o estabelecimento de um moderno programa de classificação pelo tipo. Por este sistema, as vacas são classificadas na fazenda, em condições normais, por um inspetor profissional que preenche uma ficha de acordo com suas impressões do animal naquele momento. Um exemplo de tabela de pontos é mostrado na Figura 1.

Por muitos anos as vacas foram classificadas segundo uma só contagem de pontos, mas depois chegou-se à conclusão de que a classificação deveria ser baseada no total de partes do corpo avaliadas separadamente e assim foi introduzido o sistema dividido em componentes. O número e identidade dos caracteres componentes da divisão variam segundo o corpo examinado. Contudo, a variedade não é muito grande e aquela mostrada na tabela da Figura 1 é típica. Os pontos gerais, tais como tamanho, peso e temperamento podem ser notados na tabela de pontos, mas não são usualmente pontos decisivos. De fato, eles podem ser classificados como partes de um dos caracteres divididos em componentes, por exemplo, o peso está ligado intimamente com a capacidade do corpo. A contagem final de pontos, pela qual a vaca é classificada, é obtida pela soma dos pontos atribuídos às divisões de caracteres.

Com base na contagem ou escore final de pontos as vacas são, em muitos sistemas, divididas em cinco categorias: Má (M), Regular (R), Boa (B), Muito Boa (MB) e Excelente, sendo que os nomes e escores das divisões variam ligeiramente de um sistema para outro. Entretanto, verificou-se que um número muito grande de vacas cai na categoria média (B), assim que esta foi subdividida no sistema adotado pela Sociedade do Gado Frísio-Britânico em Boa (B) e Boa plus ou Boa para-muito (B+).

As vacas das categorias B e acima desta são geralmente consideradas desejáveis, no passo que em algumas sociedades de raças, tais como a Sociedade do H-F dos E.U.A., até 1959, as categorias R e M eram penalizadas com uma proscricção de registro de sua prole masculina e o cancelamento dos registros, respectivamente. Parece haver escassez de vacas nestas duas classes (Copeland, 1938) embora muitos autores tenham limitado seus dados a vacas classificadas com "R" e acima (Tabler & Touchberry, 1955. Copeland (1938) sugeriu que isto era devido à refugagem de animais de má qualidade, e que esta estimulação para o descarte seria uma vantagem inerente ao sistema de classificação pelo tipo.

Figure 1
THE BRITISH FRIESIAN CATTLE SOCIETY **TYPE CLASSIFICATION REPORT (FEMALE)**
OF GREAT BRITAIN AND IRELAND

NAME: _____ PREFIX: _____
H.B. No.: _____

DATE OF BIRTH: _____ DATE OF CLASSIFICATION: _____ FIELD OFFICER: _____ DATE: _____
SIRE: _____ H.B. No.: _____

Use an APPROVED black fibre-tipped pen
Mark cattle
Mark
Cancel errors
Mark

N.B. NUMBER

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000	1001	1002	1003	1004	1005	1006	1007	1008	1009	1010	1011	1012	1013	1014	1015	1016	1017	1018	1019	1020	1021	1022	1023	1024	1025	1026	1027	1028	1029	1030	1031	1032	1033	1034	1035	1036	1037	1038	1039	1040	1041	1042	1043	1044	1045	1046	1047	1048	1049	1050	1051	1052	1053	1054	1055	1056	1057	1058	1059	1060	1061	1062	1063	1064	1065	1066	1067	1068	1069	1070	1071	1072	1073	1074	1075	1076	1077	1078	1079	1080	1081	1082	1083	1084	1085	1086	1087	1088	1089	1090	1091	1092	1093	1094	1095	1096	1097	1098	1099	1100	1101	1102	1103	1104	1105	1106	1107	1108	1109	1110	1111	1112	1113	1114	1115	1116	1117	1118	1119	1120	1121	1122	1123	1124	1125	1126	1127	1128	1129	1130	1131	1132	1133	1134	1135	1136	1137	1138	1139	1140	1141	1142	1143	1144	1145	1146	1147	1148	1149	1150	1151	1152	1153	1154	1155	1156	1157	1158	1159	1160	1161	1162	1163	1164	1165	1166	1167	1168	1169	1170	1171	1172	1173	1174	1175	1176	1177	1178	1179	1180	1181	1182	1183	1184	1185	1186	1187	1188	1189	1190	1191	1192	1193	1194	1195	1196	1197	1198	1199	1200	1201	1202	1203	1204	1205	1206	1207	1208	1209	1210	1211	1212	1213	1214	1215	1216	1217	1218	1219	1220	1221	1222	1223	1224	1225	1226	1227	1228	1229	1230	1231	1232	1233	1234	1235	1236	1237	1238	1239	1240	1241	1242	1243	1244	1245	1246	1247	1248	1249	1250	1251	1252	1253	1254	1255	1256	1257	1258	1259	1260	1261	1262	1263	1264	1265	1266	1267	1268	1269	1270	1271	1272	1273	1274	1275	1276	1277	1278	1279	1280	1281	1282	1283	1284	1285	1286	1287	1288	1289	1290	1291	1292	1293	1294	1295	1296	1297	1298	1299	1300	1301	1302	1303	1304	1305	1306	1307	1308	1309	1310	1311	1312	1313	1314	1315	1316	1317	1318	1319	1320	1321	1322	1323	1324	1325	1326	1327	1328	1329	1330	1331	1332	1333	1334	1335	1336	1337	1338	1339	1340	1341	1342	1343	1344	1345	1346	1347	1348	1349	1350	1351	1352	1353	1354	1355	1356	1357	1358	1359	1360	1361	1362	1363	1364	1365	1366	1367	1368
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Quadro 1. Porcentagem da variação devida a diferentes efeitos

(a) McClintock & O'Connor (1979)

Caracter.	Fonte	ano	região dentro do ano	área dentro da região	reb. dentro da área	touro dent. do rebanho	progênie dentro do touro
Capacidade do corpo		4,3	0,2	1,4	7,8	12,3	74,2
Quartos mamários anteriores		3,2	1,7	1,6	5,0	9,6	78,7
Quartos mamários posteriores		1,5	1,6	2,4	4,7	13,3	76,4
Forma da teta		3,6	0,6	2,6	4,0	12,6	76,5
Posição da teta		2,7	2,9	1,6	3,1	12,3	77,4

(b) Hansen e cols. (1969)

Caracter.	Fonte	rebanho	touro dent. do rebanho	progênie dentro do touro
Capacidade do corpo		5,1	5,86	29,22
Sistema mamário		8,33	6,3	32,87
Caracteres leiteiros		5,4	4,75	17,89
Aparência geral		7,53	4,99	35,43
Escore final		2,1	1,25	8,78

Quadro 2. Resultados da repetibilidade da classificação do tipo dentro da vaca, antes e depois dos ajustes para efeitos de ambiente e redução das porcentagens em somas de quadrados — de Wilcox e cols. (1958).

Característica	Repetibilidade n. ajustada	ajustada	% de redução em soma de quadrados
Contagem final de pontos	0,414	0,440	10,7
Aparência geral	0,431	0,442	8,3
Pés & pernas	0,316	0,320	2,2
Garupa	0,537	0,593	6,0
Caracteres leiteiros	0,264	0,280	7,5
Capacidade do corpo	0,189	0,208	12,3
Sistema mamário	0,330	0,332	4,9
Quartos mamários anteriores	0,364	0,365	1,8
Quartos mamários posteriores	0,288	0,311	6,0

acordo com os achados de Wilcox e cols. (1959), exceto o caso dos caracteres leiteiros que tiveram escore mais elevado no terceiro mês, isto é, na fase média da lactação. Ademais, foi verificado que as vacas deram 0,82 ponto acima da média no primeiro mês da lactação e 0,42 ponto abaixo da média no segundo mês, em uma escala de 1-6. A porcentagem da variação devida a rebanho e pais em uma análise designada para contagem final, aparência geral, caracteres leiteiros, capacidade do corpo e sistema mamário, citada por Hansen e cols. (1969), figura no Quadro 1.

Somente para vacas em sua primeira lactação, Carter e cols. (1965) encontraram que 8% da variação do escore final são devidas a diferenças de rebanho, 7% a diferenças de pai-dentro-do-rebanho e 83% a erro. Eles concordam com Norman & Van Vleck (1972) em que pouco se ganha com um sistema de comparação contemporânea para tipo.

Legates (1970), analisando dados de vacas H-F de 2, 3, 4 e 5 ou mais anos de idade separadamente verificou que os componentes da variação do rebanho para contagem final e quatro divisões de caracteres (aparência geral, caracteres leiteiros, capacidade do corpo e sistema mamário) eram um tanto mais elevados do que nos relatos anteriores, em 13-25%. Para classificações individuais descritivas, os componentes de rebanho foram mais baixos, em 6-14%. A interação entre componentes de rebanho e pai correspondem a somente 0-8% de variação.

McClintock & O'Connor (1979) estudaram novilhas Frísio-Britânicas. Estimaram a porcentagem da variação em uma análise hierárquica de nove características do tipo, mais a conformação para carne, algumas das quais são mostradas no Quadro 1. Os resultados da variância devida a ano e rebanho concordam com os relatos anteriores, embora as porcentagens para rebanho pareçam ser um pouco mais

baixas. Isto provavelmente é devido aos efeitos da região e área terem sido suprimidos. Os efeitos da área e da região foram significativos para todas as características, ao passo que os efeitos da região não o foram para capacidade do corpo, linha superior e garupa. Os efeitos do ano não foram significativos para pernas, pés, quartos traseiros do úbere e posição da teta. Tal como em outros relatos, mais de 75% da variação não tiveram explicação.

Wilcox e cols. (1958) estimaram a repetibilidade das contagens do tipo antes e após ajuste da estação do ano, fase da lactação e ordens de lactação. A semelhança de Hansen e cols. (1969) eles verificaram que a fase da lactação tem efeito diferente sobre características diversas, embora muitas contagens de pontos sejam mais baixas no meio da lactação. As repetibilidades de todas as características aumentaram com os ajustes, embora em algumas somente pouco. As correções somente foram efetuadas se os efeitos eram significativos ao nível de 10% de probabilidade. Os resultados são exibidos no Quadro 2. A variação, tanto "dentro" como "entre" vacas, foi reduzida pelos ajustes.

As contagens em geral foram mais baixas no outono do que na primavera.

Policultor Cemaq REVOLUÇÃO NA AGRICULTURA BRASILEIRA UM NOVO CONCEITO EM EQUIPAMENTOS DE TRACÇÃO ANIMAL



- O policultor Cemaq é um autêntico trator a tração animal.
- Você compra um policultor e pode utilizar no mesmo até 21 implementos diferentes.
- É apresentado em 3 modelos, para áreas de 2 a 15 hectares.
- Com o manual de instruções torna-se muito fácil trabalhar com o Policultor Cemaq.
- Pode-se utilizar bois, burros ou cavalos com excelente rendimento.
- Você trabalha mais descansado e produz mais.
- Foi desenvolvido em trabalho conjunto com EMBRAPA (CPATSA), EMBRATER, EMATERCE (CE), FINEP.



como foi confirmado por Wilcox e cols. (1959). O escore final não mudou apreciavelmente entre a primeira e a segunda fases da lactação, mas pés e pernas, sistema mamário e quartos mamários traseiros foram constantemente diminuídos de grau. As alterações das duas últimas características podem ser sempre esperadas durante a lactação, mas parece um tanto surpreendente que características tais como pés e pernas sejam afetadas. Com exceção dos caracteres leiteiros, todas as características, especialmente a capacidade do corpo se elevaram na terceira fase da lactação, resultando em aumento de contagem final de pontos. Tanto a redução nos caracteres leiteiros como a elevação na capacidade do corpo são devidas provavelmente ao aumento de peso na última fase da lactação.

Assim, parece que a existência de alguns efeitos sobre as notas do tipo tem sido adequadamente demonstrada, embora algumas das razões para as alterações ocorridas ainda sejam ignoradas. Contudo, grande parte da variação do tipo entre vacas ainda é inexplicável, podendo ser que haja muitos efeitos diminutos para todos eles, jamais identificados com precisão.

IV. Variação devida à idade

Presume-se que muitos componentes do tipo se modificam a medida que a vaca envelhece. De acordo com Yapp (1959) há defeitos que melhoram com a idade e os que pioram com o tempo. Estes, naturalmente afetam o número de pontos dados ao tipo. White e cols. (1967) verificaram que o dorso, os mem-

brós posteriores, as quartelas, a profundidade da cavidade abdominal, o torax e a maioria das características do úbere são afetados pela idade.

Hyatt e cols. (1949) observaram as relações entre contagens para tipo de fêmeas Ayrshire quando novilhas novas e quando vacas. Em certos casos, os animais foram classificados a cada 6 meses, dos 6 ou 12 meses até os 5 anos de idade, sendo dados graus de 5 para excelentes a 1 para regulares. Os desvios padrão intra-animal foram de 0,62 para as novilhas, 0,65 para as vacas e 0,66 no geral e, de acordo com o desvio padrão intra-vaca de 0,64 encontrado por Hyatt & Tyler (1948). Setenta e cinco por cento das novilhas somente variaram de um grau ou menos entre a primeira classificação e o primeiro parto e 60% delas variaram de um grau ou menos entre 6 meses e 4-5 anos de idade. Até a primeira parição, 24% das novilhas tiveram uma variação de 2 graus e, em relação a todo o período, 38% tiveram uma variação de 2 graus. Somente uma novilha e seis animais, em geral exibiram uma variação de 3 graus. Em média as contagens das novilhas permaneceram as mesmas aos 6, 12, 18 e 24 meses de idade. As correlações entre combinações de notas aos 6, 12, 18, 24 e 30 meses e entre notas de pelo menos 4 idades e primeira e segunda notas após o parto, foram significativamente diferentes ao nível de 5%. As contagens atribuídas aos animais mais jovens do que com 1 ano de idade parecem ter pouca utilidade no que concerne à previsão das notas do adulto. Isto concorda com o trabalho feito por Johnson & Lush (1942) que também encontraram o fato de que as contagens a 1 ano de idade são quase tão exatas como as notas dadas a vacas maduras. As correlações

listadas por Hyatt e cols. (1949) tenderam, no entanto, a ser baixas, nenhuma delas superior a 0,6 e muitas ficando abaixo de 0,5. A correlação entre a média das primeiras e segundas notas após o parto e todas as notas dadas antes do parto foi de 0,44. A regressão da média das notas após o parto sobre a média das notas adjudicadas antes do parto foi de 0,45. Portanto, parece haver alguma alteração do tipo com o decorrer da idade, assim como uma tendência para as contagens aumentarem com o tempo. Isto foi confirmado por Wilcox e cols. (1958) e Cassell e cols. (1973). Os primeiros encontraram escores na primeira e segunda lactações consistentemente mais baixos do que da terceira lactação para a quinta e os últimos, trabalhando com fatores de correção para idade, computaram para cada intervalo de 2 meses, entre 24 e 120 meses e verificaram que todas as características melhoraram com a idade, especialmente os caracteres leiteiros e a capacidade do corpo, mas que o sistema mamário permanecia virtualmente imutável entre 44 e 104 meses de idade.

Clifton & Ely (1955), trabalhando com novilhas H-F de 3, 6 e 12 meses de idade encontraram que a repetibilidade variou de 0,16 a 0,37 para diferentes características e idades e que a idade determina uma melhora visível nas espaldas e torax, assim como nos pés e pernas, mas produz uma deterioração da garupa e da coxa. Ao classificar novilhas, ocorreram problemas semelhantes aos de vacas especialmente ao identificar e ajustar os fatores que mudam com a idade. Também as novilhas, são classificadas quase na mesma base que as vacas e isto seria discutível porquanto aquelas podem divergir muito em tipo dos indivíduos adultos.

RAÇA PITANGUEIRAS

Produção de leite e carne em regime de campo



Lote de novilhas Pitangueiras.

Agropastoril Nazareth Ltda - Chácara Nazareth

Prop.: JOÃO PACHECO CHAVES

End.: Rua do Rosário, 2202 — Fone: 22-7138 — Piracicaba - SP

Parece que a repetibilidade das notas se eleva um pouco mas firmemente com a idade até 4 ou 5 anos e depois diminui (Johnson & Lush, 1942).

A variação das notas das novilhas é menor do que a de vacas (Hyatt e cols., 1949) devido ao fato das novilhas não mostrarem defeitos tão graves como os dos pés, pernas e úbere das vacas. Esta variação poderá aumentar com a idade em um rebanho sem refugagem. Contudo, em um plantel onde há refugagem, os animais com defeitos específicos são provavelmente eliminados mais cedo. Entretanto, Hyatt e cols. (1949) admitem que parte deste efeito é devido ao fato dos juízes hesitarem em dar notas extremas a novilhas, no caso dos últimos registros mostrarem grande diferença. Isto contrasta com o ponto de vista de Wilcox e cols. (1958) que sugerem que as notas mais baixas em animais mais novos provêm de juízes mais exigentes no que concerne as notas, porquanto elas podem ser elevadas mas não abaixadas em classificações posteriores.

As interações entre idade e touro (pai) e entre idade e fase da lactação foram tidas como não significativas por Wilcox e cols. (1957) e por Norman & Van

Vleck (1972), respectivamente. Wilcox e cols. (1957) concordaram com Norman & Van Vleck (1972) em que a garupa é a característica do tipo mais altamente repetível no decorrer de idades diferentes, com cerca de 0,55 e que os caracteres leiteiros são os menos repetíveis, com cerca de 0,19. O sistema mamário e as características do úbere parecem ter baixa repetibilidade (Wilcox e cols. (1957)).

V. Variação devida a inspetores (classificadores)

Um dos principais problemas da classificação pelo tipo é o erro humano envolvido em exames visuais. Parece haver certa controvérsia na literatura quanto à magnitude da variação devida a diferenças entre inspetores. Benson e cols. (1951) não encontraram diferença significativa entre classificadores de vacas e novilhas Ayrshire. Divergências significativas entre inspetores foram encontradas por McGilliard & Lush (1956) somente no caso de novilhas novas e por Touchberry & Tabler (1951) somente para aparência geral e capacidade do corpo. As estimativas mais altas da variação devida

a inspetores são reportadas por Wilcox e cols. (1957), sendo de 26% para a contagem final e cerca de 48% para pés e pernas. Neste estudo foi encontrada mais variação entre inspetores do que entre vacas. A variação devida a inspetores foi dividida entre variação constante e variação inconstante. As diferenças constantes entre inspetores tendem a ser pequenas, exceto para pés e pernas, nas quais eles verificaram 11,46% da variação. Isto sugere que, embora haja alguma diferença entre inspetores quanto aos seus ideais, parece, particularmente, que para pés e pernas, a maior parte da variação devida a classificador seria motivada por suas diferentes atitudes em diferentes rebanhos ou países ou simplesmente pela inconsciência humana.

A repetibilidade da contagem final para inspetores em diferentes momentos foi de até 0,82, encontrada por Hyatt & Tyler (1948), até 0,62 por McGilliard & Lush (1956) e 0,56 por Johnson & Lush (1942). Os resultados alcançados por McGilliard & Lush (1956) mostram que, num mesmo dia, diferentes inspetores concordam mais entre si do que um classificador em seus achados, em dias diferentes, sendo a correlação entre inspetores em um dia de até

0,74. McGilliard & Lush (1956) também verificaram uma interação significativa entre inspetores e anos, para as mesmas vacas, significando que os classificadores não computam a idade realmente da mesma maneira ou o estado físico da vaca em apreço em momentos diversos.

As estimativas de repetibilidade para novilhas foram consideravelmente menores do que para vacas, dando em média 0,25 (Benson e cols., 1951). Parece que os classificadores não somente discordam como variam em suas reações às alterações reais, no que tange às vacas.

Benson e cols. (1951) verificaram que a repetibilidade para um juiz, que clas-

sifica duas vezes por ano os caracteres da divisão, variavam de 0,34 a 0,61, sendo as estimativas mais baixas as da cabeça, pescoço, tamanho e forma do úbere, ao passo que as mais elevadas foram para a garupa e coxas. Specht e cols. (1967) verificaram que os classificadores parecem concordar mais em escore final do que em notas para garupa. Também houve boa concordância sobre caracteres leiteiros e quartos mamários posteriores.

Johansson (1961) aponta que as alterações do úbere e da saúde geral de um indivíduo podem ser causas de amplas variações entre notas para tipo, embora isto não possa explicar a divergência entre

juízes de uma vaca observada ao mesmo tempo. É possível que a escassez de vacas das categorias M e R, comentada por Copeland (1938), não seja devida à refugagem, como se tem sugerido, mas, pelo menos até certo ponto, ao uso insuficiente da tabela de pontos de que dispõem os juízes. Então, eles parecem evitar os extremos, particularmente os da parte inferior da escala.

VI. Relações entre as características do tipo

É importante conhecer como diferentes aspectos do tipo se relacionam entre si, particularmente como os caracteres das divisões afetam o escore final, a fim de se estabelecerem critérios para seleção.

As correlações fenotípicas e genéticas entre contagem final e contagem das divisões são mostradas nos Quadros 3 e 4, podendo-se ver que as estimativas de correlação genética são realmente elevadas, nenhuma delas inferior a 0,55 (pernas e pés). Para as características raciais e qualidade geral, as estimativas estão próximas de 1,0, indicando que elas são muito próximas ao escore final, ou seja, os inspetores, ao determinarem as características de raça ou a qualidade geral levam em conta os mesmos fatores que compõem a contagem final. Estas correlações, altamente positivas, indicam que a seleção baseada no escore final poderá ser suficiente para melhorar ampla faixa de características do tipo (Vinson e cols., 1976).

A regressão do escore final sobre vários componentes, todos com contagens de 1 a 6, foi calculada por Carter e cols. (1965) que obtiveram valores de 4,13 para a aparência geral, 2,92 para caracteres leiteiros, 3,59 para sistema mamário, 2,17 para capacidade do corpo, 1,61 para pés e pernas e 1,15 para tamanho. Estes valores e a alta correlação obtida por outros autores sugerem que o escore final e a aparência geral, ou a qualidade geral, são equivalentes, o que indicaria, como aventam Atkeson e cols. (1969) uma tendência para os classificadores decidirem sobre a contagem final imediatamente após verem o animal e formulando depois seus escores das divisões correspondentes àquelas avaliações.

As correlações entre certas características do tipo são geralmente positivas e usualmente de valor médio para baixo. Correlações genéticas negativas foram calculadas por Freeman & Dunbar (1955) para espáduas com o tronco e o lombo e para garupa e coxas com a qualidade do úbere. McClintock e O'Connor (1979) obtiveram uma correlação genética negativa entre pés e quartos mamários anteriores. Este valor foi de -0,02, comparado com -0,17 e -0,15, respectivamente para as duas correlações do primeiro estudo.

Cassel e cols. (1973) verificaram que a qualidade do úbere está altamente cor-

Este é o único Mata-Bicheira que não mata bicheiras no seu animal.

Mata fora dele.

Muitas vezes, ao aplicar um mata-bicheira em seus animais, você corre o risco de ter que enfrentar um problema que pode ter graves consequências: a infecção causada pela morte da bicheira, dentro do organismo do animal.

Mas quando você aplica o Mata-Bicheira Pearson, você não corre risco algum.

Porque ele é o único que provoca a expulsão da bicheira aproximadamente 3 minutos após a aplicação, assegurando a morte da bicheira fora do corpo do animal.

A nova fórmula do Mata-Bicheira Pearson tem mais viscosidade, maior poder de aderência, fácil manuseio e pronta aplicação.

É dos poucos produtos que além de possuir ação preventiva reduz o tempo de cura: exterminando as larvas em todos os seus estágios.

Bicheira, está por fora.
Mata-Bicheira Pearson.



NOVA
FÓRMULA

PEARSON

Na saúde e higiene da pecuária.

Apresentações: Latas de 1 litro e 1/2 litro.
Pearson Ind. e Com. Ltda.
Rua Vinha Claudio, 150/180 - Rio de Janeiro RJ
CGC 33.448.366/0001-87 - Indústria Brasileira



Já vem misturado

CAVALO "RAÇUDO"
É TRATADO COM
SAL BOIADEIRO-FOS
RICO EM
FÓSFORO E
CÁLCIO



Um produto com a qualidade



COMPANHIA INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO NORTE

empresa do Grupo Akzo Zout Chemie-Holanda

Administração Central: Rua Sacadura Cabral, 164/166 - Rio de Janeiro.
Matriz: Ilha do Alagamar, Macau - RN - Tels.: 521-1156 e 521-1336 (DDD 084)
São Paulo - SP: Av. Jabaquara, 99 - 4.º andar - Conj. 41 - Tels.: 578-9565 e 578-9742
Filiais: Santos - Goiânia - Campo Grande - Natal

Quadro 3. Correlações genotípicas entre escore final e divisão de caracteres.

Referência	Divisão de caracteres	Aparência geral	Caracteres leiteiros	Capacidade do corpo	Sistema mamário	Quartos mamaríos anteriores	Quartos mamaríos posteriores	Pernas e pés	Garupa e coxas	Tetas, velas e qualidade	Inserção do úbere	Qualidade geral	Caracteres raciais
Rennie and Rathby (1955)		0.82	0.50	0.35	0.79	0.67	0.65	0.44	0.50				
Arkesson e col. (1969)		0.84	0.57	0.65	0.78	0.67	0.74	0.57	0.63				
Freeman and Dunbar (1955)		0.50	0.51	0.57	0.60	0.50	0.66	0.58	0.67			0.72	0.87
Butcher e col. (1963)		0.36	0.41	0.45	0.44	0.58	0.45	0.35	0.36			0.50	0.62

Quadro 4. Correlação genética entre escore final e divisão de caracteres.

Referência	Divisão de caracteres	Cabeça e pescoço	Escápula e lórax	Tronco e lombo	Garupas e coxas	Pés e pernas	Úbere, tamanho e forma	Inserção do úbere	Tetas e veias e qualidade	Qualidade geral	Caracteres raciais
Freeman and Dunbar (1955)		0.64	0.60	0.73	0.65	0.55	1.07	0.93	0.64	1.00	0.91
Butcher e col. (1963)		0.67	0.74	0.84	0.77	0.59	0.88	0.86	0.91	1.00	0.93

relacionada com o sistema mamário e Freeman & Dunbar (1955), Atkeson e cols. (1969) e McClintock & O'Connor (1979) também mencionam correlações altas entre características do úbere. Isto sugere que uma só nota pode ser suficiente para avaliar o sistema mamário.

Touchberry (1951) investigou as correlações entre tipo e várias medidas corporais em H-F e seus resultados mostram correlações fenotípicas baixas e nenhuma correlação genética entre tipo e altura nas espáduas, profundidade torácica, comprimento do corpo, perímetro torácico e perímetro abdominal. O tamanho geral do corpo tem, assim, pouca relação com o tipo nesta raça e isto concorda com o trabalho de White & Vinson (1975) que encontraram que os escores para conformação do úbere não estavam correlacionados significativamente com as mensurações desse órgão. Em um método de contagem de pontos de Excelente = 1 a Mau = 6, a profundidade do úbere mostrou correlação negativa com outras medidas da mama, indicando, ademais, que os úberes grandes tendem a ser profundos. Os úberes grandes também se mostraram atados mais frouxamente, globosos e achatados, com a separação entre os quartos pouco evidente.

VII. Características defeituosas

As características defeituosas listadas na tabela de pontos (Figura 1) indicam que são ou leves ou pronunciadas. O número e o grau desses defeitos deve refletir-se na contagem de pontos das divisões de caracteres relevantes e, em última análise, no cômputo final. Portanto, pode-se esperar que o número de defeitos estará relativamente correlacionado com a contagem final. Contudo, algumas características defeituosas não parecem ter efeito sobre o escore final e alguns defeitos mencionados na tabela de pontos são tão raros que nem em 2% das vacas, somente ocorrem em vacas (Jones, 1976).

Das 63 características possivelmente defeituosas para Frísia, Jones (1976) verificou que 43 ocorriam em menos de 4% das vacas e somente 19 defeitos possíveis foram considerados importantes para a raça. Semelhantemente, só 12 dos 33 defeitos possíveis foram tidos como importantes na raça Jersey. Em ambas as raças, os defeitos de úbere foram os mais numerosos, ficando os das tetas em segundo lugar para Frísios e em terceiro os defeitos de corpo nos Jerseys. Isto pode refletir o interesse do classificador, mais do que a verdadeira prevalência dos referidos defeitos.

Jones sugere que os esquemas elaborados para as duas raças podem ser criticados quanto ao baixo nível de defeitos consignados nas tabelas de pontos.

As herdabilidades das características defeituosas nas partes da garupa e pés e pernas, estudadas por Grieve e cols. (1958) foram em geral baixas, variando

de 0 para pés com dedos abertos nas patas anteriores (a herdabilidade para pés com dedos abertos nas patas posteriores foi de 0,21) a 0,25 para talões rasos nos membros anteriores. As correlações fenotípicas com a produção de leite foram pequenas e com a de gordura zero. Foram encontradas herdabilidades muito mais elevadas, ajustadas à discontinuidade da distribuição normal subjacente, por La Sale e cols. (1973). Valores de 0,36-0,83 foram obtidos para estatura elevada, estatura baixa, garupa inclinada, pernas traseiras muito retas, quartos mamários posteriores caídos e tetas posteriores muito para trás. No mesmo estudo foram encontrado coeficientes de herdabilidade baixos (0,00-0,10) para características de qualidade do úbere.

VIII. Herdabilidade e seleção

A herdabilidade e a variação de uma característica define a resposta potencial dessa característica à seleção. Assim, para avaliar a importância da seleção para o tipo é necessário estimar a herdabilidade da contagem final de pontos e das divisões de caracteres. Algumas estimativas de herdabilidade são exibidas no Quadro 5. As para contagem final parecem ser relativamente constantes, com valores em

torno de 0,3. As estimativas feitas com dados de gado Jersey são, no entanto, em ambos os casos consideravelmente inferiores a outras determinações (Tabler & Touchberry, 1956; Jones, 1976). Estes valores baixos em geral foram obtidos em estimativas para características isoladas e podem refletir a seleção ntensiva para tipo nessa raça, durante um século.

O Quadro 3 mostra as estimativas de herdabilidade de dados de gado Frisio-Britânico que tendem a ser mais elevados do que outros, embora as razões disso não sejam claras.

Em alguns casos, as estimativas da herdabilidade para características isoladas abrangem uma ampla faixa, notadamente para pés, capacidade do corpo, pés e pernas. As estimativas mais altas foram obtidas para estatura, com a média de 0,44, ao passo que as mais baixas foram para sistema mamário. As estimativas para características mamárias foram: tetas, veias e qualidade, 0,13; inserção do úbere, 0,11; tamanho e forma do úbere, 0,07. A média das estimativas para sistema mamário total foi de cerca de 0,25. Parece que as características relativamente simples, tais como estatura e colocação de tetas tendem a ter uma herdabilidade mais alta que as mais dependentes da opinião do classificador, tais como pés e pernas.

As diferenças nas estimativas da herdabilidade podem bem ser devidas a diferentes ideais sobre contagem de pontos. Contudo, parece que o tipo é herdado com cerca de o mesmo grau que a produção no gado leiteiro (Yapp, 1959) e, assim, a seleção para tipo deve ser tão eficiente como a seleção para produção.

A seleção para tipo pode ser realizada em grande parte do mesmo modo que para produção de leite, mediante uso de planos de teste de prole, com a avaliação subsequente do touro-pai. Como foi estabelecido, vários efeitos explicam as significativas proporções da variação total de cada caráter e estes precisam ser considerados como o intuito de diminuir as possibilidades de viciar as provas de touros (McClintock & O'Connor, 1979). Estes autores sugerem dois métodos, a amostragem ao acaso da prole do touro, através de regiões, áreas e rebanhos e o melhor método de previsão linear não tendencioso ou BLUP (sigla em inglês).

Pequenos números de progênie por touro tornam o primeiro método inseguro. Para usar o método BLUP é necessário que alguns touros sejam usados amplamente, de sorte que suas filhas sejam disponíveis para classificação pelos inspetores em diferentes regiões. Na Grã-Bretanha, o uso de touros provados em Inseminação Artificial seria suficiente para con-

ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente, à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores.
Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.
Aberta até as 22 horas.

**Agora mais perto
da sua fazenda.**

ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - Tel.: 831-7966 - Jaguaré - São Paulo. **S. J. Boa Vista:** Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (019) 23-3746. **Rio de Janeiro:** R. Morreinho Manoel Gomes, 3 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377.

Quadro 5. Valores da herdabilidade para tipo

Característica	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10*	10	11	12	13
Contagem final	0,31	—	0,28	—	—	0,18	0,32	0,26	—	0,35	0,17	0,31	0,24	0,57
Caracteres leiteiros	+0,15	—	0,06	0,16	—	0,10	+0,05	0,34	—	0,20	—	0,23	0,06	—
Pés e pernas	0,18	—	—	0,19	0,08	0,16	0,19	—	0,10	0,35	0,01	0,15	0,09	—
Garupa e coxas	+0,15	—	—	—	—	+0,02	—	—	—	—	—	—	—	—
	0,32	0,31	—	0,36	—	0,22	—	—	0,29	0,34	—	0,21	0,32	—
Aparência geral	+0,16	—	—	—	—	+0,06	—	—	—	—	—	—	—	—
Sistema mamário	0,13	—	—	—	—	0,13	0,11	0,21	—	0,25	0,14	0,26	—	—
Capacidade do corpo	+0,15	—	—	—	—	0,06	—	+0,11	—	—	—	—	—	—
	—	—	—	—	—	0,27	0,28	0,27	—	0,36	0,16	0,20	0,19	—
Quartos mamilos anteriores	—	—	—	—	—	+0,06	—	+0,11	—	—	—	—	—	—
Quartos mamilos posteriores	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Inserções do úbere	0,06	—	—	0,16	0,05	—	—	—	0,26	0,32	0,07	0,16	0,15	0,44
Tetas, veias e qualidade	+0,11	—	—	—	+0,06	—	—	—	0,24	—	—	0,17	0,16	0,59
	0,27	—	—	—	0,07	—	—	—	0,15	—	—	0,13	—	—
Posição da teta	+0,16	—	—	—	+0,05	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pés	—	—	0,32	—	—	—	—	—	—	—	—	0,17	—	0,49
Cabeça e pescoço	—	—	—	—	—	—	—	—	0,14	0,36	0,14	0,08	—	0,51
	0,30	—	—	0,15	—	—	—	—	0,17	—	—	0,11	—	—
Estatura	+0,12	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	—	—	—	—	—	—	—	—	0,55	—	—	0,38	0,43	—

Referências desta tabela:

1. Freeman & Dunbar (1955) — Ayrshires
2. Mitchell e cols. (1957) — Holstein-Friesians
3. Berousek e cols. (1959) — Guernseys
4. Johnson & Fourn (1960) — Suíço Pardo
5. O'Brien e cols. (1960) — Holstein-Friesians
6. Butcher e cols. (1963) — Ayrshires

7. Carter e cols. (1965) — Holstein-Friesians
8. Hansen e cols. (1969) — Holstein-Friesians
9. Legates (1970) — Holstein-Friesians
- 10 a. Jones (1976) — British-Friesians
- 10 b. Jones (1976) — Jerseys
11. Cassell e cols. (1973) — Holstein-Friesians
12. Burnside & Stewart (1977) — Holstein-Friesians
13. McClintock & O'Connor (1979) — British-Friesians

tornar este ponto. O método BLUP é, então, preferível, embora os efeitos dos acasalamentos diferenciais dentro de rebanhos ainda possam existir (McClintock & O'Connor, 1979).

Tais avaliações seriam incluídas em um índice de seleção, com avaliação semelhante para produção de leite, ou seriam produzidos índices para as próprias vacas, compreendendo seu tipo e desempenho produtivo. Entretanto seria notado que o tempo e o esforço despendidos com a seleção pelo tipo não podem ser benéficos para a resposta à seleção pela produção de leite, dado que pode depreciar aquela seleção. A relação entre essas características é discutida a seguir.

IX. Relação entre tipo e produção

"Bom tipo não significa certamente uma conformação externa ou linhas uniformes, mas ele se encontra profundamente na estrutura da vaca e está associado definitivamente com a verdadeira qualidade do animal". Isto foi dito por Yapp (1959); mas seria realmente verdade? Em caso positivo depende, em grande parte da correlação existente entre tipo e produção.

Em geral, as correlações não parecem ser particularmente elevadas. Grantham e cols. (1974) encontraram correlações genéticas entre testes de progênie de produção de leite e de tipo significativas ao nível de 1% e positiva para aparência geral, capacidade do corpo e sistema mamário. Contudo, os caracteres leiteiros foram tipos como correlacionados negati-

vamente, com estimativas em torno de -0,4. Isto contraria os resultados de Liang & Fosgate (1967) ao encontrarem que, ao lado do escore final, os caracteres leiteiros são os mais usados para prever a produção de leite e os de Van Vleck e cols. (1959) que calcularam uma correlação genética de 0,95 entre caracteres leiteiros e produção de leite. Norman & Van Vleck (1927), para a produção da primeira lactação sugerem que a profundidade e a "finura" do úbere são os melhores meios de previsão, tendo a primeira uma correlação de 0,27 com a produção de leite e de 0,23 com a produção de gordura. Um tanto surpreendentemente, eles também verificaram que a força dos ligamentos do úbere são correlacionados negativamente com a produção vitalícia, ou seja, que touros produzindo filhas altamente produtivas tendem também a produzir filhas com inserções de úbere fracas. Isto pode estar ligado com seus achados, corroborados por Burnside e cols. (1963) e Tomaszewski & Legates (1927) de que há uma correlação positiva entre a profundidade do úbere e a produção de leite. Se esses úberes mais profundos são mais duráveis é discutível, porquan-

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA
(Fundada em 1924)

QUEM SABE O QUE VALE
UM CAVALO E O CAVALOIRO
MONTE UM MANGALARGA
E VERIFIQUE O SEU VALOR
Av. Francisco Matarazzo, 455
(Parque Fernando Costa)
05001 — São Paulo — SP
Tel.: 62-6269 (DDD 011)

to há evidências de associá-los com maior suscetibilidade à mastite (Young e cols. 1960).

White & Vinson (1975) fizeram mensurações diretas de úbere de 147 vacas H.F. Todas foram tidas como correlacionadas positivamente com a produção de leite, embora nenhuma suficientemente grande para ser útil. De modo semelhante, as correlações entre mensurações do úbere e fluxo de leite foram consideradas pequenas mas positivas, o que foi confirmado por Blake (1977) e de valor limitado para diminuir os custos da ordenha pela seleção do tipo de úbere.

As correlações genéticas entre tipo e produção de gordura tenderam a ser as mesmas aproximadamente que aquelas entre tipo e produção de leite, mas ambas foram muito variáveis. As estimativas de vários autores das correlações com a contagem final de pontos estão listadas no Quadro 6.

O'Brien e cols. (1960) encontraram correlações fenotípicas entre o tipo das filhas e a produção das mães e vice-versa, muito pequenas, ao passo que as estimativas de correlações genéticas não foram significativamente diferentes de zero. Eles incluíram características do tipo que tinham correlações fenotípicas relativamente grandes e elevadas herdabilidades em um índice que incorporava caracteres leiteiros, profundidade da cavidade abdominal, profundidade do úbere e qualidades da ordenha, assim como produção de leite e de gordura e o temperamento. O ganho genético obtido com o uso desse índice seria aproximadamente 10% melhor do que pela seleção baseada em leite, somente. Contudo, o custo a mais, envolvido na mensuração dos caracteres do tipo, faria provavelmente o ganho dispendioso. Neste índice, os coeficientes de regressão parcial padrão para profundidade da cavidade abdominal e profundidade do úbere foram negativos. Em um índice para selecionar visando à produção de gordura,

Quadro 6. Correlações entre escore final e produção.

Referência	Raça	Fenotípica		Genética	
		Produção leite	Produção gordura	Produção leite	Produção gordura
Freeman & Dunbar (1955)	Ayrshire	—	0,08	—	-0,52
Touchberry (1951)	Holstein	—	—	—	—
	Friesian	0,18	0,26	0	0
Stone e cols. (1955)	Holstein	—	—	—	—
	Friesian	0,25	0,19	—	—
Tabler & Touchberry (1955)	Jersey	0,08	0,11	0,07	0,08
O'Brien & Van Vleck (1962)	Holstein	—	—	—	—
	Friesian	—	—	—	0,24
Butcher e cols. (1963)	Ayrshire	—	0,10	—	0,02
Jones (1976)	Frisios	—	—	0,28	—

Freeman & Dunbar (1955) dão pesos negativos a sete dentre dez características do tipo consideradas. Elas foram cabeça e pescoço, espáduas, garupa e coxas, pés e pernas, tamanho e forma de úbere, qualidade geral e caracteres leiteiros. A inclusão de todas essas características e mais a gordura no índice deu uma correlação entre índice e o genótipo agregado de 0,46 e quando, ao serem incluídas a contagem final e a gordura somente, o valor se reduziu a 0,28. Entretanto, foi verificado que na seleção para gordura não há o ganho esperado quando se dá ênfase positiva ao escore final. Esta também foi a conclusão alcançada por Tabler & Touchberry (1955) em uma comparação de cinco índices, incluindo combinações de leite, gordura e contagem final do tipo. Os resultados mostram que a inclusão do tipo como elemento positivo no índice determina uma diminuição de 15% na produção de leite e gordura.

Grantham e cols. (1974) verificaram, mediante regressão do tipo sobre a Diferença Prevista da produção de leite, que os touros com filhas que deram em média 500 kg acima da produção média de leite poderão ter filhas que terão 0,6 pontos abaixo da média, em uma escala de 100 pontos para tipo em geral.

Contrariamente, Speight & Fairlie (1977), trabalhando com Ayrshires Escoceses verificaram que as vacas com altos índices de produção de leite tendem a ter elevadas contagens de pontos na classificação pelo tipo. Setenta e cinco por cento das vacas com índice leiteiro superior a 680 kg e 66% das vacas com índice superior a 454 kg tiveram contagens de 85 pontos ou mais para tipo, ao passo que unicamente 30,9% das vacas com índices de -227 a -453 kg tiveram 85 pontos ou mais no escore para tipo.

X. Tipo e vida no rebanho

As opiniões diferem quando se trata de ver se o tipo e a duração da vida no rebanho estão relacionados e se a vida no rebanho, em si, tem alguma importância. King (1970) definiu a vida no rebanho como um caráter composto, que a maioria dos animais jamais tem a possibilidade de manifestar plenamente, visto que eles são sacrificados antes do termo natural da vida. A vaca leiteira tem, talvez, a maior chance de manifestar plenamente o caráter.

As vantagens de uma vida produtiva longa para o gado leiteiro são listadas por Rendel & Robertson (1950):

Estância Belo Vale Mirim

Pariquera Açu - SP

Fazendas Belo Vale, Iguape e Vale Bonito

Registro

Prop.: Carlos B. da Rocha Cavalcanti

Seleção de Bubalinos da Raça Murrah — POI desde 1962. Na II Expande Novembro - 82 obtivemos 260 pontos com 6 animais confirmando a alta categoria da nossa seleção. Br 116 Sul — Posto telefônico (0138) 56-1355. End. p/correspondência: Rua Bahia, 107 — Apt. 132 — SP. CEP 01244 — Fone: 67-3725



PATIALA-81 do Belo Vale — 1. Prêmio
CAMPEA VACA ADULTA E GRANDE CAMPEA

(1) Redução do custo anual de reposição de animais.

(2) Aumento da produção média do rebanho, devido aos maiores números de vacas no grupo etário com produção mais elevada ou seja, nas que se acham nas quarta e quinta lactações.

(3) Redução do número de animais de reposição a serem criados e portanto aumento potencial do tamanho de um rebanho produtor de leite, em relação a determinada área.

(4) Aumento das possibilidades de refugagem e da seleção.

As desvantagens citadas por King (1970) seriam:

(1) Embora a produção seja maior nas vacas mais velhas, a qualidade composicional é inferior, o que pode afetar os lucros financeiros.

(2) Algumas doenças são mais frequentes, a medida que a idade aumenta.

(3) A fertilidade declina gradualmente, após os seis anos de idade, aproximadamente.

Estes pontos são aplicáveis a um rebanho leiteiro explorado comercialmente. As implicações de uma vida mais longa variam com os objetivos da criação e com as condições econômicas. Rendel & Robertson (1950) consideram a longevidade pouco importante para um rebanho leiteiro comercial, visto que as reposições correspondem somente a 8% dos custos totais do leite. Se o principal objetivo do rebanho é criar animais de pedigree, é importante uma vida produtiva mais longa para as melhores vacas.

Tem-se afirmado que as vacas de bom tipo apresentam vida mais longa no rebanho; obviamente, as vacas com pernas e pés fortes e úberes bem inseridos têm maior chance de vida produtiva longa (Murrill, 1974). Todavia, as razões para vacas de boa conformação terem maior longevidade no rebanho são ignotas. Murrill (1974) indicou que essas vacas recebem tratamento preferencial e este parecer está de acordo com o de Anders & Freeman (1969) e King (1970) que sugerem que o manejo é um fator importante de vida longa. Honnette e cols. (1980) verificaram que o tipo ideal de conformação está associado com um pouco menos do que a média de vida no rebanho e a produção vitalícia. As características do tipo que dão contribuições substanciais à utilidade funcional são o suporte do úbere, os quartos mamários posteriores, as tetas, a entrada do peito e os aprumos dos membros posteriores.

A avaliação das razões reais de descarte de vacas de um rebanho também oferece problemas. Parker e cols. (1960) verificaram que de 305 vacas H-F e 489 Jerseys, em Maryland, E.U.A. nenhuma foi refugada por tipo ou baixa produção. Esse estudo mostrou que as principais razões do descarte foram a incapacidade de re-

produção e perturbações no aparelho mamário. As últimas têm certamente suas relações com o tipo. Van Vleck e Norman (1972) sugerem que os descartes devidos à mastite podem ter conexão com deficiências do tipo. Também verificaram que tipo e características de manejo explicaram 10-17% da refugagem em seu levantamento.

O'Bleness & Van Vleck (1962) trabalharam com dados de um levantamento feito por via postal em rebanhos controlados pela DHIA de Nova Iorque, compreendendo 7362 vacas, muitas das quais H-F. Destas, 27-32% foram descartadas por produção baixa; 16-19% por esterilidade e 14-20% por problemas de úbere ou mastite; 14-15% foram vendidas por "motivos leiteiros", entre os quais podem ser incluídas algumas deficiências do tipo. A brucelose e a tuberculose explicaram cerca de 1% dos descartes e 2-4% das vacas foram afastadas por tipo leiteiro indesejável. Estes dados também mostram distintas diferenças entre os grupos etários e entre raças como razão de descarte.

A idade parece ter efeito sobre a refugagem. White (1974) sugere que os descartes devidos a maus pés e pernas aumentaram com a idade e também que as características de úbere e os caracteres leiteiros se tornam mais importantes durante a segunda e as lactações seguintes.

Mais Carne em Menos Tempo Marchigiana x Nelore



Touros 1/2 sangue Marchigiana x Nelore aos 3 anos, pesando 800 kg em regime de pasto.

FAZENDA CERRADO DE CIMA

Itapeva — SP
Km 266 da Rodovia SP-258

Seleção de Marchigiana PO e Cruzamentos com Nelore
Venda de Tourinhos e Novilhas 1/2 sangue e 3/4 Marchigiana/Nelore

Informações: São Paulo: (011) 521-2706
Itapeva: (0155) 32-3311 - R 24
ou à noite (0155) 22-4423

Allaire & Henderson (1967) verificaram que os principais critérios de seleção para as segunda, terceira, quarta e quinta lactações foram as perturbações da reprodução, a incidência de mastite, a profundidade do corpo e a inserção do úbere, respectivamente. Parece, assim que as consequências do mau tipo tendem a se tornarem cada vez mais importantes com o passar da idade e isto vem ao encontro da idéia de que o tipo contribui para a vida mais longa no rebanho.

Van Vleck e cols. (1969) verificaram que a característica mais importante para previsão da longevidade das filhas de 81 touros H-F foi a produção de leite, mas as características do úbere e do corpo são mais importantes que as características de manejo. As correlações individuais com a longevidade foram tidas como baixas embora tenha-se sugerido que tomadas em conjunto, elas possam representar uma contribuição importante.

Em outro levantamento realizado com as filhas de touros H-F, Van Vleck e cols. (1969) verificaram que as características de maiores correlações com as porcentagens de filhas portadoras de 4 lactações foram a produção de leite na 1.ª lactação (0,54) a posição a prumo do teto posterior (0,38), a ausência de distúrbios da reprodução (0,30), as articulações coxo-femorais intermediárias (0,26), a cabeça típica (0,25) e a grande velocidade de ordenha (0,25), três das quais podem ser incluídas em um esquema de classificação do tipo. As maiores regressões parciais padrão da sobrevivência até a 4.ª lactação sobre várias características foram a seguintes: produção de leite (0,57); linha dorsal reta (0,74); estatura média (0,59); úbere anterior alongado (-0,63); úbere profundo (-0,76). Foram consideradas 39 categorias e a conclusão desses autores é a de que as vacas de certo tipo têm maior probabilidade para atingir a 4.ª lactação.

Specht e cols. (1967) tiveram em mira as primeiras classificações por pontos de H-F aos 2 e 3 anos de idade, em relação à vida no rebanho. Eles verificaram que a regressão dos momentos em que foram classificadas com a medida de vida no rebanho, sobre o escore final da 1.ª classificação foi pequena e que a correlação entre a 1.ª classificação e a vida no rebanho foi de cerca de 0,2, ou seja, inferior às estimativas das características individuais obtidas por Van Vleck e cols. (1969). Menos do que 5% da variação na vida do rebanho neste estudo foi tido como devido à sua relação com o escore para tipo. Admitindo-se uma regressão de 0,1, foi estimado que uma vaca dando 85 pontos para 100 na 1.ª classificação, tem a probabilidade de permanecer no rebanho por um ano e meio mais do que uma vaca que dê 75 pontos. As correlações entre grupos de escores e vida no rebanho foram consideradas como as mesmas aproximadamente que entre escore

final e vida no rebanho (Specht e cols. 1967) exceto que a capacidade do corpo foi tida como não correlacionada com a vida no rebanho. Contrariamente ao que se podia esperar, pés e pernas tiveram correlações ligeiramente mais baixas do que a vida no rebanho do que a aparência geral, os caracteres leiteiros, o aparelho mamário, os quartos mamários anteriores e os quartos mamários posteriores.

Specht e cols. (1967) concluíram que a importância da contagem final do tipo para a vida no rebanho era relativamente pequena. Por outro lado, Norman & Van Vleck (1972) verificaram que todas as características apreciadas, combinadas, são tão exatas como as variáveis da produção para estimar a longevidade no rebanho em termos de número de lactações. Estes dois grupos de pesquisadores estão usando diferentes sistemas de classificação que podem ter afetado seus resultados. Também é sugerido por Van Vleck e Norman (1972) que poucas características medidas antes de 49 meses de idade têm qualquer valor na previsão das eventuais razões para descarte. Como os dados coligidos por Specht e cols. caem nesta categoria, esta seria a razão de seu ponto de vista mais pessimista sobre o valor do tipo para avaliar a longevidade.

XI. Dados de categorias

Um importante problema no uso e análise dos dados sobre tipo é sua natureza quanto às categorias. Isto é particularmente importante quando as vacas são classificadas em poucas categorias, de Má a Excelente, do que em uma escala de pontos maior. Os sistemas de pontos, tais como o da Sociedade do gado Frísio-Britânico (ver a figura 1) permite até 100

categorias para o escore final. Se esses pontos não são expressados, pode-se dispor de seis categorias somente e isto tem o efeito de introduzir vícios nas estimativas de herdabilidade e correlação. Usualmente, o número máximo de pontos requeridos pelas características de agrupamentos não vai além de dez, de sorte que aqui são prováveis novamente estimativas tendenciosas.

Em análise de dados de categorias, admite-se comumente que elas representam uma distribuição contínua básica (Mao, 1979). Categorizando uma distribuição contínua conhecida, Mao (1976) verificou que a tendência para subestimar os valores absolutos das correlações fenotípicas, quando uma ou ambas as características são descontínuas, a tendenciosidade se torna mais extrema à medida que o número de classes discretas diminui. De fato, se uma característica se reduz a duas classes, ou seja, como num binômio, o efeito proporciona uma subestimação de 25% da correlação fenotípica. Se ambas as características são reduzidas a duas classes, o resultado da subestimação é de 50%.

O efeito da discontinuidade das correlações genéticas foi observada por Mao (1976) como dependente da correlação genética absoluta entre as variáveis contínuas básicas. Não houve efeito sobre correlações positivas altas, embora haja uma tendência para a superestimação em estimativas positivas, moderadas e baixas, as quais aumentam com a redução do número de classes. As correlações básicas negativas também foram superestimadas em resultado da categorização. Este efeito foi pequeno e está dentro dos limites do erro padrão das estimativas contínuas.

As estimativas de herdabilidade das características relacionadas com as categorias são de interpretação difícil, posto que a avaliação genética requer uma estimativa completa da variância-covariância entre categorias para cada característica (Van Vleck e cols., 1980). Elas tendem a ser subestimadas em dados discretos e a redução do número de classes determina um aumento da variância da amostragem (Mao, 1976; Hillers & Everson, 1972).

O uso do BLUP em dados de categoria também apresenta problemas especiais. Um método para resolver isso é atribuir um valor a cada categoria e tratá-los como observações (Shaeffer & Wilton, 1976). Este sistema também foi usado por Carter e cols. (1965) para analisar dados de categorias. Quaes & Van Vleck (1980) evitaram esta adjudicação de valores às categorias com a adaptação dos processos de BLUP para prever a frequência da ocorrência da prole em cada classe. Este trabalho foi inicialmente usado para melhorar a avaliação da dificuldade de parto, sendo posteriormente utilizado por Van Vleck e Karner (1980) para características do tipo com contagem de pontos por categoria. Eles usaram a estimativa da covariância de sub-características, ou categorias, para prever as frequências da futura progênie em cada uma. Uma vantagem deste sistema está em que ele não requer a linearidade e permite que valores econômicos não lineares sejam atribuídos a cada categoria, após as frequências terem sido previstas. Contudo, ocorrem problemas quando as categorias têm baixa frequência de ocorrência, particularmente quando há duas ou mais dessas categorias para uma só característica. Essas categorias devem ser combinadas para agirem como uma só, o que

FAZENDA JERIBÁ - PLANALTO BAHIA

Prop.: Dr. Vespasiano Gomes Santos

End.: Av. Sete de Setembro, 2937 — apt.º 1602 — Fone: 245-4292 — SALVADOR — BAHIA

A NATA DO GADO SCHWYZ P.O. NA BAHIA ENCONTRA-SE NA FAZENDA JERIBÁ



Corona Lady P.O.
1.º Prêmio Campeã
2 anos, Grande
Campeã da Raça,
Melhor Úbere na VIII
Exposição de animais
de Feira de
Santana - 82

Hortência — P.O.
1.º Prêmio, Campeã
Vaca Adulta e
reservada Campeã da
Raça da VIII
Exposição de animais
de Feira de
Santana - 82

Maior número de pontos e melhor expositor da Raça em Jequié e Feira de Santana — BA
Venda permanente de reprodutores

A Cyanamid apresenta a maior descoberta da medicina veterinária dos últimos tempos.



A ação imunoestimulante de RIPERCOL* L.

Milhares de criadores em todo o mundo consagraram RIPERCOL como o vermífugo mais seguro e de mais rápida ação.

RIPERCOL elimina todos os vermes gastrointestinais e pulmonares importantes sob o aspecto econômico e não deixa resíduos na carne e no leite e ainda melhora a qualidade da lã das ovelhas.

Assim como todos os outros vermífugos, RIPERCOL também age através da corrente sanguínea.

Só que a sua ação é muito mais rápida,

pois enquanto os benzimidazóis precisam de 22 a 30 horas para alcançar um nível sanguíneo adequado, RIPERCOL consegue o mesmo resultado 15 minutos após a sua aplicação.

Mas a maior descoberta da medicina veterinária nos últimos tempos foi a ação imunoestimulante que só RIPERCOL possui.

Quando aplicado após as vacinações rotineiras, RIPERCOL restaura as defesas orgânicas dos animais, tornando-os mais resistentes a diversos tipos de doenças,

tais como a febre aftosa, a brucelose e a clostridiose.

Além disso, resultados de testes realizados a nível mundial acabaram de comprovar que o uso de RIPERCOL reduz os índices de mastite e até mesmo de mortalidade neo-natal, quando o produto é aplicado antes da parição.

E esta descoberta vem confirmar tudo aquilo que muitos criadores brasileiros já haviam constatado: RIPERCOL sempre foi muito mais do que um vermífugo.

RIPERCOL* L

Vermífugo e
Imunoestimulante

CYANAMID

* Marco de Indústria e Comércio



é uma considerável desvantagem em características nas quais somente uma das várias sub-categorias ocorrem com alta frequência.

XIII. Conclusões

Parece que em todas as áreas do estudo da classificação por tipo, a evidência até hoje obtida é variável e frequentemente contraditória. Até certo ponto isto se deve ao fato do trabalho ter-se baseado em diferentes sistemas e raças, mas mesmo assim, não se delinea um quadro bem claro. As muitas variáveis envolvidas na classificação pelo tipo, particularmente o elemento humano, no julgamento dos classificadores, significa que é particularmente difícil analisar e dar um valor ao genótipo da vaca envolvida. A variação do tipo devida à idade, estágio da lactação, estação do ano, rebanho, pai e classificador parece ser toda significativa.

Deve-se ter em mente que o objetivo primordial é produzir uma vaca que dê grandes quantidades de leite de boa qualidade e com o mínimo de insumos. Conquanto pareçam explícitas, se tanto, as correlações entre produção de leite e tipo, as despesas a mais, envolvidas na avaliação do tipo, podem invalidar quaisquer vantagens. As herdabilidades das características do tipo são bastante altas para garantir a elaboração de um sistema de avaliação de touros pelo tipo e várias organizações estão utilizando o método BLUP há algum tempo e assim, uma certa quantidade de tempo, dinheiro e esforço estão sendo gastos com a coleta e análise de dados sobre tipo. Parece haver certo temor de que se a conformação é ignorada, a aptidão da raça pode ser prejudicada. Isto é improvável, porquanto os

animais ináptos quanto à conformação têm a probabilidade de ser postos para fora do rebanho, a despeito de seus bons resultados de produção e assim haveria menos chance de transmissão de seus genes à próxima geração do que no caso de vacas com produção mais modesta, mas bem conformadas.

As evidências sugerem que os benefícios reais da classificação pelo tipo são pequenas. As vacas com bom tipo tendem a apresentar vida útil mais longa e produções de leite acima da média, mas a literatura sugere que o tipo propicia consideravelmente menos incentivo para conservar uma vaca do que o seu nível de produção. Contudo, os criadores tendem a escolher vacas de melhor tipo do que se selecionassem mediante o índice de produção unicamente (Spreight & Fairlie, 1977). Pagam-se preços mais elevados por vacas de bom tipo e a raiz deste valor monetário do tipo parece residir simplesmente no orgulho do criador por seu rebanho.

Poderão ser feitos melhoramentos nos sistemas de classificação. Os dados para classificação seriam analisados mais facilmente se os sistemas envolvessem uma escala de pontos que imitasse a distribuição latente, ao invés de se limitar a poucas classes de tipo. Contudo a categorização descritiva é útil a nível de rebanho, porquanto é mais fácil referir a uma vaca como Excelente ou Muito Boa do que descrevê-la mediante uma contagem de pontos, em números, para tipo. Seria benéfico o melhor uso de escalas de pontos para uso corrente dos inspetores classificadores. No presente parece que os classificadores relutam em dar notas muito baixas e como tem sido sugerido isso seria devido à falta de ani-

mais com tipo excepcionalmente mau e então pode ser aconselhável dar a pior nota da escala aos piores animais presentes na população. Este procedimento envolve certa recomposição do sistema de categorização.

Conquanto as correlações dos caracteres contidos nas divisões com a contagem final pareçam ser tais que a seleção das últimas somente sejam suficientes para melhorar todas as características do tipo, a avaliação de touros baseada em todos os caracteres permitirá realizar acasalamentos corretivos para determinadas características. A listagem contínua dos defeitos pode ser útil pela mesma razão.

Verificado que algumas notas das vacas se alteram no decorrer de suas vidas e o ideal seria que um animal se conservasse com bom tipo ou mesmo melhorasse sua existência, a avaliação das filhas de touros em diferentes idades poderia ser útil. Se isto fosse levado a efeito, dever-se-ia ter o cuidado de classificar todos os animais de um determinado grupo de idade em um rebanho e evitar também a tendenciocidade devida à seleção.

Posto que todos os criadores estão interessados no tipo, como sugerem as evidências, melhoramento do sistema, a fim de tornar as classificações pelo tipo mais fáceis de analisar e estatisticamente válidas, são pelo menos desejáveis quando não de absoluta necessidade.

— Bowden, Valerie — Type classification in dairy cattle — a review. *An Breed. Abstr.* 50 (5): 147-61, 1982, 75 refs. N. da R.: O Autor pertence ao Instituto de Genética Animal de Edimburgo, Escócia.

Análise de sangue para medir o "status" nutricional dos bovinos

Os profissionais, ao procurarem resolver problemas no campo, são, por vezes, perturbados por situações que podem ser estritamente nutricionais, complexos nutricionais-metabólicos ou causados mormente por entidades mórbitas. Quando a causa não é realmente aparente, como no caso de alguns problemas crônicos e aberrantes da reprodução, os veterinários visam, às vezes, a outras falhas da nutrição. O nutricionista, por outro lado, questiona o plano de sanidade do rebanho. A qualidade do sêmen e o processo de manuseio do sêmen podem estar envolvidos. Finalmente, o manejo geral da detecção do cio e o momento e frequência da inseminação artificial também podem contribuir para o problema.

Em nossa opinião, os problemas reprodutivos não são usualmente de natureza simples, que possam ser corrigidos mediante uma suplementação com vitamina A, adição de fósforo, etc. Eles usualmente são complexos e requerem esforços de uma equipe para resolvê-los. O nutricionista, o veterinário, o fornecedor de sêmen e o criador devem trabalhar de mãos dadas e cooperar inteiramente para chegar ao fundo da questão.

Quando um criador se defronta com um problema reprodutivo sério, não há tempo para disputas entre profissionais, para determinar a real natureza da falha. É a ocasião para somarem seus esforços e solucionar o caso em comum.

Cálculo e análise da ingestão de alimentos

Antes de dispendir grande soma de dinheiro em tratamentos com um problema mal definido, temos que ver primeiramente o cálculo da ingestão de nutrientes básicos que incluem tanto as vitaminas como os minerais-traços. Devemos estar seguros de que as vacas recebem uma ração adequada de nutrientes, sem excessos evidentes.

Em segundo lugar devemos nos socorrer da análise química da ração completa (se possível) a fim de ver como ela se encontra em relação à análise calculada. É assaz importante aqui o uso de um laboratório digno de confiança e seguro em seus resultados para tornar o trabalho

do nutricionista mais fácil. Podem ser tiradas conclusões erradas de análises mal feitas dos alimentos e da água, pelo laboratório.

Em se tratando de grandes deficiências ou de excessos nutricionais, seria óbvio calcular as ingestões de nutrientes enquanto se completassem as análises dos alimentos e da água. Problemas mais complexos também podem ser elucidados mediante testes de sangue. E estes testes podem induzir a erro se não forem adequadamente interpretados.

Testes sanguíneos ou perfis metabólicos do sangue

Confiar exclusivamente em um número reduzido de testes sanguíneos de vacas que se acham evidentemente doentes ou com um estado metabólico incomum (vacas paridas, vacas secas em cio, etc) não é um bom critério.

Usualmente recomendo a meus colegas veterinários a excelente revisão feita por Adams e cols. (1978), da Universidade Estadual de Pensilvânia, intitulada "Uso e limitações dos perfis na avaliação do "status" sanitário ou nutricional de rebanhos leiteiros". Estes investigadores indicam que nem os níveis no soro do cálcio, nem do fósforo, são critérios seguros para revelar problemas relacionados com a ingestão insuficiente ou excessiva destes elementos. Além do mais, quando se comparam os perfis de 13 rebanhos normais com os de outros 13 com febre vitular ou problemas de infertilidade, os critérios que discriminaram melhormente os rebanhos normal e problemático foram em ordem descendente de

importância os seguintes: a contagem das hemácias no sangue; o magnésio no soro; o cobre no soro; o ferro na ração; a globulina; o fósforo na ração; o volume celular; o potássio no soro; o cálcio na ração; a hemoglobina e o fósforo na ração.

Naturalmente, o cobre e o glutationa-peroxidase no soro são indicados como excelentes meios de avaliação do "status" do cobre e do selênio do animal.

Os citados autores concluem que "o uso de um perfil do sangue ou metabólico parece justificável quando a análise dos alimentos, a programação das rações, os testes de revelação de doenças e as verificações sobre o manejo não aliviam o problema.

Análise de pêlos

As análises de pêlos não se tornaram tão populares como as provas de perfil metabólico do sangue. Múltiplos fatores afetam os resultados das referidas análises. Não obstante, podemos ler uma revisão completa do assunto feita por Combes, Goodrich e Meiske (1982) da Universidade de Minnesota.

As concentrações de cálcio, fósforo e cobre nos pêlos não são bons indicadores do "status" nutricional do animal com respeito a estes minerais. Os teores de zinco e selênio dos pêlos são, no entanto, bons indicadores da ingestão dietética. Os teores de chumbo, arsênico e possivelmente de cádmio nos pêlos podem propiciar uma pista para elevadas ingestões dietéticas ou exposição ao ambiente a essas minerais. Os autores dizem, além disto, que "as análises de pêlos não são

provavelmente indicadores precisos do "status" mineral dos animais. As análises de pêlos podem ajudar a detectar deficiências severas de alguns minerais requeridos ou a exposição a alguns metais pesados. Contudo, se as análises dos pêlos forem efetuadas, deve-se ter o cuidado de comparar os valores dos animais examinados com aqueles de indivíduos de raça, sexo, estação do ano, pai e cor semelhantes. Além disto, devem ser analisados os pêlos novos, recém crescidos, as contaminações do ambiente devem ser minimizadas e as amostras de pêlo serão limpas, antes das análises".

Como tem sido enfatizado em artigos anteriores, uma programação cuidadosa dos alimentos (determinação da ingestão de nutrientes) juntamente com uma análise completa dos alimentos e da água de bebida por um laboratório químico reputado são essenciais para elucidação dos problemas nutricionais. O teste de perfil metabólico é mais um meio que pode ser usado efetivamente para corroborar outros indicadores, caso as falhas da testagem sejam bem entendidas. Os resultados dos testes de perfis metabólicos devem ser interpretados com muito cuidado.

As análises de pêlos apresentam muitas possibilidades de erro e má-interpretação. Todavia, se forem tomadas precauções, essas análises podem ser usadas como indicadores do "status" nutricional de determinados minerais.

— Jimenez, A. A. — Using blood analysis to measure metabolic status. *Feedstuffs* 54 (40):25, 1982. N. da R.: A. A. Jimenez é consultor de nutrição em Modesto, Cal., E.U.A.

notas zootécnicas

As vacas são sensíveis à luz do dia

Segundo *L'Elevage-bovin* (118):23, 1982, a produção de leite e o consumo de matéria seca de 21 vacas submetidas a 16 horas de luz fluorescente e 8 horas de obscuridade por dia e 21 vacas submetidas à luz natural, foram comparadas no início e no fim do período de lactação.

As fêmeas que receberam 16 horas de luz fluorescente tiveram uma produção de leite corrigida pela ordem de parição e a produção anterior de 6,7% (1,4 kg) superior às do outro grupo.

O fotoperiodismo não teve influência na porcentagem de matéria gorda do leite. O consumo de matéria seca aumentou de 6,1% nas vacas que tiveram 16 horas de luz e esse aumento pode explicar as melhores produções de leite.

Efeitos do "chorume" de bovino no pasto

Relata *L'Elevage-bovin* (118):61, 1982 um experimento conduzido durante 8 anos em uma área de 6 ha, na qual a metade recebeu, em cada ano:

• 46 t de "chorume", completado com 150 N, 34 P₂O₅ ou

• adubo mineral composto de 216 N, 104 P₂O₅ e 112 K₂O.

A aplicação de fertilizantes foi idêntica nos dois casos. O "chorume" foi empregado de uma só vez, no fim do verão. O nitrogênio mineral foi espalhado nas mesmas épocas nos dois tratamentos, vale dizer, quatro vezes no ano.

A produção anual de matéria seca por

ha foi, nos dois casos, superior a 10 t, sem diferença apreciável.

Os ganhos de peso obtidos com 40 novilhos que pesavam 400 kg ao serem postos no pasto foram igualmente idênticos, para cargas semelhantes.

As parcelas com "chorume" revelaram, após 8 anos, maior frequência de azevém-inglês e outras forrageiras do que as parcelas sem este fertilizante.

O "chorume" dos bovinos teve valor estimado de 500 francos f. /ha em 1981 devido aos elevados aportes de potássio (115 K₂O), aportes apreciáveis de N (67 N) e em ácido fosfórico (44 P₂O₅). O "chorume" proveniente de bovinos deve ser completado em N (150 unidades) e em P₂O₅ (50 unidades).

Nestas adições, o emprego do "chorume" por aspersão, à razão de 30 t/ha produz resultados equivalentes aos obtidos com o de adubo mineral somente.

Persistência da Brucella

Corner, L. A. & Alton, G. G. (Res. Vet. Sci. 31:342-4, 1981) tratam do tempo, após vacinação, da persistência da *Brucella abortus*, no bovino, informando o seguinte:

Após a vacinação de dois grupos de 9 vacas da raça Jersey com doses reduzidas da amostra 19 de *Br. abortus*, às 6 semanas da gestação, os organismos da referida amostra deram cultura em 5 animais vacinados. Todas as vacas foram testadas com *Br. abortus* virulenta, mediante instilação conjuntival, 10 semanas após a vacinação e foram necropsiadas após parto ou abortamento.

De 9 vacas que receberam 1/20 da dose padrão ($5,8 \times 10^8$ CFU), 1 abortou e mostrou infecção generalizada devida à amostra virulenta, assim como amostra 19 no úbere e gânglios linfáticos anexos. Uma teve amostra 19 no leite e nos gânglios linfáticos supramamários e *Br. abortus* virulenta no úbere; 2 apresentaram infecção maciça com amostra 19, resultado em aborto em uma delas e parto prematuro em outra. Após vacinação com 1/400 da dose padrão de amostra 19 ($2,8 \times 10^8$ CFU) a referida amostra foi isolada no colostro de 1/9 vacas.

A *Br. abortus* geralmente é inibida pelo eritritol a bundante no útero prenhe, mas mutantes utilizando eritritol (MUE) da amostra 19 ocorrem regularmente. Em uma partida da vacina usada os mutantes ocorreram na proporção de 1/900 000 CFU, resultando em 6 400 MUE na dose

mais elevada e 320 na dose mais baixa. Ao vacinar 700 fêmeas Hereford com mais de 3 meses de idade, com $3,0 \times 10^8$ CFU da amostra 19 (inclusive 340 MUE), 13 das amostras foram sorologicamente positivas ao serem as vacas sacrificadas 3 meses após a vacinação. A amostra 19 foi isolada de 6 animais, mas não houve interferência com as prenhez das vacas vacinadas. A vacinação do rebanho deve ser feita com no máximo $3,0 \times 10^8$ CFU da amostra 19, a fim de diminuir ao mínimo a colonização uterina com os organismos MUE.

Voltagem errática e problemas de saúde: perda de produção do leite em vacas ordenhadas mecanicamente

Segundo nota inserta em *Feedstuffs* (54 (40): 26, 1982) alguns produtores de leite de Ames, Iowa, E.U.A. estão perdendo leite produzido por ordenha mecânica e têm problemas de saúde das vacas devidos à corrente elétrica que passa pelos animais durante a tirada do leite.

Esses problemas com voltagem errática ou com a neutralização pela terra podem ser motivados por defeitos na instalação elétrica, falhas no equipamento ou imperfeições do fio-terra. Também podem provir de pequenas voltagens requeridas para levar a corrente necessária através

do sistema de neutralização da terra de acordo com o engenheiro e extensionista Vern Meyer da Universidade Estadual de Iowa.

Embora pequenas voltagens sejam comuns e parte inerente de um sistema elétrico que opera normalmente, as voltagens errantes de 3/4 a 1 volt podem causar sérios problemas.

Os problemas causados podem ser tais como descida incompleta do leite no úbere, aumento da duração da ordenha, aumento da incidência de mastite e elevadas contagens de células somáticas no leite ordenhado. Outros possíveis sintomas incluem o desconforto do animal durante a ordenha, o medo ou recusa de ingressar na sala de ordenha, a diminuição da ingestão de alimentos e água e aumento de esterco no recinto de ordenha.

Os produtores que suspeitem de problemas com a voltagem errática em suas propriedades devem procurar verificar o sistema elétrico existente mediante o concurso de um eletricitista, sendo examinados todos os pontos de modo a ficarem seguros de que todas as entradas de serviço estejam adequadamente ligadas à terra e manter em bom estado as correntes neutras e conexões. Ter em mente que fatores do ambiente corrompem as conexões das instalações e causam mau contato elétrico. Deve ser feito o possível para equilibrar todas as cargas de 120 v nas entradas de serviço do estábulo, converter os motores para 240 v., aumentar o tamanho dos neutros secundários se necessário e ter todo o equipamento elétrico inclusive bombas para remoção do esterco, descarregadores de silos, aquecedores de água e linhas de entrada ligadas à terra.

"A PECUÁRIA LEITEIRA EM DISCUSSÃO" II

EDUARDO DE ABREU CRUZ

Desde que me entendo, há 40 anos, ouço o termo "girolando" que por isso me é familiar.

Em linhas gerais, girolando significa um tipo de gado mestiço, euro-zebu, com boa rusticidade e produção leiteira razoável.

A combinação das palavras gir e holandês sugere, no entanto, que deva ser um mestiço das duas raças em grau de pureza e na proporção de sangue meio a meio.

Com o decorrer do tempo e mais interessado no assunto pude observar que, na prática, tudo é relativo, nada fica definido quando se usa o termo "girolando" que pode significar qualquer mistura de raças, em qualquer proporção de sangue, desde que tenha um pouco de zebu e um pouco de taurino e ainda seja boa produtora de leite. Tanto os amantes de Gir, quanto os de holandês se envaidecem numa vaca assim que logo é chamada "girolanda".

Todas estas razões provocam a confusão geral para que se possa definir o que seja "girolando" na prática. A teoria não funciona até porque ninguém pode definir proporções de sangue de animais sem registro e muitas vezes de procedência ignorada.

Mas elas, as vacas "girolando" continuam produzindo e provando que são excelentes produtoras porque têm, e isto é inegável, sangue misturado de *Bos Indicus* e *Bos Taurus*.

No meu entender de agora, com base no que aprendi no decorrer do tempo, "girolando leiteiro" é o produto do cruzamento de um animal da raça gir LEITEIRO e outro Holstein Friesen, ambos sendo PUROS. Isto é "girolando leiteiro" e é raro.

Raro porque poucos são os criadores de Holandês que têm a coragem de usar um Touro Gir Leiteiro sobre as suas melhores vacas puras.

Raro porque os criadores de Gir Leiteiro só usam touros holandeses sobre as suas vacas menos leiteiras, reservando as melhores para a produção de reprodutores.

Apesar disto ser a realidade, ainda assim, surgem alguns produtos dignos de nota e de valor incontestável o que só prova que o cruzamento das duas raças é válido e que as leis de genética de Mendel estão certas.

Ora, se o fator leiteiro é dominante, qualquer zebu, mesmo nelore, cruzado com holandês gerará produtos que em primeira geração serão leiteiros e a heterose se encarrega de fazê-los fortes e saudáveis, fáceis de se adaptar ao nosso meio e ao nosso clima.

Com base nestes conhecimentos primários é fácil perceber que utilizando-se holandeses e gir leiteiro provados, todos os produtos serão mais leiteiros e tão rústicos quanto os que são descendentes de um holandês com um zebu qualquer e que as chances de fixação das qualidades

herdadas dos dois lados sejam não só maiores, mas até certas, razão porque a se fazer o "girolando leiteiro" só reprodutores puros e de elite, machos e fêmeas, podem e devem ser empregados.

Ultrapassada essa fase de conhecimento pode-se chegar à que explica ser impossível, geneticamente falando, fazer uma raça com o cruzamento de animais mestiços com o grau de sangue meio a meio. E não adianta tentar porque o tal do Mendel descobriu as LEIS de genética que provam que isto não é possível. Se você souber de um exemplo, ele, exemplo, será daqueles que existem para comprovar que toda "regra tem uma exceção".

Não pense também que o Mendel possa ser contestado. Ainda não apareceu nenhum homem ou mulher, cientista ou não, que conseguisse sequer provar que ele pudesse estar enganado. Em geral os cientistas nem tentam, tal o cartaz que ele tem, da Rússia aos Estados Unidos. Não será no Brasil que ele seria desmoralizado.

E, de acordo com suas LEIS, é possível elaborar e fixar raças desde que se façam misturas ou cruzamentos que consigam atingir 5/8 de grau de sangue, isto é, três partes de uma raça para 5 partes da outra.

Partindo então desse acúmulo de conhecimentos, vê-se que é possível "fazer" o "girolando leiteiro" desde que sejam usados reprodutores puros das duas ra-

RAÇA PITANGUEIRAS EA
RAÇA PITANGUEIRAS EA



FAZENDA DUAS BARRAS

Criação da Raça Pitangueiras

Prop. Eduardo A. Alcântara

SANTO INÁCIO — PARANÁ

ESCRITÓRIO — RUA MASSARU UCHIDA N.º (904)

Fone: DDD (0443) 52-1263 — Cx. postal 13

Endereço: Rua Caramuru, 208
Tel. 0182 33-5118 — Caixa Postal 728
PRESIDENTE PRUDENTE — SP

EA

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

RAÇA PITANGUEIRAS EA
RAÇA PITANGUEIRAS EA

Osmarino — R-1336 — Pai-Produtor C-0048
Mãe — Osmarita.

Tunisia — R-2837 — Pai Internation R-2022
C-0733 — Mãe Ofélia C-2001

ças, de preferência selecionadas como bons, ótimos e excelentes, para que a raça elaborada possa ser boa, ótima ou excelente.

Não acho que os criadores de Holandeses puro ou de Gir Leiteiro possam ser contra a elaboração de uma nova raça capaz de ser adaptável ao nosso clima e condições, especialmente sócio-econômicas.

Sócio-econômicas sim, o que é compreensível por quem sabe que 90% dos produtores brasileiros produzem menos de 100 litros dia e que eles mesmos é que tiram esse leite, razão bastante para se perceber que não podem comprar vacas de 1.000 dólares que é o preço médio de animais puros de elite.

De início eles têm mesmo é que aproveitar as vacas que têm. É preciso também termos dignidade para aceitar a verdade e dizê-la: se eles não sabem e não podem se dar a luxos de higiene e boa alimentação, não poderão andar a injetar "glicofort" ou "Stimovit" nas veias de vacas melindrosas. Precisam primeiro ganhar dinheiro suficiente para sobreviver, tomar vermífugo, mandar os filhos à escola e viver com um pouco mais de conforto.

Com este argumento espero que não possa haver quem pretenda dizer que eles devem utilizar a inseminação artificial com sêmen de touros fabulosos para melhoria do plantel. Isto é utopia num país onde não se consegue implantar o planejamento familiar, sejamos coerentes, o que não deve impedir que os privilegiados empreguem até o transplante de embrião.

Creio que os Criadores de gado puro têm a obrigação de participar desse programa por várias razões. Em primeiro lugar para impor a qualidade genética das raças que criam e também demonstrarem que conhecem a realidade brasileira.

Não adianta presumir que os cruzamentos alternados possam melhorar a qualidade genética do plantel leiteiro do Brasil. Há 50 anos isto vem sendo tentado e o resultado está aí para comprovar o fracasso — média/vaca/ano/800 litros ±!

Só a melhoria por absorção é possível até mesmo porque pode aproveitar a totalidade das matrizes mestiças brasileiras. Essa melhoria só pode ser posta em prática se alguns privilegiados iniciarem o trabalho de formação de uma RAÇA capaz de se impor e se difundir.

Não há razões para se presumir que a simpatizada combinação de gir leiteiro com holandeses não possa fazer esse benefício para o país.

É preciso dar o passo inicial. Os criadores de gado puro não podem ficar de braços cruzados. Têm que se engajar nesse programa sob pena de no futuro não poderem ser compreendidos e nem perdoados.

Para se chegar ao 5/8 é preciso chegar primeiro ao 3/4, o que demanda tempo.

Na elaboração da raça ideal, de acordo com as experiências vividas com resultados excelentes na Austrália, N. Zelândia, África do Sul e Cuba, deve prevalecer 5 partes da raça européia e 3 partes da Indiana.

No Brasil, as duas raças disponíveis e com mais chance são sem dúvida a Holandesa — a mais leiteira, mais difundida e com plantel de nível genético dos melhores do mundo — e a Gir Leiteira — a mais leiteira das Zebuínas, embora brasileira, formada aqui, há mais de 50 anos e portanto com a melhor adaptação possível.

Creio que devemos usá-las, para chegarmos a ter a melhor de todas as raças euro-indianas jamais elaboradas, porque só nós temos o gir leiteiro e a certeza prévia da aceitação geral e maciça dos produtores de leite que poderão ter a primeira oportunidade de se transformarem em verdadeiros criadores!

Para entrar no programa de uma vez, resolvemos fazer o que se segue:

Tinhamos uma vaca 3/4 Gir Leiteira de 4 gerações nascida na Fazenda. Dela tiramos 1 fêmea e dois machos 5/8, filhos de High Point Citation Red (filho de Rosafé) e outro filho de R. Jasper Red.

A prosseguir assim, dentro de 10 anos teríamos um pequeno plantel.

Decidimos procurar um touro 3/4 de procedência conhecida e demos a sorte de encontrar um filho de Japão (pai de Iguatu e Nehru) e Artista (2.º melhor vaca 1/2, girolando, no controle leiteiro da ABC) de criação do renomado Rubem Rezende Peres, que dispensa apresentações.

Resolvemos usá-lo sobre todas as vacas Holstein P.O. Vermelhas e Brancas de que dispomos (70) para adiantar o programa e termos os produtos 5/8 logo nessa geração.

Como o Dr. Rubem tinha um outro touro 3/4, filho de Mônica (a melhor vaca 1/2 sangue controlada pela ABC), pedimos a ele que nos fornecesse sêmen do touro. Para nossa surpresa, logo que ele soube do programa genético que iniciamos, cedeu-nos graciosamente, a título de colaboração, algumas ampolas.

Assim, como o nosso touro que chamamos ARPAO e o sêmen que recebemos estamos enxertando todas as vacas P.O. do plantel.

Continuamos, com um certo número, 10 precisamente, a tirar 1/2 sangue para poder chegar aos 3/4, cujos machos poderão servir PO ou PC e fêmeas que darão origem a produtos 5/8.

Não existe razão lógica para se presumir que este programa, geneticamente correto, venha a falhar. Os resultados são demorados, mas alguém tem que dar o primeiro passo, foi o que decidimos fazer com a humildade de aceitar a "voz populi" no Brasil.

"Girolando é o melhor para produzir leite economicamente" e com o que podemos aprender dos países tropicais mais avançados que nós em matéria de criação e produção leiteira. Resta esperar.

ANUNCIE NA REVISTA DOS CRIADORES

Utilize as páginas da
REVISTA DOS CRIADORES

para atingir leitores de
várias partes do país.

Mande o fotolito pronto
ou sirva-se dos
nossos serviços.

A foto de um reprodutor,
de um equipamento agrícola
ou de um produto químico —
para fins agropecuários — é
tratada com o mesmo
cuidado, em nossas oficinas.

REVISTA DOS CRIADORES

EDITORIA DOS CRIADORES LTDA.

(GRÁFICA E FOTOLITOS
PRÓPRIOS)

Rua Venâncio Aires, 31
Fones: 263-8434 (PABX)
65-0116

DAS EMPRESAS

Febre aftosa em suínos tem remédio



Finalmente o suinocultor
pode se utilizar de um
produto eficaz para a
profilaxia da febre aftosa
— o OLEOVAC, que
imuniza os suínos contra
essa doença.

OLEOVAC — uma vacina
produzida pelos laboratórios
WELLCOME S.A. — não
possibilita a entrada da
febre aftosa no plantel,
protegendo-o de surtos.

Sem a febre aftosa —
com a ajuda de OLEOVAC
até a exportação da carne
suína fica facilitada,
porque, como informa a
empresa, ser brasileiro só,
não basta, é preciso ser
vacinado.

5 ml de OLEOVAC
aplicados atrás da orelha do
animal, por injeção
intramuscular profunda são
suficientes para produzir
níveis imunitários
adequados. COOPER,
LABORATÓRIOS
WELLCOME S.A.
DIVISÃO VETERINÁRIA

— Rodovia Raposo Tavares,
Km 26,9 — Bairro
Moinho Velho — Cotia —
SP.

Bamerindus cria novo serviço ao homem do campo

O Grupo Bamerindus, fiel
à filosofia já adotada de
apoio e incentivo à
agropecuária, acaba de criar
a Bamerindus Consultoria
Ltda. Numa composição
entre Bamerindus (51%)
e a firma norte-americana
de Consultoria Theodore
Barry & Associates, a nova
companhia vai oferecer
serviços de consultoria aos
setores industriais, comércio
e com maior ênfase à
agropecuária.

A Bamerindus-Barry vai se
dedicar principalmente à
médias e grandes empresas,
sendo que na agropecuária
vai oferecer gerenciamento
agrícola profissionalizado e
gestão global de
negócios por computador.

O presidente do grupo
Bamerindus disse que "está
na hora do empresário rural
obter lucro através do
aumento de produtividade e
não através da alta de
preços".

Smith Kline lança vacina para cães

Os laboratórios Nordem,
subsidiário da Smith Kline
Corporation, acabam de
lançar uma vacina especial
para cães: Vanguard
DA:PL, apresentada em
caixas de 10 x 1 dose.

Vanguard DA:PL
apresenta as seguintes
vantagens: o vírus da vacina
não pode ser isolado de
cães vacinados, e lesões

semelhantes às que aparecem
após vacinações contra
hepatite infecciosa canina
não foram encontradas;
protege contra o vírus da
hepatite infecciosa; atua no
combate ao vírus que causa
distúrbios respiratórios e
eficiente no combate a
lesões oculares.

Recomendada em dose de
1 ml, intramuscular ou
subcutânea, a Vanguard
DA:PL ataca males
conhecidos, como hepatite e
leptospirose e é indicada
para: cães com menos
de 3 meses de idade —
devem ser vacinados em
duas doses (aos 9 meses de
idade e 14 a 21 dias após a
primeira dose); com mais
de 3 meses de idade —
basta apenas a aplicação
de uma única dose.
Para maiores informações
Smithkline — fone (021)
342-7135.

Cocho higiênico protege animais contra doenças

Uma novidade para os
criadores de cavalos
brasileiros: lançado o
primeiro cocho higiênico.
Este produto da Deflet Ind.
e Comércio Ltda. já se
encontra à disposição no
mercado e é uma forma
eficaz de proteger a criação
contra o risco de doenças.

Feito em fibra de vidro,
material de grande resistência
e durabilidade, possui
cantos internos arredondados,
por isso, o fundo é
completamente liso, o que
evita o acúmulo de
alimentos, fato comum nos
cochos convencionais. Além
disso, os Cochos Deflet são
leves e podem ser
removidos diariamente para
limpeza e pulverização,
possibilitando higiene
completa. Um pouco
maiores que a bacia de uma
pia de cozinha, os cochos

podem ser utilizados em
ambientes internos ou
externos, com vários
sistemas de fixação.

Este novo produto,
elaborado sob a orientação
técnica do médico veterinário
José Luiz Pinto Moreira, é
encontrado em quatro cores:
branco, azul, amarelo-ocre e
verde. Mas a Deflet atende
pedidos de produção em
outras cores.

Sadia libera exportação de frango no país

Apesar de afetada pela
recessão internacional, as
exportações de frango
congelado da Sadia
mantiweram-se, em 1982, na
liderança, tanto na pauta de
exportações do próprio
grupo, como na participação
das exportações do produto,
dentro do País. O segundo
item em importância nas
exportações do grupo foram
os produtos do complexo de
soja.

A Sadia Concórdia, a
Frigobrás, o Moinho da
Lapa e a Sadia Avícola
contribuíram respectivamente
com 11,01%, 8,66%, 3,90% e
2,76%, num total de 26,33%
sobre as quase 300 mil
toneladas de frango
congelado, exportado pelo
Brasil no ano passado.
Esse desempenho é resultante
do esforço do grupo para
manter uma posição
internacional conquistada já
há alguns anos.

Com uma exportação de
cerca de 70 mil toneladas de
frango no ano passado, o
Grupo Sadia buscará, em 83,
através de sua política de
comércio exterior, vencer as
contingências do mercado
externo de frangos e
contribuir para um
crescimento de
aproximadamente 10% da
receita das exportações do
produto.

A Associação Brasileira de Criadores continua no trabalho de prestação de serviço aos leitores e associados.

Tratando nesta edição da uréia, a ABC esclarece aos interessados no assunto, fornecendo informações detalhadas e de grande valia.

URÉIA NA ALIMENTAÇÃO DE BOVINOS

Em virtude de numerosos pedidos de informações sobre o emprego da Ureia na alimentação de bovinos, repetimos nesta alguns esclarecimentos:

1.º — A Ureia é utilizada para substituir parte dos alimentos proteínicos que entram na confecção de rações para os animais: farelo de tortas de oleaginosas (soja, algodão, amendoim);

2.º — Não deve ser utilizada para substituir alimentos energéticos, tais como: milho, cevada, aveia, simplesmente porque a Ureia fornece apenas Nitrogênio não protéico, posteriormente aproveitado pelas bactérias do rúmen para síntese de aminoácidos e de proteínas;

3.º — As quantidades de Ureia utilizadas na alimentação dos animais variam de 50 a 150 gramas por dia, dependendo do valor energético das rações.

"RAÇÃO" é a quantidade total de alimentos ingerida pelos animais nas 24 horas do dia e inclui, portanto, os volumosos (capins, feno, silagem) e os concentrados;

4.º — A Ureia é economicamente utilizável pelos bovinos em "rações" com teo-

res de proteínas inferiores a 12%;

5.º — A Ureia deve ser dada aos animais em quantidades certas. No rúmen ela é desdobrada e transformada em Amônia, fonte de Nitrogênio para as bactérias. Sendo fornecida em excesso e, portanto, determinando uma excessiva produção de Amônia no rúmen, a parte não utilizada pelos microorganismos atravessa as paredes desse compartimento, entra na corrente sanguínea, transforma-se novamente em Ureia, no fígado, e elimina-se pela urina. Se a quantidade de Amônia formada for excessiva, o animal poderá sofrer intoxicações ou envenenamentos que podem levá-lo à morte.

MÉTODOS DE EMPREGAR A URÉIA

1 — A maneira mais prática de utilizar a Ureia é através da mistura Melaço-Ureia, na proporção de 1 kg. de Ureia técnica para 9 kg. de Melaço.

Essa mistura deve ser bem feita para que a Ureia se dissolva completamente no Melaço.

A mistura é oferecida aos animais em cochos de madeira, com uma grade, também de madeira, que permanece flutuando sobre a mistura, destinada a evitar que os animais bebam o Melaço, mas que apenas o utilizem lambendo, isto é, ingerindo pequenas porções por vez.

Os animais devem-se adaptar lentamente ao consumo da Ureia.

A recomendação da Petroquímica para esse fim é a seguinte:

	Melaço +	Ureia	Consumo Máximo
1.ª Semana	9,750 kg. +	0,250 kg.	1,000 kg/cab/dia
2.ª Semana	9,500 kg. +	0,500 kg.	1,500 kg/cab/dia
3.ª Semana	9,250 kg. +	0,750 kg.	1,500 kg/cab/dia
4.ª Semana	9,000 kg. +	1,000 kg.	1,500-2,000 kg/cab/dia

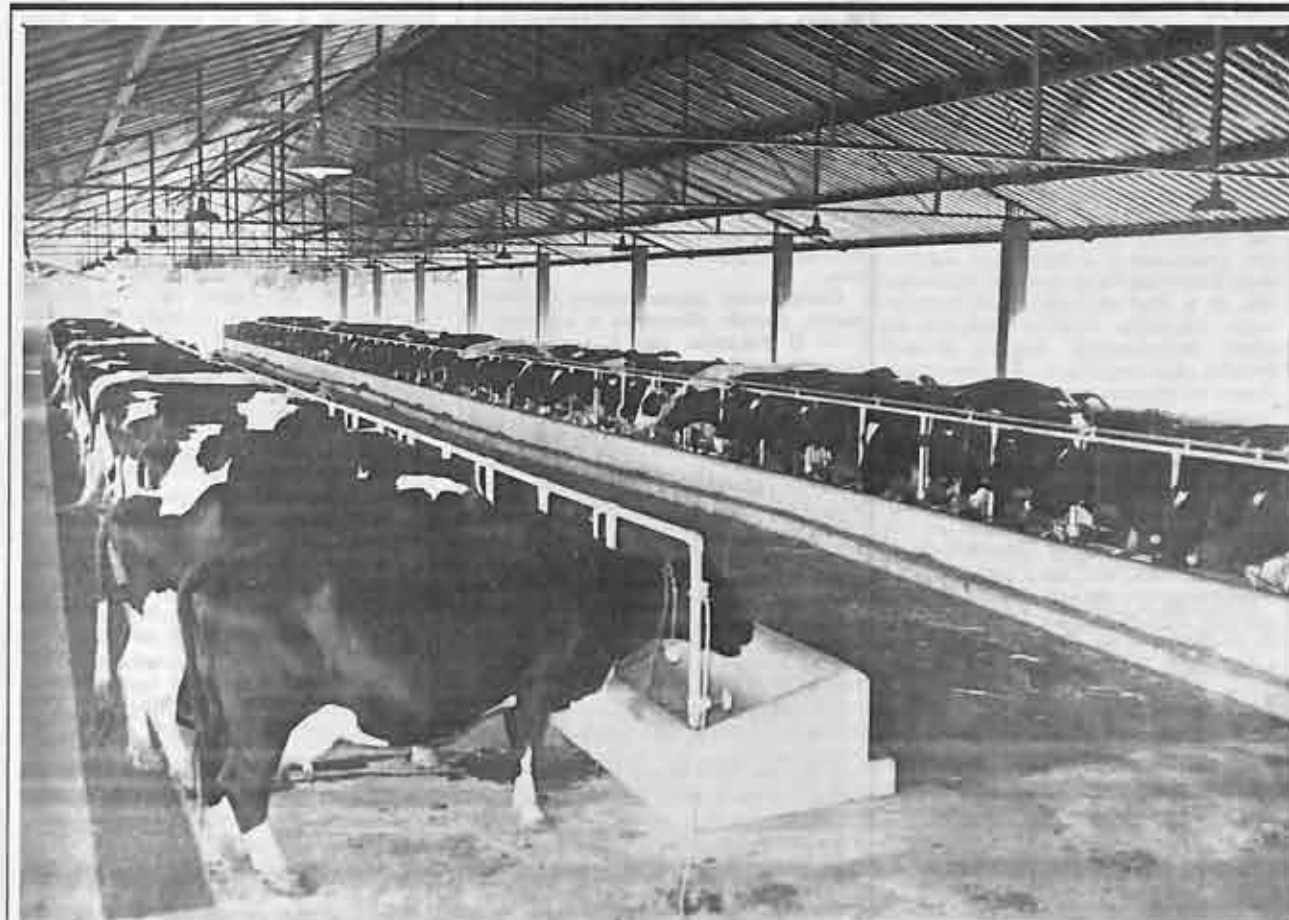
De acordo com esse esquema, os animais estarão recebendo, na primeira semana, 25 gramas; na segunda, 75 gramas; na terceira, 112,5 gramas e na quarta semana, 150 a 200 gramas de Ureia.

2 — Uma outra maneira de administrar a Ureia seria a de misturar bem o Melaço-Ureia, preparado da forma descrita, nas rações de concentrados

ou na farelada ou mesmo nos volumosos (capins e cana picados, silagens, etc.). Neste caso, para facilitar a distribuição, o Melaço-Ureia pode ser diluído com água e cada animal adulto deverá ingerir a quantidade certa de Ureia, conforme o esquema acima.

3 — Outra modalidade seria a de se misturar bem a Ureia à farelada numa proporção tal que o animal viesse a ingerir em sua dieta de concentrados a quantidade desejada de Ureia.

Por exemplo, fazendo-se uma mistura de milho desintegrado, farelo de trigo e farelo de torta de algodão e incluindo-se na mistura 1 kg. de Ureia para cada 100 quilos de mistura, cada quilo de mistura terá 10 gramas de Ureia. Um animal ingerindo 5 kg. dessa mistura estará consumindo 50 gramas de Ureia.



A uréia só se aplica na alimentação dos ruminantes.

A mistura precisa ser bem feita (de preferência num misturador) para que o animal não venha a ingerir mais do que o desejado e, naturalmente, as quantidades da mistura devem ser dadas individualmente para cada animal.

4 — A Ureia também pode ser empregada para enriquecer o valor da silagem. Neste processo, depois de diluída em melaço ou em água, a solução é espargida sobre a massa verde que está sendo ensilada, na proporção de 4 a 4,5 kg. de Ureia por tonelada de massa. Essa distribuição deve ser bem feita, por igual, o que se consegue com regadores comuns ou com máquinas pulverizadoras.

FINALMENTE:

a) A Ureia só se aplica na alimentação de ruminantes (ovinos e bovinos);

b) Não deve ser dada a bezerros antes dos seis meses de idade;

c) Sua administração deve ser controlada para que os animais não venham a consumir quantidades acima das normais;

d) O emprego da Ureia torna-se econômico para elevar o nível do Nitrogênio em rações com menos de 12 a 13% de proteínas. Quanto maior for o nível de energia da ração (NDT) tanto melhor será o aproveitamento da Ureia;

e) "Rações" com 12% de proteínas e 60 - 70% de NDT são suficientes para vacas leiteiras produzindo de 15 a 20 kg de leite. Mais uma vez queremos deixar bem claro que "RAÇÃO" é tudo quanto uma vaca come durante as 24 horas do dia;

f) As rações comuns constituídas de capins dos pastos, suplementadas com milho desintegrado, silagem de sorgo, de milho ou de napier, mandioca, cevada de cervejaria, etc., não chegam a possuir 12% de proteínas. Tais rações poderão ser economicamente enriquecidas com Ureia. Um quilo de Melaço-Ureia, ou simplesmente 100 gramas de uréia, substitue, teoricamente, 1 kg. de farelo de algodão com 28% de proteína bruta;

g) Uma orientação prática no uso da Ureia é que este produto não deve substituir mais que um terço das proteínas naturais da ração;

h) A adaptação dos animais à Ureia é muito importante porque vão adquirindo, no rúmen, bactérias altamente eficientes para aproveitamento do Nitrogênio da Amônia;

i) Com todos os cuidados

acima descritos, a Ureia pode se constituir num fator para rebaixar o custo das "rações" e para dar maior aproveitamento aos alimentos volumosos, tais como: palhas, sabugos de milho, milho desintegrado, capins de baixa qualidade, etc.

É interessante que os animais tratados com Ureia recebam, também, misturas minerais, contendo principalmente fósforo (farinha de osso ou diferentes tipos de fosfatos de cálcio).

Informamos que esta Associação mantém permanentemente em estoque boa quantidade de Ureia Técnica para alimentação animal, fabricada pela Petroquímica.

ABC — Rua Jaguaribe, 634 — fone: 826-3033 e Av. José César de Oliveira, 175 (CEA-GESP) — fone: 831-7966.



Palomina: uma pelagem comum especialmente em animais mestiçados

GEN. DIOGO BRANCO RIBEIRO

Inicialmente, há uma explicação necessária e obrigatória para esclarecimentos de muitos equinocultores brasileiros, que sempre me perguntam a respeito do **Cavalo Palomino**, tão estimado pelos norte-americanos, que o criam com tanto carinho, organizam-se em clubes hípicas específicos, utilizam-no em várias modalidades de hipismo, difundem-no através de suas revistas especializadas, levam-no a aparecer constantemente em filmes de propaganda e de ficção recreativa.

Contrariamos alguns autores, possivelmente, quando afirmamos o seguinte:

— O Palomino não é propriamente uma raça equina e sim um tipo de pelagem, frequentemente encontrada em várias outras raças cavалares, sendo mais comum em mestiços do que nos puros de "pedigree".

Muita "gente boa", que se diz entendida em equinocultura, pensa que Palomino é uma raça equina americana tal qual as raças Appaloosa, Quarter-horse, Morgan, Standardbred-Trotter, etc., que possuem associações com serviços de registros genealógicos, enfim, onde se cuidam do melhoramento zootécnico, da estandarização de padrão racial, da promoção e da expansão. "Gente boa", entre aspas, que nós referimos, muitas vezes chega a fazer comentários elogiosos, verdadeiramente doutrinários, ao ponto até de mostrar, imaginariamente, qualidades funcionais típicas, caracteres morfológicos definidos, como se fora uma raça consagrada por todo mundo. Entretanto, o que existe realmente nos EE.UU. são meros clubes de apreciadores da pelagem "palomina", que se congregam na objetividade seletiva da referida coloração dos pêlos de seus animais, não se importando com o aspecto da harmonia morfológica e nem tão pouco com a uniformidade funcional de aplicação, apenas visam exclusivamente a pelagem em si, isto é, a **palomina** por eles muito apreciada e amplamente difundida.

Palomino, embora alguns hipólogos relacionam com **Pombo**, o que, sinceramente, não percebemos bem até que ponto haja este relacionamento de coloração com a ave **pombo**, porque nas pesquisas cromotricológicas equíneas realizadas por nós e nas observações ao longo de nossa vivência prática no meio da equideocultura, a pelagem **palomina**, assim denominada na América do Norte, nada mais é do que o baio amarelo, também conhecida na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e nos Estados Unidos brasileiros, por baio amarelo ou baio douradinho, baio camurça, baio marinho (a palavra marinho aqui é uma corruptela do amarelo ou do amarelo, constituindo regionalismos campeiros caboclos de zonas do Sul do Estado de São Paulo, do Centro Oeste do Paraná, do Estado de Mato Grosso do Sul, etc.).

Os **Palminos** ou baio amarelos entre nós, quase sempre são ruanos ou crinalvos, por conseguinte apresentam crineira e cauda providas de cerdas de coloração mais claras do que a dos pêlos de revestimento de todo o corpo, mostrando-se

muitas vezes de tons prateados ou assemeilhando-se a cor do marfim, que logo de relance agradam o espectador, notadamente, ao receber os raios de luz solar, refletindo com esplendoroso brilho de espetacular beleza.

Atribuímos a estas duas particularidades, reflexos brilhantes do pêlame e ruanos (crinalvos e caudalvos), como sendo as causas preponderantes da predileção dos apaixonados "palomistas" norte-americanos. Aliás, não deixa de ser um adorno complementativo de alta nobreza, despertando de pronto a atenção de quem vê para dar ao conjunto do animal maior valorização, além de mascarar alguns eventuais defeitos exteriores não muito perceptíveis aos menos avisados, geralmente neófitos em assuntos equestres, porque, sem dúvida, o fator visual de máxima expressão atrativa para os reconhecidos afeiçoados "palominocultores", indubitavelmente, deverá ser a pelagem **Palomina** com a particularidade crinalva e caudalva.

Aprendemos na genética equina que, quando acasalados entre si os alazões e os brancos, também os tordilhos claros, mais raramente, sob influência de fatores heterozigóticos, quase sempre, podem surgir fenótipos **palminos**, isto é, produtos de pelagem baia amarela nas diferentes nuances douradas ou amareladas, porém com a específica particularidade de crineira e de cola bem mais claras do que a cor dos pêlos do corpo, constituindo uma incidência via de regra constante, porque raríssimos são os exemplares **palminos** não crinalvos ou não ruanos.

"A denominação de **Palomino** provavelmente se deve à presença do branco-pombo entre as três pelagens possíveis nesta raça". Assim está escrito na página 227 da magnífica obra — **CRIAÇÃO DO CAVALO E DE OUTROS EQUINOS** — dos Professores da ESALQ — Dr. A. Di Paravancini e Dr. Walter R. Jardim (este de saudosa memória), o que não concordamos muito com a assertiva por eles consignada, apesar de todo o respeito e admiração que os ilustres mestres são merecedores, porque **branco-pombo** é uma das três variedades do tipo branco (branco sujo, branco porcelana e **branco pombo** ou **branco leite**), enquadrado na categoria das pelagens simples, formadas por pêlos e crinas de uma só cor, com a mesma uniformidade de coloração em toda a superfície do corpo, inclusive dos membros; — enquanto o tipo baio simples ou baio camurça se encaixa perfeitamente com as suas cinco variedades e respectivas particularidades inerentes, tipicamente **Palomina** dos norte-americanos, adotada de maneira universal por hipotecnistas de renome internacional.

Pela tabela cromática de Robert Ridgway (1912) a pelagem baia "ovo de pato" dos tratadistas argentinos, constituída por pêlos de um nariz laranja diluído à salmão suave com crina e cola providas de cerdas da mesma cor, não nos parece ajustar-se bem no clássico dourado **palomino** dos norte-americanos,



4 DOT SEA BAR — Pelagem palomina da raça Árabe (The Árabe Journal, Janeiro, 1983).



que, deve ser crinalvo e caudalvo. Lembremos, também, que é frequente nascerem potrilhos com a pelagem amarelada um tanto pálida, mal definida, carecendo de muito tempo para tornar-se dourada típica dos padrões exigidos nos registros genealógicos da raça em formação, enquanto outros se desmancham em tonalidades não aceitáveis pela associação matter responsável. Embora, alguns clubes palomins mantenham ainda animais com estas características não admitidas na entidade coordenadora. Da mesma forma os matizes cremes, palhas e encardidos do baio isabel nem sempre poderão ser considerados **palminos**, por absoluta falta de detalhes da coloração e de particularidades vitais para o devido enquadramento da pelagem **palomina**.

Federico Huesca (1881) diz que o pêlo conhecido por isabel (isabella) é bicolôr, apresenta-se branco na base e amarelo na extremidade, apesar de às vezes ser o contrário, amarelo na base e branco na extremidade, determinando assim nuances claras, ordinária e escuras, conforme a intensidade de coloração.

Cremmel (1939), microscopicamente, observou ausência de granulos pigmentosos nos cortes transversais feitos na base de pêlos **palminos**, mas nos cortes realizados no ápice constatou razoável quantidade desses pigmentos.

Reprodutora meio sangue árabe com pelagem palomina. Criação do Dr. Lucillo Porto, Itápolis, SP.

criatórios de cavalos com a pelagem "Palomina". Desses clubes, alguns já estão se filiando à Association of Palomino Horses Breeders of América, fundada em 1941 na Califórnia e em 1946 no Texas. Parece-nos que, apesar de tão longo tempo das primeiras providências tomadas, somente nestes últimos anos, pensou-se numa orientação técnica-científica melhor estruturada para proceder a uniformização de caracteres exteriores pretendidos, morfológicos e funcionais, vislumbrando a busca racial na versatilidade utilizável de trabalho, de lazer e de adoção nas mais variadas aplicações esportivas de hipismo. Enquadrou-se, conseqüentemente, em regulamentação adequada a critérios técnicos capazes de preservar as preferenciais qualidades exploradas, procurando mesmo aperfeiçoá-las zootecnicamente, estabelecendo registros genealógicos oficiais, de modo que se consiga a fixação de padrões raciais almeçados na esperada implantação do puro **Cavalo Palomino**, quando deverá ser considerado como **Raça Palomina Pura**, com perpetuação de caracteres bem definidos através de gerações sucessivas, mantendo-se necessariamente na objetividade de suas finalidades primordiais, conforme a meta pretendida.

A cor **palomina**, estabelecida em normas pela Association of Palomino Horse Breeders of América, "descreve-se como sendo o mais parecido possível com uma moeda dourada recentemente cunhada, não devendo variar muito disso, nem mais clara e nem mais escura." Entendemos haver um determinado exagero dessa concepção americana de cor, porque, na verdade, existem exemplares **Palminos** com todas as nuances douradas no corpo, partindo da coloração semelhante à moeda dourada polida para matizes dourados claros cada vez mais apagados ou para matizes dourados escuros cada vez mais acentuados.

A crineira e a cola, obrigatoriamente, são providas de cerdas brancas, tolerando-se até 15% de pêlos escuros em ambas. Manchas brancas na cabeça e calcanhuras nos membros são aceitáveis, desde que não sejam excessivas ao ponto de alterar a principal característica da pelagem **palomina** ou baia douradilha. No tronco não se admitem manchas congêntas que possam modificar a coloração dourada do todo, a não ser pequenas pintas brancas acidentais, normalmente, resultantes de "pisaduras" provocadas pelos arreios ou por quaisquer outros ferimentos ocasionais. A pele é escura, não se permitindo despigmentações nas aberturas naturais (olhos, narinas, boca, lábios, prepúcio, vulva e ânus) e nos órgãos genitais externos, como acontece em animais albinos ou melados. Os olhos são escuros, bastante expressivos, portanto, demonstrando vivacidade, que é um dos atributos indispensáveis de máxima qualidade para o cavalo de sela, na somatória de outros dotes físicos exigidos na equitação normal corrente e principalmente na prática equestre especializada esportiva das diferentes modalidades de hiplano.

O engenheiro-agrônomo, Prof. Miguel Odrizola (1931), no extraordinário tratado técnico-científico — **A LOS COLORES DEL CABALLO** — publicado na Espanha, aprofunda-se em estudos sobre pelagens equinas de um modo geral, e, referindo-se ao **pêlame palomino**, tece considerações a respeito, incluindo-o como uma das variedades do "isabella" ou seja do baio isabel.

Martin Dobritzshoffer (1749) cita no Paraguai o baio ruano, dizendo ser mais ou menos escuro com crinas mais ou menos brancas.

Baio isabel, segundo autores europeus, é assim denominado pelo fato de sua coloração lembrar certa peça íntima do vestuário da princesa austríaca Isabel Clara Eugênia, filha de Felipe II, que governou os Países Baixos por volta de 1601 a 1604, quando se deu o cerco de Ostende, e ela fez uma promessa de só trocar tal roupa depois do rendimento da referida praça. Pois, a promessa foi realmente cumprida, porém a veste mudou de cor, porque a conquista aconteceu após longos 8 meses de luta, daí ter surgido a pelagem baia isabel... ou seja aquele baio um tanto encardido.

Há inúmeros clubes de afeiçoados criadores do cavalo **Palomino**, espalhados por muitos dos Estados da América do Norte, em que coordenam e incentivam



João Raposo dos Reis, dando prosseguimento ao seu propósito de contribuição para a melhoria genética do rebanho leiteiro do País, adquiriu o magnífico reprodutor HALDREY TRIPLE THREAT-RED, (Ex. 94) que já se encontra na LAGOA DA SERRA em regime de coleta de sêmen. João Raposo é um criador e selecionador que sempre se destacou nas exposições que participou, conseguindo sempre um invejável número de prêmios. Parabéns João Raposo, por esta excelente aquisição!



José Maria Bramley Barker faleceu no dia 20 de Março, aos 71 anos. Formado em 1937, pela Faculdade de Medicina Veterinária da USP, exerceu durante anos intensa carreira científica no ex-Departamento da Produção Animal da Secretaria de Agricultura e depois ocupou o cargo de Diretor Geral do Instituto de Pesca da Coordenadoria da Pesquisa de Recursos Naturais. Foi também, consultor da Associação Nacional das Empresas de Pesca e posteriormente, assessor científico da Sudene, em Brasília, e do Centro Latino Americano de Aquicultura em Pirassununga. Grande incentivador da Aquicultura, ultimamente era Presidente do Conselho da Associação de Criadores de Organismos Aquáticos. Foi, por mais de dez anos, editorialista especializado em pecuária sendo editor da revista "Gado Holandês" e consultor da "REVISTA DOS CRIADORES". A nossa redação sensibiliza-se com esta dolorosa perda de nossa comunidade.



João Passarelli está muito feliz devido ao excelente desempenho de Pegassus, touro holandês vermelho e branco cujo sêmen é comercializado pela PECPLAN BRADESCO. E toda esta euforia é justificável, pois Pegassus destacou-se mais uma vez no teste de progênie da Protegel realizado pelo Ministério da Agricultura, como o único touro com prova superior com PDT+1,97 — PDM+1059 LBS e REP 72%. Ficam aqui registrados os parabéns desta revista ao nosso amigo João Passarelli.

QUEM? QUANDO? COMO? ONDE? POR QUE?

Não tenha dúvidas. Anuncie seu produto ou seu reprodutor no maior grupo editorial brasileiro especializado exclusivamente em assuntos agropecuários: a Editora dos Criadores. Além da Revista dos Criadores (com meio século de existência), editamos também o Anuário dos Criadores, Agenda dos Criadores e Agricultores e o Informativo Rural Trabalhista e Fiscal. Além disso possuímos um moderno parque gráfico capacitado para produzir, compor, imprimir (branco e preto e quatro cores) qualquer tipo de peça gráfica.

Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP

UM PLANTEL SOB CONTROLE

Em certas épocas do ano os animais recebem uréia e melaço para complementar a alimentação.



Um "oásis" para o gado Jersey

WALTER C. BATTISTON

A região de Cabreúva, distante da Capital de S. Paulo cerca de 60 km, se caracteriza por ser bastante acidentada e apresentar quantidade elevada de grandes pedras nos morros; mas, há poucos quilômetros da estrada principal, pode ser encontrado um verdadeiro "oásis", onde se encontra implantada a Fazenda Uirapuru, com seus 387 ha. levemente ondulados, de terra relativamente boa e com aguadas abundantes.

Pertencente ao espólio do Dr. Mario Lopes Leão, que foi um dos maiores incentivadores da criação de Jersey no Brasil, tendo sido presidente da Associação dos Criadores de Gado Jersey do Brasil durante vários anos e criador há mais de 20 anos. Atualmente, o plantel se encontra sob a direção de seu filho

Dr. Carlos Alberto Rodrigues Leão, sendo premiado no Parque da Água Funda, em 1982, e obtido os melhores resultados na Expo-Leilão de Março deste ano.

Em cerca de 110 ha. são plantados café, uva e eucaliptos, sendo os restantes 180 ha. reservados à criação de gado da Raça Jersey, de boa qualidade. O plantel da Fazenda Uirapuru soma 320 exemplares: 150 são vacas leiteiras, 5 touros e o restante distribuído entre bezerras e novilhas. São 75 as vacas em lactação, que produzem diariamente, em ordenha mecanizada, 750 litros de leite tipo "B".

Existem cerca de 30 piquetes cercados com arame liso, com os respectivos bebedouros, formados de Napiê e Braquiária Decumbens. Somente os animais em lactação rece-

bem suplemento na ração, a não ser na época da "seca", quando o restante do gado também é tratado. Os que vão às exposições ou estão à venda também recebem alimentação suplementar.

Essa ração é feita à base de rolão de milho (80%), farelo de trigo (9,0%), torta de algodão (9,0%), sal mineralizado (1,0%), pó calcário (0,5%) e fosfato bicalcico (0,5%). Esses três últimos elementos constituem a mistura mineral que é dada constantemente também em cochos à vontade. Em certas épocas do ano há complementação com silagem e rolão de milho, produzidos na fazenda, que mantém três silos com capacidade de 300 toneladas cada um; neles é colocado milho com um pouco de uréia e melaço.



A Fazenda Uirapuru pertence ao espólio do criador Mário Lopes Leão



Sal mineralizado, pó calcário e fosfato: a mistura dada nos cochos



Aguadas abundantes e 387 ha. de terra.



As vacas produzem 750 litros/dia.

CRIAÇÃO DE BEZERROS

Na Fazenda Uirapuru a inseminação artificial é usada em larga escala e com ótimos resultados, chegando ao índice de um bezerro por ampola, segundo o administrador engenheiro agrônomo Walter Luís Napolitano. Logo depois de nascido e das primeiras providências, o animal vai para uma baia individual onde permanecerá até os 60 dias; receberá nos 5 dias iniciais de vida colostro exclusivo da mãe e depois dois litros de leite integral, duas vezes por dia, até o desmame que ocorrerá aos dois meses. A partir dos 15 dias de vida, terá à disposição ração, feno, água e sal mineralizado. O sol da manhã também é imprescindível, complementando o esquema que tem dado excelente resultado.

As novilhas na Faz. Uirapuru são inseminadas ao atingirem 18 a 20 meses e o ciclo recomeçará. Alguns garrotes são criados para venda, o que ocorre na base de 15 por ano aproximadamente.

TROFÉUS E PRÊMIOS

No escritório da fazenda, além dos mapas e gráficos de controle, há inúmeros troféus, a maioria obtida antes da morte do proprietário (há 4 anos). Depois da fase normal de adaptação às novas orientações, o rebanho da Uirapuru voltou a participar de algumas exposições, sendo premiado no Parque da Água Funda, em 1982.

Mas, além das excelentes lactações que o plantel sempre apresenta nos relatórios do Serviço de Controle Leiteiro, alguns animais se destacaram como recordistas de classe, como:

BELINA WISEMAN DE SÃO FRANCISCO, na classe BS, 3a 8m, LM, 4.876 kg, 264,0 kg, 5, 41%, 305.

S.A. ESPIRAL TRADEMARK, classe BS, 3a 11m, LE, 4.412 kg, 5,12%, 305.

S.A. ESPERANÇA 5.º LIDE, classe BJ, 3a 4m, LM, 4.752 kg, 215,4 kg, 4,53%, 305.



No balanço do controle a raça holandesa participa com maior número

WALTER C. BATTISTON



O destaque da raça foi para duas categorias.

Durante o primeiro mês de 1983, no Serviço de Controle Leiteiro, 872 animais encerraram lactação, muitas delas excelentes. Com seus 748 exemplares, a Raça Holandesa, como sempre, liderou a lista, representando mais de 85% do total controlado; em 2.º lugar colocou-se a Raça Gir, com 45 animais e em 3.º o Gado Pardo Suíço com 42. Em ordem decrescente e em menor quantidade, aparecem a Jersey (10), a Pitangueiras (9), a Simental (63), o Tipo Girolando e Procrusa (4) e a Dinamarquesa (2); com um representante cada estiveram as raças Guernsey, Indubrasil e Nelore, além de 3 bubalinos.

REPRODUTORAS EMÉRITAS

Foram 4 os bovinos inscritos na categoria de Reprodutora Emérita (RE), todos da Raça Holandesa: duas fêmeas são da variedade preta e branca: ARA-POTI DE JONGE KYLANDER JACOBBA 77, de C. Jacobus de Jonge e T-7S. QUIRINO da Pecuária Anhumas Ltda. A primeira tem 6 anos e 1 mês e em duas ordenhas e 305 dias, produziu 6.945 kg de leite e 207,0 kg de gordura e LE.

T-7 SÃO QUIRINO tem 9 anos e 8 meses e também em duas ordenhas, produziu 6.140 kg e 206,5 kg em 302 dias e LE.

No lote das "vermelhas" estão: LILI CROFT SHEILA RED de Cláudio V. Roberti, com 9 anos e 5 meses, dando em tres ordenhas e em 305 dias, 6.655 kg e 228,7 kg respectivamente e MIRAGEM PEGASSUS DE MEIRELLES, do Espólio de Antonio Josino Meirelles, com 4 anos e 10 meses, em duas ordenhas e 3.377 kg e 179,6 kg respectivamente em 305 dias. Ambas obtiveram LE.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

O grupo da variedade preta e branca foi composto por 631 animais, sendo 194 em regime de três ordenhas e representando 72,3% do total e 85,0% da raça controlada em janeiro. Além das Reprodutoras Eméritas já comentadas, destacam-se em regime de três ordenhas as seguintes nove fêmeas:

A.F. FORTALEZA VADIA, com 2a. Om., 9.755 kg, e 334,3 kg. em 365 dias e LM;

A.F. FORTALEZA SULTANA, 3a.3m, LM, 8.790 kg. e 298,2 kg. em 365 dias;

A.F. FORTALEZA SAMAMBAIA, 3a.9m, LM, 9.928 kg. e 350,6 kg. em 365 dias;

33 GALAXIA SKOKINSON ASTRO-NAUT, 6a.3m, LM 14.186 kg. e 403,0 kg. em 354 dias;

33 ESPERANÇA C. EMPEROR, 8a.6m, LM 10.984 kg. e 330,7 kg. em 316 dias;

33 ILIADA S.A. CHIEF, 4a.7m LE, 11.037 kg. e 322,6 kg. em 305 dias;

33 FARFALA S. MAPLE, 7a.8m, LM, 10.272 kg. e 311,0 kg. em 310 dias;

PROVALE MAGNET LENA, 5a.8m, LM, 10.314 kg. e 302,2 kg. em 365 dias;

CLINTON-CAMP A.A. TWIN, 5a.2m, LM, 10.111 e 283,7 kg. em 339 dias;

Em regime de duas ordenhas, as melhores foram:

CAR C. PILATUS DORA, 5a.2m, LM, 10.013 kg. e 312,8 kg. em 365 dias;

BICOTA DOWNLANE DO PARAÍSO, 6a.5m, LE, 9.501 kg. e 310,3 kg. em 302 dias;

A.B.E. TEUM J.H.T.S. 4a.6m, LM, 9.432 kg. e 302,0 kg. em 336 dias;

SENHA PLATO I PAUD'ALHO, 2a.3m, 7.434 kg. e 272,8 kg. em 365 dias.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Dos 117 "vermelhos", destacaram-se, além das duas Reprodutoras Eméritas mais as seguintes:

G.F.F. AUTÊNTICA JASPER, 2.1m. LE 6.024 kg. e 213,3 kg. em 305 dias; PIPERS-WORLD JASP LELA RED, 2a.4m. LM, 8.529 e 283,0 kg. em 351 dias;

PIPERS-WORLD DIPLOMATA RED, 2a.5m. LM, 8.257 kg. e 280,6 kg. em 350 dias;

ALBERTINA'S RJR REVETRIA, 2a.6m. 8.651 kg. e 287,9 kg. em 365 dias;

C. NELCAM NED PRIDE-RED, 6a.7 m. 11.077 kg. e 395,3 kg. em 352 dias e LM;

Em regime de duas ordenhas, das 91 vacas destacaram-se as seguintes:

ALGEMA DON CITATION S. CRUZ, 2a.11m. LE, 7.284 kg. e 257,1 kg. em 301 dias;

ROLETA M. RED S.M.P., 3a.5m. LE 7.130 kg. e 238,3 kg. em 305 dias;

LINCREST K. KIMELIA RED, 3a.10m. LM, 8.222 kg. e 225,8 kg. em 334 dias;

OCIMA BABY DA S. SEBASTIÃO, 6a.8m. LM, 8.634 kg. e 259,1 kg. em 302 dias;

RAÇA PARDA SUÍÇA

Os exemplares suíços foram 42, sendo 10 em três ordenhas: nesse lote a melhor foi B.C. TELMA TOPPER II, 7a.7m. LE, 6.002 kg. e 218,9 kg. em 305 dias.

Em duas ordenhas aparecem 33 outras, entre as quais despontaram:

DUVIDOSA DE SÃO CARLOS, 6.624 kg. e 248,2 kg. em 330 dias e LM;

ANALIZA DE STO. ISIDORO, 3a.1 m. LM 5.420 kg. e 192,4 kg. em 365 dias.

RAÇA JERSEY

Os dez representantes dessa raça inglesa foram controlados em regime de duas ordenhas, tendo se destacado os seguintes:

GUARA WISEMAN DE S. FRANCISCO, com 6a.8m, 4.045 kg. e 191,9 kg. em 365 dias;

SANT'ANA CONTINENCIA 4.º PATIENCE, 7a.7m., 3.932 kg. e 170,8 kg. e 360 dias;

RAÇA GIR

Dos 45 animais da Raça Gir, mantiveram-se em três ordenhas 7 e destes, 3 alcançaram Livro de Mérito (LM), apresentando as melhores produções:

RIBEIRA — 1286-5a.5m., 4.927 kg. e 214,1 kg. em 341 dias;

ODALISCA DE BRASÍLIA, 6a.11m. 4.920 kg. e 246,3 kg. em 365 dias;

ITATIBA S/963 — 12a.3m., 4.411 kg. e 237,1 kg. em 342 dias.

Em duas ordenhas as melhores foram: CODORNA SS 2.625-LM, 5a.7m., 4.525 kg. e 179,6 kg. em 365 dias.

CIRANDA — A-8.096 kg. — LM-7a. 8m., 4.525 kg. e 179,6 kg. em 347 dias.

MARAVILHA FORTUNA HABIL — LM — 8a.1m. 4.006 kg. e 210,9 kg. em 327 dias.

CRUZAMENTO DIRIGIDO

Nesse lote de animais "cruzados" aparecem 3 exemplares do Tipo Girolando, crioulos de Rubens Resende Peres, todos em três ordenhas e um deles em Livro de Mérito:

ASTRONAUTA — LM — 2a.6m., 3.999 kg. e 187,3 kg. em 346 dias;

BOLÍVIA DE BRASÍLIA — 03 — 4.815 kg. e 163,7 kg. em 335 dias;

BRÁILIA DE BRASÍLIA-21 — 4.750 kg. e 183,1 kg. em 356 dias;

Outro tipo de cruzamento, entre Gir e Dinamarquês, feito por Jorge M. Sabugosa, foi representado por VENEZA INDEPENDÊNCIA — MX-3 —, com 7a. 1m., dando 2.965 kg. e 148,3 kg. em 322 dias.

RAÇA PITANGUEIRAS

A Associação Brasileira de Criadores está completando o controle dos últimos exemplares dessa raça, pois a entidade da raça está chamando a si o controle leiteiro do gado Pitangueiras. Em janeiro, terminaram os testes 8 vacas de Eduardo A. Alcântara, relacionadas abaixo e um da Agropecuária CFM Ltda., todas em duas ordenhas, tendo se destacado:

FILIPINA DO E.A., 4a.11m, 3.133 kg. e 128,9 kg. em 365 dias;

XURI DO E.A., 7a.6m. 3.008 kg. e 127,5 kg. em 327 dias.

RAÇA DINAMARQUESA

Dos dois exemplares da Raça Dinamarquesa, a melhor foi NETTIE S.J com 2 anos e 7 meses, 3.142 kg. e 135,4 kgs. em 365 dias.

RAÇA GUERNSEY

Somente ESALQ RENDEIRA ELDO-RADO, com 3a.4m. 3.670 kg. e 153,8 kg. em 356 dias, representou a Raça Guernsey.

RAÇA SIMENTAL

Foram 6 os bovinos da Raça Simental, todos crioulos da Agropecuária Suíça Brasileira Ltda. e mantidos em regime de duas ordenhas; a melhor produção foi de ALPINA-660, que aos 7 anos e 3 meses deu em 244 dias, 3.315 kg. e 126,6 kg.

Serviço de controle leiteiro

Resultados Parciais de Controle

DESTAQUES

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

T 7 SÃO QUIRINO, Rg. GHB/533, G.H.B., REPRODUTORA EMÉRITA, com novo livro de Escól. Pai/ IAVACRES DUSTY MERRIT Rg. HBB/A9281, Mãe/ SÃO QUIRINO N 109 HB/SP-26443.

6a4m	-	2x	-	6.886	-	226,6	-	3,29%
7a5m	-	2x	-	7.051	-	241,0	-	3,41%
8a6m	-	2x	-	7.210	-	229,4	-	3,18%
9a8m	-	2x	-	6.149	-	206,5	-	3,35%

Prop.: PECUÁRIA ANHUMAS LTDA.

RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca

LILLCROFT SHEILA RED, Rg. HBB/LBB-230, P.O., REPRODUTORA EMÉRITA, com novo Livro de Escól. Pai/ OAK RIDGES REFLECTION REWARD Rg. 318052, Mãe/ LILLCROFT SHAMROCK CINDY Rg. 2478273.

2a8m	-	3x	-	4.917	-	177,1	-	3,60%
3a9m	-	3x	-	5.532	-	221,4	-	4,00%
4a11m	-	3x	-	6.114	-	219,6	-	3,59%
7a2m	-	2x	-	5.856	-	226,3	-	3,86%
8a3m	-	3x	-	7.015	-	249,6	-	3,55%
9a5m	-	3x	-	6.655	-	228,7	-	3,43%

Prop.: DR. CLAUDIO V. ROBERTI

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:**RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca**

ARAPOTI DE JONGE KYLANDER JACOB 77, Rg. HBB/B47.113, P.O., Pai/ ARAPOTI DE JONGE KYLAND Rg. HBB/A15281, Mãe/ C. ALTO JACOB 70 Rg. HBB/B14117, obteve "LE" aos:

4a0m	-	2x	-	6.432	-	223,6	-	3,47%
5a0m	-	2x	-	5.486	-	188,0	-	3,41%
6a1m	-	2x	-	6.945	-	207,0	-	2,98%

Prop.: CORNELIS JACOBUS DE JONGE (8) - Arapoti

RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca

MIRAGEM PEGASSUS DE MEIRELLES, Rg. RAJ/851, G.H.B., Pai/ S.J.T.SUODANA CITATION PEGASSUS RED Rg. HBB/LAA-46, Mãe/ MADRINHA-TRANSMITTER DE MEIRELLES Rg. GHB/399 obteve "LE" aos:

2a10m	-	2x	-	4.946	-	176,0	-	3,55%
3a10m	-	2x	-	5.419	-	178,8	-	3,29%
4a10m	-	2x	-	5.377	-	179,6	-	3,33%

Prop.: ESPOLIO DE ANTONIO JOSINO MEIRELLES

QUEM? QUANDO? COMO?

ONDE? POR QUE?

Não tenha dúvidas. Anuncie seu produto ou seu reprodutor no maior grupo editorial brasileiro especializado exclusivamente em assuntos agropecuários: a Editora dos Criadores. Além da Revista dos Criadores (com meio século de existência), editamos também o Anuário dos Criadores, Agenda dos Criadores e Agricultores e o Informativo Rural Trabalhista e Fiscal. Além disso possuímos um moderno parque gráfico capacitado para produzir, compor, imprimir (branco e preto e quatro cores) qualquer tipo de peça gráfica.

Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP

GUIA AGROPECUÁRIO

4ª EDIÇÃO

DIREITO AGRÁRIO, DIREITO TRABALHISTA RURAL, DIREITO FISCAL.



LEGISLAÇÃO DO TRABALHADOR RURAL.

REGULAMENTO DA LEI DO TRABALHADOR RURAL.

MODELOS DE DOCUMENTOS RELACIONADOS À LEGISLAÇÃO TRABALHISTA RURAL.

SEGURO DE ACIDENTES DO TRABALHO RURAL.

ENGENHEIROS, ARQUITETOS E AGRÔNOMOS.

REGISTRO DE ENTIDADES NOS CONSELHOS DE MEDICINA VETERINÁRIA.

PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AO TRABALHADOR RURAL (PRORURAL).

REGULAMENTO DO PRORURAL.

MOTORISTAS E TRATORISTAS.

DISTINÇÃO ENTRE "OLARIA" PRECÁRIA DE OLARIA ADEQUADAMENTE INSTALADA EM ÁREAS RURAIS.

O TRABALHADOR RURAL DEVE SER CADASTRADO NO PIS.

OS SINDICATOS RURAIS E A ASSISTÊNCIA SOCIAL.

IMPOSTO DE RENDA NA AGRICULTURA.

TRIBUTAÇÃO DOS RENDIMENTOS DA EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA OU PASTORIL.

AGRICULTOR PESSOAS FÍSICAS.

COEFICIENTES APLICÁVEIS AOS RENDIMENTOS.

CADASTRO GERAL DOS CONTRIBUINTES: NORMAS REGULADORAS.

ESTÍMULOS FISCAIS — FLORESTAMENTO E REFORESTAMENTO.

O tomário acima é apenas um resumo da matéria publicada em

TRATORES, MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS — ISENÇÕES

ARRENDAMENTO E PARCERIA.

MODELO DE NOTIFICAÇÃO JUDICIAL PARA DIVERSOS FINS, DE CARTAS, DE CARTA-PROPOSTA

DE ARRENDAMENTO, DE CONTRATO DE PARCERIA, DE CONTRATO DE ARRENDAMENTO,

CONTRATO DE FINANCIAMENTO, CONTRATO MISTO, CONTRATO SOBRE PLANTAÇÃO SUBSIDIÁRIA OU INTERCALAR.

SISTEMA NACIONAL DE CADASTRO RURAL.

REGULAMENTADO O SISTEMA NACIONAL DE CADASTRO RURAL.

RECOLHIMENTO DA TAXA RODOVIÁRIA ÚNICA.

AQUISIÇÃO DE IMÓVEIS RURAIS POR ESTRANGEIROS.

DESAPROPRIAÇÃO DE IMÓVEIS RURAIS.

IMPOSTO SOBRE A PROPRIEDADE TERRITORIAL RURAL.

CONSOLIDADOS OS DISPOSITIVOS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES CRIADAS PELA LEI n.º 2.613/55:

Decreto-lei n.º 1.146 de 31/12/70.

MESMO SITUADO EM ZONA URBANA, O IMÓVEL RURAL PAGA IMPOSTO TERRITORIAL RURAL.

CAMINHÕES DE TRANSPORTE AGRÍCOLA ISENTOS DE INPS, PODEM USAR PLACA AMARELA.

LICENCIAMENTO DE VEÍCULOS SEM DESPACHANTE.

ASSISTÊNCIA JURÍDICA GRATUITA. TÍTULOS DE CRÉDITO RURAL.

DEDUTÍVEL COMO DESPESA OPERACIONAL O VALOR DOS DESCONTOS DE NOTAS PROMISSÓRIAS RURAIS.

CRÉDITO RURAL.

SEGURO RURAL.

TÍTULOS DA DÍVIDA AGRÁRIA.

ELETRIFICAÇÃO RURAL.

FUNDO AGROINDUSTRIAL DE RECONVERSÃO.

FUNDO GERAL PARA AGRICULTURA E INDÚSTRIA (FUNAGRI).

FUNDO PARA DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA (FUNDEPE).

FUNDO DE ESTÍMULO FINANCEIRO AO USO DE FERTILIZANTES E SUPLEMENTOS MINERAIS (FUNEFERTIL).

COMERCIALIZAÇÃO DE LEITE CRU. PREÇOS MÍNIMOS.

MARCA DE FOGO EM GADO BOVINO.

PRÁTICAS RURAIS

Capítulo I — Fórmulas e técnicas para se achar superfícies e volumes.

Capítulo II — Agrimensura.

Capítulo III — Juros descontos e porcentagem.

Capítulo IV — CALENDÁRIO DE EXPLORAÇÃO PECUÁRIA

Capítulo V — Cálculos úteis ao produtor de leite.

Capítulo VI — A utilização do leite na indústria caseira.

Capítulo VII — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

Capítulo VIII — A utilização do leite na indústria caseira.

Capítulo IX — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

Capítulo X — A utilização do leite na indústria caseira.

Capítulo XI — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

Capítulo XII — A utilização do leite na indústria caseira.

Capítulo XIII — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

Capítulo XIV — A utilização do leite na indústria caseira.

Capítulo XV — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

Capítulo XVI — A utilização do leite na indústria caseira.

Capítulo XVII — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

Capítulo XVIII — A utilização do leite na indústria caseira.

Capítulo XIX — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

Capítulo XX — A utilização do leite na indústria caseira.

LACTAÇÕES TERMINADAS

1 DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DE 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Grav. de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dieta de lactação	Leite kg	Ord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Raça Holandesa — variedade preta e branca								
Tela Ordenhas (3x)								
CLASSE A1 — até 2 1/2 anos.								
A.P. Fortaleza Vadia - B/63409 - LM	PO	2-0	70614	305	8.438	289,4	1,42	Fazenda Portaleza Ltda
A.P. Fortaleza Tubada - B/60456	PO	2-1	67709	281	7.200	221,0	1,06	Fazenda Portaleza Ltda
S.O. Carpiha Superior Acari - B/62586 - LM	PO	2-4	70823	305	6.643	231,4	1,47	General P. Rodrigues
A.P. Fortaleza Tavares - B/59476 - LM	PO	2-4	70635	305	6.210	227,6	1,66	Fazenda Portaleza Ltda
BM Anoreira Claret - B/60637	PO	2-4	69276	285	5.107	173,3	1,39	Emil Wirth
BM Anoreira Flávia - B/60636	PO	2-4	69277	280	5.088	172,5	1,38	Emil Wirth
BM Anoreira Anika - B/60633	PO	2-4	69278	280	3.706	134,2	1,54	Emil Wirth
BM Anoreira Star Morante - B/64937	PO	2-5	73888	88	1.871	63,7	1,40	Emil Wirth
BM Anoreira Anoreira Anoreira - B/64923	PO	2-5	73891	81	1.744	62,2	1,56	Emil Wirth
BM Anoreira Puresa Dignity - B/64943	PO	2-5	73889	84	1.574	56,7	1,60	Emil Wirth
BM Anoreira Star Rara - B/64938	PO	2-5	73890	82	1.547	54,9	1,35	Emil Wirth
CLASSE A2 — de 2 1/2 a 3 anos.								
A.P. Fortaleza Sarriva - B/57417	PO	2-11	63705	281	6.981	238,7	1,41	Fazenda Portaleza Ltda
BM Anoreira Anika - B/60635	PO	2-11	71836	282	6.611	234,6	1,54	Emil Wirth
BM Anoreira Tavares - B/59199	PO	2-11	71011	304	6.524	235,9	1,30	Emil Wirth
BM Anoreira Emory - B/58433	PO	2-11	68663	300	5.448	187,0	1,43	Emil Wirth
BM Anoreira Almeda - B/56603	PO	2-8	66920	295	4.927	176,1	1,57	Emil Wirth
Maria N.S. Almeda - SP/134670	CEL	2-6	71159	305	4.862	181,0	1,72	Peruato Rappa
BM Anoreira Conissa - B/59190	PO	2-13	70548	168	2.120	70,8	1,33	Emil Wirth
CLASSE B1 — de 3 a 3 1/2 anos.								
A.P. Fortaleza Sarriva - B/57432 - LM	PO	3-3	66238	305	7.649	254,4	1,32	Fazenda Portaleza Ltda
Quilera de V. Malhada - SP/47712 - LM	PO	3-3	71047	305	7.338	241,6	1,29	Emp. Adm. e Com. Anos S/A
BM Anoreira Aspiela - B/59185	PO	3-0	71012	289	5.722	126,6	2,23	Emil Wirth
BM Anoreira Viana - B/58435	PO	3-5	68917	305	5.138	186,1	1,62	Emil Wirth
BM Anoreira Artonia - B/56634	PO	3-2	72896	182	4.313	153,3	1,55	Emil Wirth
BM Anoreira Almeda - B/56604	PO	3-4	69747	299	4.364	144,9	1,38	Emil Wirth
Jo. Giorgio Nova Virgínia Ilustre - B/59961	PO	3-4	70912	305	4.160	147,5	1,54	Interagro S/A
BM Anoreira Anoreira - B/59186	PO	3-1	71651	285	3.686	124,5	1,37	Emil Wirth
BM Anoreira Nova - B/52526	PO	3-2	73887	92	2.423	85,3	1,52	Emil Wirth
BM Anoreira Florida - B/52524	PO	3-1	70073	94	2.208	76,4	1,60	Emil Wirth
BM Anoreira Almeda - B/52519	PO	3-3	69373	81	1.771	59,1	1,33	Emil Wirth
CLASSE B2 — de 3 1/2 a 4 anos.								
A.P. Fortaleza Sarriva - B/56677 - LM	PO	3-9	64411	305	8.629	305,4	1,53	Fazenda Portaleza Ltda
J.P. R. Magalhães - B/51167 - LM	PO	3-11	65346	305	8.194	287,2	1,13	João Paulo Rocha
C.R. Fanny Chiller Gay Ideal - B/57894	PO	3-7	66059	305	7.492	235,1	1,06	Cleodir V. Roberto
A.P. Fortaleza Sarriva - B/57421 - LM	PO	3-6	64913	305	7.015	268,9	1,83	Fazenda Portaleza Ltda
Puranga Alibairia - SP/137747	PO	3-7	71160	305	6.118	201,0	1,28	Peruato Rappa
C.R. Pasa Fivina Cleo - B/52886	PO	3-10	64821	305	5.934	194,0	1,26	Cleodir V. Roberto
Capela Alibairia M. Rostrom - B/52358	PO	3-10	62541	283	5.717	192,1	1,35	Valdir Spinelis
Hy-Mark Margula Joyce - B/59928	PO	3-6	69758	295	5.687	196,1	1,44	João Domingos da Silva
BM Anoreira Anoreira - B/51485	PO	3-7	62442	305	5.554	190,6	1,43	Emil Wirth
S.O. Nêbe Bandeira Anticiclon - B/56604	PO	3-6	71325	305	5.110	171,8	1,36	Emil Wirth
BM Anoreira Anoreira - B/56608	PO	3-8	68919	305	5.100	169,0	1,31	Emil Wirth
A.P. Fortaleza Sarriva - B/56608	PO	3-9	67474	249	5.073	166,9	1,35	Fazenda Portaleza Ltda
BM Anoreira Anoreira - B/53494	PO	3-10	64657	268	4.788	158,5	1,30	Emil Wirth
C.R. Pansa Cindy Margula Adonia - B/57893	PO	3-9	65601	305	4.617	157,5	1,41	Cleodir V. Roberto
BM Anoreira Anoreira - B/59194	PO	3-6	73517	131	2.948	103,2	1,50	Emil Wirth
BM Anoreira Anoreira - B/59196	PO	3-9	69372	84	2.016	70,8	1,51	Emil Wirth
CLASSE C1 — de 4 a 4 1/2 anos.								
Mitland Sovereign Pansa - B/47031	PO	4-5	58009	294	7.479	312,4	1,91	Fazenda Portaleza Ltda
J.P. R. Magalhães - B/53171	PO	4-0	66055	305	7.171	234,0	1,26	João Paulo Rocha
Eydale Foundation Harriet - B/48471	PO	4-4	59411	301	6.989	245,8	1,51	João Paulo Rocha
Adria Quilera de Viana - B/47949	PO	4-2	71046	305	6.181	214,4	1,46	Emp. Adm. e Com. Anos S/A
A.P. Fortaleza Sarriva - B/52983	PO	4-3	63407	212	5.731	200,7	1,50	Fazenda Portaleza Ltda
BM Anoreira Anoreira - B/53501	PO	4-2	64658	268	5.676	201,8	1,55	Emil Wirth
BM Anoreira Anoreira - B/47507	PO	4-0	66918	219	5.181	180,4	1,52	Emil Wirth
CLASSE C2 — de 4 1/2 a 5 anos.								
J.T. Tilda Shokinson A. Ovet - B/49731 - LM	PO	4-7	59704	305	11.037	322,6	2,92	Benedito José S. de M. P. et al
A.P. Fortaleza Sarriva - B/51415 - LM	PO	4-8	59554	305	9.139	306,7	1,35	Fazenda Portaleza Ltda
S.S. Ulmaria Brigadier - B/51361	PO	4-8	62088	305	7.306	240,6	1,29	Adriano Ribeiro Avila
C.R. Espinosa D. Pedro Imperor - B/48589	PO	4-7	58992	269	6.991	219,4	1,13	Cleodir V. Roberto
Emil Wirth do Anoreira Anoreira - SP/102183	PO	4-8	60478	228	6.535	199,5	1,03	João Domingos da Silva
Ana Maria 75 Anoreira Anoreira - B/52370	PO	4-8	66310	289	5.849	204,7	1,49	Emil Wirth
Capela Nelly Premier Maple - B/50784	PO	4-8	64202	265	4.711	166,9	1,54	Adriano Ribeiro Avila
G.P.V. Famosa Brinde Maple - B/47171	PO	4-11	62965	305	4.324	159,2	1,38	João Paulo Rocha
BM Anoreira Anoreira Anoreira - B/47497	PO	4-10	59619	297	4.230	146,2	1,46	Emil Wirth
BM Anoreira Anoreira Anoreira - B/53500	PO	4-9	65191	104	3.030	105,8	1,49	Emil Wirth
C.R. Anoreira Anoreira - B/57889	PO	4-10	63852	121	2.670	79,9	1,04	João Domingos da Silva
CLASSE D								
Galaxy Shokinson Anoreira - B/42106 - LM	PO	6-2	52521	305	13.068	368,7	2,82	Benedito José S. de M. P. et al
Deporanga Chilly Imperor - B/36440 - LM	PO	6-6	44919	305	10.601	319,2	1,01	Benedito José S. de M. P. et al
Portalia Shokinson Maple - B/38737 - LM	PO	1-8	46571	305	10.074	304,2	1,01	Benedito José S. de M. P. et al
Clinton-Chilly Anoreira Anoreira - B/48784 - LM	PO	5-2	60113	305	9.543	284,1	2,76	Valdir Spinelis
Peruato Maple Anoreira - B/48282 - LM	PO	5-8	56902	305	9.507	274,6	2,58	Cleodir V. Roberto
Emil Wirth - B/130638 - LM	CEL	6-11	64732	305	9.203	303,4	3,29	Arnaldo M. de Oliveira
Emil Wirth - B/42476	CEL	6-6	58599	305	9.976	2	2,50	Valdir Spinelis

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Coord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Willard Astro Nan - B/46471 - LM	PO	6-7	54482	305	8.102	253,2	3,61	Fazenda Fortaleza Ltda.
Roe-Brook Double Tri Nodas - B/45090	PO	7-7	59931	278	7.735	269,5	3,47	Emil Wirth
Villa Rosa Challenge Nodas - B/45411	PO	6-7	56302	279	7.533	257,0	3,43	Emil Wirth
A.F. Fortaleza Joad - B/45047	PO	10-11	36972	295	7.470	257,5	3,44	Fazenda Fortaleza Ltda.
Capela Lurita - B/40271	PO	6-9	61367	305	7.424	250,0	3,52	Valmir Spinelli
Marina-Vilain Joads Dora - B/43585	PO	7-6	55168	263	7.337	261,7	3,57	Emil Wirth
Abelardo Tri-Vel Triune Joads - B/45410	PO	6-6	67439	275	7.208	248,7	3,41	Emil Wirth
Mellor Kampus Lenda - B/45497	PO	5-11	55567	305	7.277	241,4	3,31	Valmir Spinelli
Maritima Nodas - B/43616	PO	7-4	61309	267	7.251	246,0	3,39	Emil Wirth
Maritima Nodas - B/43616	PO	6-7	52382	305	7.137	241,1	3,37	Fazenda Fortaleza Ltda.
Amélia Quilana - SP/48283 - LE	31/32	9-11	65150	305	7.109	241,3	3,39	Arnaldo de Oliveira
Rodriguez Double Triune Joads - B/45249	PO	6-6	59618	305	7.076	252,8	3,57	Emil Wirth
Jose Shit Apostile Blanch - B/45379	PO	6-6	58181	247	6.905	240,5	3,44	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-5	57297	305	6.831	234,0	3,40	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-2	56304	305	6.860	244,5	3,56	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-2	58167	297	6.840	235,3	3,41	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-2	60566	305	6.786	230,9	3,40	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-7	61331	305	6.753	229,1	3,39	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-0	55141	275	6.751	231,8	3,46	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-6	60566	289	6.716	237,8	3,54	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-2	57729	303	6.670	235,2	3,52	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-5	58506	303	6.652	240,0	3,60	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-4	57090	305	6.643	216,0	3,25	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-8	56306	294	6.609	228,1	3,43	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-10	60562	276	6.613	228,0	3,44	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-6	58168	286	6.584	222,3	3,37	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-9	60904	265	6.572	239,5	3,62	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-9	58502	305	6.525	221,0	3,38	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-4	59179	253	6.496	224,9	3,46	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-0	55477	305	6.458	231,4	3,45	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	5-6	57092	205	6.443	226,8	3,52	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	5-7	61607	294	6.370	214,7	3,36	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-10	66921	305	6.361	228,6	3,59	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-7	58169	250	6.294	222,0	3,52	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-7	59015	240	6.258	207,0	3,30	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-9	55174	225	6.223	212,4	3,41	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-11	55125	204	6.207	223,2	3,59	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-7	57725	305	6.201	210,8	3,39	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	5-1	57592	305	6.124	210,8	3,44	Carlos Eduardo F.B.Faria
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	5-0	54210	304	6.104	234,1	3,83	Fazenda Fortaleza Ltda.
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-7	55482	256	6.099	211,6	3,46	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-2	59621	285	6.099	202,4	3,31	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	7-7	71048	305	6.080	174,0	2,85	Pop. Agnes Com. Anos S/A.
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-7	62440	305	6.082	198,5	3,26	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	5-3	57091	277	6.055	208,0	3,43	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-1	60561	304	6.007	200,0	3,32	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-6	59013	303	5.954	197,4	3,14	Emil Wirth
Wendy A King Agnes - B/45261	PO	6-7	57084	215	5.940	235,1	3,45	Emil Wirth
Ravensdale Double Sourlet	PO	7-3	61180	245	5.141	177,6	3,35	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-7	59011	227	5.077	172,5	3,40	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	-	72316	254	5.037	167,7	3,14	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	5-10	57292	305	5.014	161,5	3,22	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-4	60564	290	4.847	163,0	3,16	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-6	60565	305	4.870	210,1	3,57	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	5-4	59330	239	5.724	204,7	3,57	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-5	57299	267	5.839	196,3	3,53	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-6	59323	262	5.802	203,1	3,49	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	5-1	57303	305	5.640	181,7	3,27	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-5	61957	263	5.622	188,7	3,15	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-6	57306	251	5.572	192,4	3,45	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-3	55137	233	5.551	195,1	3,51	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-9	59326	191	5.431	191,2	3,52	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-1	57298	234	5.362	187,8	3,50	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-7	59324	305	5.274	184,2	3,49	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	-	67887	236	5.237	186,1	3,55	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-7	59334	269	5.237	177,6	3,39	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-0	55141	305	5.130	161,8	3,11	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-2	58173	297	4.808	158,7	3,28	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-1	57726	290	4.803	167,0	3,47	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-10	55109	178	4.736	169,4	3,54	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-10	59931	192	4.717	164,7	3,49	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	5-5	58505	259	4.707	171,7	3,64	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-10	57289	224	4.685	161,6	3,44	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	-	72997	189	4.656	159,7	3,42	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-6	55171	228	4.625	162,0	3,50	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	5-1	62443	222	4.573	165,5	3,61	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-11	55136	153	4.389	151,0	3,44	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-1	56309	126	4.297	146,6	3,41	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-4	58180	208	4.279	140,8	3,28	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-11	55120	175	4.160	142,9	3,43	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-5	63178	170	4.114	140,4	3,41	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-3	58175	265	4.110	138,4	3,36	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-8	59331	117	3.814	138,1	3,52	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-10	55131	188	3.841	127,3	3,31	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-11	62443	158	3.836	138,7	3,61	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-2	65844	305	3.841	124,6	3,45	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	5-10	58932	160	3.432	111,4	3,29	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-10	58177	211	3.352	111,5	3,38	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-6	57094	152	3.326	116,0	3,46	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-6	55169	132	3.254	112,7	3,46	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	8-2	68661	143	3.249	115,7	3,54	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-5	55170	106	3.194	110,1	3,44	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-9	58166	99	3.135	108,1	3,45	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	7-3	59939	112	3.122	106,8	3,41	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	8-0	57729	92	3.116	108,2	3,47	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-2	5730	236	2.947	101,4	3,44	Emil Wirth
Quilana Double Sourlet	PO	6-7	55171	110	2.624	89,1	3,40	Emil Wirth

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Coord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Brasão Açúcar Zella - B/43583	PO	6-11	55167	128	2.475	68,1	2,76	Emil Wirth
Pich-Lou S P Lisa - B/45423	PO	7-3	55124	100	2.347	81,8	3,48	Emil Wirth
Hirvale Bold Marge Berle - B/45183	PO	7-3	59327	78	2.168	73,8	3,40	Emil Wirth
Our-On Double Tri-Sonnet - B/45415	PO	5-11	59325	103	2.026	71,0	3,50	Emil Wirth
Garret Elsie Double Trilune - B/45189	PO	6-7	57085	113	1.367	43,5	3,18	Emil Wirth
Yanosa	PR	-	72629	305	5.102	187,6	3,67	Adelmar Ribeiro Avila
Yanosa Milbona Andara - B/44392	PO	6-2	56280	305	4.923	178,5	3,62	Interagro S/A
Donnelle Pam Hagen Friendly - B/46736	PO	12-0	32902	175	3.850	118,5	3,07	Quilado Fabreznid
Polancrest Marquis Cami - B/44398	PO	6-8	54882	305	3.294	149,5	4,53	Interagro S/A
SPB Baccara Boudouche - B/43615	PO	8-10	42429	172	3.282	100,3	3,05	Quilado Fabreznid
Elbe Marjaret du Hurty - SP/11587	CEI	5-0	64220	297	5.758	220,4	3,82	Arnaldo de Oliveira
Data Ordenhas (2x)								
CLASSE A1 - de 2 1/2 a 3 anos								
Secara Delol Patrícia P.D'Aho - B/41510 - LE	CEB	2-4	70387	305	6.850	224,7	3,28	João Rosier Dutilh
Miranga Tank Panorma - SP/14140 - LE	CEI	2-5	70704	302	6.686	212,2	3,17	Ronald Graber
Nereia Plato Ilada P.D'Aho - B/41498 - LE	CEB	2-3	70388	305	6.265	230,4	3,67	João Rosier Dutilh
H.M.Onda Gutchen - B/41514 - LE	PO	2-5	70794	305	6.141	212,9	3,46	João Maria J. Netto
J.M. Ivone Capelle Royal - B/45887 - LE	PO	1-11	71089	305	6.103	214,2	3,50	João Carlos J. Melvilles
Rumpf Pampox Panorma - SP/14302 - LE	CEI	2-3	71204	305	6.046	200,7	3,31	Ronald Graber
Porteje 02 S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,5	3,19	Gerrit Verburg
S. Alina da B.E. - B/1912 - LE	CEI	2-5	70758	305	6.027	192,		

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Amagoti Bani Anna 21	88	3-4	20056	279	4.311	149,0	3,45	Bernardo Domiciano
A.B.Paith 4 Pontuação - B/58293	10	3-4	21147	305	4.202	129,8	3,08	Claudia.Tec.Agr.Agr.
Clare Bootmaker Ovelha - B/57301	10	3-5	20780	269	3.897	148,8	3,01	Laiz Antonio de Souza
Coril Benda Pajante Dama - B/63124	10	3-5	65070	295	3.621	128,4	3,42	Carlos Gonzalo de Souza
P.B.C. Quilombo Gavião Pajante - B/60107	10	3-1	20586	296	3.529	120,8	3,42	Laiz Antonio de Souza
Volody da Enxada - B/59043	10	3-2	20078	280	3.491	116,5	3,33	Valente S/A Ind. e Com.
José Grosse Cico Bani - B/58044	10	3-3	20783	245	3.259	105,5	3,23	Laiz Antonio de Souza
Giffordale Mary Bani - B/60015	10	3-4	20914	277	3.238	119,1	3,67	Marcos Elitio de Freitas
C.A.B. Vito Bani - B/59360	10	3-1	20778	305	3.013	127,8	4,24	Colégio Adv. Brasileiro
Quilô Pribe do Capetão - B/1412	88	3-0	66705	119	1.550	33,8	3,47	Humilde V. Rodrigues
CLASSE B - de 3 1/2 a 4 ann.								
Botella A.G. - B/13648 - 1M	OC1	3-8	66422	305	7.814	240,7	1,08	Somente Agropecuária S/A
A.B. Maria Anna 8 B. Bani - B/57750 - 1M	10	3-0	66557	305	7.622	288,0	3,77	Correia João Jorge-Arap.
Tiare A.G. - B/13650 - 1M	OC2	3-0	65741	305	7.531	273,4	3,63	Somente Agropecuária S/A
A. de José Carlos 3 Victor - 42571 - 1M	OC3	3-11	66556	305	7.521	256,0	1,40	Correia João Jorge-Arap.
Jordineira Firat Milian M.L. - 1M	10	3-10	66695	305	7.475	258,3	1,45	Maria Lucia Fátima Dias
P. Otonari Nardine Complete - B/56923 - 1M	10	3-4	70991	305	7.350	231,6	1,15	Paula Maria de Sousa
Laiz José Bani - B/132145 - 1M	OC2	3-7	64948	305	7.120	235,5	3,21	Donald Graber
A. Bani - B/132145 - 1M	OC1	3-7	60367	299	7.033	241,0	3,42	Frederick Kik - Arap.
Jordineira P. Bani - B/56923 - 1M	OC2	3-11	63508	305	6.545	211,9	3,23	Donald Graber
B. 5197 Gavião Alameda Bani - B/56981 - 1M	10	3-6	65933	305	6.361	207,4	3,26	Laiz Antonio de Souza
Blacky 9 do Ariz - 53306 - 1M	OC1	3-7	64960	296	6.210	215,0	3,46	Gerhard Alex - Arap.
Botella A.G. - B/13648 - 1M	OC2	3-11	64602	285	6.100	201,8	3,30	Botella Agneta Lida
Botella A.G. - B/13648 - 1M	OC2	3-6	64807	305	6.057	214,5	3,54	João Figueiredo Freitas
Laiz José Bani - B/132145 - 1M	OC2	3-7	64844	294	6.055	189,3	3,12	Donald Graber
Mike do Bani - B/131095 - 1M	11/12	3-0	65727	305	6.049	220,0	3,63	Alana Gove
C.R. Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-8	67722	282	6.044	224,0	3,70	Bortolo Perri - Arap.
Camelita S. de Freitas - 108037 - 1M	OC2	3-11	64199	305	6.021	206,8	3,43	Carlos Alberto J. Lobo
Baila Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-10	65847	305	5.758	196,3	3,40	Hayden Montenegro
Galvão Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-7	70227	305	5.727	199,3	3,47	Galvão Bani - Arap.
Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-8	66276	298	5.608	183,0	3,26	Botella Agneta Lida
Fai 221 Bani - B/131095 - 1M	10	3-8	66613	271	5.417	171,3	3,16	Bani - Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	10	3-10	64313	305	5.389	185,1	3,43	Bani - Arap.
B. 5197 Gavião Alameda Bani - B/56248	10	3-7	70980	305	5.362	183,5	3,42	Botella Agneta Lida
Arap. Bani - B/131095 - 1M	10	3-8	70720	305	5.310	182,8	3,44	Isabel - Bani - Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-7	65874	305	5.228	182,4	3,49	Botella Agneta Lida
José Bani - B/131095 - 1M	10	3-11	65637	295	5.115	169,4	3,11	Fernando Alencar Pinto S/A
Arap. Bani - B/131095 - 1M	10	3-11	65146	295	5.060	154,8	3,09	Baila Bani - Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-8	65146	299	5.036	171,2	3,78	Arnaldo M. de Oliveira
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-8	64480	251	4.975	170,1	3,41	Correia João Jorge-Arap.
José Bani - B/131095 - 1M	10	3-7	65034	305	4.965	155,2	3,12	Fernando Alencar Pinto S/A
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-8	64292	284	4.868	134,5	2,78	Militerman Gove
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-8	64602	285	4.391	168,1	3,02	Antonio Carlos de Salvo
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-11	70922	305	4.380	148,4	3,39	Fernando Alencar Pinto S/A
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-7	70729	305	4.284	156,3	3,62	Laiz Antonio de Souza
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-7	70782	305	4.066	130,0	3,39	Laiz Antonio de Souza
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-11	66365	210	3.915	148,1	3,78	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-4	65157	273	3.883	126,3	3,25	Carlos Alberto J. Lobo
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-7	64794	190	3.813	126,8	3,42	Paula Maria de Sousa
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-9	64782	274	3.775	177,2	3,62	Alencar Bani - Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-10	66674	305	3.657	111,9	3,02	Carlos Alberto J. Lobo
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-4	65746	284	3.474	125,6	3,41	Arnaldo M. de Oliveira
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-11	71327	305	3.131	127,3	3,82	Laiz Antonio de Souza
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-8	65567	202	3.301	107,6	3,25	Laiz Antonio de Souza
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-8	66356	215	3.275	125,6	3,81	Carlos Alberto J. Lobo
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-9	66050	225	3.196	102,1	3,10	João Bani - Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-7	70953	305	2.635	90,5	3,43	Donald Graber
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	3-10	67293	240	2.463	72,2	2,92	Correia João Jorge-Arap.
CLASSE C - de 4 a 4 1/2 ann.								
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-1	65025	305	7.472	228,7	3,00	Militerman Gove
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-7	65670	288	7.215	222,5	3,04	Gerhard Alex - Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-7	64853	271	7.087	276,4	3,90	Antonio Carlos de Salvo
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-0	66578	305	6.884	211,2	3,21	Correia João Jorge-Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-1	66282	305	6.811	204,0	2,99	João Bani - Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-2	64777	305	6.292	216,1	3,18	Militerman Gove
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-3	66622	295	6.579	206,2	3,24	Correia João Jorge-Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-4	66750	305	6.563	214,3	3,28	Gerhard Alex - Arap.
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-5	66750	305	6.499	204,1	3,31	Botella Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-6	66752	305	6.466	218,7	3,48	Donald Graber
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-7	66753	303	6.294	207,7	3,74	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-8	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-9	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-10	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-11	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-12	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-13	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-14	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-15	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-16	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-17	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-18	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-19	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-20	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-21	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-22	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-23	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-24	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-25	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-26	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-27	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-28	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-29	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-30	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-31	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-32	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-33	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-34	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-35	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-36	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-37	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-38	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-39	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-40	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-41	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-42	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-43	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-44	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-45	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-46	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-47	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-48	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-49	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-50	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-51	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-52	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-53	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-54	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-55	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-56	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-57	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta Lida
Botella Bani - B/131095 - 1M	OC2	4-58	66753	303	6.381	204,0	3,70	Maria Agneta L

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Atibade 21 Astronaut S.M. - 74712	POC	6-1	50175	278	6.277	191,7	3,06	Cla. Adm. Tec. Agri. Alagoas
Balboa do Buriy - SP/46149	11/12	9-5	54219	305	6.194	211,8	3,41	Arnaldo Nide Oliveira
Pajuar Cavalei - B/46165	PO	6-1	57666	256	6.176	222,6	3,60	Antonio La Motta
T-7 São Quirino - GIB/533 - LE	QIB	9-8	40230	302	6.149	206,5	3,35	Pecuaría Antônia Ltda
Quilina	NR	-	64576	305	6.100	191,4	3,13	Antonio Coelho Guimarães
SF C.P.O. Tópica J. R. Maple - B/72828	PO	9-0	46945	271	6.085	187,9	3,08	Cla. Adm. Tec. Agri. Alagoas
Sandra's Diabolo Bolina - 14/5178 - LH	PO	5-0	58902	267	6.023	224,2	3,72	Antonio La Motta
X 1 São Quirino - SP/72695	QIB	7-0	50101	305	6.015	200,7	3,33	Pecuaría Antônia Ltda
Danúbio Carlo Lucinda - B/53428	PO	5-1	70787	305	5.993	155,1	2,60	Laiz Antonio de Souza
Solaci Veneza Viro Norberto - BSA/0140017	PO	5-9	70367	305	5.917	206,2	3,48	Elze Agro. Pecuaría Ltda
Lola 2 de Rondonópolis - GIB/1018	QIB	6-1	59376	305	5.902	158,2	2,68	Rodolfo A. Bonifácio - Arap.
Bolelele 1 Var S.O.H. - 41404	QIB	10-8	41940	305	5.891	188,0	3,18	Yakult S/A
Quilera de Veneza Nova - B/43561	PO	6-8	68237	246	5.892	198,7	3,37	Emp. Adm. Com. Agri. S/A
Edyval Roland R. Maple - B/46402	PO	6-8	65267	262	5.869	184,0	3,13	Princípio de Castro Garcia
Jang. Gajoma Jangito Capote - B/71719	PO	8-2	45891	305	5.844	184,8	3,16	Fernando Alencar Pinto
Malina São Quirino - SP/115888 - LE	11/12	5-4	69745	305	5.816	199,9	3,41	Arnaldo Nide Oliveira
Bolelele de Princesa - SP/35027	POC	5-0	59748	305	5.787	206,5	3,56	Carlos Alberto J. Lohmann
Maria Elze 763 J. Potado - B/41575	PO	6-9	52296	305	5.765	177,7	3,08	Marcio Eliseo de Freitas
Quilera 763 J. Potado - B/41575	PO	5-11	64382	292	5.726	205,7	3,54	Antonio Coelho Guimarães
Quilera 763 J. Potado - B/41575	PO	5-0	70557	277	5.712	212,5	3,72	Orvaldo e Rubens Assm
Quilera 763 J. Potado - B/41575	PO	5-0	59665	305	5.694	188,1	3,10	Fernando Alencar Pinto
Jang. Tópica Jangito Capote - B/49107	POC	5-9	50384	271	5.676	181,5	3,17	Faz. São Ana do R. Abaeté
Bolelele 69 de São Ana - 70947	QIB	5-10	50178	269	5.661	180,0	3,13	Cla. Adm. Tec. Agri. Alagoas
Bolelele 69 de São Ana - 70947	QIB	7-1	48786	305	5.649	181,7	3,21	S/A Faz. Pajuar
P. Antônia Fidalgo - B/46948	PO	5-1	56556	297	5.643	186,8	3,80	Donald Graber
Indonésia Paranaíba - GIB/1084	QIB	5-10	53042	278	5.591	181,1	3,23	Donald Graber
Sinking Springs Winter Assn - B/46424	PO	5-10	53042	278	5.591	181,1	3,23	Donald Graber
Ary 1811 King Greta - B/46680	PO	5-6	66131	305	5.576	184,0	3,29	Alfonso Nogueira de Freitas
P. Ubaldo Astronaut - B/34412	PO	9-4	47118	297	5.547	182,7	3,29	Antonio Coelho Guimarães
P. Ubaldo Astronaut - B/34412	PO	5-7	53132	236	5.528	150,0	2,71	Faz. São Ana do R. Abaeté
P. Ubaldo Astronaut - B/34412	PO	5-8	54002	305	5.524	171,7	3,10	José Mario J. Netto
Jang. Pajuar Jangito Capote - B/48451	PO	7-1	51051	291	5.464	165,0	3,02	Fernando Alencar Pinto S/A
148 Chapa 11 S.O.H. - SP/46309	POC	9-4	48297	305	5.452	166,7	3,05	Cla. Adm. Tec. Agri. Alagoas
Al. Ubaldo Astronaut - 11191	QIB	5-5	58277	285	5.444	175,0	2,47	Nicolau A. Nogueira - Arap.
Jang. Pajuar Jangito Capote - B/46402	PO	7-2	48434	305	5.436	158,0	2,90	Fernando Alencar Pinto S/A
Alfonso Nogueira de Freitas - BSA/0140610	PO	5-2	461167	305	5.426	206,2	3,83	Elze Agro. Pecuaría Ltda
Jamiro de São Quirino - SP/10805	11/12	5-10	70710	305	5.204	189,8	3,41	Ilbert J. M. Araújo
Jamiro de São Quirino - SP/10805	11/12	5-4	62071	289	5.193	184,2	3,54	Antonio La Motta
Jang. Sabirina Nardi - B/46560	PO	5-2	62129	267	5.193	145,0	2,79	Fernando Alencar Pinto S/A
Doutina 59 de São Ana - 60142	POC	8-0	50386	276	5.183	178,0	3,43	Faz. São Ana do R. Abaeté
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-0	53039	284	5.163	169,1	3,27	Donald Graber
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-0	59498	305	5.148	171,7	3,13	Haroldo V. Rodrigues
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-4	67820	268	5.132	189,1	3,68	Emp. Adm. Com. Agri. S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	11/12	52291	280	5.096	167,0	3,27	Marcio Eliseo de Freitas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-5	67918	305	5.055	166,1	2,80	Haroldo V. Rodrigues
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	9-0	44084	305	5.051	173,8	3,44	Arnaldo Nide Oliveira
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-6	56098	281	5.039	202,9	4,02	Conceição J. de Jesus - Arap.
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-3	70786	305	5.023	157,2	3,12	Laiz Antonio de Souza
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	10-0	51451	277	5.023	188,2	3,74	Haroldo V. Rodrigues
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-2	62161	305	4.929	174,2	3,53	Alfonso Nogueira de Freitas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-1	58046	198	4.927	162,0	3,28	Benedito Peres Camargo
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-1	50661	271	4.903	166,1	3,38	Faz. São Ana do R. Abaeté
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-4	72763	289	4.829	161,0	3,31	Leonard Nogueira - Arap.
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	4-4	52138	305	4.770	152,4	3,19	Fernando Alencar Pinto S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	4-7	56030	230	4.761	158,8	3,33	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	10-1	41784	261	4.740	144,7	3,04	Cla. Adm. Tec. Agri. Alagoas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-2	61360	305	4.747	175,8	3,70	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-1	65771	210	4.712	156,1	3,36	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-8	50270	305	4.728	154,7	3,27	Elze Agro. Pecuaría Ltda
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-9	58427	305	4.670	172,1	3,69	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-4	48025	265	4.674	158,0	3,17	Alfonso Nogueira de Freitas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-2	70598	305	4.663	148,0	3,17	Laiz Antonio de Souza
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	10-4	70560	295	4.640	159,2	4,40	Faz. São Ana do R. Abaeté
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-1	70965	305	4.632	198,0	4,10	Antonio Coelho Guimarães
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	-	71366	305	4.627	174,2	3,72	Antonio Coelho Guimarães
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	4-0	51201	305	4.609	155,2	3,36	Cla. Adm. Tec. Agri. Alagoas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-7	56095	304	4.570	142,6	3,12	Laiz Antonio de Souza
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-1	50503	291	4.513	170,0	3,75	Marcio Eliseo de Freitas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-1	65965	303	4.523	165,0	3,64	Faz. São Ana do R. Abaeté
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-6	43623	305	4.511	146,0	3,23	Fernando Alencar Pinto S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	-	71365	305	4.481	162,1	3,61	Antonio Coelho Guimarães
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	9-10	41540	305	4.450	158,2	3,55	José Mario J. Netto
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	9-8	62470	298	4.446	158,0	3,55	Alexander H. da Silva
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-0	61455	305	4.423	150,9	3,41	Alexander H. da Silva
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-6	56009	221	4.410	143,6	3,25	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-7	43919	305	4.396	138,4	3,18	Fernando Alencar Pinto S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	11/12	58145	291	4.393	141,1	3,21	Carlos Eduardo F.B. Paria
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	-	71278	305	4.382	123,3	2,81	Alfonso Nogueira de Freitas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-2	54318	300	4.365	176,0	3,10	Fernando Alencar Pinto S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-7	54845	304	4.365	141,0	3,22	Carlos Alberto J. Lohmann
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-3	60956	305	4.364	161,4	3,69	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-2	58459	271	4.270	144,0	3,05	Alexandre H. da Silva
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-2	61623	247	4.230	138,4	3,37	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	9-6	61806	305	4.221	141,3	3,27	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-0	59703	273	4.201	145,0	3,41	Alexandre H. da Silva
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-10	48427	305	4.200	126,1	3,00	Fernando Alencar Pinto S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-11	58059	305	4.197	135,6	3,23	Cla. Baptista Scarpa
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-6	59730	305	4.188	144,7	3,45	Alfonso Nogueira de Freitas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	NR	71258	305	4.181	150,8	3,60	Faz. São Ana do R. Abaeté
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-7	61051	305	4.163	152,3	3,65	Haroldo V. Rodrigues
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-11	56184	275	4.153	142,6	3,43	Carlos Eduardo F.B. Paria
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-4	49760	287	4.126	147,6	3,57	Alfonso Nogueira de Freitas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-11	54834	296	4.103	136,0	3,31	Carlos Alberto J. Lohmann
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	10-8	45726	305	4.063	150,4	3,70	Morada Nova Agri. Pec. Ltda
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-9	47014	271	4.025	124,2	3,08	Yakult S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-11	68085	291	5.426	175,6	3,23	Emp. Adm. Com. Agri. S/A

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-7	51569	301	5.405	183,0	3,38	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	11-7	39835	305	5.389	161,6	2,99	Fernando Alencar Pinto S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-2	46521	225	5.383	162,7	3,02	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-0	59902	305	5.382	195,2	3,44	Haroldo V. Rodrigues
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-6	52954	224	5.376	162,6	3,02	Faz. São Ana do R. Abaeté
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-2	55499	295	5.372	186,2	3,46	Faz. São Ana do R. Abaeté
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	9-11	40027	305	5.334	192,4	3,60	S/A Faz. Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-6	55470	243	5.334	172,3	3,23	Militeria Paranaíba - GIB/1002
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-10	66296	295	5.320	172,1	3,23	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	-	55419	287	5.301	183,4	3,45	Faz. São Ana do R. Abaeté
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-0	51321	266	5.297	158,7	2,99	Fernando Alencar Pinto S/A
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-6	63914	305	5.289	177,5	3,35	Cla. Adm. Tec. Agri. Alagoas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-10	67721	272	5.282	199,1	3,57	Benedito Peres Camargo
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-3	51205	276	5.270	155,2	2,95	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-5	69174	279	5.266	171,9	3,25	Elze Agro. Pecuaría Ltda
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-11	49108	296	5.253	175,2	3,34	Cla. Adm. Tec. Agri. Alagoas
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-6	56083	305	5.205	188,4	3,61	Morada Nova Agri. Pec. Ltda
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	9-3	46025	279	5.199	141,9	3,14	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-9	59456	192	5.194	132,4	3,31	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-7	61965	200	5.184	130,2	3,26	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-10	46074	264	5.160	130,8	3,30	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-7	61319	305	5.153	142,8	3,61	Haroldo V. Rodrigues
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	8-2	48944	262	5.146	134,4	3,40	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	7-7	49471	305	5.141	154,2	3,91	Waldy J. de Andrade
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	5-5	59138	305	5.130	137,5	3,52	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	-	49891	294	5.103	128,2	3,28	Quilera Paranaíba
Quilera Paranaíba - GIB/1002	QIB	6-5	52137	305	5.101	126,5	3,24	Fernando Alencar Pinto S/A

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade em meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
CLASSE B - de 3 1/2 a 4 anos.								
Quilômetro S. C. - SP/11000	100	3-1	64717	305	5.402	171,1	1,00	Três Ordishes (2x)
CLASSE C - de 4 a 4 1/2 anos.								
Soc. Siles Barboza/Rodriguez - SP/11000	100	3-2	64731	305	6.689	215,2	1,51	Geraldo de Figueiredo Borges
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Albuquerque's D.R. Pluma - SP/5249 - LH	100	4-7	60312	305	6.551	241,2	1,71	Agropecuária São. Cruz S/A.
Lobato's Lora - do Sinto - 6094	100	4-10	59350	117	3.267	105,8	1,21	Valeir Spinelli de Oliveira
CLASSE E - Adultas de mais de 5 anos.								
C. Nelson Ned Prade - SP/1449 - LH	100	6-7	49088	305	9.973	355,7	3,56	Padro Verde
Guilherme's Shell - SP/1449 - LH	100	9-5	41484	305	6.695	228,7	3,43	Claudio Venanzoni Roberti
Holanda's Tingo - SP/1449 - LH	100	-	65962	305	6.444	218,6	3,39	Valeir Spinelli de Oliveira
Dracina Standard - 50632	100	9-3	42110	305	6.426	203,7	1,17	Christiano dos R. Melroes
Jurupirã Nordestina - SP/2365	100	7-3	53419	237	6.389	233,8	1,65	Edgardo Paulo Henrique
Yoná Standard - SP/1449	100	11-4	38144	305	6.135	191,0	3,01	Christiano dos R. Melroes
Denise Galv's - 58559	100	8-3	53666	305	6.243	232,2	3,71	Padro Verde
Bela II Standard - 50618	100	10-0	42652	303	6.130	196,1	3,19	Christiano dos R. Melroes
Belinda Noble de Santa Ana - SP/494	100	10-0	41377	305	5.666	191,8	3,38	Exp. Gabriel Dias Pereira
Avenida Pôrta Standard - SP/1449	100	9-1	50559	281	4.014	158,5	1,22	Christiano dos R. Melroes
Melinda D.O. Standard - SP/1449	100	8-6	61808	228	4.322	139,2	1,22	Christiano dos R. Melroes
C. Dorisale Chief Area Red - SP/1449	100	7-1	77997	184	1.904	121,6	1,43	Agropecuária São. Cruz S/A.
CLASSE F - de 2 1/2 a 3 anos.								
David Perren da Buiana - SP/1449	100	2-4	70755	305	4.981	174,6	3,50	Philo C. Klappell - Arapoti
Dona Bala de Holambra - SP/1449	100	2-3	60881	271	4.049	139,7	3,45	Quip. Agro. Pec. Holambra
Idina Tapper da Buiana - 0326	100	2-4	70711	305	1.739	134,2	3,58	Philo C. Klappell - Arapoti
Silva Jasper Esq. - SP/1449	100	2-5	70936	232	2.294	76,4	1,33	Exp. Sup. de Ag. Luis de Queiroz
CLASSE G - de 2 1/2 a 3 anos.								
Algodão San. C. - SP/1449	100	2-11	70524	301	7.284	257,1	1,53	Fernando José Santos
Algodão Jasper Wood San. Cruz - SP/1449	100	2-10	70523	305	5.337	199,3	3,73	Fernando José Santos
Agropecuária M. S. - SP/1449	100	2-7	70755	305	5.270	192,9	3,66	Fernando José Santos
Despacho P. S. - SP/1449	100	2-9	70758	305	5.243	190,5	3,63	Luis Shehman
Silva W. S. - SP/1449	100	2-8	70758	305	5.143	180,4	3,50	Johannes W. de Grae - Hol.
P. S. Apple Transmitter - SP/1449	100	2-10	70754	305	4.398	163,2	3,71	Fernando José Santos
Paraná Jasper Red - SP/1449	100	2-7	70118	305	4.311	141,5	4,28	Fazenda da Toca Ltda.
Quilômetro Regas de S. A. - SP/1449	100	2-6	71185	305	4.129	138,5	4,48	Cap. Vasco M. H. Arantes
Perla Jato de Santa Ana - SP/1449	100	2-8	70707	297	1.915	137,9	3,20	Exp. Gabriel Dias Pereira
Alvorada J. P. - 154420	100	2-6	73392	298	1.967	146,9	3,49	Roberto Felipe Cantano
Rosário's Quilômetro Jasper - SP/1449	100	2-7	70913	305	1.751	130,9	1,49	João Passarelli
Lecia Ned Nico - SP/1449	100	2-9	70940	258	1.738	129,1	1,45	Antonio Bassoli
Santa do Morro Verde - SP/1449	100	2-9	73398	268	2.814	107,9	3,83	João Passarelli
Rosário's Quilômetro Jasper Red - SP/1449	100	2-6	70769	160	1.914	70,1	3,66	Roberto Felipe Cantano
CLASSE H - de 3 a 3 1/2 anos.								
Relata Monarch Red S. M. P. - SP/1449	100	3-5	69833	305	7.130	248,3	1,14	Cap. Vasco M. H. Arantes
Cliff-Joy Bottle - SP/1449	100	3-5	70917	305	6.033	203,6	3,17	Antonio Bassoli
N. M. Guarani Triple Cont. - SP/1449	100	3-1	70723	305	4.999	186,6	3,33	Laércio Vellozo Nogueira - Arap.
Ubirajara Elita Royal Ideal - SP/1449	100	3-0	71105	305	4.837	154,6	3,19	Laércio Vellozo Nogueira - Arap.
Mesa de São João - SP/1449	100	3-0	67863	305	4.538	153,4	3,35	Antonio de Toledo Lara Neto
Ubirajara Jasper Red de Santa Ana - SP/1449	100	3-4	71142	305	4.514	167,8	1,71	Antonio de Toledo Lara Neto
Ubirajara Jasper Red de Santa Ana - SP/1449	100	3-0	69843	175	2.027	73,7	3,63	Antonio de Toledo Lara Neto
CLASSE I - de 3 1/2 a 4 anos.								
Quilômetro K. - SP/1449	100	3-10	66590	305	7.902	218,2	2,66	Laércio Vellozo Nogueira - Arap.
J. P. P. C. L. - SP/1449	100	3-9	66633	305	5.816	188,4	3,73	João Passarelli
Santa Ana de Santa Ana - SP/1449	100	3-10	66633	305	5.207	174,8	3,17	Antonio de Toledo Lara Neto
Santa Ana de Santa Ana - SP/1449	100	3-6	69938	305	4.959	162,5	3,17	Antonio Bassoli
Carolina de S. A. - SP/1449	100	3-7	66660	305	4.682	157,7	1,75	Carlos Thomaz Moutely
Araceli's Quilômetro Regas de S. A. - SP/1449	100	3-11	61825	305	4.595	157,6	3,43	Roberto Felipe Cantano
Ubirajara Red - SP/1449	100	3-10	60774	305	4.381	144,2	3,28	Antonio de Toledo Lara Neto
Ubirajara Red - SP/1449	100	3-6	66638	305	4.133	144,1	3,50	João Passarelli
CLASSE J - de 3 1/2 a 4 anos.								
Quilômetro L. - SP/1449	100	3-14	67791	305	1.912	141,9	1,69	Carlos Thomaz Moutely
Quilômetro L. - SP/1449	100	3-9	67791	305	1.654	121,6	1,18	Antonio de Toledo Lara Neto
Quilômetro L. - SP/1449	100	3-10	68831	242	1.651	112,2	1,17	Antonio de Toledo Lara Neto
CLASSE K - de 4 a 4 1/2 anos.								
Quilômetro M. - SP/1449	100	4-1	68808	305	5.670	188,5	3,12	Agropecuária São. Cruz S/A.
Quilômetro M. - SP/1449	100	4-1	69520	305	5.114	188,0	4,42	Cap. Vasco M. H. Arantes
Quilômetro M. - SP/1449	100	4-4	68808	305	4.931	156,4	1,15	Agropecuária São. Cruz S/A.
Quilômetro M. - SP/1449	100	4-0	64415	109	1.599	51,7	1,15	Antonio de Toledo Lara Neto
CLASSE L - de 4 1/2 a 5 anos.								
Quilômetro N. - SP/1449	100	4-10	60026	305	5.337	177,4	3,33	Antonio de Toledo Lara Neto
Quilômetro N. - SP/1449	100	4-11	60117	305	4.852	184,2	3,80	Carlos Thomaz Moutely
Quilômetro N. - SP/1449	100	4-9	61704	275	4.712	161,9	3,43	Antonio Bassoli
Quilômetro N. - SP/1449	100	4-0	57025	298	4.549	163,9	1,69	Antonio Bassoli
Quilômetro N. - SP/1449	100	4-9	56770	248	4.012	136,1	1,19	Antonio Bassoli
Quilômetro N. - SP/1449	100	4-9	56771	243	3.582	90,6	1,17	Antonio Bassoli
CLASSE M - Adultas de mais de 5 anos.								
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-8	61786	302	8.614	279,1	3,00	Johannes W. de Grae - Hol.
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-6	61786	305	6.443	228,8	3,04	Antonio Bassoli
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-8	61786	305	6.201	195,9	3,15	Antonio Bassoli
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-7	52815	301	5.911	176,8	2,99	Laércio Vellozo Nogueira - Arap.
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-11	55649	305	5.752	193,9	3,17	Antonio Bassoli
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-7	48683	296	5.630	187,2	2,97	Antonio Bassoli
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-7	61786	305	5.521	215,3	1,89	Fazenda da Toca Ltda.
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-8	50330	305	5.482	208,7	1,80	Quilômetro e Deco M. Ribeiro
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-0	42781	297	5.140	172,4	3,22	Antonio Bassoli
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-0	42745	305	5.202	168,9	3,24	João Passarelli
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-1	61491	260	5.071	178,6	3,52	Fazenda da Toca Ltda.
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-7	60072	105	4.256	194,2	1,91	Perla Quilômetro
Quilômetro O. - SP/1449	100	10-10	60615	304	4.591	155,6	3,18	Antonio Bassoli
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-0	59584	305	4.805	166,8	3,88	Luis Shehman
Quilômetro O. - SP/1449	100	8-10	44301	305	4.645	157,7	1,35	Francisco Lopes Filho
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-0	56331	305	4.562	154,2	1,35	Antonio Bassoli
Quilômetro O. - SP/1449	100	5-0	60975	305	4.305	139,9	2,88	Fazenda da Toca Ltda.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Suzana São Rafael - 75985	100	31/32	6-11	51368	305	6.447	155,4	3,49
Formidina S. C. - 6478	100	022	12-2	36629	298	6.446	171,6	3,62
Naiva Lina - SP/77610	100	022	6-7	53602	305	6.441	166,7	3,75
Paolina Red Nico - 62613	100	022	5-3	58399	234	4.341	151,6	3,49
Paolina's Nova Royal Red - SP/4553	100	PO	5-6	55335	292	4.269	148,9	3,48
Paolina Transmitter Morro Alto - SP/4553	100	GMB	8-11	41250	105	4.209	169,3	4,02
Paolina de S. A. - SP/77610	100	GCB	7-0	50218	305	4.184	151,2	3,60
Vaya G. W. M. - SP/58751	100	POCO	7-8	59810	303	6.178	151,6	3,62
Laerte Lopes P. L. P.	100	POCO	5-0	64834	305	3.993	136,1	3,40
Cravinho Corneio C. P. - SP/5244	100	PO	5-1	71263	305	3.955	141,9	3,64
Mariza Moutely Red S. M. P. - SP/4553	100	GMB	5-0	71184	225	3.797	151,9	4,00
Paolina's Nova Royal Red - SP/77610	100	PO	9-10	41090	297	3.637	127,0	3,49
Compania 228 Ujallins - SP/58809	100	31/32	5-6	64619	277	3.632	124,8	3,43
Sonia	100	NR	-	70957	280	3.606	123,1	3,41
Anabela Royal Nico - SP/58809	100	GCB	7-0	46737	183	3.581	117,7	3,28
Paolina's Nova Royal Red - SP/4553	100	PO	5-3	55062	236	3.475	120,9	3,48
Calvota de Santa Ana	100	PO	-	69721	302	3.406	152,8	4,46
Medista S. H. - 8741	100	022	6-4	50713	261	3.381	120,7	3,57
Jaspe Lopes P. L. P.	100	POCO	5-0	64833	265	3.371	119,3	3,53
Lidia Lopes P. L. P.	100	PO	-	70242	290	3.213	109,3	3,40
Andressa Lopes P. L. P.	100	PO	-	70816	305	3.087	111,7	3,61
Shirley Farm Nico - SP/58751	100	GCB	6-11	51255	300	3.027	109,4	3,58
Christina São Rafael - 75992	100	31/32	7-1	50871	249	2.966	106,7	3,39
Artista Winton de Santa Ana - 9705	100	022	8-6	48879	291	2.955	105,9	3,58
Artista Noble de Santa Ana - SP/4553	100	024	9-0	45111	235	2.821	108,7	3,85
Haripol Rouston Red P. L. P.	100	PO	-	70817	305	2.651	99,9	3,77
Perla's Nova Royal Red - SP/5094	100	PO	5-3	65970	224	1.835	69,5	3,79
Bosta de Murada Nova	100	NR	5-8	53521	143	1.087	37,1	3,43
Raça Jersey								
Data Ordenhas (2x)								
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.								
Margaretha's Design - 13501-C - LH	100	PO	3-10	71021	275	2.846	153,9	5,40
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.								
Santa Ana Rosângela 110 Ideal - 12107-C	100	PO	4-5	71353	305	2.626	115,0	4,38
CLASSE CQ - de 4 1/2 a 5 anos.								
Agropecuária São. Cruz S/A - 7770	100	3/4	6-6	57309	270	2.226	101,7	4,57
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Santa Ana Rosângela 110 Ideal - 12107-C	100	PO	10-1	61764	255	3.723	180,8	4,85
Santa Ana Rosângela 110 Ideal - 12107-C	100	PO	7-7	64618	305	3.500	151,1	4,31
Santa Ana Rosângela 110 Ideal - 12107-C	100	PO	6-8	51415	305	3.453	144,3	4,75
Santa Ana Rosângela 110 Ideal - 12107-C	100	PO	-	71060	288	2.646	123,4	4,66
Santa Ana Rosângela 110 Ideal - 12107-C	100	PO	5-10	50912	305	2.550	128,8	5,05
Santa Ana Rosângela 110 Ideal - 12107-C	100	NR	-	64837	255	1.886	88,4	5,24
Santa Ana Rosângela 110 Ideal - 12107-C	100	NR	-	68555	273	1.501	77,9	5,16
Raça Parde Suíça (Schwyz)								
Data Ordenhas (2x)								
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.								
Corona Clara Mary - 6257	100	PO	3-11	63338	305	5.029	160,0	3,34
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.								
B.C. Corona Elegante III	100	PO	4-1	60972	266	4.141	152,1	3,67
CLASSE CQ - de 4 1/2 a 5 anos.								
Corona Clara Mary - 6257	100	PO	4-9	60972	266	4.141	152,1	3,67
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
B.C. Corona Elegante III	100	PO	4-7	61687	271	3.438	150,2	4,36
B.C. Corona Elegante III	100	PO	7-7	46570	305	5.002	168,9	3,64
B.C. Corona Elegante III	100	PO	7-1	49521	305	4.898	165,3	3,43
B.C. Corona Elegante III	100	PO	9-1	40409	183	3.988	154,7	3,87
B.C. Corona Elegante III	100	PO	7-7	43782	234	3.647	131,9	3,67
B.C. Corona Elegante III	100	PO	10-8	43729	201	3.429	120,3	3,50
B.C. Corona Elegante III	100	PO	10-0	47382	234	3.387	110,4	3,25
Data Ordenhas (2x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Imperial Starline de S. C. - 305512	100	POCO	2-10	67162	296	3.247	134,9	4,15
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.								
Análise de S. A. - 206619 - LH	100	PO	3-1	70476	305	4.536	160,2	3,53
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.								
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	6-0	68846	211	2.291	86,4	3,77
S.B. Fervilha - 6187	100	PO	6-5	66337	195	1.980	67,9	3,42
CLASSE CQ - de 4 1/2 a 5 anos.								
S. C. Fervilha - 6187	100	15/16	6-8	64331	237	3.185	122,6	3,84
S. C. Fervilha - 6187	100	PO	6-6	61617	232	2.429	82,9	3,89
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	8-1	45792	305	6.350	235,3	3,70
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	7-13	44438	297	4.547	167,9	3,69
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	7-10	53934	305	4.374	185,1	4,23
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	5-6	58571	278	4.229	162,0	3,83
Adalberto Lenda - 9659	100	POCO	7-3	48500	301	4.802	180,0	3,80
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	6-3	59540	268	4.062	165,4	4,07
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	6-5	47387	283	3.976	145,7	3,66
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	7-1	55457	296	3.919	166,6	4,25
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	5-5	54899	297	3.745	161,2	3,77
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	9-10	47089	305	3.672	140,2	3,81
Adalberto Lenda - 9659	100	POCO	5-5	60548	297	3.498	136,0	3,99
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	9-8	44143	225	3.340	115,6	3,46
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	11-2	38449	270	1.287	125,3	3,80
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	7-4	57026	263	3.279	126,1	3,84
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	6-8	51060	217	2.050	120,3	4,23
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	8-8	43980	256	3.021	119,1	3,94
Adalberto Lenda - 9659	100	PO	5-3	55563	276	2.975	107,1	3,60

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Maciã - 0700	PO	10-6	42945	305	2.768	114,3	4,25	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
S.M. Mary Soy Pluribus	PO	-	30605	284	2.947	119,6	4,02	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Delma - 5820	PO	6-9	47427	236	2.920	95,1	3,29	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Oliva - 5291	PO	6-5	56762	302	2.446	92,1	3,76	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Goldi - 4925	PO	10-4	37679	183	2.355	87,1	3,70	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Adalpre Bêlica - 3716	PO	15-4	27428	236	2.292	81,3	3,54	Adalpre S/A. Agro. Comercial
Marta - 4933	PO	10-10	37680	208	2.148	81,7	3,80	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Isolada da Alameda - 3173	POOD	6-6	53441	235	2.096	93,0	4,43	Giovani Biazopolino Grossi
Marreca Burgesa (Univ. de S.M. - 5751)	PO	6-8	59542	142	1.789	71,1	3,97	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Raça Simental								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Alpina - 660	PO	7-3	54197	244	1.315	126,6	3,81	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Rebek - 677	PO	7-7	46229	213	2.629	92,3	3,51	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Blumli - 669	PO	7-2	46725	214	2.531	98,5	3,89	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Bethli - 430	PO	10-7	48067	274	2.259	90,0	3,95	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Raça Guernsey								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Montemelo - 167	PO	7-4	46543	174	2.218	84,6	3,81	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
	PO	6-9	46768	207	1.848	69,4	3,75	Agro. Pec. S. Brasileira Ltda.
Raça Dinamarquesa								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Nettie S. José - 38-868	PO	2-7	70791	305	2.675	116,1	4,33	Oratório Olavo S. Barbosa
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Tet. nº 0352 - 413	PO	7-7	70790	305	2.958	126,3	4,26	Oratório Olavo S. Barbosa
Raça Pitangueiras								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE AS - de 3 a 3 1/2 anos.								
Burroughs do E.A. - 7552	LA	3-1	71031	305	2.544	102,9	4,04	Eduardo Alves Alcântara
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Bolita II do E.A. - 7975	IB	3-8	71378	256	1.779	76,5	4,79	Eduardo Alves Alcântara
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
Philippa do E.A. - 2825	IB	4-11	70681	305	2.693	110,8	4,11	Eduardo Alves Alcântara
Inglaterra do E.A. - 2491	LA	4-9	70677	247	2.362	105,5	4,46	Eduardo Alves Alcântara
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Muri do E.A. - 2504	IB	7-6	71029	305	2.913	122,2	4,18	Eduardo Alves Alcântara
Fragata do E.A. - 2510	LA	5-1	71027	305	2.736	115,5	4,22	Eduardo Alves Alcântara
Força do E.A. - 1898	LA	6-11	71028	272	2.578	102,7	3,98	Eduardo Alves Alcântara
Quarentena do E.A. - 4885	IB	6-7	70679	217	1.724	78,5	4,55	Eduardo Alves Alcântara
Quel. nº 13611	NR	-	67028	179	1.492	71,6	4,80	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Raça Gir								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE D - de 5 a 6 anos.								
Ribôna - 1286 - LM	NR	5-3	64641	305	4.694	202,4	4,11	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Puma do Brasil - 5-3564	RE	5-10	64125	305	3.451	169,0	4,89	Rubens Rosendo Peres
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
Carilda - 5-983	NR	12-3	39034	305	4.319	192,3	4,45	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Colinas de Brasília - A-8337 - LM	RE	6-11	70905	305	4.290	215,2	5,01	Rubens Rosendo Peres
Maré de Brasília - P-0000	RE	9-2	54020	305	3.578	161,4	4,51	Rubens Rosendo Peres
Cita de Brasília - 5-2922	RE	6-1	70906	305	3.315	163,9	4,94	Rubens Rosendo Peres
Olinda - D-39	NR	7-3	51309	240	2.824	128,6	4,55	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Raça Holandesa - variedade prata e branca								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Pompa do Colômbia - 2251	RE	3-9	70180	267	1.787	103,1	5,46	Gabriel Donato de Andrade
CLASSE CS - de 4 a 4 1/2 anos.								
C.A. Operta - A-3047	PC	4-1	70610	305	2.279	125,0	4,49	João Gabriel da C. Noronha
Rafá - 8-02	NR	4-2	70382	305	1.748	88,7	5,07	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
C.A. Operta	NR	4-7	70611	305	2.458	109,8	4,46	João Gabriel da C. Noronha
Colinas de Colômbia - 3-4040	RE	4-7	71310	305	2.291	106,6	4,65	Gabriel Donato de Andrade
Mara do Colômbia - A-8243	POOD	4-11	70435	247	1.216	63,2	5,19	Colonial Agro Pec. S/A.
CLASSE D - de 5 a 6 anos.								
Operta - 5-2625 - 1M	RE	5-7	63381	305	4.176	160,0	3,83	Arthur S. Major Filizola
Operta - A-41	NR	5-8	63901	305	2.510	118,7	4,70	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Rezo - 1313	NR	5-4	65319	305	2.287	116,9	5,11	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
Clorinda - A-8996	RE	7-8	64001	305	4.101	160,2	3,90	Arthur S. Major Filizola
Marcelina Furiosa Habi - R-763 - LM	RE	8-1	59409	305	3.915	204,1	5,21	Marcelo e José João S. R. Reis
Loberda - A-8268	RE	12-1	49380	305	3.895	151,0	5,08	Arthur S. Major Filizola
C.A. Operta - 1237	RE	7-11	59749	304	3.800	154,7	4,07	Antonio José L. Oliveira Costa
Arborea - 917	NR	12-10	59628	305	3.465	154,2	4,44	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Colatina	NR	14-7	29763	305	3.080	141,2	4,58	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Operta - 5-2629	RE	8-8	49570	305	3.000	119,1	3,97	Arthur S. Major Filizola
Marreco - R-058	NR	5-2	48800	305	2.986	133,8	4,48	Kenia Agric. e Pec. Ltda.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Silvina - R-1174	RE	-	44086	296	2.945	116,5	3,95	João Lucas Resende e Outros
Indolida da Colômbia - R-1680 - 1M	RE	7-5	56708	305	2.914	145,2	4,98	Gabriel Donato de Andrade
Carla - 849	NR	12-0	42182	305	2.819	125,9	4,42	João Gabriel da C. Noronha
Puma	NR	6-2	58162	305	2.627	129,1	4,56	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Ultras - 5-980	NR	12-2	40641	305	2.809	126,7	4,56	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Alcega - A-6276	RE	9-5	62872	305	2.806	113,2	4,03	Arthur S. Major Filizola
Olimpiada - 642	NR	8-0	56028	305	2.779	123,2	4,43	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Jada - J-037	NR	11-5	49649	305	2.778	124,8	4,58	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Colina - 5-3115	RE	15-1	49574	305	2.602	106,7	4,07	Arthur S. Major Filizola
C.A. Jatoiba - R-7211	RE	6-6	70942	305	2.592	116,6	4,49	Antonio José L. Oliveira Costa
C.A. Argentina II - A-5763	RE	9-10	69646	296	2.522	110,0	4,36	Antonio José L. Oliveira Costa
Nazareth - 648-14	NR	8-0	56572	298	2.521	114,8	4,55	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Macieira - H-009	NR	9-9	46060	262	2.503	113,1	4,52	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
C.A. Jubilosa - 5288	POOD	8-8	58450	305	2.489	112,3	4,51	João Gabriel da C. Noronha
C.A. Estilho - A-2481	PC	12-6	71642	305	2.382	101,7	4,27	João Gabriel da C. Noronha
Lajota - L-016	NR	10-7	51639	241	2.142	103,1	4,81	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
C.A. Mave	RE	6-10	64115	305	2.116	103,3	4,88	João Gabriel da C. Noronha
Hana de Brasília - Cont. 1092	RE	11-6	59178	192	2.104	79,7	3,78	Arthur S. Major Filizola
Nica - 5-084	NR	8-2	49250	241	1.908	93,8	4,92	Kenia Agric. e Pec. Ltda.
Indúbia - C-502	NR	6-7	70641	305	1.848	88,9	4,37	Tasso Assunção Costa
Princesa - L-8845	RE	15-2	49582	172	1.614	59,8	3,70	Arthur S. Major Filizola
Raça Girolando								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Anticonita - LM	L/2	2-6	70907	305	3.649	171,0	4,71	Rubens Rosendo Peres
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
Bolivia do Brasil - Brinco 03	L/2	-	57879	305	4.700	160,2	3,40	Rubens Rosendo Peres
Brasília do Brasil - Brinco 21	L/2	-	59171	305	4.432	171,4	3,86	Rubens Rosendo Peres
PROCURA								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Veneza Independência - 6908	NR	7-1	71252	305	2.962	147,8	4,99	Jonas de Mello Salvoyra
Raça Induslil								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Delita - A-2799	POOD	8-7	71330	280	1.813	69,5	4,93	Colonial Agro Pec. S/A.
Raça Nelore								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Indução do Maracá - L-6879	RE	11-6	40736	193	1.010	44,7	4,42	Colonial Agro Pec. S/A.
II - DIVISÃO - Lactações até 365 dias								
Raça Holandesa — variedade preta e branca								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
A.F. Fortaleza Velha - B/57409 - LM	PO	2-0	70634	365	9.755	334,3	3,42	Fernanda Fortaleza Ltda
S.Q. Capim Superior Acacia - B/62586 - LM	PO	2-4	70921	365	7.688	269,3	3,50	Donato P. Pinheiro
A.F. Fortaleza Tanager - B/59476 - LM	PO	2-4	70635	355	6.828	253,4	3,71	Fernanda Fortaleza Ltda
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Luzia M.S. Atibaia - SP/134670	OCI	2-6	71259	365	5.627	212,5	3,77	Renato Rappa
CLASSE BT - de 3 a 3 1/2 anos.								
A.F. Fortaleza Sultana - B/57432 - LM	PO	3-3	66218	365	8.790	298,2	3,39	Fernanda Fortaleza Ltda
Quirino de V. Mhada - BP/R/47712 - LM	PO	3-3	71047	365	8.559	282,4	3,29	Emp. Ind. e Com. Agro S/A
EM Amoreira Viana - B/58435	PO	3-5	66917	318	5.357	194,0	3,62	Bill Wirth
San Gilvina Virgília Rijkt - B/59961	PO	3-4	70912	365	4.804	174,6	3,56	Imagem S/A
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
A.F. Fortaleza Sambaíba - B/55677 - LM	PO	3-9	64411	365	9.928	350,6	3,53	Fernanda Fortaleza Ltda
CR. Farcy Colleen Gay-Idéal - B/57894 - LM	PO	3-7	66059	347	8.458	256,1	3,05	Claudio V. Roberti
J.P.R. Magistade - B/53167 - LM	PO	3-11	65346	322	8.340	264,9	3,17	João Paulo Rocha
A.F. Fortaleza Secretária - B/57421 - LM	PO	3-6	64913	365	7.845	306,1	3,90	Fernanda Fortaleza Ltda
Pujanga Atibaia - SP/137747	POOD	3-7	71160	365	7.270	237,0	3,25	Renato Rappa
CR. Farcy Divina Elevation - B/52886	PO	3-10	64821	347	6.535	215,7	3,30	Claudio V. Roberti
CLASSE CS - de 4 a 4 1/2 anos.								
S.G. Ilse Bunka Anticipo - B/60604	PO	1-6	71325	365	5.714	196,0	3,43	Luiz Henrique U.C. de Mello
EM Amoreira Estepora - B/56608	PO	3-8	66913	330	5.406	180,0	3,32	Bill Wirth
CR. Farcy Cindy Marguê Adonis - B/57893	PO	3-9	65601	348	4.927	168,0	3,40	Claudio V. Roberti
CLASSE CS - de 4 a 4 1/2 anos.								
J.P.R. Magistade - B/53167	PO	4-0	66055	322	7.163	235,1	3,28	João Paulo Rocha
Abraço Quirino de Viana - B/49287 - LM	OCI	4-2	71046	365	6.680	233,9	3,50	Emp. Ind. e Com. Agro S/A
Romã de Countess Mary - B/60075	PO	4-4	64311	365	5.455	180,0	3,29	Luiz Henrique U.C. de Mello
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
A.F. Fortaleza Recompensa - B/51435 - LM	PO	4-8	59554	342	9.884	333,2	3,37	Fernanda Fortaleza Ltda
S.S. Uirapuru Brigadier - B/51361	PO	4-8	62088	311	7.449	245,4	3,29	Ademir Ribeiro Avila
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Galaxia Franklin Aeronaut - B/42106 - LM	PO	6-3	52521	354	14.186	403,0	2,84	Benedito J.S.M. Pato
Esperança Chertoukha Engenheiro - B/36430 - LM	PO	8-6	44837	316	10.584	330,7	3,04	Benedito J.S.M. Pato
Província Magna Leda - B/49287 - LM	PO	5-8	56802	365	10.314	364,2	3,92	Claudio V. Roberti
Farfalla Stockton Maple - B/18737	PO	7-8	46571	311	10.292	311,0	3,11	Benedito J.S.M. Pato
Clinton-Camp Astro Astrid Twin - B/48104 - LM	PO	5-2	50133	339	10.111	283,7	2,80	Valmir Spivelli
Helô Grace Delight Annon - B/48876 - LM	PO	6-6	58595	365	9.932	280,8	2,91	Valmir Spivelli

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dieta de lactação	Leite kg	Cond. kg	PROPRIETÁRIO
Milena Damiana - SP/14000 - LM	GC1	6-11	64772	318	5.595	316,4	3,29 Arnaldo N. de Oliveira
Milena Astro Nua - B/46471 - LM	PO	6-7	54482	311	8.261	299,0	3,61 Fausto Fortaleza Ltda
Capela Gaurita - B/40271	PO	6-9	61397	335	7.766	222,7	2,86 Valmir Spinelili
Recheamento My Affen Trunk - B/42171	PO	6-7	52382	332	7.407	250,9	3,38 Fausto Fortaleza Ltda
Recheamento My Affen Trunk - B/46597	PO	5-11	55867	324	7.399	248,3	3,35 Valmir Spinelili
Re-Mil-Les Trunk - B/46249	PO	6-6	59618	318	7.378	261,5	3,57 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46261	PO	6-5	57297	310	6.982	237,8	3,40 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46404	PO	6-0	55477	340	6.982	242,1	3,47 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46406	PO	6-3	71048	365	6.765	195,5	2,89 Emp. Adm. Com. Anna S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/46408	PO	6-9	58502	310	6.542	224,6	3,38 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46440	PO	6-6	58013	334	6.503	233,1	3,58 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46451	PO	6-7	57225	329	6.457	220,0	3,39 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46453	PO	7-7	62440	329	6.457	221,2	3,42 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46455	PO	5-1	57303	342	6.133	199,0	3,24 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46457	PO	6-7	58224	345	6.535	196,6	3,48 Emil Muth
Re-Mil-Les Trunk - B/46459	PO	6-2	54280	365	5.429	198,6	3,64 Interagro S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/46461	PO	6-0	54082	365	4.125	182,1	4,41 Interagro S/A
Dona Gertrudes (20)							
Re-Mil-Les Trunk - B/46463	PO	2-3	70186	365	7.434	272,8	3,66 Jacob Reuter Dutilh
Re-Mil-Les Trunk - B/46465	PO	1-11	71089	365	7.233	261,0	3,60 Jose Carlos J. Melles
Re-Mil-Les Trunk - B/46467	PO	2-5	70794	365	7.038	245,7	3,49 Jose Carlos J. Melles
Re-Mil-Les Trunk - B/46469	PO	2-3	71200	365	6.962	231,6	3,37 Donald Gruber
Re-Mil-Les Trunk - B/46471	PO	1-6	71090	365	6.133	206,3	3,30 Jose Carlos J. Melles
Re-Mil-Les Trunk - B/46473	PO	2-5	70758	361	6.090	197,6	3,34 Leonard Noordgraaf-Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46475	PO	2-2	70748	365	5.490	189,2	3,33 Jose Carlos J. Melles
Re-Mil-Les Trunk - B/46477	PO	2-4	70777	349	4.849	187,1	3,77 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46479	PO	2-5	70981	339	4.838	177,2	3,46 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46481	PO	1-9	70952	365	4.554	165,2	3,62 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46483	PO	2-3	70556	339	4.415	149,6	3,38 Arnaldo N. de Oliveira
Re-Mil-Les Trunk - B/46485	PO	2-3	70716	365	4.173	133,3	3,19 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46487	PO	2-5	71307	311	4.002	133,0	3,32 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46489	PO	1-6	70920	335	3.904	136,6	3,49 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46491	PO	2-5	70799	323	3.873	121,2	3,11 Jose Ben Hur E. Pires Jr.
Re-Mil-Les Trunk - B/46493	PO	1-9	71215	315	3.522	109,4	3,10 Jose Ben Hur E. Pires Jr.
Re-Mil-Les Trunk - B/46495	PO	2-4	70800	365	3.461	120,4	3,47 Jose Ben Hur E. Pires Jr.
Re-Mil-Les Trunk - B/46497	PO	2-4	70531	358	2.968	110,3	3,71 Fernando Alencar Pinto S/A
Dona Gertrudes (20)							
Re-Mil-Les Trunk - B/46499	PO	2-8	71014	365	6.514	205,2	3,15 Cla. Adm. Tec. Agri. Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46501	PO	2-9	71014	317	6.497	240,5	3,75 Sergio V. de Araujo
Re-Mil-Les Trunk - B/46503	PO	2-11	70478	346	5.996	234,2	3,90 M. E. Elton Stenhouse
Re-Mil-Les Trunk - B/46505	PO	2-8	70885	328	5.856	187,3	3,35 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46507	PO	2-10	71171	311	5.781	158,0	3,73 Cla. Adm. Tec. Agri. Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46509	PO	2-10	70498	352	5.655	203,3	3,58 Antonio Carlos L. Araujo
Re-Mil-Les Trunk - B/46511	PO	2-7	71532	314	5.617	199,1	3,54 Joaquina Pereira Rocha
Re-Mil-Les Trunk - B/46513	PO	2-6	70982	365	5.366	188,6	3,51 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46515	PO	2-7	70543	365	4.952	176,8	3,56 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46517	PO	2-8	70663	358	4.475	155,0	3,46 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46519	PO	2-9	70902	340	3.998	124,3	3,35 Carlos Alberto J. Lohmann
Re-Mil-Les Trunk - B/46521	PO	2-4	70441	346	3.988	135,2	3,38 Osvaldo Adam e Outros
Re-Mil-Les Trunk - B/46523	PO	2-4	71081	316	3.577	132,6	3,70 Corvelia J. de Jongo-Arap.
Dona Gertrudes (20)							
Re-Mil-Les Trunk - B/46525	PO	3-1	70459	354	5.912	183,2	3,08 Cla. Baptista Scarpe
Re-Mil-Les Trunk - B/46527	PO	3-5	70752	322	5.137	152,6	2,97 Frederik Mak - Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46529	PO	3-0	70798	330	4.704	145,6	3,09 Jose Ben Hur E. Pires Jr.
Re-Mil-Les Trunk - B/46531	PO	3-1	71132	313	4.662	167,3	3,58 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46533	PO	3-1	71347	314	4.376	133,6	3,08 Cla. Adm. Tec. Agri. Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46535	PO	3-5	65079	310	3.751	130,5	3,47 Carlos Osvaldo R. Lima
Re-Mil-Les Trunk - B/46537	PO	3-1	70778	314	3.102	131,6	4,24 Coleção Adv. Brasilino
Dona Gertrudes (20)							
Re-Mil-Les Trunk - B/46539	PO	3-11	71327	365	3.915	150,6	3,84 Luiz Naveiro U.C. Mello
Re-Mil-Les Trunk - B/46541	PO	3-9	66557	341	9.725	314,1	3,25 Corvelia J. de Jongo-Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46543	PO	3-8	66422	330	8.229	258,3	3,11 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46545	PO	3-10	65675	344	6.124	283,7	3,49 Maria Lucia P. Silva Dias
Re-Mil-Les Trunk - B/46547	PO	3-6	70991	365	6.125	256,2	3,15 Faz. Sta. Maria da Posse
Re-Mil-Les Trunk - B/46549	PO	3-9	65741	316	7.802	283,3	3,63 Sementes Agropecuarias S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/46551	PO	3-6	64807	365	7.105	257,0	3,41 João Figueiredo Pires
Re-Mil-Les Trunk - B/46553	PO	3-11	64199	365	6.807	229,3	3,36 Carlos Alberto J. Lohmann
Re-Mil-Les Trunk - B/46555	PO	3-7	65923	328	6.547	215,0	3,28 Laiz Antonio de Souza
Re-Mil-Les Trunk - B/46557	PO	3-7	70980	365	5.986	207,3	3,46 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46559	PO	3-10	65847	327	5.922	202,8	3,42 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46561	PO	3-7	65874	344	5.698	201,1	3,52 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46563	PO	3-11	63146	318	5.276	161,4	3,05 Dalio C. Kluppel-Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46565	PO	3-7	63934	327	5.217	163,7	3,13 Fernando Alencar Pinto S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/46567	PO	3-11	70997	365	4.940	170,4	3,44 Fernando Alencar Pinto S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/46569	PO	3-7	70779	341	4.580	168,1	3,56 Laiz Antonio de Souza
Re-Mil-Les Trunk - B/46571	PO	3-7	70782	313	4.172	141,6	3,39 Laiz Antonio de Souza
Re-Mil-Les Trunk - B/46573	PO	3-10	66774	347	3.955	124,1	3,13 Carlos Osvaldo R. Lima
Re-Mil-Les Trunk - B/46575	PO	3-7	70553	329	2.779	94,6	3,40 Osvaldo Adam e Outros
Dona Gertrudes (20)							
Re-Mil-Les Trunk - B/46577	PO	4-3	67015	365	8.537	268,2	3,14 Milheirinhos Groot
Re-Mil-Les Trunk - B/46579	PO	4-2	63977	365	7.811	250,8	3,19 Milheirinhos Groot
Re-Mil-Les Trunk - B/46581	PO	4-0	65598	342	7.510	243,0	3,23 Corvelia J. de Jongo-Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46583	PO	4-3	70750	365	7.894	245,5	3,31 Leonard Noordgraaf-Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/46585	PO	4-2	64215	365	6.571	241,6	3,67 Coleção Adv. Brasilino
Re-Mil-Les Trunk - B/46587	PO	4-4	63700	329	6.562	211,2	3,21 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46589	PO	4-2	63329	340	6.018	189,2	3,14 Fernando Alencar Pinto S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/46591	PO	4-2	64724	349	5.812	208,7	3,59 Wesley Colombini
Re-Mil-Les Trunk - B/46593	PO	4-5	65854	347	5.659	199,0	3,51 Pedro Martins de Barros
Re-Mil-Les Trunk - B/46595	PO	4-2	64072	318	5.585	195,1	3,49 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/46597	PO	4-2	64642	365	5.143	178,2	3,46 S/A Paz. Paulista
Re-Mil-Les Trunk - B/46599	PO	4-5	66169	365	4.690	182,0	3,88 Elgo Agro. Recheamento Ltda

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dieta de lactação	Leite kg	Cond. kg	PROPRIETÁRIO
Pardo Found Friend Capitão - SP/109711	GC1	4-4	61869	317	4.520	147,4	3,26 Haroldo V. Rodrigues
Arap. Boshon Gerd 2 - 45461	GC1	4-4	62709	334	4.172	154,3	3,69 Helena R. Boshon-Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45463	PO	4-0	66458	315	3.689	117,3	3,18 Jose Antonio Gualdi
Re-Mil-Les Trunk - B/45465	PO	4-0	70634	365	3.461	123,2	3,58 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45467	PO	4-5	61831	332	3.270	110,6	3,38 Fernando Alencar Pinto S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/45469	PO	4-5	62388	327	3.246	130,4	4,01 Faz. Santa Ana do R. Naveiro
Dona Gertrudes (20)							
Re-Mil-Les Trunk - B/45471	PO	4-6	61917	316	9.432	302,0	3,20 Gerit Verburg - Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45473	PO	4-9	65903	320	7.017	223,9	3,19 Renato Pops
Re-Mil-Les Trunk - B/45475	PO	4-8	70836	365	6.636	210,8	3,16 Antonio J. M. Lelievre
Re-Mil-Les Trunk - B/45477	PO	4-7	71053	333	6.586	251,4	3,81 Maria Aparecida S. Rocha
Re-Mil-Les Trunk - B/45479	PO	4-9	63085	321	6.472	211,9	3,27 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45481	PO	4-10	60137	365	6.470	206,8	3,19 Cla. Adm. Tec. Agri. Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45483	PO	4-8	59871	354	5.870	206,3	3,51 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45485	PO	4-7	71062	365	5.861	214,4	3,65 Renato Pops
Re-Mil-Les Trunk - B/45487	PO	4-11	70984	330	5.550	190,4	3,43 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45489	PO	4-9	61341	365	5.463	176,2	3,22 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45491	PO	4-8	58987	324	5.415	171,0	3,15 Elgo Agro. Recheamento Ltda
Re-Mil-Les Trunk - B/45493	PO	4-10	60181	365	5.395	225,6	4,18 Guilherme M. S. Caldas
Re-Mil-Les Trunk - B/45495	PO	4-8	65190	365	5.011	174,1	3,47 Faz. Santa Ana do R. Naveiro
Re-Mil-Les Trunk - B/45497	PO	4-11	66648	365	4.271	150,1	3,51 Fernando Alencar Pinto S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/45499	PO	4-9	58687	332	4.247	138,7	3,26 Muelir J. de Andrade
Dona Gertrudes (20)							
Re-Mil-Les Trunk - B/45501	PO	5-2	70759	365	10.013	312,8	3,12 Gerit Verburg - Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45503	PO	6-6	64887	365	8.846	308,6	3,48 Jose Vitoria Pereira
Re-Mil-Les Trunk - B/45505	PO	5-5	66614	365	8.585	315,4	3,68 Maria Lucia P. Silva Dias
Re-Mil-Les Trunk - B/45507	PO	10-6	70472	365	8.459	291,9	3,45 Carlos Eduardo T. S. Pavia
Re-Mil-Les Trunk - B/45509	PO	8-1	45411	349	8.274	261,3	3,15 Impara Gruber
Dona Gertrudes (20)							
Re-Mil-Les Trunk - B/45511	PO	1-11	72014	311	4.712	147,3	3,09 Guido Fabrecci
Re-Mil-Les Trunk - B/45513	PO	1-7	47004	347	4.640	143,1	3,27 Luiz Augusto Rocha
Re-Mil-Les Trunk - B/45515	PO	5-4	70507	365	7.960	222,5	2,79 Luiz Antonio de Souza
Re-Mil-Les Trunk - B/45517	PO	8-1	47449	354	7.872	234,0	2,97 H. Naveiro Chechinsky
Re-Mil-Les Trunk - B/45519	PO	8-1	51033	345	7.820	244,9	3,13 Haroldo V. Rodrigues
Re-Mil-Les Trunk - B/45521	PO	5-10	55904	365	7.817	258,4	3,30 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45523	PO	5-0	60830	348	7.708	252,8	3,27 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45525	PO	3-8	47485	365	7.668	266,1	3,47 S/A Paz. Paulista
Re-Mil-Les Trunk - B/45527	PO	1-2	55517	365	7.635	257,8	3,37 Cla. Adm. Tec. Agri. Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45529	PO	7-0	52920	365	7.411	237,8	3,11 Cla. Adm. Tec. Agri. Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45531	PO	9-3	53785	365	7.558	230,6	3,04 Corralia J. de Jorgo-Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45533	PO	5-4	64545	365	7.449	229,1	3,07 Frederico Kok - Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45535	PO	6-10	57365	365	7.446	286,5	3,84 Clotilde Adv. Brasileiro
Re-Mil-Les Trunk - B/45537	PO	6-7	53915	365	7.321	254,2	3,47 M. Naveiro Chechinsky
Re-Mil-Les Trunk - B/45539	PO	5-4	58920	339	7.187	261,3	3,64 Joana Patricia Rocha
Re-Mil-Les Trunk - B/45541	PO	7-1	47868	338	7.178	229,5	3,19 Luiz Augusto Rocha
Re-Mil-Les Trunk - B/45543	PO	5-10	56187	337	7.082	253,6	3,58 Carlos Eduardo T. S. Pavia
Re-Mil-Les Trunk - B/45545	PO	5-0	64002	350	7.067	217,0	3,07 Luiz Antonio de Souza
Re-Mil-Les Trunk - B/45547	PO	12-0	35787	313	6.955	226,2	3,25 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45549	PO	-	64576	365	6.923	229,4	3,16 Antonio Carlos Guimarães
Re-Mil-Les Trunk - B/45551	PO	0	50744	314	6.895	224,5	3,25 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45553	PO	8-2	45891	365	6.889	210,0	3,17 Fernando Alencar Pinto S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/45555	PO	5-9	70367	365	6.802	237,0	3,49 Elgo Agro. Recheamento Ltda
Re-Mil-Les Trunk - B/45557	PO	12/12	64219	346	6.741	231,5	3,43 Arnaldo M. de Oliveira
Re-Mil-Les Trunk - B/45559	PO	10-8	43949	365	6.703	210,4	3,14 Yehudi S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/45561	PO	7-8	70473	349	6.666	215,2	3,22 Carlos Eduardo T. S. Pavia
Re-Mil-Les Trunk - B/45563	PO	6-6	57529	314	6.636	224,9	3,38 Cla. Adm. Tec. Agri. Arap.
Re-Mil-Les Trunk - B/45565	PO	7-0	50181	349	6.340	215,5	3,41 Recheamento My Affen Trunk
Re-Mil-Les Trunk - B/45567	PO	7-0	50181	349	6.318	195,1	3,08 Carlos Eduardo T. S. Pavia
Re-Mil-Les Trunk - B/45569	PO	6-9	52296	365	6.180	221,5	3,58 Carlos Alberto J. Lobo
Re-Mil-Les Trunk - B/45571	PO	5-0	59448	312	6.131	159,5	2,60 Luiz Antonio de Souza
Re-Mil-Les Trunk - B/45573	PO	11-7	70782	365	6.056	184,0	3,01 Fernando Alencar Pinto S/A
Re-Mil-Les Trunk - B/45575	PO	6-1	59376	312	6.037	161,8	2,68 Nicolas A. B

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg Gord. kg	PROPRIETÁRIO
Malone S. de Morada Nova	PO	10-8	45726	365	4.574 169,3	3,70 Morada Nova Agri. Pec. Ltda
OPV Pofoca Canavieiras Maple - B/46791	PO	5-9	60956	319	4.565 168,8	3,69 Guido Fabrocini
P-32 do Castelo - SP/56888	OC1	5-7	59466	365	4.483 149,5	3,31 Osvaldo Assis e Outros
Chapeta Valmaru - 106785	POCO	5-5	59138	365	4.450 153,8	3,45 Osvaldo Assis e Outros
Jang. Residência Iquidiva Filho - B/41785	PO	6-8	50734	365	4.144 138,1	3,33 Fernando Alencar Pinto S/A
Marguis Lima - SP/72331	OC1	7-7	49471	349	4.118 161,2	3,91 Waldir J. de Andrade
Curio Vinodoca - SP/94565	POCO	5-5	61339	330	4.074 146,7	3,60 Helydio Reutenodjian
Morteros Raza Tintureiro Costa - B/53650	PO	5-6	61190	331	4.041 160,2	3,96 Adherbal Ribeiro Avila
F.L.F. Morada Baubon	PO	-	70805	365	3.918 136,2	3,47 Francisco Lopes Filho
Marta J.B.	POCO	-	57453	345	3.795 126,1	3,37 Urbano J. de Andrade
Cocada 60 de Sant'Ana - 2597	PC	5-5	56951	365	3.436 131,2	3,81 Paz. Sant'Ana do R. Abaixo
Corrida Vinodoca - SP/94542	OC2	5-2	62108	314	3.407 120,8	3,54 Helydio Reutenodjian
Sinfia 49 de Sant'Ana - 2234	POCO	5-0	47078	365	3.383 123,4	3,64 Paz. Sant'Ana do R. Abaixo
Botiquim de Morada Nova	NR	7-2	49599	365	2.929 112,9	3,85 Morada Nova Agri. Pec. Ltda
Sabara de Morada Nova	NR	5-0	64615	314	1.906 72,8	3,81 Morada Nova Agri. Pec. Ltda
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca Três Ordenhas (3x)						
CLASSE AJ - de 2 1/2 a 3 anos.						
Pipes-World Jump Lido-Hed-El - 10230562 - IM	PO	2-4	70490	351	8.529 283,0	3,31 Pedro Conde
Pipes-World Diplom-Red-El - 10230558 - IM	PO	2-5	70491	350	8.257 280,6	3,39 Pedro Conde
Neivredita R.R. Albertino's - RAJ/ - IM	GBB	2-5	70487	365	7.804 271,5	3,47 Pedro Conde
Reita R.R. Reita's - SP/SP/8061 - IM	OC1	2-4	70772	324	5.932 218,0	3,67 Pedro Conde
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.						
Albertino's R.R. Neivredita - BB/6543 - IM	PO	2-6	70771	365	8.651 287,9	3,32 Pedro Conde
Neivredita Jumper - SP - BB/142032 - IM	OC1	2-7	70818	335	5.707 198,4	3,47 Geraldo F. Forbes
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.						
Sorona 5158 Barbacoa R. March - BB/5592 - IM	PO	4-5	64731	365	7.242 255,8	3,53 Geraldo Figueiredo Forbes
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.						
Albertino's R.R. Plana - BB/5249 - IM	PO	4-7	60112	365	7.662 287,2	3,74 Agri. Past. Sta. Cruz S/A
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.						
O. Nelles Red Fridge-Hed - 128/449 - IM	PO	6-7	49088	352	11.077 395,3	3,56 Pedro Conde
Denise Gale's - SP/559 - IM	POCO	8-3	53666	350	6.971 259,8	3,72 Pedro Conde
Holanda Tinga C. Filipe	NR	-	65962	320	6.761 229,3	3,39 Valmir Spinelli
Tona Standard - GBB/182	GBB	11-4	38144	318	6.605 199,2	3,01 Cristiano dos Reis H. Neto
Belinda Noble de Sant'Ana - GBB/454	GBB	10-0	41377	310	5.461 184,0	3,37 Esp. Gabriel Dias Pereira
CLASSE AJ - de 2 1/2 a 3 anos.						
Brasil Renova da Bibiana - 68338 - IM	PC	2-4	70755	322	5.175 182,5	3,52 Emilio C. Kluppel - Arap.
Elina Topper da Bibiana - 0326 - IM	PC	2-4	70711	361	4.251 154,5	3,63 Emilio C. Kluppel - Arap.
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.						
Dagmar Paradise H. Red da B. - SP/SP/13347-IM	OC2	2-9	70788	365	6.318 234,4	3,70 Luiz Shehtman
Aldesja Jumper Wood S. Cruz - SP/131692 - IM	OC1	2-10	70523	365	6.071 229,5	3,78 Fernando Jose Santos
Sissi Varmilio de Holandres - BB/141436 - IM	OC2	2-8	70958	350	5.705 197,0	3,45 Johannes W.M.V. de Groen
Angie Royal Marquis Red S.C. - SP/131695 - IM	OC1	2-7	70555	327	5.497 202,2	3,67 Fernando Jose Santos
F.S. Apple Transmitter L. - BB/6096 - IM	PO	2-10	70954	365	5.119 194,7	3,80 Fernando Jose Santos
Quilma Pajamas de S.A. - SP/142023 - IM	OC1	2-4	71185	312	4.224 172,4	4,08 Cap. Vasco M. H. Arantes
R. Queda Wood Jumper - BB/6852	PO	2-3	70913	331	3.972 138,9	3,49 Roberto F. Cantuio
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.						
CLIFF-SP Dottie Starling-Hed - LBB/742 - IM	PO	3-5	70917	346	6.770 227,5	3,36 Antonio Bassoli
S.S. Ocarajuba T. Centurion - BB/6005 - IM	PO	3-1	70723	365	5.461 183,5	3,35 Laercio V. Nicolau - Arap.
Bibiana Elina R. Ideal - SP/BB/2964	PO	3-0	71105	318	5.044 161,2	3,19 Laercio V. Nicolau - Arap.
Lisboa J. Red de Madalena - BB/1370 - IM	GBB	3-4	71142	320	4.736 176,0	3,71 Antonio J. Neitelles
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.						
Linnest Reg. Rosella Red - LBB/636 - IM	PO	3-10	66590	334	8.222 225,8	3,74 Laercio V. Nicolau - Arap.
J.P. Eva Citation P. Sta. Cruz - BB/5838 - IM	PO	3-9	66633	312	5.950 192,7	3,23 João Passarelli
São Sinto de Nedir - BB/5384 - IM	PO	3-10	66071	332	5.930 188,3	3,17 Antonio de T. Lara Neto
Piquete Percy Nico - IM	PO	3-8	70938	346	5.542 182,8	3,29 Antonio Bassoli
Getosa de Sta. Cecilia - SP/132078 - IM	OC1	3-7	65860	357	4.849 181,1	3,37 Carlos Thomas Whately
S. 7001 Canada R. Remondale - BB/5828	PO	3-6	66639	321	4.155 147,3	3,54 João Raposo dos Reis
Superior Dole J. Dole-Hed - BB/5377	PO	3-9	67693	336	3.974 133,9	3,26 Antonio de T. Lara Neto
Genes de S.C. - SP/133691	OC1	3-11	63790	321	3.861 142,0	3,67 Carlos Thomas Whately
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.						
Flora de Sta. Cecilia - BB/4938 - IM	PO	4-11	59737	388	5.481 205,1	3,74 Carlos Thomas Whately
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.						
Emepedia Citation Nico - SP/60879 - IM	OC1	8-5	47396	316	7.716 235,1	3,04 Antonio Bassoli
Lea's Doreen Jack's Man - BB/7380 - IM	PO	8-8	50330	365	6.424 245,3	3,81 Guilherme e Dêcio M. Ribeiro
Neivredita Dan de Neivredita - SP/79120 - IM	OC1	5-13	55565	350	6.201 210,5	3,39 Antonio J. Neitelles
Reita F. Royal Doreen Red - BB/12673	PO	9-0	42745	363	6.026 192,4	3,19 João Passarelli
Curio Norton F. L. R. Amador - SP/107133 - IM	OC1	5-7	60072	338	5.187 204,8	3,84 Pedro Pereira Pass
Arctico F. L. F. - SP/10794	OC1	6-10	44301	365	5.180 176,3	3,40 Francisco Lopes Filho
Reivredita Raza Mado - 101324 - IM	OC2	5-0	59584	314	4.947 182,3	3,88 Luiz Shehtman
Reivredita de Patente - SP/77644	OC1	5-9	63995	185	4.761 139,0	3,93 Cia. Agri. Ind. Far. de Toc
Reivredita Raza Mado - SP/82005	OC1	5-10	56333	316	4.757 168,7	3,33 Antonio Bassoli
Reivredita Raza Mado - 101324 - IM	OC1	5-11	11268	113	4.568 159,5	3,48 Agro. Pec. Raza Sto. Isidoro
Reivredita Raza Mado - 101324 - IM	OC1	6-7	51602	325	4.488 172,2	3,83 Waldir J. de Andrade
Reivredita Raza Mado - 101324 - IM	POCO	5-0	64814	350	4.384 151,0	3,64 Francisco Lopes Filho
Reivredita Raza Mado - 101324 - IM	OC1	7-0	50218	334	4.318 155,7	3,60 Carlos Thomas Whately
Reivredita Raza Mado - 101324 - IM	PO	5-3	71263	315	4.084 148,7	3,64 Pedro Pereira Pass
Reivredita Raza Mado - 101324 - IM	PO	-	70818	365	3.461 127,1	3,67 Francisco Lopes Filho
Reivredita Raza Mado - 101324 - IM	PO	-	70817	312	2.719 102,3	3,77 Francisco Lopes Filho
Raça Jersey Duas Ordenhas (2x)						
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.						
SP/7001 Rosângela 119 (Im) - 12107-0	PO	4-5	71353	315	2.712 118,8	4,38 Paz. Sant'Ana do R. Abaixo

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg Gord. kg	PROPRIETÁRIO
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.						
Guara Niseman de São Francisco - A-18126	PO	6-8	51415	365	4.045 191,9	4,74 Mario Lopes Leão
Sant'Ana Continência 49 Putienos - 1954	PO	7-7	44018	360	3.932 170,8	4,34 Paz. Sant'Ana do R. Abaixo
Raça Friesa Suíça - (Schweiz) Três Ordenhas (3x)						
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.						
B.C. Acacia Topper 1 - 5760	PO	7-1	49521	360	5.217 182,0	3,48 Benedito Portugal Azeite
Raça Jersey Duas Ordenhas (2x)						
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.						
Aneliza de Sto. Isidoro - 206619 - IM	PO	3-1	70436	365	5.426 192,4	3,55 Agro. Pec. Raza Sto. Isidoro
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.						
Duvidosa de S. Carlos - 5316 - IM	PO	8-1	45792	330	6.624 248,2	3,74 Carlos Cardoso A. Azeite
Adalpra Mimoso - 5181	PO	8-10	47099	365	4.237 166,2	3,92 Adalpra S/A
Raça Guernsey Duas Ordenhas (2x)						
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.						
Enalq Ferreira Eldorado - 1078	PO	3-4	66424	356	3.670 151,8	4,18 Eac. Sup. Agr. Luiz de Quadros
Raça Dinamarquesa Duas Ordenhas (2x)						
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.						
Nettie S.J. - PO/868	PO	2-7	70791	365	3.142 135,4	4,30 Orestato Olavo S. Barbosa
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.						
Tutuagem nº 0352 Orelha nº 64 - 419	PO	7-7	70790	365	3.378 143,6	4,25 Orestato Olavo S. Barbosa
Raça Pitangueiras Duas Ordenhas (2x)						
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.						
Brasão de E.A. - 7552	IA	3-1	71031	365	2.890 117,9	4,08 Eduardo Alves Alcantara
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.						
Filipina de E.A. - 2025	IB	4-11	70681	365	3.133 128,9	4,11 Eduardo Alves de Alcantara
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.						
Fragata de E.A. - 2510	IA	5-1	71027	336	2.954 124,2	4,20 Eduardo Alves de Alcantara
Xuri de E.A. - 2504	IB	7-6	71029	327	3.008 127,5	4,23 Eduardo Alves de Alcantara
Raça Gir Três Ordenhas (3x)						
CLASSE D - de 5 a 6 anos.						
Ribeira - 1286 - IM	NR	5-5	64641	341	4.927 214,1	4,34 Renia Agric. e Pec. Ltda
Piura de Brasília - S/3564	NR	5-10	64125	316	3.576 175,1	4,85 Renia Agric. e Pec. Ltda
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.						
Olta de Brasília - S/2923	NR	6-1	70906	365	3.799 185,9	4,89 Rubens Resende Peres
Olalissa de Brasília - B-8337 - IM	NR	6-13	70905	365	4.920 246,3	5,00 Rubens Resende Peres
Mare de Brasília - P-8000	NR	8-2	54020	365	3.974 180,4	4,54 Rubens Resende Peres
Itatiba - S/963 - IM	NR	12-3	29034	343	4.411 237,1	5,37 Renia Agric. e Pec. Ltda
Raça Gir Duas Ordenhas (2x)						
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.						
E.A. Oliveira - A/3047	PC	4-1	70610	365	3.224 145,0	4,52 João Gabriel C. Noronha
Sau - 6/2	NR	4-2	70382	345	1.865 93,8	5,07 Renia Agric. e Pec. Ltda



BELA VISTA II — Campeã Leiteira no concurso realizado na **Exposição de Belo Horizonte** de 1982 e outros concursos Leiteiros, com produção de 23 kg/Leite por dia.

GIR LEITEIRO DA CALCIOLANDIA

LINHAGEM BOMBAIM

PROPRIETÁRIO:
GABRIEL DONATO DE ANDRADE

Assista à ordenha sem marcar data.
O Gir leiteiro mais raçudo do Brasil.

Visite-nos temos hotel com apartamentos na Fazenda.
Endereço para correspondência:

FAZENDA CALCIOLANDIA
Telefone (037) 351-1267 - (031) 335-6395 (à noite)
Município — Arcos — MG

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg	Coord. kg	%	PROPRIETÁRIO
CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos.								
C.A. Orgia	NR	4-7	70611	165	2.856	129,2	4,52	João Gabriel da C. Noronha
Orléans de Calciolândia - S/4040	RE	4-7	71310	120	2.403	111,8	4,65	Gabriel Dorado de Andrade
CLASSE D - de 5 a 6 anos.								
Edgema - S/2625 - IM	RE	5-7	61351	165	4.743	185,7	3,91	Arthur S.M. Filizola
Sacana - R-43	NR	5-8	63901	139	2.740	130,0	4,74	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Rosa - 1313	NR	5-4	65119	157	2.572	133,4	5,18	Kenia Agric. e Pec. Ltda
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
Ciranda - A-8096 - IM	RE	7-8	64001	147	4.525	179,6	3,96	Arthur S.M. Filizola
Marechal Porteira Habit - R-763 - IM	NR	8-1	59409	127	4.008	210,9	5,26	Manuel e José João S.R. Reis
Taburana - 917 - IM	NR	12-10	39028	157	3.669	167,8	4,54	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Olimpiada - 0-42	NR	8-0	54028	165	3.266	142,1	6,34	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Murrota - M-158	NR	9-2	48800	145	3.265	146,8	4,49	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Pença	NR	6-2	58182	157	3.252	151,0	4,64	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Jade - J-037	NR	11-5	49569	165	3.183	147,8	4,64	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Brasília - S/2629	NR	8-0	49570	119	1.138	124,6	3,97	Arthur S.M. Filizola
C.A. Gachos - 849	NR	12-9	42182	154	3.118	139,9	4,48	João Gabriel da C. Noronha
C.S. Sataia - R-7211	RE	8-6	70842	165	3.066	137,3	4,47	Antonio José L. de O. Costa
Isirajá - S/393	NR	12-2	40641	119	2.982	137,5	4,61	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Colômbia - S/115	RE	15-3	49571	134	2.971	122,4	4,18	Arthur S.M. Filizola
Alpaca - A/8276	RE	9-5	62872	119	2.889	116,6	4,03	Arthur S.M. Filizola
C.A. Jubilosa - 5288	NR	8-8	58450	165	2.862	132,1	4,61	João Gabriel da C. Noronha
C.A. Brilhante - A/2981	PC	12-6	37462	152	2.619	112,7	4,30	João Gabriel da C. Noronha
C.A. Malva - R-7219	RE	6-10	64335	114	2.178	106,4	4,88	João Gabriel da C. Noronha
Argênta - C-502	NR	6-7	70843	138	2.113	92,8	4,39	Thasso Assunção Costa
Raça Girolando								
CLASSE A5 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Autocruz - IM	L/2	2-6	70907	146	3.999	187,3	4,68	Rubens Resende Paves
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
Bolívia de Brasília - Brinco 03	L/2	-	57829	135	4.815	163,7	3,39	Rubens Resende Paves
Brasília de Brasília - Brinco 21	L/2	-	58171	156	4.750	181,1	3,85	Rubens Resende Paves
Raça Procrusa								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Vênus Independência - 6906	NR	7-1	71252	122	2.965	148,3	5,00	Jorge de Mello Sabagosa
BOFALA								
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
Brasília - 2050	NR	-	71392	110	1.185	84,6	7,11	Faz. Santa Ana do R. Abalo S/A

IM - Livro de Imunidade
LE - Livro de Escala

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Con- trole de lactação	Dias de Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Con- trole de lactação	Dias de Leite	%		
João Pires de Brito, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 10/01/83. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.													
Durante de Brito P.D.	NR	4-8	39	165	25,0	2,95	Regina de Brito P.D.	NR	1-9	69	167	38,0	2,85
Matilde de Brito P.D.	NR	5-8	39	190	22,0	3,19	Valéria de Brito P.D.	NR	4-6	69	69	25,0	3,39
Matilde de Brito P.D.	NR	6-8	39	69	28,0	2,60	P. de Brito P.D.	NR	5-7	69	183	30,0	2,69
Matilde de Brito P.D.	NR	7-8	39	67	25,0	3,38	P. de Brito P.D.	NR	1-1	69	182	24,0	2,38
Matilde de Brito P.D.	NR	8-8	39	58	25,0	3,06	Sevina de Brito P.D.	NR	2-7	69	171	21,0	3,15
Matilde de Brito P.D.	NR	9-8	39	58	25,0	3,36	Sevina de Brito P.D.	NR	3-1	59	144	32,0	2,50
Matilde de Brito P.D.	NR	10-8	39	62	24,0	2,94	Sevina de Brito P.D.	NR	5-7	59	134	24,0	2,81
Matilde de Brito P.D.	NR	11-8	39	10	27,0	3,35	Regina de Brito P.D.	NR	6-7	59	154	25,0	1,40
Matilde de Brito P.D.	NR	12-8	39	10	29,0	2,35	P. de Brito P.D.	NR	8-2	59	121	25,0	2,45
Matilde de Brito P.D.	NR	1-9	39	10	33,0	3,40	P. de Brito P.D.	NR	2-3	59	156	24,0	3,06
Matilde de Brito P.D.	NR	2-9	39	47	27,0	2,79	Sevina de Brito P.D.	NR	2-3	49	121	31,0	2,85
Matilde de Brito P.D.	NR	3-9	39	133	31,0	2,60	Sevina de Brito P.D.	NR	6-7	49	129	27,0	2,88
Matilde de Brito P.D.	NR	4-9	39	132	23,0	2,54	P. de Brito P.D.	NR	5-11	49	116	32,0	1,30
Matilde de Brito P.D.	NR	5-9	39	117	23,0	2,64	Sevina de Brito P.D.	NR	2-7	99	263	21,0	1,56
Matilde de Brito P.D.	NR	6-9	39	178	26,0	3,04	Regina de Brito P.D.	NR	5-8	80	261	21,0	2,40
Matilde de Brito P.D.	NR	7-9	39	104	32,0	2,99	Sevina de Brito P.D.	NR	10-6	79	214	23,0	3,05
Matilde de Brito P.D.	NR	8-9	39	74	41,0	2,79	P. de Brito P.D.	NR	2-10	79	208	22,0	3,33
Matilde de Brito P.D.	NR	9-9	39	99	29,0	2,80	Sevina de Brito P.D.	NR	2-11	79	204	21,0	3,79
Matilde de Brito P.D.	NR	10-9	39	90	27,0	1,07	Regina de Brito P.D.	NR	7-4	69	196	22,0	2,65
Matilde de Brito P.D.	NR	11-9	39	93	28,0	2,99	Bom Jardim, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 04/01/83. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Matilde de Brito P.D.	NR	12-9	39	85	21,0	1,25	Regina de Brito P.D.	NR	4-9	80	218	14,0	3,05
Matilde de Brito P.D.	NR	1-10	39	84	29,0	3,31	Sevina de Brito P.D.	NR	5-8	80	230	16,0	3,12
Matilde de Brito P.D.	NR	2-10	39	84	25,0	2,68	Regina de Brito P.D.	NR	5-1	69	106	16,0	3,21
Matilde de Brito P.D.	NR	3-10	39	87	32,0	3,10	Sevina de Brito P.D.	NR	4-10	69	174	13,0	3,26
							</						

NOME DO ANIMAL		Grau de anos sangue meses	Idade de meses	Con- trole de	Dias de Leite lactação	%
Albina do Solado	POCO	-	50		150	13,0
Anna do Solado	POCO		40		107	18,0
Isabel Bonagor	POCO	7-11	39		68	17,0
Reunião Agrícola, Campinas, Est. do São Paulo, Controle em 04/01/83, Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Abundância São Quirino	GR	5-9	10		28	25,0
S.O. Confite Mouro, Aca	PO	3-5	19		28	27,0
S.O. Campolina São Quirino	PO	3-7	19		26	26,0
Campanha São Quirino	GR	3-5	10		25	23,0
S.O. Confite Mouro, Aca	OC1	3-7	19		24	24,0
S.O. Confite Mouro, Aca	PO	3-7	19		22	20,0
S.O. Confite Mouro, Aca	PO	4-5	19		22	27,0
Zenaida São Quirino	GR	6-7	19		22	17,0
7-7 São Quirino	GR	10-10	19		19	25,0
Dimensão São Quirino	OC1	2-8	19		13	22,0
S.O. São Quirino	GR	11-5	19		200	20,0
S.O. Agreste São Quirino	PO	5-8	19		192	24,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	7-6	19		189	20,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	6-2	69		179	26,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	9-2	69		179	24,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	4-4	69		171	23,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	8-0	69		170	22,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	4-10	69		159	21,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	5-3	59		145	20,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	4-10	59		144	21,0
S.O. Urolina São Quirino	GR	6-5	49		117	21,0
Agreste São Quirino	GR	5-6	49		117	21,0
7-6 São Quirino	GR	7-6	49		115	22,0
Campanha São Quirino	OC1	3-7	60		114	21,0
Salado São Quirino	GR	4-8	49		106	21,0
S.O. Urolina São Quirino	OC1	3-7	49		106	25,0
Campanha São Quirino	OC1	3-4	49		98	22,0
Salado São Quirino	GR	6-8	49		96	23,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	2-9	39		92	23,0
Campanha São Quirino	OC1	3-9	39		82	21,0
S.O. Agreste São Quirino	PO	5-4	39		78	28,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	2-8	39		75	20,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	7-6	39		68	21,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	4-6	39		61	21,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	2-11	39		53	25,0
S.O. Urolina São Quirino	GR	3-0	29		41	26,0
Campanha São Quirino	OC1	4-10	29		40	21,0
Salado São Quirino	OC1	4-10	29		40	23,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	3-6	29		34	20,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	3-5	29		31	23,0
Campanha São Quirino	OC1	4-7	19		39	30,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	7-5	19		39	78,0
Urolina São Quirino	PO	9-1	19		29	21,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	3-4	19		26	22,0
S.O. Urolina São Quirino	PO	7-11	19		24	22,0
Antonio Bassoli, Campinas, Est. do São Paulo, Controle em 09/01/83, Registro de parto com ração suplementar. 3 ordenhas.						
Paula Urolina, Colônia R.Jr.	PO	7-7	49		106	21,0
Rafaela Star Natalina do P.B.	GR	5-10	30		71	22,0
Rafaela Star Natalina do P.B.	GR	4-5	30		71	22,0
Florencia da Pimenta	11/73	6-4	49		149	19,0
Rep. Adm. e Con. Anual S/A. Valinhos, Est. do São Paulo, Controle em 15/01/83, Registro de parto com ração suplementar. 1 ordenha.						
Forasteira Q. do Viracopos	OC2	6-10	10		15	30,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	6-3	10		11	27,0
Sarahita Q. do Viracopos	POCO	1-2	10		30	23,0
Natalina Q. do Viracopos	OC3	3-2	10		27	28,0
Q. do Viracopos, Fátima	PO	6-3	10		26	31,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	3-10	19		25	32,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	10-1	19		23	34,0
Natalina Q. do Viracopos	GR	5-5	19		22	30,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	4-2	19		20	26,0
Jordão Q. do Viracopos	OC1	4-4	10		19	29,0
Quirino Q. do Viracopos	OC2	3-1	10		9	28,0
Galiteia Q. do Viracopos	OC4	4-8	10		5	25,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	3-11	10		4	23,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	2-3	10		86	21,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	3-5	10		84	24,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	4-6	10		76	28,0
Quirino Q. do Viracopos	OC2	3-6	10		75	24,0
Joãozinho Q. do Viracopos	OC3	4-3	10		78	26,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	6-10	10		70	40,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	8-1	10		68	37,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	5-4	10		67	36,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	6-0	10		66	29,0
Quirino Q. do Viracopos	OC6	5-7	10		57	34,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	4-5	10		56	38,0
Quirino Q. do Viracopos	OC2	4-6	10		55	37,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	6-2	10		50	26,0
Quirino Q. do Viracopos	OC4	5-0	10		57	24,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	2-4	10		46	37,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	6-11	10		117	18,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	8-3	10		155	18,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	7-10	10		124	22,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	6-5	10		139	34,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	4-1	10		150	20,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	4-0	10		130	23,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	7-4	10		129	30,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	4-3	10		111	16,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	5-9	10		128	25,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	6-6	10		123	22,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	7-1	10		99	20,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	2-4	10		88	27,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	4-11	10		68	23,0
Quirino Q. do Viracopos	OC1	5-0	10		256	16,0
Quirino Q. do Viracopos	PO	2-5	10		254	20,0
Quirino Q. do Viracopos	POCO	8-10	10		234	14,0
S.J.T. Viracopos G. Marshall	PO	13-6	80		235	20,0

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de Leite %				
Alana Pereira S.S.	OC2	5-1	50	129	24,0	3,72	Quarenta Gay Joacobi do P.J. GBS	5-0	99	253	17,0	2,89	
S.S. Sillaga Boonkara	PO	4-10	50	134	24,0	4,13	Saahak Cal Gira P.O. Albo	GBS	3-2	90	293	13,0	3,16
S.S. Antomart S.S.	GBS	4-9	89	238	23,0	4,01	Seria Flato Hozon P.O.	GBS	3-3	50	145	14,0	3,26
S.S. Sillaga Boonkara	GBS	5-1	40	120	24,0	1,36	J.P.R. Maputale	PO	4-4	50	150	14,0	2,25
S.S. Sillaga Antomart	PO	4-6	40	118	28,0	1,36	Ngicholli Piper World	PO	3-5	50	151	15,0	2,36
Veloso Rocha S.S.	GBS	4-4	40	167	27,0	4,00	J.P.R. Nalila	PO	3-6	50	180	22,0	2,90
Veloso Rocha S.S.	GBS	4-1	40	104	26,0	1,19	J.P.R. Lantanga	PO	5-5	50	151	15,0	3,40
Ada Qum Verde	OC2	3-9	39	87	28,0	2,99	J.P.R. Nalila	PO	3-6	30	80	16,0	1,12
Amalida Duro Verde	PO	3-8	39	82	20,0	3,45	J.P.R. Nantandaina	PO	3-8	20	52	23,0	3,31
S.S. Alalade Nanyon	PO	2-6	30	79	20,0	3,37	J.P.R. Nalila	PO	3-4	50	146	13,0	3,39
Sardier Benfar Nanyon	PO	6-9	49	98	29,0	3,34	J.P.R. Napolitana	PO	3-4	50	142	16,0	3,63
Sardier Benfar Nanyon	PO	6-8	60	162	23,0	3,06	J.P.R. Nanyon	PO	3-6	30	79	20,0	3,24
Sardier Benfar Nanyon	PO	7-9	49	99	33,0	3,28	J.P.R. Nanyon	PO	3-4	40	107	13,0	3,27
Sardier Benfar Nanyon	PO	7-3	60	172	24,0	2,99	J.P.R. Nanyon	PO	9-11	30	63	21,0	3,18
S.S. Sillaga Boonkara	PO	6-3	50	155	31,0	3,62	J.P.R. Nanyon	PO	2-10	10	29	23,0	3,13
Donat Gruber, Capim, Est. de São Paulo, Controle em 10/01/03, Regime de posto com ração suplementar, 2 ordenhas.													
Neide Catanga Panto	OC2	3-3	40	134	18,0	3,43	Confine Dineu Agater	PO	3-9	20	29	21,0	3,33
Marcelina Mariza Panto	OC2	3-4	49	152	18,0	3,59	Amalia Elze	PO	4-10	40	107	21,0	3,98
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	6-11	39	118	32,0	3,34	J.P.R. Nanyon	PO	4-8	30	79	16,0	3,13
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	7-4	39	106	25,0	1,10	Alayra Cívica Glen Beca	PO	4-2	60	175	11,0	1,36
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	8-8	30	100	27,0	2,74	Alayra Cívica Glen Beca	PO	5-9	30	185	17,0	3,10
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-5	84	88	27,0	3,70	Alayra Cívica Glen Beca	PO	5-11	40	96	17,0	1,36
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-10	30	93	38,0	3,62	Alayra Cívica Glen Beca	PO	5-6	70	180	21,0	3,30
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-2	30	114	28,0	3,29	Alayra Cívica Glen Beca	PO	5-11	19	23	20,0	2,64
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-4	30	118	23,0	3,97	Alayra Cívica Glen Beca	PO	7-2	30	256	17,0	3,31
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	4-5	39	119	31,0	2,87	Alayra Cívica Glen Beca	PO	1-1	80	249	14,0	1,28
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	6-4	39	112	34,0	2,59	Alayra Cívica Glen Beca	PO	7-4	60	160	17,0	3,30
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	6-1	39	105	31,0	3,20	J.P.R. Nanyon	PO	3-4	30	65	23,0	3,00
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	5-3	30	96	30,0	3,12	Confine Dineu Agater	PO	5-0	110	157	17,0	3,08
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-5	30	88	20,0	3,80	Confine Dineu Agater	PO	4-7	19	4	20,0	4,90
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-9	30	79	21,0	3,30	Confine Dineu Agater	PO	4-7	19	1	24,0	3,32
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	4-5	30	83	26,0	5,27	Confine Dineu Agater	PO	5-3	19	6	22,0	3,85
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-7	30	67	28,0	2,88	J.P.R. Nanyon	PO	4-0	19	28	27,0	3,14
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-4	30	80	27,0	3,24	J.P.R. Nanyon	PO	6-4	19	21	28,0	3,14
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-1	30	71	18,0	3,74	João Carlos e Eulália Gama, Atliada, Est. de São Paulo, Controle em 10/01/03, Regime de posto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-6	30	66	20,0	4,65	Alana Pereira S.S.	PO	4-6	30	71	25,0	3,36
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	7-1	29	51	23,0	3,64	Alana Pereira S.S.	PO	4-1	50	133	18,0	3,57
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	7-5	29	26	20,0	3,75	Alana Pereira S.S.	PO	4-3	29	44	13,0	3,78
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	7-10	29	87	23,0	3,84	Alana Pereira S.S.	PO	4-3	29	24	20,0	3,30
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-8	29	32	29,0	3,40	Alana Pereira S.S.	PO	4-6	29	180	18,0	3,29
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-1	29	81	24,0	3,03	Alana Pereira S.S.	PO	3-9	50	164	16,0	3,37
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-6	29	38	26,0	3,44	Alana Pereira S.S.	PO	7-7	30	48	25,0	3,14
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-3	29	29	18,0	3,79	Alana Pereira S.S.	PO	3-12	29	119	22,0	3,90
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-9	29	42	12,0	4,02	Alana Pereira S.S.	PO	3-11	19	146	20,0	2,48
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-2	29	45	21,0	3,30	Alana Pereira S.S.	PO	3-4	50	197	20,0	3,13
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	1-11	29	48	26,0	3,62	Alana Pereira S.S.	PO	3-10	19	12	21,0	3,29
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-4	29	35	20,0	3,35	Alana Pereira S.S.	PO	3-5	50	178	17,0	3,61
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-4	29	128	18,0	3,30	Alana Pereira S.S.	PO	3-4	50	106	19,0	3,34
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-5	19	33	22,0	3,44	Alana Pereira S.S.	PO	3-13	29	22	29,0	3,13
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-2	29	88	21,0	3,40	Alana Pereira S.S.	PO	3-8	19	23	27,0	3,27
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-1	29	30	18,0	3,58	Alana Pereira S.S.	PO	3-12	29	29	24,0	3,17
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-6	29	21	34,0	3,30	Alana Pereira S.S.	PO	3-3	19	79	22,0	3,30
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-4	29	20	30,0	3,47	Alana Pereira S.S.	PO	3-7	19	29	20,0	3,44
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-2	19	11	24,0	4,45	Alana Pereira S.S.	PO	4-10	59	361	17,0	3,67
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-1	19	10	21,0	4,01	Luiz Roberto Rocha, S. João do Campo, Est. de São Paulo, Controle em 15/01/03, Regime de posto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-3	80	248	20,0	3,62	R.V.O. Cordeiro Rocha, Cal.	PO	3-8	89	249	18,0	3,43
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	2-10	80	244	19,0	3,47	Antônio I. C. A. V.	PO	6-7	20	82	23,0	3,78
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	7-4	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	2-8	20	77	13,0	3,19
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-1	60	208	19,0	3,64	S.S. Sillaga Boonkara	PO	6-3	70	65	17,0	3,25
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-2	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-4	30	64	18,0	3,29
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-4	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-4	30	58	15,0	3,51
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-6	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-10	20	58	20,0	3,33
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-8	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-10	20	58	20,0	3,33
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-10	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-10	20	58	20,0	3,33
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-12	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-12	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-14	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-14	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-16	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-16	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-18	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-18	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-20	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-20	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-22	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-22	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-24	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-24	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-26	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-26	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-28	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-28	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-30	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-30	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-32	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-32	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-34	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-34	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-36	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-36	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-38	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-38	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-40	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-40	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-42	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-42	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-44	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-44	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-46	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-46	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-48	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-48	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-50	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-50	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-52	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-52	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-54	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-54	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-56	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-56	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-58	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-58	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-60	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-60	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-62	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-62	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-64	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-64	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-66	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-66	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-68	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-68	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-70	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-70	60	208	21,0	3,69
Stinking S. Opti. Oy. Ushad	PO	3-72	60	208	21,0	3,69	S.S. Sillaga Boonkara	PO	3-72	60	208		

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de leite	%		
Herminia Bandeira Jerry	PO	4-4	40	122	17,0	4,44	20. Teresa Elvina do Divino, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 01/01/83, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Cal. Zefa Boona Perf.	PO	4-7	40	112	22,0	1,13	Adriana do Malhão	31/32	3-5	19	12	29,0	1,08
Orsiana Mont. Cal. dos Conf.	OC2	3-2	49	111	25,0	1,08	Orsiana do Malhão	OC1	3-5	19	11	25,0	1,08
Cal. Doll Austro	PO	6-2	40	110	22,0	1,08	Eleonora Froul Perf. do H.	OC1	4-2	26	55	27,0	1,07
Joana Rejolina Portomes	PO	4-5	40	108	22,0	1,08	Orsiana do Malhão	OC2	2-5	20	68	20,0	1,07
Jo. Duque Junior Maria	PO	5-4	40	108	25,0	1,08	Orsiana dos Andares do H.	OC2	4-2	26	80	22,0	1,07
Orsiana Junior Gost. Orie	PO	4-4	40	102	18,0	1,02	Astoria 804 Lida	31/32	3-11	49	117	20,0	1,06
Cal. Gorta II Adria	PO	3-0	50	137	21,0	1,06	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	20,0	1,06
Orsiana Viana do Conf.	OC1	3-0	50	135	15,0	1,06	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Shirley	PO	3-0	40	131	15,0	1,06	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Nina Puryad	PO	2-0	50	120	14,0	1,06	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Royal do Conf.	OC1	2-2	50	127	15,0	1,06	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Gost. Orie	PO	3-11	50	125	24,0	1,06	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Sonoma	PO	4-4	40	127	16,0	1,06	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Nina Perf.	PO	3-2	40	125	16,0	1,06	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Star Mary	PO	6-2	40	164	13,0	4,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Cyndy M. Bure	PO	7-4	70	214	20,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana P. Cesar M. Bure	PO	7-4	70	206	17,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Adria Apolo Vary	PO	4-4	70	192	21,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-3	70	188	18,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	5-1	80	243	15,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	3-5	80	236	20,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	6-2	70	223	15,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	5-1	80	213	20,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	2-11	90	298	17,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-0	90	284	18,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	6-4	90	282	16,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	5-11	80	281	13,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	80	259	20,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-8	90	254	22,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-2	90	249	17,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	5-6	90	248	15,0	1,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	3-11	110	327	18,0	2,93	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	6-3	110	303	18,0	4,07	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-4	29	51	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-0	29	40	32,0	2,81	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-5	29	60	32,0	1,12	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	OC1	2-6	29	66	18,0	1,29	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	5-2	50	131	28,0	1,40	Orsiana do Malhão	OC2	3-2	40	108	21,0	1,06
João Agripino Leite Junata, Est. de São Paulo, Controle em 13/01/83. Regime de parto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
Orsiana Borna Gay Ideal	PO	4-											

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Rio de Janeiro	HE	8-1	30	71	17,0	4,73
Ondine de Brasília	HE	8-11	110	312	11,0	4,38
Marques de Brasília	HE	12-3	50	131	11,0	4,34
Nina de Brasília	HE	8-0	30	70	10,0	4,21
Lina de Brasília	HE	10-2	70	215	13,0	5,00
Chiquinho de Brasília	HE	-	90	248	11,0	5,33
Luiz de Brasília	HE	12-3	50	74	17,0	4,44
Paulista de Brasília	HE	8-3	80	226	11,0	3,93

Ademir Mendes Feres, S. Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Zambora de Brasília	HE	10-8	70	229	11,0	5,78
Neve de Brasília	HE	8-5	30	93	11,0	4,39
Edna de Brasília	HE	10-2	60	259	12,0	5,22
Luiz de Brasília	HE	12-3	40	109	16,0	4,54
Luiz de Brasília	HE	10-3	20	58	14,0	4,67
Marques de Brasília	HE	9-3	40	103	11,0	4,66
Sublime de Brasília	HE	11-1	50	78	12,0	4,80
Paulista de Brasília	HE	8-8	70	71	13,0	4,09
Luiz de Brasília	HE	9-8	50	15	16,0	4,13
Luiz de Brasília	HE	12-4	40	45	12,0	4,55
Orquídea de Brasília	HE	8-10	90	205	12,0	5,40
Perla de Brasília	HE	5-6	50	95	14,0	4,78
Melinda de Brasília	HE	9-0	50	135	20,0	4,16
Janete de Brasília	HE	11-0	60	249	11,0	4,01
Luiz de Brasília	HE	8-1	40	104	16,0	4,85
Neve de Brasília	HE	8-0	60	98	10,0	4,50
Marques de Brasília	HE	9-3	10	54	14,0	4,09
Orquídea de Brasília	HE	12-1	60	166	12,0	4,74
Paulista de Brasília	HE	8-0	80	214	11,0	5,40
Neve de Brasília	HE	9-9	80	240	14,0	5,11
Luiz de Brasília	HE	-	100	284	10,0	5,11
Neve de Brasília	HE	5-2	20	38	17,0	4,78
Ondine de Brasília	HE	7-14	120	389	10,0	5,11
Luiz de Brasília	HE	8-1	40	98	15,0	4,85
Luiz de Brasília	HE	1-0	20	45	14,0	4,38
Luiz de Brasília	HE	5-2	20	54	12,0	4,50
Luiz de Brasília	HE	12-8	50	150	17,0	5,12
Luiz de Brasília	HE	6-9	110	226	11,0	4,88
Luiz de Brasília	HE	9-3	50	149	12,0	4,78
Luiz de Brasília	HE	10-11	90	256	12,0	5,71
Luiz de Brasília	HE	10-7	80	74	15,0	4,41
Luiz de Brasília	HE	6-3	60	261	10,0	5,00
Luiz de Brasília	HE	10-1	90	133	12,0	4,78
Luiz de Brasília	HE	6-8	70	233	8,0	5,00
Luiz de Brasília	HE	8-0	80	106	10,0	3,60

João Gabriel de C. Ferreira e Cury, Casa Simões, Est. de São Paulo, Controle em 11/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

C. A. Lina	PC	7-8	100	281	10,0	4,85
C. A. Lina	PC	8-2	100	296	10,0	4,15
C. A. Lina	PC	7-7	90	253	10,0	4,56
C. A. Lina	PC	7-8	80	224	11,0	3,98
C. A. Lina	PC	8-1	70	204	12,0	4,25
C. A. Lina	PC	-	80	188	12,0	4,74
C. A. Lina	PC	10-2	80	198	12,0	4,13
C. A. Lina	PC	8-4	80	162	10,0	4,35
C. A. Lina	PC	7-2	80	125	10,0	4,36
C. A. Lina	PC	5-7	80	176	10,0	4,48
C. A. Lina	PC	15-2	80	121	10,0	4,58
C. A. Lina	PC	4-4	90	129	12,0	4,56
C. A. Lina	PC	17-1	50	145	12,0	4,39
C. A. Lina	PC	8-1	80	121	12,0	4,66
C. A. Lina	PC	13-6	20	84	12,0	4,48
C. A. Lina	PC	4-1	30	84	10,0	4,88
C. A. Lina	PC	10-10	80	89	10,0	4,74
C. A. Lina	PC	13-4	20	33	13,0	4,82
C. A. Lina	PC	8-2	20	44	10,0	4,43
C. A. Lina	PC	4-0	20	49	13,0	4,88
C. A. Lina	PC	11-10	10	10	11,0	4,78

Antonio José de Oliveira Costa, S. Cruz dos Patrimônios, Est. de São Paulo, Controle em 30/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

C. A. Lina	PC	12-1	20	50	11,0	4,34
C. A. Lina	PC	9-4	10	5	14,0	4,31
C. A. Lina	PC	8-2	10	40	12,0	4,12
C. A. Lina	PC	7-3	10	7	11,0	4,58
C. A. Lina	PC	11-1	10	6	13,0	4,29
C. A. Lina	PC	5-5	10	10	12,0	4,55

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Colonial Agm. Pecuária S/A (Galeria D. de Andrade), Jussara, Estado de Minas Gerais, Controle em 30/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.						
Neve	PC	5-11	10	8	11,0	4,49

Raça Girolando

Fernando José Santos, S. Cruz do Rio Pardo, Est. de São Paulo, Controle em 4/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Asapora de S. Cruz	1/4	10-2	30	63	24,0	3,71
Asapora de S. Cruz	1/4	8-5	100	295	22,0	3,55
Asapora de S. Cruz	1/2	10-4	40	166	23,0	3,54

Haykê Reutemodjian, Esp. S. do Pirral, Est. de São Paulo, Controle em 24/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Des Vindocor	10	4-7	20	65	15,0	4,04
--------------	----	-----	----	----	------	------

Ademir Mendes Feres, S. Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 08/12/82, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Gerpeja	1/2	-	20	38	23,0	2,87
Princesa	3/4	-	20	75	16,0	4,93
Macorina de Brasília	1/2	-	20	44	17,0	4,12

Ademir Mendes Feres, S. Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Princesa	3/4	-	40	118	14,0	4,20
----------	-----	---	----	-----	------	------

Raça Indubrasil

Colonial Agm. Pecuária S/A (Galeria D. de Andrade), Jussara, Estado de Minas Gerais, Controle em 30/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.

Neve	HE	8-6	80	102	11,0	4,34
Neve	HE	6-9	40	104	10,0	5,40
Neve	PO	9-1	30	94	11,0	5,54
Neve	PO	6-10	30	68	12,0	4,48
Neve	PO	3-1	30	71	11,0	4,68
Neve	PO	10-3	30	69	10,0	4,52
Neve	PO	9-6	10	3	11,0	4,92
Neve	HE	9-10	10	32	12,0	4,75
Neve	HE	8-8	10	28	12,0	5,18

Raça Nelore

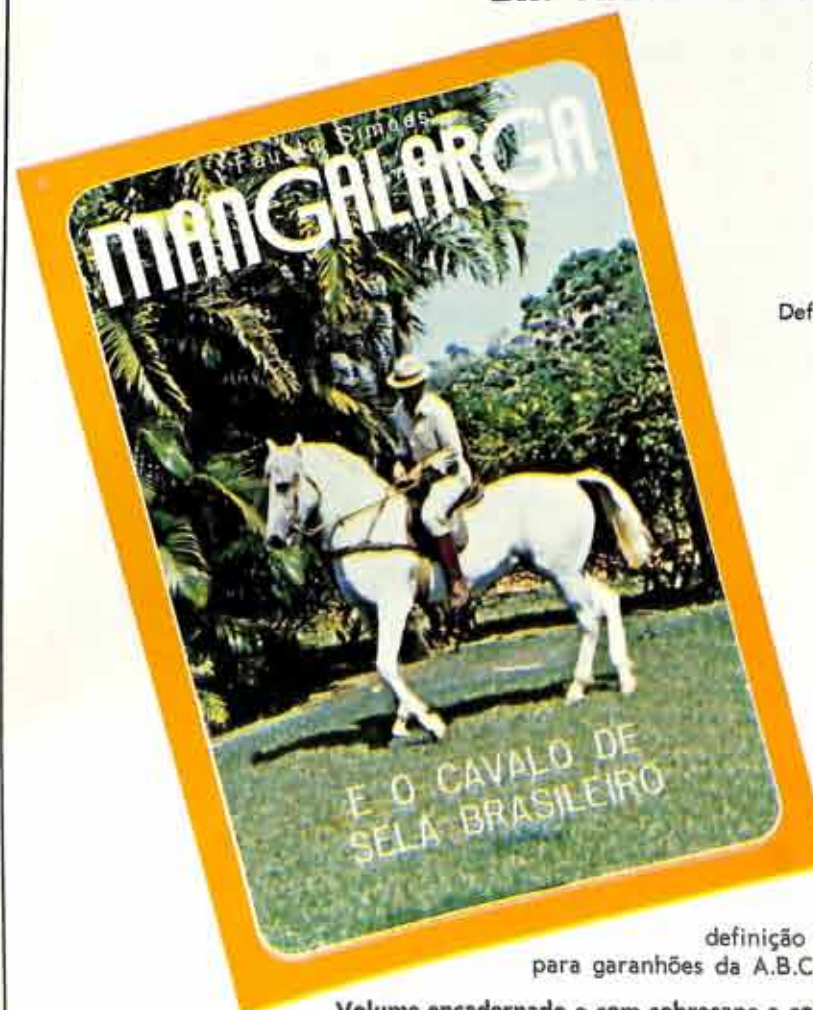
Colonial Agm. Pecuária S/A (Galeria D. de Andrade), Jussara, Estado de Minas Gerais, Controle em 30/01/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.

Indubrasil	HE	4-6	10	2	9,0	3,83
Indubrasil	HE	-	10	5	12,0	4,30
Indubrasil	HE	-	10	53	8,0	4,34
Indubrasil	HE	10-0	10	11	9,0	4,14
Indubrasil	HE	8-2	10	33	8,0	4,62
Indubrasil	HE	-	10	10	10,0	4,45
Indubrasil	HE	-	10	62	9,0	5,35
Indubrasil	PO	7-11	10	49	9,0	5,34
Indubrasil	HE	14-11	10	53	12,0	4,67
Indubrasil	PO	10-11	10	64	9,0	4,30
Indubrasil	HE	6-6	10	5	9,0	5,31
Indubrasil	HE	13-10	10	67	8,0	5,49
Indubrasil	HE	6-2	20	40	8,0	3,82
Indubrasil	HE	6-3	80	97	9,6	5,29
Indubrasil	PC	8-5	80	97	9,0	4,68

3.^a EDIÇÃO
Revista e aumentada

MANGALARGA - E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO

DR. FAUSTO SIMÕES



O cavalo e o homem. O cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. O Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela. O que os árabes nos transmitem. Quanto ao padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos. As taras. Dos andamentos. Defeitos mais frequentes na raça Mangalarga. Compensações de defeitos. Pelagens, manchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça. O Mangalarga, O Marchador Mineiro e as demais raças eqüinas nacionais. Avaliação dos eqüinos. O plantel da Fazenda Santa Virgínia e os métodos seletivos empregados. O que a hereditariedade nos ensina. Equitação simplificada. O cavalo de sela, essa máquina animal. Cuidados com a criação. A doma. Concurso e Provas Eqüestres (para o cavalo de trabalho). O novo padrão da raça Mangalarga. A remota influência de raças exóticas na formação do Mangalarga. A influência das reprodutoras na definição da raça Mangalarga. As provas funcionais para garanhões da A.B.C.C.R.M.. Seleção melhoradora. Bibliografia.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores — Cr\$ 10.000,00

A venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA
Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP
Livrarias da Capital e do Interior

**Anuncie seu produto,
reprodutor ou evento na
REVISTA DOS CRIADORES**

Editora dos Criadores Ltda.
Rua Venâncio Aires, 31 — Água Branca
Fones: 263-8434 (PABX)
65-0116

Imizol acaba com qualquer tristeza.

Quando a tristeza ataca o gado, você pode pensar que ela seja causada pela Babesia. Ou pelo Anaplasma.

Ou por ambos. Em vez de perder tempo usando vários produtos num tratamento difícil e caro, é muito melhor usar Imizol. Isso porque Imizol é uma receita única para acabar com a tristeza.

Ou seja, uma pequena dose de Imizol é o suficiente para interromper a evolução da doença e permitir a rápida recuperação do animal, seja qual for o agente causador.

Não deixe a tristeza acabar com a sua alegria.

Fale com o seu veterinário. Use Imizol.

14-A-IM



COOPER

LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.



IMIZOL